



NA DISTÂNCIA EM QUE
EU TE ENCONTRE

DIEDRA ROIZ





PERIGOSAS NACIONAIS

NA DISTÂNCIA EM QUE
EU TE ENCONTRE
DIEDRA ROIZ

PERIGOSAS ACHERON

APRESENTAÇÃO | POR KARINA DIAS

Gostaria de iniciar estas linhas agradecendo a oportunidade de escrever a apresentação da obra de uma das mais importantes autoras da literatura lésbica contemporânea. É uma honra indescritível. A tarefa de discorrer sobre o vigésimo livro de Diedra é, sem dúvida, um privilégio. Que venham muitos outros!

Ler Diedra Roiz é mergulhar na intensidade de sensações e sentimentos, desses tão reais que nos fazem ficar dias com a narrativa impregnada na cabeça. Isso tem um nome: talento. Além das emoções que sua escrita nos proporciona, podemos ir mais além na descrição. Diedra nos afeta. Refiro-me ao afeto no sentido de nos mover, de transformar a forma como vemos e sentimos o mundo ao nosso redor, então, refiro-me principalmente à potência que sua escrita tem para PERIGOSAS ACHERON

desencadear na leitora (o) o pensamento de igualdade, tão caro às lutas por visibilidade lésbica, homossexual, humana. É urgente a necessidade de voz, de representatividade e, sem dúvida, nos sentimos representadas quando abrimos um dos livros da autora.

Neste novo livro – sucesso garantido –, a autora nos brinda com um encontro de personagens tão reais e humanas que poderia ser qualquer uma de nós. Na verdade, talvez Maurícia e Liv sejam muitas de nós. Impossível não se entregar à leveza da história. A escrita sagaz de Diedra nos permite viver intensamente as situações, os dilemas e os desafios de relacionamentos à distância. Tem magia e brilhantismo no ponto certo, além de uma pitada excitante que faz a gente se lembrar de como é bom apaixonar-se, ter a liberdade de lutar contra qualquer conflito que a vida nos submeta, sem que o conflito seja a nossa sexualidade, pois esta é natural e não deve jamais ser vista como um entrave para sermos felizes.

A delicadeza na construção da relação das personagens, a poesia da narrativa, marca registrada da autora que brinca com as palavras, nos permite saborear cada parágrafo. NA

PERIGOSAS NACIONAIS

DISTÂNCIA EM QUE EU TE ENCONTRE traz duas mulheres de personalidades e vidas distintas, mas com um fio condutor deveras semelhante: mulheres decididas, que carregam cicatrizes de outros relacionamentos e não querem se entregar a amores efêmeros.

Em mais uma trama sedutora escrita pela autora, é fácil notar os ganchos utilizados para compor uma boa história: impossível não querer virar a próxima página.

PERIGOSAS ACHERON

AGRADECIMENTO

Este livro é muito importante pra mim. Sei que muitas pessoas vão pensar: “ela sempre diz isso”. O que não deixa de ser verdade, porque realmente todos são. Mas esse tem um significado e um afeto diferenciado.

Em primeiro lugar, por ter sido escrito quando me mudei do Sudeste para o Sul. Ele marca uma época fundamental na minha vida. Em segundo, por se tratar da última história a ser publicada de uma fase que eu considero a primeira da minha forma de escrita. Nada teórico nisso, é o que eu sinto e, como tal, se analisado, pode ser considerado como fato... Ou não.

E, em último, mas não menos importante, por se tratar do meu vigésimo livro publicado. É uma emoção indescritível. O impossível que se torna possível.

PERIGOSAS ACHERON

Para todes aqueles que tornaram a existência dessa publicação possível:

O universo, que tem sido generoso demais comigo, sempre conspirando a meu favor.

Meu pai, minha mãe e minha avó Zilda (*in memoriam*), que alimentaram, incentivaram e possibilitaram desde muito cedo o meu amor pela literatura e pela escrita.

Manuela Neves, pessoa maravilhosa, iluminada e talentosíssima que desde o começo acreditou, me apoiou e apostou em mim. Sem você, nada disso seria possível. Gratidão eterna, minha amiga e editora absolutamente phodástica e magnífica!

Karina Dias, por aceitar fazer parte deste projeto, um prazer e uma honra ter a apresentação escrita por você. É impossível expressar com palavras o tamanho e a intensidade da minha admiração, da minha gratidão, da minha emoção ao ler e por ter um texto seu, escritora tão absolutamente especial e maravigold, de quem eu sou fã, abrindo meu livro. Me levou às lágrimas, como em tudo o que você escreve, muito amor envolvido. Obrigadíssima!

Nádia Lopes, minha irmã de coração e de alma, por existir e por estar sempre ao meu lado! Amor e laços de outras vidas. Minha tecla SAP no

“gauchês” quando eu ainda tinha dificuldades em compreender essa que agora se tornou a minha segunda língua.

Carla Gentil, minha beta betíssima que me acompanha desde o início, como agradecer? Só com palavras é impossível, mas tentarei assim mesmo: amiga querida, muito, mas muito obrigada mesmo por me acompanhar dentro e fora da estrada de tijolos amarelos.

Minhas “Azamigah” muito mais do que amadas, que me apoiam e impulsionam tão incondicionalmente: Socorro Medeiros, Marta Regina e Célia Tapety.

Pessoas amadas que, de uma forma que talvez sequer desconfiem, incentivaram a publicação desta história: Vera e Silvana Vero-Sil, Milena Chirolli, Bel Mazzanti, minha sobrinha neta Laura, minha irmã Mariana, meus sobrinhos e minha sobrinha (Léo, Dudu, Gabriel, Kaká, Vítor e Rafael), família Iglesias Ferreira (Ales, Rodrigo, Inácio, Iasmin e Isadora), Linier Farias, Pippa Rivera e Sylvie de Paula.

Todes aqueles que se dispõem a ler o que escrevo e, principalmente, a embarcar nas minhas viagens, me incentivando tão generosa e

lindamente a continuar escrevendo.

Doutor Daisaku Ikeda, meu mestre da vida.
Muito obrigado, Sensei! O kosen-rufu é a minha vida!
Nam Myoho Renge Kyo

Eliane, minha Wind Rose. Minha parte preferida deste livro é a cena que você escreveu, tão especial e perfeita quanto você, minha linda, minha mulher, meu amor. Eu te amo, hoje ainda mais, muito mais do que dez anos atrás.

Para você, por estar com esse livro nas mãos...

PLAYLIST

Este é um “romance musical”. Para aproveitar melhor a leitura, recomendamos que você ouça as músicas indicadas na Playlist [clikando aqui](#).

CAPÍTULO UM

Música alta, movimento enorme de pessoas rindo, falando e gesticulando numa velocidade que parecia forçadamente alegre e acelerada. Realmente não era do que precisava.

Desejou estar em casa assim que abriu a porta do carro.

Óbvio que, antes mesmo de aceitar o convite de Miguel, já sabia perfeitamente o que a esperava. Recusaria, se o irmão e o cunhado não tivessem insistido até ser impossível não acompanhá-los. Única e exclusivamente por isso, Maurícia estava ali.

Por outro lado, não pretendia atrapalhar a diversão deles, então... O plano era simples: ficaria um pouco e depois daria um jeitinho de se retirar.

Não fez nem disse nada. Bastou um ínfimo instante pensativa, ainda sentada no banco de trás.

PERIGOSAS ACHERON

Não precisava de mais. Com a mesma facilidade de quando eram crianças, o irmão gêmeo falou como se soubesse o que ela pensava:

– Vamos lá, Mau... Nada de ir embora correndo, faz séculos que tu não sai. Três anos enfiada naquele buraco é muito tempo, tu tá virando um bicho do mato. Relaxa e aproveita, mana! Confia em mim: não existe lugar melhor pra se divertir do que numa festa do Fábio.

A animação dele não a contagiou. Foi ainda preferindo poder estar deitada no conforto do quarto de hóspedes do irmão que Maurícia saiu do carro.

Com a simpatia desinibida que lhe era peculiar, Leandro tentou ajudar:

– Tá gatíssima, cunhada! Vai arrasar!

A exclamação conseguiu arrancar um sorriso de Maurícia. Apesar de achar Leandro um pouco fútil, não tinha nada contra o cunhado, muito pelo contrário. Gostava do companheiro de Miguel. Meigo, doce, carinhoso. Uma graça. Na verdade, ele e o irmão pareciam feitos um para o outro. Tinham os mesmos gostos, objetivos e valores. Maurícia sabia perfeitamente que ali era ela que não se encaixava. Optara por uma vida muito

diferente. Mais introspectiva, quase solitária. Há muito deixara de achar graça em contatos efêmeros que não lhe diziam nada. Ter 40 anos lhe conferia exatamente essa vantagem: saber muito bem o que queria, desejava e do que realmente gostava. Sem o menor sofrimento seguia o ditado: antes só do que mal acompanhada. Estava bem assim, mas, infelizmente, Miguel e Leandro pareciam não acreditar.

Seria preciso um esforço muito grande e uma conversa profunda, complicada e filosófica demais para conseguir explicar. Não que Maurícia se achasse superior ou menosprezasse o irmão e o cunhado. Apenas os conhecia bem, o bastante para saber que nenhum dos dois estava disposto a esse tipo de diálogo. Acreditavam piamente que qualquer tipo de vida diferente da deles era triste e lamentável. Assim sendo, nada mais natural do que tentarem “salvá-la”.

A grande ironia estava no fato do comportamento deles ser uma réplica exata do dos pais ao descobrirem que Miguel era homossexual. Outro assunto que, definitivamente, não cabia a Maurícia trazer à baila.

Mais fácil sorrir e não deixar que percebessem

PERIGOSAS NACIONAIS

que não tinha qualquer intenção além de escapar o mais rápido possível.

Leandro sorriu de volta, empolgadíssimo ao estender o braço para ela e finalmente confessar o real motivo de insistir tanto para que ela tivesse vindo:

– Vem comigo. Tenho uma amiga pra te apresentar. Ela é maravilhosa! Perfeita pra você, tenho certeza que rola.

Já de braços dados com o cunhado, Maurícia olhou para Miguel, na esperança vã de poder escapar. Mas o irmão se fez de desentendido, ou melhor: mostrou estar indiscutivelmente do outro lado:

– Pode confiar, maninha! O Leandro é o melhor casamenteiro da cidade!

Maurícia poderia ter contestado, mas os dois pareciam tão absolutamente satisfeitos que não foi capaz. Entrou na festa devidamente escoltada, de braços dados com o irmão gêmeo e o belíssimo cunhado. Desejando estar sozinha debaixo das próprias cobertas, sem precisar passar pelo constrangimento de ser oferecida como uma vaca velha encalhada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Liv estava tão concentrada no trabalho que nem ouviu o celular tocar. Só percebeu quando o aparelho se deslocou, vibrando e saltitando como uma coisa viva por cima da mesa. Pousou os óculos ao lado do notebook antes de atender:

– Alô?

Soube quem era de imediato. Pela música e pela barulheira abafando a voz dele. Não precisaria nem dizer:

– Liv? É o Fábio.

Olhou para o relógio na tela apenas para ter certeza: havia perdido a hora completamente. Sem desligar o note nem fechar as fotos que tirara do apartamento que estava avaliando, caminhou em direção ao quarto e abriu o armário:

– Oi, Fá... Eu já...

Ele a interrompeu:

– Posso saber por que diabos você ainda não tá aqui?

Enquanto movia os cabides de um lado para o outro, tentou inutilmente se explicar:

– Eu me enrolei com...

Novamente, Fábio a cortou do outro lado:

– Só me diz uma coisa: é rolo com buceta? Se for, tá mais do que desculpada.

PERIGOSAS ACHERON

Liv não respondeu. Continuava tentando decidir o que vestir. Tarefa árdua. Desde a separação, todas as roupas que possuía estavam absolutamente largas. Acabou escolhendo um vestido preto, reto, básico. Não ficaria justo no corpo como antes, mas pelo menos não pareceria um espantalho. Depositou o vestido em cima da cama antes de se dirigir para o banheiro com a toalha no ombro. Só então protestou:

– Você sabe muito bem que eu não...

A resposta foi imediata:

– Caralho! Ou melhor: trabalho, né? Ai, ai... Ninguém merece! Queridinha, *hello!* Hoje é véspera de feriado, tá rolando uma puta festa aqui em casa... *Well...* Se você não chegar em vinte minutos, juro que mando te internar! Uma *workaholic* celibatária? Afe! É um caso psiquiátrico super grave! Não posso permitir que a minha melhor amiga continue desse jeito, preciso arrumar alguém que te trate. Aliás... Aqui tem várias candidatas bastante qualificadas pra...

Foi a vez de Liv cortá-lo:

– Ai não, Fá... Por favor! Nada de me apresentar pra ninguém, tá? Eu ainda não...

Fábio completou, recitando o texto que já sabia

de cor:

– Eu ainda não esqueci a Juliana, eu não quero conhecer outras mulheres, eu não estou pronta para um novo relacionamento, eu não quero só trepar por trepar, eu não blá blá blá blá blá...

Não era a primeira vez que tinham aquele diálogo. Há longos seis meses – exatamente o mesmo tempo desde que Juliana e Liv haviam se separado –, Fábio tentava tirá-la do que ele intitulava de “depressão brega de sapa”. Para ele, um amor se curava com outro, e não havia quem o convencesse do contrário. Não compreendia – por mais que Liv tentasse explicar – que não era, nem de longe, assim tão fácil.

Primeiro porque não fazia mais parte da filosofia de vida dela encarar outra pessoa como se fosse apenas um pedaço de carne – o que descartava completamente a ideia de sexo casual.

Segundo porque continuava apaixonada por Juliana. Apesar da traição, de ter sido trocada por outra, da forma com que ela se aproveitara para levar quase tudo que tinham em comum no final e muitas outras coisinhas mais – que Liv preferia nem lembrar –, por mais que parecesse idiota e que se envergonhasse disso, Liv ainda a amava. Tinha

plena consciência do quanto aquele sentimento era masoquista e só servia para torturá-la, mas... Não conseguia exterminá-lo.

O terceiro era, na verdade, o motivo mais grave: a relação e o término com Juliana a haviam deixado em pedaços. Interiamente arruinada, como se dentro dela não houvesse sobrado nada além de escombros precariamente equilibrados, que ao menor movimento poderiam desabar. Envolver-se com outra pessoa era algo que sequer cogitava. Tudo o que queria era se proteger, se resguardar.

Exatamente por isso, Liv encerrou o assunto com um saturado:

– Eu sinto muito, mas é a verdade. E se você não consegue entender, talvez seja melhor eu ficar em casa.

A dor estampada na voz dela mudou o tom de Fábio:

– Ah não, amiga... Você não pode faltar... Por favor, vem... Por mim, vai...

Ela foi firme:

– Se eu for vai me deixar aproveitar a festa em paz?

Fábio deixou escapar um suspiro audível antes de assegurar:

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ok. Se depender de mim, seu voto de castidade vai permanecer intacto.

Riram juntos. Abrindo o chuveiro, Liv insistiu, sabendo muito bem com quem lidava:

– Não me enrola, viado! Jura que não vai tentar dar uma de Cupido?

Apesar de bastante contrariado, ele confirmou:

– Já que insiste em cortar as minhas asas... Tá, eu juro.

Liv agradeceu com um bem humorado:

– MUITÍSSIMO obrigada.

Um silêncio cúmplice, quebrado apenas pelo barulho da água, se estabeleceu. Instante significativo sustado pela ordem gritada:

– Tá fazendo o que aí parada, sapa? Desliga, entra nesse chuveiro e já pra cá!

Não foi difícil para Maurícia convencer Miguel de que não precisava se preocupar com ela. Bastou um único olhar e pronto. Já Leandro... Não se conformava:

– Não é possível, Mau! Vai ficar a noite toda aí sozinha nesse canto?

Absolutamente satisfeita com a dose de uísque

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

puro que tinha nas mãos, ela apenas assentiu. O cunhado, no entanto, não desistiu:

– Eu já volto. Espera aqui.

Maurícia se virou para o irmão e sussurrou para que apenas ele ouvisse:

– Socorro!

Miguel impediu que Leandro fosse:

– Deixa, Le. Ela tá bem.

O cunhado perguntou diretamente para Maurícia, ainda tentando convencê-la:

– Mesmo?

Ela fez que sim com a cabeça:

– Mesmo.

Nem assim Leandro pareceu satisfeito:

– Pena, porque a minha amiga é perfeita pra vo...

Foi preciso que Miguel o interrompesse:

– Amor... Relaxa. Não insiste.

Completamente sem graça, Leandro se justificou:

– Desculpa! Minha intenção não era ser “o chato”, mas é que... Não gosto de te ver assim sozinha.

Maurícia estava verdadeiramente comovida com a preocupação dele. Mas não era por isso que iria se colocar numa situação no mínimo constrangedora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não queria ser forçada a conhecer a tal amiga, por mais maravilhosa que fosse. Se um dia voltasse a se interessar por alguém, preferia que o destino traçasse esse encontro, que acontecesse inesperada e naturalmente. Romântica incurável que no fundo ainda era e sempre seria, acreditava na inevitabilidade desse tipo de coisa.

Como boa adepta do falar pouco, foi com um sorriso e um beijo no rosto de Leandro que se expressou. Funcionou, pois imediatamente o cunhado se animou de novo:

– Vamos dançar?

Com a mesma convicção com que Miguel concordou, Maurícia recusou:

– Vão os dois. Encontro vocês depois.

Liv já saiu do carro cumprimentando as pessoas. Era amiga de Fábio há tantos anos que provavelmente não havia quem conhecesse um sem conhecer o outro. Caminhou pela ruazinha lotada de automóveis em fila dupla, de onde se escutava perfeitamente a música altíssima, imaginando como ninguém reclamava das festas constantes que provavelmente perturbavam a paz de todas as casas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vizinhas. Se fosse no prédio dela, a vizinha de baixo já estaria gritando, o interfone tocando e batendo na porta ninguém menos que o próprio síndico.

Quem sabe? Talvez fosse uma das muitas vantagens de morar num condomínio fechado para gente podre de rica.

As desvantagens Liv também conhecia. O guarda costas que acompanhava Fábio onde quer que fosse, 24 horas por dia. E as inseguranças terríveis:

– Nunca sei se estão interessados no meu dinheiro ou em mim.

O assédio dos alpinistas sociais chegava mesmo a ser ofensivo. E o resultado final era que Fábio tinha poucos que realmente podia chamar de amigos. Liv se sentia orgulhosa e feliz por estar incluída, pois sabia muito bem do que o “pobre garoto rico” era constituído. Um coração imenso e maravilhoso, mas que, infelizmente, só quem conseguia se aproximar de verdade descobria.

Passou pelo portão lateral sem precisar dar o nome para os seguranças:

– Boa noite, Marcus! Oi, Vítor!

Os dois “armários” de terno impecáveis responderam sorrindo:

PERIGOSAS ACHERON

– Boa noite, dona Liv!

Atravessou rapidamente o jardim. Olhou de relance para o pequeno castelinho em miniatura – com laguinho em volta, ponte que baixava e tudo – que Fábio jurava que havia mandado construir para as sobrinhas, sem conseguir convencer Liv: “Confessa que você adora entrar aí e se sentir uma princesa, bicha!”

Para sua surpresa, havia alguém ali. Uma mulher sozinha, segurando um copo de... Uísque? Parecendo incrivelmente confortável naquele canto escuro e vazio. Liv ficou curiosa a ponto de parar e forçar os olhos para ver quem era. Espantou-se ainda mais por não conseguir distinguir. Alta, loira, cabelo cacheado e comprido, vestida da maneira mais simples: calça preta, camiseta e sapato escuros, sem acessório nenhum. Naquele exato momento, a estranha virou-se para ela, como se pressentisse que estava sendo avaliada. Devolveu o olhar de Liv com firmeza, sem sorrir.

Aquele olhar desconcertou Liv. Inexplicavelmente, um profundo constrangimento a dominou. Desviou os olhos, sacudindo a cabeça numa negação inconsciente, antes de virar e seguir o próprio caminho.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Até que enfim! – Fábio gritou assim que avistou Liv. Avaliou-a de cima a baixo, antes de proferir:

– Amiga, ser magra até pode ser lindo, mas se continuar emagrecendo desse jeito todos vão pensar que você tem anorexia. Liv, tô falando sério, sua aparência tá preocupante! Se o problema é dinheiro, sabe que pode contar comigo.

Ela tentou negar e recusar, mas ele fingiu que não ouviu:

– Segunda vou te levar num médico. E não se fala mais nisso!

Nem a deixou responder. Dando o assunto por encerrado, puxou-a pela mão para o meio da pista, onde Miguel e Leandro estavam dançando:

– Olha quem chegou!

Sem pararem de rebolar, eles disseram num corinho fofo:

– Oi, Liv!

Com dois beijinhos em cada um, ela respondeu o cumprimento dos dois. Sem se preocupar em disfarçar, Fábio deu um cutucão em Leandro:

– Fala!

Ele demorou um segundo para entender:

– Falar o quê? Ah, é!

PERIGOSAS ACHERON

Virou-se para Liv e soltou:

– Adivinha!

Liv não teve como não rir da conversa sem sentido:

– Adivinhar o quê, bicha?

Os dois se entreolharam com cumplicidade e, como se tivessem ensaiado, disseram juntinhos:

– A irmã do Miguel tá aqui!

Na mesma hora Liv fechou a cara:

– E eu com isso?

Voltou-se furiosa para o melhor amigo:

– Fábio, você prometeu!

Fábio sorriu, e disse de forma cínica:

– O Miguel quer que você conheça a irmã gêmea dele – que, segundo eu soube, pode ser sua alma gêmea, amiga! – e a culpa é minha?

Liv se justificou:

– Nada pessoal, Miguel. Tenho certeza que sua irmã deve ser incrível, mas... É que tô num momento introspectivo, querendo ficar só na minha.

Leandro deixou escapar como se pensasse alto:

– O que diabos deu nessas lésbicas que querem todas ficar sozinhas?

Nesse exato momento, Fábio segurou o braço de

Liv e preveniu, absolutamente apreensivo:

– Liv... Não olha agora, mas...

O aviso teve o efeito contrário. De imediato, os olhos de Liv procuraram a direção indicada e viram Juliana. Dançando, agarrada com a namoradinha. Não conseguiu desviar os olhos, acompanhou cada movimento com uma dor mortificante cortando-a, afiadíssima. Os braços da ex-mulher envolvendo sedutoramente o pescoço da outra que, segurando-a pela cintura, correspondeu se encostando, se esfregando, se insinuando contra o corpo dela. Devagar, em câmera muito mais do que lenta sob o ponto de vista torturante de Liv, as bocas das duas se tomaram, se saborearam, se devoraram como se fossem se fundir.

Ver Juliana aos beijos e amassos com outra fez Liv mergulhar numa onda incontrollável, intolerável, abrasiva. Uma agonia cega e irracional que desceu rasgando, queimando como se a própria bÍlis fosse uma chuva ácida espessa.

Não pensou, agiu por instinto. Saiu quase correndo na direção oposta, abrindo caminho à força entre as pessoas. Só parou quando chegou ao jardim. Não porque quisesse. Continuaría fugindo, se não batesse em algo sólido e ouvisse um:

PERIGOSAS NACIONAIS

– Opa!

Ficou mais envergonhada do que já estava – se é que isso era possível – ao ver que havia atropelado ninguém mais ninguém menos que a loira do castelinho.

– Me desculpe, eu... Eu não queria... Você tá bem? Eu não te machuquei?

Ao contrário da outra vez, ela sorriu. A profundidade peculiar dos olhos intensamente azuis parecendo divertida:

– Sem ferimentos visíveis.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO DOIS

Depois de três doses de uísque e mais de uma hora explorando os recantos mais sossegados – se é que poderia chamar assim a penumbra repleta de casaizinhos – da festa, Maurícia estava mais do que pronta para ir embora. Resolveu pegar um táxi para não atrapalhar o irmão e o cunhado que estavam obviamente se divertindo. Foi então que viu o castelinho no fundo do jardim. Caminhou até ele, e estava admirando a miniatura de perto quando subitamente sentiu alguém atrás de si.

Ao virar, deparou-se com uma guria a observando. Esquadrinhou a figura que a encarava, devolvendo o olhar inquisitivo e curioso. Nem alta nem baixa, cabelos castanhos, magra demais para os padrões de Maurícia.

Com a mesma rapidez com que havia surgido, a guria desviou o olhar, afastou-se, e sumiu.

PERIGOSAS ACHERON

Maurícia não achou estranho. Há muito deixara de tentar compreender o comportamento dos seres humanos. Entender as mulheres então... Já sabia ser impossível.

Respirou fundo, acolhendo o sentimento que aquele tipo de pensamento trazia. Todos os relacionamentos amorosos que tivera na vida haviam sido profundamente significativos. Lembrá-los não a incomodava, os anos já os haviam esmaecido o suficiente para que não causassem sofrimento de nenhum tipo. Separando-os, guardando-os, classificando-os como passado e somente isso. Uma nostalgia diáfana, algo que não se recupera, nem retorna, tampouco importa. Mas que era parte dela. Como tatuagens já cicatrizadas, indolores e insensíveis, porém inegáveis. Eternamente visíveis.

Olhou para o copo que segurava e resolveu parar de beber. Estava ficando filosófica demais.

Tomou a direção da pista de dança com passos rápidos, decidida a encontrar Miguel e Leandro para informar que voltaria sozinha para casa, quando...

O esbarrão não doeu nada. A roupa, no entanto, ficou encharcada. Maurícia achou ótimo, pois era

um motivo a mais para se retirar.

Ergueu os olhos e achou a coincidência engraçada. A mesma guria de antes, desculpando-se, completamente embaraçada. Ia tranquilizá-la, quando um moreno apareceu gritando:

– Eu juro que não tenho nada a ver com isso!

A guria virou-se para ele absolutamente enfurecida:

– Por que você não me disse que ela vinha?

Continuaram como se Maurícia não estivesse ali:

– Não fui eu que convidei, Liv!

– Mais cedo ou mais tarde eu ia acabar tendo que ver as duas juntas.

– Ah, minha linda! Sei que não é fácil, mas... Não pode perder a linha. Não deixe ela perceber, tá me ouvindo? Precisa fingir que tá ótima! Que não tá nem aí. Que ela não significa...

Só então ele se deu conta da presença de Maurícia, que os observava em silêncio. Levou a mão à boca:

– Ó, meu Deus! Você é... Você é a... Isso não pode ser só coincidência!

Maurícia apenas levantou uma das sobrancelhas, numa interrogação muda. Foi Liv quem falou:

– Isso o quê?

Arrebatado por uma excitação desmedida, Fábio bombardeou as palavras:

– Estávamos querendo apresentar vocês o tempo todo, só que nenhuma das duas aceitou e olha só: nem foi preciso!

Nem Maurícia nem Liv esboçaram a menor reação. Então, ele explicou da forma mais bizarra, como se quando falasse com uma a outra não pudesse ouvir. Primeiro para Maurícia:

– Ela é a Liv, a amiga de quem o Leandro com certeza fez propaganda.

Depois para Liv:

– Ela é a irmã gêmea do Miguel.

E de novo para Maurícia:

– Maurícia, não é isso?

Liv olhou para Maurícia bem a tempo de vê-la assentindo, com o desagrado estampado no rosto, muito mais do que explícito.

Como se tentasse provar que qualquer situação sempre pode se tornar pior e mais constrangedora ainda, Fábio perguntou, olhando de uma para outra:

– Interrompi alguma coisa, meninas?

Maurícia franziu o cenho. Liv fez o mesmo gesto, sem se dar conta. Ia impedir que o amigo prosseguisse, mas muito mais rápida foi a loira:

PERIGOSAS NACIONAIS

– Me desculpem, mas... Eu já vou indo.

Maurícia inclinou a cabeça num cumprimento amistoso para Liv e, com uma dignidade invejável, se retirou.

– Bicha, que horror! Tá querendo me matar de vergonha?

Fábio ficou indignado:

– Como assim? Só tentei dar uma forcinha.

Sacudindo a cabeça negativamente, Liv continuou a reprovação:

– Forcinha? Imagine o dia que quiser atrapalhar então!

Ele apertou os olhos, desconfiado. Depois sorriu, na maior animação:

– Ah, então quer dizer que eu realmente interrompi algo? Anda logo! Me conta! Quero saber detalhes!

Liv quase gargalhou:

– Ah, viado, o que você acha? Que nos olhamos e ficamos loucamente apaixonadas? Isso aqui não é novela, sabe?

Fábio apertou os olhos, desconfiado:

– Menos discursinho e mais informação! O que foi que rolou, ahn?

Sabendo perfeitamente que era o único jeito de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pôr fim na insistência do amigo, ela cedeu:

– Tirando um esbarrão e a bebida que entornei inteira na roupa dela? Nada!

Fábio não desconversou, muito pelo contrário. Foi direto ao ponto:

– Liv, fala a verdade. Não ficou nem um pouquinho interessada?

– Sinceramente?

Foi rápido. Não passou de um breve lapso. Mas Liv não respondeu de imediato:

– Não.

O suficiente para o instante inconsciente de hesitação não passar despercebido por Fábio.

Leandro gritou assim que a viu:

– Ei, Mau! Vem dançar!

Miguel foi muito mais perspicaz:

– Que aconteceu?

Maurícia o acalmou de imediato:

– Não foi nada.

O irmão insistiu, ainda preocupado:

– Como nada? Tua roupa tá toda molhada...

Não teve tempo de explicar. A voz absolutamente vexada atrás dela foi muito mais

PERIGOSAS ACHERON

rápida:

– A culpa foi minha.

Viraram-se juntos para Liv, os dois pares de olhos muito azuis emparelhados reforçando a semelhança incrível. Maurícia fitando-a novamente com um olhar impenetrável, Miguel com a expressão surpresa de quem não está entendendo nada. Fixou-se na segurança que os olhos dele proporcionavam:

– Esbarrei na sua irmã e acabei entornando a bebida dela... Nela... Quer dizer... O copo que ela estava segurando virou e... Molhou a roupa e ela...

Foi inevitável. Maurícia sorriu, divertida. E Liv... Desejou ter um buraco para poder enfiar a cabeça dentro.

Fábio olhou de uma para a outra, como se as analisasse. Com um falso tom inocente, sugeriu:

– Acho que você deveria levar a Maurícia pra casa, Liv. Já que foi você que...

Foi bruscamente interrompido:

– Eu não acredito!

Sem precisar se virar como os outros para identificar a dona da voz tão conhecida, Liv não encarou Juliana imediatamente. Numa reação inconsciente, fechou os olhos. No momento

seguinte respirou fundo, retomando um precário domínio do próprio corpo antes de virar-se para ela num meio sorriso.

Tudo isso em apenas uma pequena fração de segundo, onde todos – menos Maurícia – olhavam para a morena exuberante que insistia:

– Liv, você não ia falar comigo?

Maurícia continuou prestando atenção na reação de Liv. O desconforto dela era nítido:

– Eu... Não tinha te visto.

Não conseguiu dizer mais do que isso. Nem foi preciso. Depois de dois beijinhos, como se nunca tivessem sido mais do que amigas, Juliana prosseguiu:

– Faz tempo que não nos falamos. Tenho ótimas notícias. Finalmente fui promovida!

Olhou para Liv esperando a resposta. Sem saber como seguir outro caminho, Liv fez o que os anos de relação haviam estabelecido. Respondeu, exatamente como Juliana queria:

– Que bom. Muito mais do que merecido.

E Juliana continuou na segurança cômoda de quem domina:

– Você mais do que ninguém sabe o quanto eu sempre ralei pra conseguir isso.

Liv murmurou a única coisa possível:

– É.

Com uma felicidade quase ofensiva, Juliana completou:

– E agora a Su vai morar comigo.

Nesse exato momento, como se fosse combinado – mas se fosse combinado, não aconteceria de forma tão precisa – a tal Su apareceu do nada e abraçou Juliana por trás:

– Amor, você tem mesmo que espalhar pra todo mundo?

Juliana girou sem se soltar do abraço para enlaçar a namorada pelo pescoço e beijá-la nos lábios:

– Ah, amor! Quero que o mundo inteiro saiba o quanto você me faz feliz!

Uniram-se num beijo cinematográfico, levando Liv ao limite do humanamente suportável.

Talvez tivesse gritado, ou arrancado a ex-mulher dos braços da outra, ou metido a mão em Juliana, ou na tal Su, ou mais provavelmente nas duas. Impossível prever o que seria capaz de fazer se Maurícia não falasse do nada:

– Vamos, Liv?

Voltou-se surpresa para os olhos ostensivamente

PERIGOSAS NACIONAIS

azuis, sem compreender a intervenção inesperada:

– Ahn?

Não foi um pedido. Maurícia foi enfática:

– Me leva pra casa.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRÊS

Naquele momento, o sentimento que moveu Maurícia não foi pena, e sim... Uma empatia profunda, incisiva, subversiva mesmo. Profundamente solidária.

Não do tipo de quem se coloca no lugar do outro, mas de quem já havia estado naquela posição.

Procurou não julgar se a morena – obviamente a ex de Liv – era louca, muito escrota ou completamente sem noção. Agindo instintivamente, sem usar a racionalidade, insistiu:

– Vamos?

Um brilho de compreensão finalmente surgiu nos olhos de Liv, enquanto ela concordava:

– Vamos.

Despediram-se rapidamente de Miguel, Leandro e Fábio. Liv dirigiu um último olhar para Juliana, que continuava alheia a tudo, beijando a namorada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E, então, jurando para si mesma que aquela era a última vez que permitiria que a ex a deixasse naquele estado, virou-se e caminhou em direção à saída, com Maurícia seguindo-a, sem a menor necessidade de palavras.

Leandro puxou Miguel para longe de Juliana e da namorada:

– Uau! Realmente, minha cunhada é algo!

Fábio juntou-se aos dois, igualmente empolgado:

– Por todos os deuses! Deu certo!

Mas Miguel conhecia Maurícia:

– Não sei não.

Abraçando o namorado, Leandro retrucou:

– Que isso, amor? Você não sentiu a energia? Não viu os sinais?

Quase gritando, Fábio concordou:

– Tá na cara que elas tão profundamente conectadas! E digo mais: foi uma coisa linda! As duas resistiram, não quiseram, mas mesmo assim se esbarraram. Coisa do destino! Inevitável! Ai, eu fiquei até inspirado...

Gritou para quem quisesse escutar:

– Preciso de uma boca pra beijar!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E saiu dançando e olhando em volta, procurando um alvo.

Miguel discordou, como se pensasse alto:

– Foi fácil demais.

Assim que chegou em frente ao carro, Liv começou a tremer. O choro veio de forma incontrolável.

A intenção de Maurícia era apenas tirá-la de lá. Não pretendia obrigar Liv a levá-la, podia perfeitamente pegar um táxi. O descontrole dela, no entanto, mudou tudo que havia planejado.

Tocou o ombro de Liv de leve, com todo o cuidado. Mesmo assim, ela saltou ao contato. Maurícia recuou, não querendo ser invasiva. Afinal de contas, não tinham a menor intimidade. Na verdade, sequer se conheciam. Ficou um pouco sem graça, sem saber direito o que fazer ou o que falar.

– Não prende. Desabafa.

Foi o que afinal deixou escapar. De costas para ela, Liv fez exatamente o contrário. Enxugou o rosto com as mãos e conteve as lágrimas:

– Não, eu... Eu tô bem... Não precisa se preocupar... Desculpe, eu não queria... Foi só um...

PERIGOSAS ACHERON

Maurícia não a deixou continuar:

– Tudo bem, guria. Relaxa.

Mas Liv estava – não poderia ser diferente – inteiramente em pedaços. Estressada, magoada, envergonhada na frente de uma completa estranha que provavelmente a julgava a mais estúpida das criaturas. E, no entanto, a salvação não viera das mãos de nenhum dos amigos, mas exatamente da desconhecida que a fitava. Uma angústia corrosiva voltou a dominá-la, sentiu-se na obrigação de justificar:

– Obrigada. Eu... Normalmente não sou... Você deve estar pensando que eu...

Maurícia a cortou sem hesitar:

– Eu não estou pensando nada. Te acalma.

De um jeito estranho, inexplicável, a firmeza quase rude dela conseguiu reconfortá-la. Liv a fitou num misto de espanto e gratidão. Estranhando, mas não querendo questionar, nem encontrar naquilo qualquer tipo de razão.

Observando-a atentamente, Maurícia perguntou:

– Consegue dirigir?

Liv respondeu ainda enxugando as lágrimas:

– Claro.

Mas Maurícia não ficou muito convencida.

PERIGOSAS NACIONAIS

Preocupada, não achava prudente deixá-la sozinha. Entretanto, a última coisa que desejava era dar trabalho. Acabou dizendo:

– Vou pegar um táxi.

O protesto de Liv foi quase ofendido:

– Não!

Sem querer ser mal interpretada, completou de um jeito bem mais suave:

– Eu posso te levar.

Maurícia tentou recusar:

– Não precisa.

Percebendo o quanto estava sendo indelicadamente categórica, amenizou com um brando:

– Eu não quero te incomodar.

Liv então foi decisiva:

– Incômodo nenhum. Faço questão de te deixar em casa.

Destravou as portas, entrou no carro e praticamente intimou:

– Vem.

Deixando Maurícia sem ter como nem por que não aceitar.

PERIGOSAS ACHERON

O silêncio que se instaurou não incomodou Maurícia. Ao contrário, com o vidro aberto para receber o vento no rosto e admirar melhor a paisagem, deixou-se encantar pela beleza do caminho. Fácilmo. A vista do elevado do Joá era uma das suas favoritas do Rio.

Liv, por sua vez, sentiu um profundo alívio quando finalmente percebeu que Maurícia não tentaria puxar conversinhas triviais, falar sobre o que havia acontecido, nem nada do tipo.

Não queria voltar a pensar na ex, mas... Tarefa difícil, quiçá impossível. Mesmo contra a sua vontade, a mente projetava os flashes dolorosos impiedosamente, como se fosse um filme. Juliana com a outra. Dançando, beijando, sorrindo, proclamando para quem quisesse ouvir: “A Su vai morar comigo!” – com uma felicidade ofensiva.

Deixou escapar um:

– Puta que o pariu!

Sem nem sentir. Só depois lembrou que não estava sozinha. Olhou para a loira sentada no banco do carona ao lado dela. Fitando-a, seriíssima.

Suspirou profundamente. Depois de tudo que a irmã de Miguel havia presenciado, era inútil tentar ter qualquer tipo de... Bom, fingir que estava tudo

bem não fazia o menor sentido. Resignada em, mais uma vez, ser incapaz de manter a linha, acabou explodindo, numa necessidade súbita, inteiramente impulsiva:

– Como ela pôde fazer isso comigo?!

Maurícia não respondeu. Permaneceu quietinha, absolutamente ciente de que, naquele momento, não precisava nem deveria fazer ou falar nada. Ela só precisava de alguém que a ouvisse.

Exatamente como Maurícia calculou, Liv continuou extravasando:

– Eu nunca pensei que... Esperava tudo, menos isso. Como eu sou estúpida! Eu sou uma babaca, uma imbecil! A facilidade com que ela... Além de me trair, me descartou, me trocou como se eu fosse um pano de chão usado! Como eu não vi? Como eu não percebi? Ela não liga, nunca ligou. Não tá nem aí pro que eu sinto ou deixo de sentir. Nem me conhece o bastante pra isso. Sequer sabe quem eu sou. Se soubesse não... Pra ela, eu não sou nada! E eu fui idiota o bastante pra dar cinco anos da minha vida pra essa filha da puta escrota e egoísta!

O desabafo terminou em lágrimas, que Liv tentou enxugar com uma das mãos, sem muito resultado.

Maurícia sugeriu:

– Quer encostar o carro?

Liv virou-se para Maurícia, pronta para descontar nela toda a frustração, a irritação, a revolta que sentia. Entretanto, a doçura do olhar azul... Foi o que a impediu. Não engoliu a resposta nada educada que tinha nos lábios. Ela simplesmente esvaiu-se. No lugar dela, o que surgiu foi um suave:

– Não, eu tô bem. Pelo menos pra dirigir.

Riu de si mesma. Sozinha, uma vez que Maurícia não aderiu. Apenas fitou Liv, avaliando-a. Em circunstâncias normais, estranharia. Porém, a situação era, por si só, totalmente fora do comum. Impossível tirar qualquer tipo de conclusão. Agiria diferente no lugar dela? Apesar das diferenças culturais, e de ser evidentemente mais introspectiva, Maurícia não poderia afirmar nem que sim, nem que não.

Liv passou o restante do percurso em silêncio. Até gostaria de amenizar a situação terrivelmente embaraçosa, mas, depois de tudo, estava convencida de que o melhor era evitar maiores constrangimentos. Ou seja: permanecer muda.

Conseguiu por um bom tempo. Chegando na

PERIGOSAS NACIONAIS

Gávea, subiu até o fim da Rua Major Rubens Vaz, estacionou em frente ao prédio de Leandro e Miguel, e falhou vergonhosamente no intento. Assim que desligou o carro, viu-se falando:

– Olha... Desculpa, eu... Você deve estar achando que eu sou uma louca, mas é que... Realmente não tô nos meus melhores dias, e...

Parou, suspirou, olhou diretamente para os olhos azul cobalto e completou com uma firmeza suave e doce:

– Me desculpe.

A mudança no tom e no olhar dela desconcertou Maurícia. Inexplicavelmente, um profundo constrangimento a dominou e a fez desviar os olhos. Já se soltando do cinto de segurança, respondeu:

– Tudo bem. Não te preocupa.

Liv insistiu:

– Também quero te agradecer.

Maurícia voltou a fitá-la, num misto de diversão e surpresa:

– Pelo quê?

Foi a vez de Liv baixar os olhos:

– Você me salvou. Se não tivesse me tirado lá da festa, eu... Acho que... Ia perder a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

Tinha os olhos marejados quando buscou os azuis novamente:

– Muito obrigada mesmo.

Liv sorriu, sem ter ideia do que trazia na expressão. Muito mais dor do que qualquer outro sentimento.

Uma enorme aflição tomou conta de Maurícia ao vê-la, percebê-la e, afinal, reconhecê-la. Contestou baixo, sem conseguir disfarçar direito:

– Nada. Eu que te agradeço.

Os olhares voltaram a se encontrar, perdidos numa confusão de sensações, emoções e anseios. Maurícia completou esquivando o olhar, como quem tenta escapar de um erro:

– Obrigada pela carona.

Liv replicou um pouco sem jeito:

– O mínimo que eu podia fazer era trazer você.

Maurícia colocou a mão na maçaneta da porta sem, no entanto, abri-la:

– Bom... Então boa noite, eu... Vou descer.

A reação de Liv foi absolutamente visível. Tentou disfarçar inutilmente:

– Ah, é claro... Então... Boa noite...

A melancolia, a fragilidade, a solidão na voz dela fizeram Maurícia seguir o impulso inexplicável de

sugerir:

– Quer subir? Conversar um pouco?

Tentou recusar da maneira mais sincera:

– Melhor não, eu... Adoraria, mas... Não quero incomodar mais do que já incomodei.

Impossível para Maurícia não rir da negação menos convincente que já havia ouvido. Foi curta e grossa:

– Se fosse incômodo, eu não convidava.

Abriu a porta e saiu, deixando Liv imóvel e perplexa dentro do carro. Esperou do lado de fora pela decisão dela. Nada. Estranhando a demora, enfiou a cabeça de volta:

– Tu vem ou não?

Nunca, em todos os seus 38 anos de idade, Liv havia visto uma rispidez mais... Não tentou encontrar a palavra.

Fez que sim com a cabeça, saiu, fechou, ligou o alarme do carro e a seguiu com um sorriso divertido nos lábios.

CAPÍTULO QUATRO

– Preciso de um banho.

Não estava mais molhada, graças ao calor – insuportável para Maurícia; para Liv, apenas normal.

– Vai lá.

Depois de deixar a bolsa em cima do móvel mais próximo da porta, Liv largou-se no sofá, deixando nítido o quanto era íntima da casa. Ainda assim, Maurícia perguntou:

– Quer tomar alguma coisa? Quem sabe comer algo?

A primeira reação de Liv foi fazer que não com a cabeça. Um segundo depois, mudou de ideia:

– Pensando melhor... Preciso de uma cerveja. Mas deixa que eu pego. Vai se livrar dessa roupa, deve estar grudando.

Não tentou se desculpar outra vez por ter
PERIGOSAS ACHERON

derramado a bebida nela, intuindo que não era o que Maurícia desejava.

Não poderia estar mais certa. Com um sorriso aliviado, Maurícia a fez sentar-se de novo:

– Eu pego.

Insistiu:

– Tem certeza que não quer comer nada?

Liv voltou a recusar e Maurícia sacudiu os ombros, resignada, antes de desaparecer cozinha adentro. Voltou com uma latinha de cerveja dentro de uma “camisinha” de isopor, uma tulipa e um descanso de copos.

Liv não teve como deixar de rir:

– Pelo visto, o Leandro já te botou na linha, né?

Maiores explicações eram desnecessárias. Leandro era obcecado com a ordem da casa, todo mundo sabia.

– Manchar um desses móveis... Bah!

Riram juntas, por diferentes motivos. Maurícia da “frescura” do cunhado. Liv porque...

– Desculpa, é que acho esse “bah!” de vocês tão engraçadinho...

Maurícia a fitou, muito séria, deixando Liv cheia de vergonha, arrependimento e culpa:

– Desculpa... Eu não queria... Que impressão

PERIGOSAS NACIONAIS

horrível você deve estar tendo de mim... Ai, me desculpa...

Foi a vez de Maurícia rir:

– Tudo bem. Fica tranquila.

Piscou para ela, de um jeito descontraído que Liv absolutamente não esperava:

– Só estou implicando contigo. Tu fica bem aí?

Bastante desconcertada, Liv respondeu um simples “sim”.

Maurícia ainda avisou:

– Já volto.

Antes de desaparecer no corredor que levava aos quartos.

Tentando distrair a mente que, sozinha e com o auxílio da cerveja, voltava perigosamente a pensamentos que preferia evitar, Liv acabou ligando a enorme TV. Não soube dizer quanto tempo ficou daquele jeito, mudando os canais a cabo incessantemente, sem que nada a interessasse. Surpreendeu-se quando Maurícia retornou à sala.

– Bah! Que calor infernal!

Dessa vez, Liv não riu da interjeição gauchesca. Estava mais preocupada em conter os próprios

PERIGOSAS ACHERON

olhos. Sem resultado. Involuntariamente, acabou examinando Maurícia de cima abaixo.

Completamente à vontade de camisetinha, bermuda, Havaianas e os cabelos cacheados presos num coque seguro por um pauzinho atrás. Parecia... Bem diferente, na verdade.

Maurícia interpretou erroneamente a avaliação que sofreu. Olhando para si mesma, perguntou:

– Que foi? Tem alguma coisa errada?

Liv disfarçou magistralmente:

– Não. É que você tá tão praiana...

Riram juntas. Sem saber ao certo por que – muito raro dar informações sobre si mesma, principalmente para uma quase desconhecida –, Maurícia respondeu:

– Morei muito tempo em Floripa.

Liv retrucou sem nenhuma estranheza:

– É mesmo? Adoro Floripa!

Queria saber mais. Até pensou em perguntar: “Saiu de lá por quê?”. Mas não o fez.

Esperando que o assunto morresse, Maurícia sentou-se na poltrona ao lado do sofá onde Liv estava. Só então percebeu a TV ligada. Aproveitou para desviar o tema da conversa definitivamente:

– O que tu tá vendo?

Sacudindo a cabeça numa negação inconsciente, Liv respondeu:

– Nada. Quer ver alguma coisa?

Estendeu o controle para Maurícia, que recusou:

– Não sou muito fã de TV.

Falou executando o que estava dizendo:

– Vou desligar então.

Um silêncio incômodo se instaurou. Liv tentou quebrá-lo com a única coisa que lhe ocorreu:

– Quer ligar o som?

A primeira palavra que veio à cabeça de Maurícia foi: “Não!”. Depois de três dias na casa do irmão, sabia que o tipo de música que ela gostava e o tipo que Leandro e Miguel escutavam não era exatamente o mesmo. Mas a expressão ansiosa, quase suplicante de Liv a fez dizer:

– Por mim, tudo bem.

Parada na frente da enorme pilha de CDs e DVDs, Liv foi gentil:

– Tem alguma preferência?

Maurícia mentiu:

– Não. Pode escolher.

Liv deu de ombros e optou pela maneira mais fácil de resolver o dilema:

– Bom... Vamos ouvir o que já tá dentro do

aparelho.

Reconheceu imediatamente a música que invadiu a sala com tudo: “*Oh! Darling*”, na versão da trilha sonora do filme *Across the Universe*. Sacudindo a cabeça no ritmo da música, comentou rindo:

– É tão a cara deles, né?

Maurícia limitou-se a um indefinível:

– É.

Tentou disfarçar a própria intolerância a releituras de clássicos inutilmente, pois Liv percebeu:

– Quer que eu mude?

O pensamento de Maurícia foi ligeiro: “Ela parece estar gostando da música que, realmente, não é nada má”.

– Não.

Liv insistiu, ainda sem estar convencida:

– Mesmo? Não prefere que eu desligue?

A mente de Maurícia operou de novo rapidamente: “Voltar ao silêncio? Capaz!”. A firmeza foi plena:

– Beatles são Beatles. Deixa.

Liv voltou a sentar na poltrona:

– Ok.

Não só para puxar conversa, Maurícia realmente

PERIGOSAS NACIONAIS

sentiu vontade de saber:

– Conhece meu irmão há muito tempo?

Despejando o resto do conteúdo da latinha na tulipa, Liv esclareceu:

– Uns três anos. Desde que ele começou a ficar com o Le.

Bebeu um gole da cerveja antes de prosseguir:

– Conheço o Le desde os tempos de faculdade. Eles foram feitos um pro outro, né?

Maurícia riu:

– Sou suspeita. Adoro o Leandro. E o mano...

Deixou a frase em suspenso. Liv aquiesceu com a cabeça, num entendimento pleno. Deixou escapar sem querer:

– Deve ser estranho...

Fazendo Maurícia rir outra vez:

– O quê?

Levantou com a latinha na mão:

– Ter um irmão gêmeo.

Maurícia ficou de pé também:

– Deve ser estranho não ter.

Riram juntas novamente.

Antes que pudesse protestar, Maurícia tirou a latinha da mão dela e sumiu cozinha adentro. Liv então sentou no sofá e recostou-se, resignada a ser

PERIGOSAS ACHERON

servida novamente. O tempo passou sem que percebesse. A música mudou: “*Something*”, ainda da trilha de *Across the Universe*. E, com ela, toda a atmosfera.

O som, o tom, a letra... A própria solidão de meses, sugaram qualquer tipo de defesa, foi impossível se dominar. Pensou em Juliana, nas noites adormecendo abraçadas, de conchinha, nas manhãs acordando juntas, o amor feito como se nada mais existisse. Cafés da manhã na cama, banhos, passeios, viagens, beijos... Foi obrigada a confessar para si mesma: apesar de tudo, ainda queria, não só o presente, mas o futuro que haviam sonhado e planejado juntas. Que realmente fosse para sempre.

Teve medo, muito medo de ficar presa naquele tormento. Desejando, absolutamente sozinha, algo que nunca conseguiria ter. Dor pungente que desceu em avalanche, devastando-a por completo.

Ainda estava prostrada, imersa no próprio desespero, quando Maurícia retornou, com uma latinha de cerveja na mão e um prato de petiscos na outra.

Assustou-se quando a viu daquele jeito:

– Que aconteceu?

PERIGOSAS NACIONAIS

Liv levantou a cabeça lentamente. Bastou os olhos marejados encontrarem os dela para que os de safira compreendessem. Sem dizer mais nada, Maurícia depositou as coisas que segurava na mesa e desligou o CD. Liv levantou:

– Eu... Vou indo...

Apesar de ser categoricamente impedida:

– Senta aí, guria. Deixa de besteira!

Discordou com rudeza:

– Já dei vexame suficiente. Chega!

Maurícia postou-se na frente dela:

– Não vou te deixar sair por aí desse jeito.

Os olhares se conectaram de novo. O tom foi muito mais suave:

– Te acalma primeiro.

Continuaram se fitando, num embate convergente. Liv desviou os olhos rapidamente:

– Preciso de ar.

Caminhou até a varanda em largas passadas. Maurícia foi atrás e debruçou ao lado dela no parapeito. Admiraram a vista em silêncio, durante um longo tempo, até Maurícia suspirar:

– Que bom esse vento!

Sem olhar para ela, Liv assentiu com a cabeça. Foi num impulso, as palavras saíram antes que

PERIGOSAS ACHERON

Maurícia pudesse contê-las:

– É a tua primeira separação?

Um suspiro de exaustão evidente antecedeu:

– Não. É a terceira.

A reação de Maurícia não poderia ser mais autêntica. Soltou um assobio. Liv não soube dizer se de admiração ou surpresa. Nem se preocupou em decifrar. Possuía uma angústia mais urgente:

– Deveria ser mais fácil? Não sei... Exatamente por eu já ter levado muitas outras rasteiras, por não ser a primeira vez que desejei envelhecer com alguém... Essa sensação de que... A errada sou eu, que... Falhei, mais uma vez. Parece pior, muito pior. Um pesadelo.

O olhar azul virou-se pensativo para frente:

– Talvez seja. E um dia tu acorde e perceba que a verdadeira dor é não saber lidar com a própria perda.

Antes que Liv pudesse dizer qualquer coisa, completou:

– Falar é fácil, eu sei.

Um barulho vindo da porta da rua chamou a atenção das duas.

Olharam para trás juntas, e viram Miguel e Leandro entrando no apartamento. Absolutamente

PERIGOSAS NACIONAIS

felizes, rindo e se agarrando, aos beijos.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO CINCO

Liv estranhou a discrição absoluta de Miguel e Leandro. Sentaram-se com elas na sala sem um comentário sequer. A conversa fluiu, tão agradável que perdeu a noção da hora. Assustou-se quando olhou no celular e descobriu: quase três da manhã!

Levantou-se:

– Vou indo.

Leandro e Miguel protestaram:

– Fica mais um pouco, Liv! Nem tá tão tarde!

Maurícia limitou-se a pôr-se de pé ao lado deles.

Liv fitou-a, antes de replicar:

– Melhor eu ir.

Despediu-se com dois beijinhos em cada um dos dois. Rapidamente, para que não voltassem a insistir. Parou na frente de Maurícia, com uma falta de jeito visível. Vencendo o embaraço inicial, encostou o rosto no dela. Repetiu o mesmo gesto

PERIGOSAS ACHERON

do outro lado, sussurrando para que ninguém mais ouvisse:

– Obrigada.

Maurícia respondeu no mesmo tom de Liv:

– Nada.

Antes de mover o rosto para um terceiro beijinho. Liv não acompanhou o movimento. Os olhos absolutamente azuis não se abalaram. Apenas justificaram, de uma forma absolutamente bem humorada:

– Sempre esqueço que aqui são só dois.

Sorriram uma para a outra. Miguel e Leandro se entreolharam com um sorriso bem menos inocente. Miguel propôs:

– Liv, amanhã vamos levar a Mau nas Paineiras e na Praia da Reserva. Por que tu não vem com a gente?

A simples promessa de reenergizar o corpo na ducha forte e gelada e depois no sol e no mar já deixava Liv mais relaxada. Seria muito bom espairar. Porém, não queria impor a própria presença, muito menos criar qualquer tipo de constrangimento. Já havia causado transtorno mais do que suficiente, e não queria que Maurícia... Buscou-a com o olhar, inconscientemente:

– Não sei...

A dúvida de Liv era óbvia. Inegável. E completamente incoerente. Maurícia queria deixar claro que não passava de uma grande besteira. Não se importava, ou melhor, se importava, mas não do jeito desagradável que Liv pensava, muito menos da maneira que o irmão e o cunhado insistiam em fantasiar. Reforçou o convite sem hesitar:

– Vem com a gente.

Com um aceno de cabeça, Liv aceitou. Virou-se para Miguel e Leandro depois:

– Que horas?

Leandro acompanhou-a enquanto combinava:

– Passamos pra te pegar por volta das dez. Mas eu ligo quando estivermos saindo.

Ela ainda acenou da porta:

– Tchau.

Miguel e Maurícia responderam juntos:

– Tchau.

Leandro avisou:

– Vou levar a Liv.

Liv começou a protestar, mas não foi possível acompanhar o desfecho, uma vez que Leandro bateu a porta atrás deles.

Assim que se viu sozinho com Maurícia, Miguel

PERIGOSAS NACIONAIS

virou-se para ela. Não disse nada, nem precisava. Bastou um único olhar.

– Miguel, para!

Ele riu:

– Parar o quê?

Maurícia não conseguiu evitar:

– Tu sabe.

Só serviu para o irmão se divertir ainda mais:

– Eu? Não sei de nada. Mas adoraria saber. Como e por quê a Liv veio parar aqui e o que vocês estavam fazendo?

Maurícia bufou, sentindo-se de volta aos 13 anos de idade, quando o irmão aproveitava a introspecção dela para atormentá-la a ponto de levá-la às lágrimas. Por mais que os anos houvessem passado – e eles tivessem crescido, amadurecido e mudado –, Miguel continuava adorando provocá-la, mesmo sem obter mais o mesmo resultado.

Sentou-se no sofá, aparentemente calma:

– Deixa de bobagem.

Ele a analisou de cima a baixo. Aproximou-se devagar, parou na frente dela, obrigando-a a levantar a cabeça para que os olhares se encontrassem. Não facilitou, pelo contrário:

PERIGOSAS ACHERON

– Se é bobagem, por que não quer me contar?

Maurícia respirou profundamente. Sacudiu a cabeça de um lado para o outro, numa censura levemente exasperada. Miguel sentou-se ao lado da irmã e demorou alguns instantes para falar. Da forma que só ele fazia, como se as palavras a penetrassem, a despeito de qualquer defesa ou tentativa de se resguardar:

– É tão difícil assim?

O silêncio voltou a se instaurar. Ficaram se fitando, Maurícia sabendo perfeitamente que jamais poderia nem desejaria se livrar do tipo de conexão especial que possuíam. Arrependendo-se antes mesmo de dizer, perguntou, exatamente como ele queria:

– O quê?

Com um sorriso absolutamente tranquilo, Miguel não respondeu, exigiu:

– Admita que gostou da Liv.

Depois que estacionou na garagem, Liv passou pela portaria do próprio prédio. O porteiro estava roncando sentado numa cadeira, com a cabeça encostada na parede. Tentou passar sem incomodar,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas ele abriu os olhos e endireitou-se, como se algum tipo de sensor interno o alertasse para a presença dela, que cumprimentou:

– Boa noite, Geraldo.

Ainda piscando, ele olhou para o relógio de pulso e respondeu com um sorrisinho irônico:

– Bom dia, dona Liv.

Um suspiro escapou da garganta dela enquanto se encaminhava para a porta. Ainda teve que pedir:

– Por favor, Geraldo, abre pra mim.

Com uma lentidão quase irritante, ele apertou o botão debaixo da mesa, liberando-a.

Leandro a esperava impaciente, encostado no carro dele, do outro lado da rua. Assim que a viu, atravessou e caminhou direto para Liv.

Ainda achando um absurdo ele vir atrás dela escoltando-a, como se fosse incapaz de voltar sozinha, Liv mais protestou do que agradeceu:

– Não precisava ter vindo, Le. Já cansei de voltar muito mais tarde do que isso e...

Leandro a interrompeu:

– Precisava sim! Tô louco pra saber!

Sem entender direito, Liv torceu o rosto numa careta:

– Hein?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não acreditou quando ouviu:

– O que rola entre a minha cunhadinha e você?

Contendo-se, deixou escapar um exasperado:

– Bicha...

Não soube dizer se ele fingiu ou se realmente não ouviu:

– Namoro, casamento ou só pegação mesmo?

Soltou um agudíssimo:

– Enlouqueceu?

Olhou para trás e... Deu de cara com os olhos e ouvidos do condomínio. Puxou Leandro para o lado, afastando-se um pouco do porteiro antes de prosseguir baixinho:

– Ela foi muito legal.

A decepção de Leandro era evidente:

– Legal?

Liv completou:

– Apesar da vergonha que eu...

Imediatamente, ele se animou:

– Vergonha? Mas afinal de contas, o que foi que aconteceu?

Liv ainda avisou:

– Não é o que você tá pensando.

Antes de contar com detalhes a noite absolutamente embaraçosa que teve.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi a vez de Maurícia rir:

– Tu anda vendo muita novela.

Levantou-se, pronta para encerrar a conversa.

Miguel a deteve:

– Mau, espera.

Quando Maurícia virou, o olhar do irmão estava diferente:

– Tu sabe que eu me preocupo contigo.

Pôs-se de pé ao lado dela, segurou as mãos de Maurícia entre as dele de um jeito que também a fez mudar o tom completamente:

– Quantas vezes eu vou ter que repetir que estou bem?

Ele insistiu:

– Bem é uma coisa. Feliz é outra.

E ela foi obrigada a contestar, exatamente como não queria ter que fazer:

– Felicidade é uma coisa tão relativa... O que é pra uns, não é pra outros. Óbvio que a minha vida não é perfeita. Mas me satisfaz.

No fundo da declaração havia uma melancolia que Miguel não deixou de perceber:

– É muito pouco, Mau.

Ela o fitou. Sorrindo, com uma ternura assustadoramente resignada:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– É bem mais do que a maioria das pessoas tem.

A apreensão nos olhos dele a comoveu, a ponto de Maurícia tentar amenizar:

– Não é que eu não queira encontrar alguém. Só me recuso a condicionar a minha felicidade a uma coisa externa, que pode ou não acontecer.

– E enquanto isso vai ficar sozinha? Em três anos, tu não...

Nem precisou completar, Maurícia compreendeu perfeitamente:

– É isso que tu quer saber?

Profundamente sem jeito, Miguel só conseguiu gaguejar:

– Não... Não precisa dizer nada...

Totalmente reservada, Maurícia nunca havia cogitado discutir a própria vida sexual com o irmão. Como se pesasse o que causaria um dano menor, ela falou:

– Se for pra te deixar mais sossegado... Pra tu me deixar em paz e parar de uma vez por todas de me aborrecer...

Miguel parecia verdadeiramente apavorado:

– Eu... Não quero saber...

Mas Maurícia não teve pena. Foi cortante, quase agressiva:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Existe uma coisa chamada internet, que até naquele fim de mundo, como tu gosta de chamar, tem.

Parou e o olhou profundamente, torcendo para que a informação fosse suficiente. O que menos queria era ter que entrar em detalhes:

– Sinto muito destruir a tua ilusão de que sou casta, pura e vivo em total abstinência.

Visível nos olhos do irmão, choque, incredulidade, surpresa. Miguel não se conteve:

– Tu fica te masturbando na frente do computador?

Achou o tom de reprovação engraçado. Vindo logo dele que, antes de Leandro, desconhecia o nome de mais da metade da enorme quantidade de caras com quem fazia sexo. Um sorriso fatigado surgiu nos lábios de Maurícia:

– Eu não achava mesmo que tu fosse entender.

Como poderia? Era outro universo, que ele sequer sonhava conceber.

– Não seria mais fácil... Fazer com alguém... De verdade?

Não se deu ao trabalho de tentar explicar:

– Pra ti, talvez.

Para Miguel, era inacreditável. Insistiu,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

parecendo um garotinho contrariado:

– Mas tu fez questão de chamar a Liv pra ir com a gente amanhã...

Maurícia assentiu:

– Ela é inteligente, foi bom conversar.

Miguel franziu a testa, abismado. Maurícia encerrou com um bocejo:

– Estou cansada, vou me deitar.

Beijou o irmão antes de desejar:

– Boa noite.

Ele respondeu um “boa noite” ainda atônito. Só se recuperou quando ela deu o primeiro passo no corredor entre a sala e os quartos. Chamou-a:

– Mau!

Maurícia parou e suspirou, antes de voltar:

– Uhn?

Com uma piscada absolutamente maliciosa, Miguel informou:

– Vou deixar o roteador ligado.

Sem uma palavra, Maurícia deu as costas e deixou o irmão rindo sozinho na sala.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO SEIS

Liv ficou deitada na cama de casal vazia, lutando contra a própria escuridão. Rotina que se tornara comum nos últimos meses. No início, havia recorrido ao conforto dos comprimidos, mas, rapidamente, o efeito deles se dissipou. Aumentou a dosagem apenas para que, uma vez mais, a quantidade se tornasse insuficiente para conseguir acalmá-la a ponto de dormir.

Depois que desistiu dos subterfúgios, noite após noite era aquilo. Tentando limpar a mente, afastar pensamentos, temores e lembranças inutilmente.

No fim, o desfecho era sempre o mesmo: cansada de se debater, acabava se entregando à dor e ao prazer da autopiedade e do sofrimento. Lágrimas já conhecidas e costumeiras, que a embalavam até que afinal caísse num sono agitado, desconfortável e inquieto, mas pleno em

PERIGOSAS ACHERON

esquecimento.

Assim que acordou, Maurícia levantou, desligou o ar condicionado e foi até a cozinha. Era cedo, o irmão e o cunhado ainda estavam dormindo. Enquanto esquentava a água para colocar na térmica, pegou a erva e a cuia. Tinha trazido tudo na madeira de couro, pois Miguel não tinha em casa uma bomba sequer. Por mais inconcebível que parecesse, ele havia perdido completamente o hábito de tomar chimarrão.

Sentou no sofá da sala com o mate em uma das mãos e o controle do som na outra. Ligou o rádio, deixou na primeira estação que sintonizou. Não pela música. Poderia até estar tocando funk. Pouco importava. Era só pelo costume.

Liv acordou com a impressão de ter acabado de fechar os olhos. Olhou para o visor do celular e confirmou. Tinha dormido menos de três horas. Não era à toa que havia emagrecido tanto. Sem comer nem dormir direito...

Ficou deitada, mergulhada num silêncio que

PERIGOSAS NACIONAIS

vinha de dentro. Não soube dizer por quanto tempo. Ouviu o telefone tocar, mas não atendeu. Não queria se mover, muito menos falar com ninguém.

Mais uma vez, teve a prova de que entre seus desejos e a realidade havia uma enorme diferença. O celular começou a tocar e a vibrar insistentemente. Sem precisar olhar para saber quem era, viu-se obrigada a atender:

– Oi, mãe. Bom dia.

Por trás do tom suave, havia uma angústia inegável:

– Por que demorou tanto pra atender?

Mentiu:

– Tava dormindo.

Funcionou. Ela pareceu ficar menos preocupada, mas não completamente tranquila:

– Não queria te acordar.

Encerrou o assunto rápido. Nunca tinha sido capaz de enganá-la completamente:

– Tudo bem.

Uma breve pausa antecipou a tensão do que veio:

– Tá se alimentando?

Suspirou:

– Mãe...

Desencadeou o bombardeio de sempre:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Filha... Estou preocupada, você perdeu mais de seis quilos, sei que não é fácil, que você tá atravessando um momento que...

A mãe se calou. Liv sabia que ela estava procurando as palavras certas. Tinha perdido dois maridos – tanto o pai quanto o padrasto de Liv haviam falecido súbita e precocemente –, talvez por isso tratasse com tanto cuidado e delicadeza o sofrimento da filha. Na verdade, com relação a Liv, a mãe sempre tinha sido... Espantosamente compreensiva.

Apesar de nunca terem falado diretamente sobre o assunto, desde a primeira namorada – na adolescência de Liv ainda –, ela deixava claro não só que sabia, como também que não tinha nada contra a sua orientação sexual.

– O importante é que você seja feliz!

Era o que a mãe jamais se cansava de repetir.

– Desculpa.

Pediu, meio sem saber direito o porquê. Apenas expressou o que sentia por deixar a mãe preocupada, por não conseguir fingir, pela própria fraqueza e incapacidade de reagir.

– Desculpar o quê, Lívia? Eu me preocupo sempre, e você sabe disso.

PERIGOSAS ACHERON

Completo num tom absolutamente carinhoso:

– Mãe serve pra isso.

Liv sorriu:

– Também te amo.

Sentiu na mãe um grande alívio:

– Por que não vem almoçar?

Até gostaria. Sentar na mesa com a mãe e a avó, ser cuidada, acarinhada, paparicada. Ia aceitar, quando lembrou:

– Hoje não dá. Já combinei com o Le e o Miguel.

A mãe não protestou, gostava muito dos dois:

– Ótimo. Precisa mesmo sair. Divirta-se!

Miguel parou o carro em frente ao último prédio à direita, na Rua Marquês de Olinda, em Botafogo. Leandro desceu para pedir ao porteiro para interfonar avisando Liv que já estavam ali. Quando voltou, justificou:

– Não vamos subir, porque não sei se... Bom... Depois que se separou, a Liv teve que vir morar nesse apê que... É um cubículo.

Maurícia deu de ombros. E Miguel avisou:

– Psiu! Ela tá vindo.

Os três se viraram juntos para observar Liv

PERIGOSAS NACIONAIS

chegando, entrando e sentando no banco de trás do carro, ao lado de Maurícia. Acenou com a mão, para não ter que beijar nenhum deles:

– Oi!

Leandro descontraíu o ambiente com um animadíssimo:

– *Well...* Agora que estamos todas aqui, vamos!

Ligou o som num volume altíssimo. Maurícia e Liv franziram o rosto. Cada uma por seu próprio motivo.

– Já tinha vindo aqui antes, Mau?

Ela respondeu sem desviar os olhos da paisagem maravilhosa lá embaixo:

– Nunca.

Não era à toa que Leandro era dono de uma agência de viagens. Adorava dar uma de guia turístico:

– Eu amo esse lugar. Tem uma vista privilegiada de quase toda a Zona Sul do Rio. Na verdade, estamos na encosta do Corcovado. Daqui dá pra ver...

Foi apontando o que nomeava:

– A Lagoa Rodrigo de Freitas, Copacabana,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ipanema, Jardim Botânico, Jockey Clube, Leblon e... O Cristo logo ali em cima. Seguindo por aqui...

Virou-se indicando a pista asfaltada atrás deles:

– Em menos de 20 minutos se chega na Barra. Durante a semana fica aberto pros carros. Até dá pra parar e tomar um banho, mas...

Miguel completou:

– Não é tão legal. O bom é deixar o carro no estacionamento lá embaixo e vir caminhando, como a gente fez. Né, Liv?

Ela piscou, como se estivesse fora do ar e tentasse voltar:

– Quê?

Ele repetiu:

– Feriados e finais de semana não são os melhores dias pra vir nas Paineiras?

Liv apenas assentiu:

– Sim.

Foi a última a desencostar da grade onde todos estavam debruçados. Enquanto caminhavam em direção à queda d'água – na verdade, um cano a uns cinco metros do chão, de onde a água caía com força da montanha –, Leandro não deixou Liv ficar para trás. Passou o braço ao redor do ombro dela protetoramente:

PERIGOSAS ACHERON

– Tudo bem?

Fez que sim com a cabeça. Quando alcançaram os outros, Miguel já estava só de sunga. Estendeu a toalha e as roupas para Leandro:

– Segura pra mim, amor?

Maurícia olhou em volta. Ameaçou pendurar a própria toalha na grade em frente, mas Liv propôs:

– Pode me dar.

Miguel e Leandro viraram de costas, sem conseguir conter as risadas. Liv sacudiu a cabeça e olhou para o alto. Achando a infantilidade deles absurda, Maurícia despiu a bata e a bermuda que usava e as entregou para Liv:

– Obrigada.

Virou-se e caminhou em direção à água, antes que Liv pudesse dizer:

– De nada.

Pelos respingos, Maurícia percebeu o quanto a água estava maravilhosamente gelada. Ao contrário de Miguel, que havia se molhado aos poucos, entrou sem nem hesitar. De uma só vez. Permaneceu um tempo debaixo da ducha, adorando a sensação proporcionada pelo líquido gélido caindo com força sobre o corpo. Nem reparou que Liv a olhava. Mais do que branca, a pele de

Maurícia era alva, pálida, quase translúcida.

Como se lesse pensamentos, Leandro soprou:

– Quando não vai na praia, o Miguel fica da mesma cor. Eu até que acho... Legal.

Olhou com implicância para ela, mas Liv não captou a referência ao comentário que havia feito sobre Maurícia na noite anterior. Estava preocupada com outra coisa. Algo que só lhe ocorreu quando comentaram sobre o corpo exposto da outra.

Não prolongou o pensamento. Livrou-se rapidamente da saída de praia, e então levantou os olhos. Leandro não disse nada. Estava na expressão dele. O rosto dela havia afinado, as roupas tinham alargado e afrouxado consideravelmente. Tudo isso ele havia percebido, mas nunca havia pensado, sequer tinha imaginado que ela pudesse estar magra daquele jeito. Parecia ter saído de um campo de concentração ou estar muito doente.

– Pelos deuses, Liv! Você...

Ela o cortou:

– É, eu sei.

Um leve mal estar tentou se instaurar, mas Liv o interrompeu:

– Vou ao médico na segunda-feira.

PERIGOSAS NACIONAIS

Antes de correr em direção ao alívio que, naquele momento, só a hidromassagem gelada poderia lhe oferecer.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO SETE

Na Praia da Reserva, estacionaram em frente ao quiosque de sempre: o de número 6 – WHISQUEMA, onde se muniram de quatro cadeiras e três guarda-sóis. Assim que instalaram tudo na areia, Liv caminhou para a água.

– Ela ama o mar.

Comentou Leandro, fazendo com que Miguel e Maurícia, ainda passando protetor solar, também se virassem para observá-la.

Com uma naturalidade invejável, irrefutável, única... Liv entrou em direção a uma onda, mergulhou para atravessá-la, e nadou para o fundo.

Maurícia manteve o olhar fixo na mulher que agora boiava, a uma distância incrível. Perguntou:

– Não tem perigo?

Leandro refutou rindo:

– Mais fácil um peixe se afogar. Pode ficar
PERIGOSAS ACHERON

tranquila, ela tá acostumada, sempre faz isso.

Miguel discordou:

– Talvez a Mau tenha razão em se preocupar, amor. Afinal... Fiquei assustado quando vi a Liv só de biquíni.

O comentário confirmou a suspeita de Maurícia de que a magreza excessiva de Liv não era consequência de algum conceito de beleza deturpado, como havia pensado no início.

Depois de olhar discretamente para a cunhada, Leandro sugeriu:

– Vamos mudar de assunto?

Miguel concordou, e os dois caminharam juntos para a água.

De uma forma inexplicável, mas absolutamente certa, Liv podia perfeitamente sentir... Toda vez que entrava no mar, a ligação inconsciente – ou quem sabe puramente física – que emergia. Desde menina, já sabia reconhecê-la. Talvez a tivesse herdado do pai, surfista de corpo, alma e espírito. Preferia não pensar sobre ele. Ainda a atingia. Dor peremptória do que não foi e poderia ter sido. Da pessoa amada perdida. Quase uma sina.

Cedo demais, o peso da realidade inexorável a atingira. Três tiros. O pai chegara ao hospital já sem vida, e o significado da palavra “latrocínio” destruía o mundinho seguro de Liv.

Com apenas oito anos, não fazia nenhum sentido. Noite após noite esperava que ele retornasse, para sussurrar a frase que depois de beijá-la sempre repetia:

– Saber onde e quando pisar com firmeza é muito difícil. Mas é preciso.

Ela nunca havia se esquecido. Mas lembrar era fácil, seguir tais palavras... Praticamente impossível. Descuidava-se. Corria riscos. Tanto no mar quanto no amor, não era capaz de privar-se. Uma vontade imensuravelmente maior do que o medo a movia. Parecia que a vida inteira de Liv se resumia nessa passionalidade que a levava a mergulhar de cabeça sem antes se certificar se a maré estava alta ou baixa.

Naquele momento, boiando ali, naquela imensidão líquida, os olhos fitando o céu muito azul e límpido, foi como se toda a frustração que carregava explodisse. Deixou o corpo afundar. Segurou a respiração até o limite antes de voltar à tona. Tomou fôlego e voltou a submergir. Subiu,

respirou, e repetiu o processo de imersão de forma integralmente impulsiva. Dessa vez abriu os olhos e afinal viu. A dualidade entre o calor do sol e a escuridão fria que não estava em volta, nem embaixo, mas dentro de si. Por um instante breve, mas significativo, pesou o real sentido daquilo. E foi como se o mantra do pai vibrasse, muito mais dentro do peito e da mente, do que nos ouvidos:

– Saber onde e quando pisar com firmeza é muito difícil. Mas é preciso.

De súbito, o cansaço crônico, a angústia, a própria inabilidade de lidar com a vida, tudo pareceu absolutamente ínfimo.

Num único impulso, retornou ofegante à superfície. Encheu os pulmões de ar como uma recém-nascida que pela primeira vez respira. Olhou ao redor, tentando se situar, um pouco perdida. Localizou a areia e nadou em direção a ela, com o corpo inteiro pulsando num júbilo inexplicável, inegável, indescritível. Como se a sintonia interna, mesclada ao ir e vir das ondas lhe proporcionasse... Um novo fluxo de vida.

De óculos escuros, com uma latinha de cerveja

PERIGOSAS NACIONAIS

dentro de um isopor nas mãos, sentada numa das cadeiras à sombra, Maurícia não se importou em ficar sozinha. Aproveitando para relaxar e sentir o sopro da maresia, recostou-se e deixou escapar um suspiro.

Observou divertida o irmão e o cunhado travarem uma partida de frescobol acirradíssima. Por fim, Miguel escorregou, deixando a bolinha cair.

Só então buscou Liv com os olhos. Quando a avistou, ela já estava nadando de volta. Da mesma forma íntima com que entrou no mar, saiu – como que surgida das ondas, se materializando na espuma que a envolvia.

Estava diferente. Foi direto para a cadeira ao lado da de Maurícia. Não sentou. Afastou os cabelos do rosto, tirou o excesso de água e os prendeu com uma piranha para o alto, emanando uma energia serena, límpida.

Estava começando a passar protetor, quando Miguel se juntou a elas.

Depois de deixar as raquetes e a bolinha na areia e pegar o boné na bolsa, ele informou:

– Vou dar uma caminhada com o Le. Voltamos daqui a pouco.

PERIGOSAS ACHERON

Atrás dele, Leandro piscou:

– Comportem-se, meninas!

Deu dois passos em direção a Miguel, e parou. Virou-se com um sorriso malicioso para elas:

– Pensando melhor: divirtam-se!

Nenhuma das duas disse nada. Foi totalmente tácito o silêncio que se estabeleceu. Liv terminou de passar protetor e se sentou na única cadeira que estava no sol. Na frente de Maurícia, só que de lado para ela. Não a mudou de lugar. Apenas inclinou o encosto para trás, deitou, e fechou os olhos.

Maurícia ficou observando o irmão e o cunhado se afastarem até perdê-los de vista. Deu um último gole na cerveja, levantou, acenou e mostrou a latinha para que a atendente do quiosque visse, antes de perguntar para Liv:

– Quer alguma coisa?

Ela abriu os olhos e a fitou, visivelmente perdida:

– Ahn?

Maurícia conseguiu conter a vontade de rir, mas a voz soou divertida:

– Pedi outra cerveja. Tu vai querer alguma coisa?

Nesse exato momento, a garçonete do quiosque surgiu. Pegou a latinha vazia e entregou outra cheia

PERIGOSAS NACIONAIS

para Maurícia. Liv pediu diretamente para ela:

– Uma água de coco, por favor.

Quando ela subiu para buscar o pedido, Liv propôs:

– Não sei você, mas eu estou faminta! Que tal pedir um petisco?

Maurícia concordou com um sorriso:

– Eu ia sugerir exatamente isso.

Liv sorriu também:

– Camarão ao alho e óleo? O daqui é ótimo!

Maurícia aquiesceu de novo enquanto sentava:

– Se tu diz...

Desviou os olhos para a latinha de cerveja. Abriu e tomou um gole. Liv virou, deitou de bruços na cadeira para pegar sol nas costas, equilibrando-se com a destreza de quem é muito acostumada a fazer isso. Depois, ajeitou a parte de baixo do biquíni. Maurícia até se esforçou, mas não teve como deixar de seguir o gesto com os olhos.

Assim que Liv ficou confortável, a garçonete parou ao lado dela com o coco verde nas mãos, esperando para entregá-lo. Deixou escapar um suspiro preguiçoso. Não precisou fazer qualquer movimento. Maurícia foi rápida em entendimento, ação e palavras:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Deixa que eu pego pra ti.

Recebeu o coco e aproveitou a deixa da atendente:

– Mais alguma coisa?

Para pedir:

– Uma porção de camarão ao alho e óleo.

Ela anotou antes de se retirar. Ainda deitada com as mãos cruzadas debaixo do rosto para protegê-lo do nylon áspero da cadeira, Liv agradeceu:

– Obrigada.

Com um aceno de cabeça, Maurícia substituiu o usual “de nada”. Liv pediu:

– Será que você poderia...

Não precisou completar. Disse tudo com a mão indicando o chão.

– Claro.

Maurícia se abaixou e depositou o coco na areia, debaixo da cadeira de Liv, os canudos num ângulo em que ela poderia perfeitamente sugá-los sem precisar mudar de posição.

Liv sorriu, achando graça:

– Já tá se tornando repetitivo, mas... Agradecer nunca é demais, né? Obrigada.

Dessa vez, Maurícia respondeu:

– Tudo bem.

PERIGOSAS ACHERON

Antes de voltar a sentar na própria cadeira. Ficaram alguns minutos daquele jeito. Liv pegando sol de olhos fechados, só os abrindo de tempos em tempos para tomar a água de coco. Maurícia sentindo o vento no corpo e no rosto, olhando o mar e bebendo cerveja. Quando a latinha chegou ao fim, pôs-se de pé, tirou os óculos escuros e informou:

– Vou na água.

– Tá.

Foi a resposta de Liv. Continuou deitada, mas virou o rosto para o outro lado e a acompanhou com os olhos.

Maurícia caminhou lentamente em direção ao mar. Molhou os pés primeiro. Deixou as ondas irem e virem, enterrando-os um pouco na areia. Depois entrou até a água bater nas coxas. Com as mãos, regou a nuca, o colo e os ombros. Avançou mais um pouco. Parou quando ficou imersa até a cintura. Não mergulhou, apenas tomou fôlego e submergiu, se agachando no mesmo lugar em que estava. Inteiramente molhada, caminhou de volta para a beira.

“Não poderia ser mais rápida, nem mais objetiva”, pensou Liv, com um sorriso divertido.

Foi interrompida pela garçonete. Levantou para ajudá-la, mas não foi necessário. Com a precisão despreocupada de quem faz aquilo milhares de vezes por dia, a garota depositou o prato e alguns guardanapos de papel no banquinho de plástico que também havia trazido.

Liv entregou para ela o coco vazio e a latinha de cerveja, depois de a sacudir para se certificar de que estava vazia.

– Mais uma?

Foi Maurícia que respondeu, antes de parar ao lado delas:

– Por favor. E tu, Liv? Mais um coco?

Indecisa, Liv pensou um pouco antes de finalmente resolver:

– Não. Cerveja também.

Com um sorriso divertido, Maurícia falou para a atendente:

– Duas cervejas então.

Sentaram em duas cadeiras lado a lado na sombra. Mal haviam começado a saborear os camarões – sem que Liv pudesse conter a exclamação:

– Uhm... Delícia!

Nem Maurícia conseguisse deixar de rir da

PERIGOSAS NACIONAIS

manifestação de prazer tão espontânea – quando a garçonete voltou trazendo as bebidas.

Rapidamente, Maurícia limpou os dedos num guardanapo de papel e pegou a dela. Já Liv levou os dedos à boca e os sugou, um por um, livrando-os da gordura da comida.

Depois de entregar as duas cervejas, a garçonete as deixou novamente sozinhas.

Uma brisa suave passou por elas enquanto abriam as latinhas, se olhavam e sorriam. Num entendimento mudo, sem que nenhuma palavra fosse proferida, antes do primeiro gole encostaram as partes de cima dos cilindros metálicos, num despretensioso brinde ao dia.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO OITO

Liv depositou os talheres no prato, absolutamente satisfeita com o peixe maravilhoso – especialidade do quiosque – que haviam acabado de devorar. Recostou-se na cadeira e juntou-se a Leandro, Miguel e Maurícia na preguiçosa contemplação da paisagem. Penalizada, suspirou:

– Como eu queria ter a minha câmara comigo aqui agora!

O dia de sol radiante, ressaltando os contrastes entre areia, montanha e mar, imprimia no céu tons extraordinários. Realmente merecia ser fotografado.

Num impulso, Liv levantou-se da cadeira amarela de plástico, aproximou-se da pequena mureta de pedra de dois palmos e meio de altura e subiu nela, com as mãos formando um meio quadrado na frente dos olhos, como se tirasse uma

PERIGOSAS ACHERON

série de fotos imaginárias.

– Fantástico!

Exclamou Leandro, num estado de total felicidade. Maurícia olhou para ele numa interrogação muda, que obrigou Miguel a explicar:

– Além de arquiteta, a Liv também é fotógrafa. Ótima, por sinal. Faz fotos incríveis, mas... Tem pelo menos seis meses que não...

Leandro não o deixou terminar:

– Resumindo: a bichinha tava tão deprimida que dizia que não sentia vontade nem de pegar na máquina. Parece que finalmente, vai conseguir superar a...

Só perceberam o retorno de Liv quando escutaram:

– Falando de mim, né, viado? Tudo bem, não vou reclamar. Sei que andei te dando trabalho.

– Trabalho nenhum, amiga!

Levantou, apertou Liv entre os braços, e sussurrou para que só ela escutasse:

– Sabe que pode contar comigo sempre, não sabe?

Depois de acenar afirmativamente, Liv beijou Leandro no rosto.

Foi muito rápido. Um instante ínfimo, quase

PERIGOSAS NACIONAIS

impossível de ser registrado. O olhar de Liv se afastou, como que atraído por algo. Mas assim que encontraram os dela, os olhos azuis se desviaram.

Liv ainda permaneceu um momento intrigada, fitando a loira que agora respondia algo para o irmão gêmeo, antes de voltar-se de novo para Leandro. Este a observava com um sorriso implicante nos lábios. Cortou antes mesmo que ele começasse:

– Bicha, não viaja!

A resposta foi direta e rápida, acompanhada de uma piscada sugestiva:

– Eu vi, gata!

E uma sonora risada.

– Vamos fechar a conta?

Maurícia sugeriu, algumas horas mais tarde. Leandro e Miguel se entreolharam e riram, antes de Miguel informar:

– Já tá paga.

Liv protestou:

– Como assim?

Não só não se acostumava, sentia-se constrangida com a mania que os dois tinham.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Inúmeras as vezes que já havia reclamado e ameaçado:

– Assim não saio com vocês nunca mais!

Inútil. Os dois sempre davam um jeitinho. Como naquele momento exato:

– Liv, não esquentar! Deixa quieto, vai!

Maurícia também tentou protestar:

– Não! Eu faço questão de...

Mas Miguel a impediu de continuar:

– Nós convidamos, nós pagamos. Caso encerrado.

A gaúcha suspirou, numa demonstração inquestionável de contrariedade. Mas não proferiu nem mais uma palavra. Liv ainda insistiu:

– Absurdo isso! O Miguel nem bebeu!

Leandro a cortou definitivamente, com uma única palavra:

– Calada!

O celular de Liv tocou assim que entraram no carro.

– Alô? Oi, Fábio! Não, tamos saindo da praia. Não sei. Vou perguntar.

Afastou o aparelho do ouvido para informar:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ele quer saber se vocês tão afim de dar uma passada lá.

Leandro e Miguel olharam para Maurícia juntos, com uma precisão que, se combinada, jamais seria tão grande, muito menos tão enfática. Maurícia deu de ombros, a última coisa que queria era atrapalhar. Como se lesse os pensamentos dela, Miguel falou:

– Mau, tu pode dizer que não.

Mas Maurícia sabia, estava escrito no tom do irmão, que ele queria ir, assim como os outros. Não seria ela a responsável por estragar a diversão das pessoas:

– Por mim tudo bem.

Miguel sorriu, agradecido pelo que sabia muito bem ser uma concessão, antes de virar-se novamente para o volante:

– Então vamos!

Só depois de um último olhar, como que verificando se Maurícia mudaria de ideia ou não, Liv colocou o celular no ouvido e informou:

– Tamos indo praí, Fá.

Leandro ofereceu uma vez mais, parecendo não acreditar:

PERIGOSAS ACHERON

– Tem certeza? Não quer mesmo, Mau?

Maurícia olhou para os sushis e sashimis e negou outra vez, sem hesitar:

– Não, muito obrigada.

Até gostava de comida japonesa. Mas não era, nem de longe, a preferência dela. Óbvio que se fosse um bom churrasco, de preferência costela bovina, jamais conseguiria recusar. Em se tratando de peixes e camarões, estava plenamente satisfeita com os que havia comido na praia. Limitou-se a tomar mais um gole de uísque e a suspirar.

Olhou em volta. Leandro e Miguel, abraçados perto da piscina, se beijavam. O tal de Fábio fazia o mesmo com um moreno musculoso na espreguiçadeira em que estavam deitados, de forma bem menos comportada. Liv estava completamente entretida, deliciando-se de forma visível com a culinária nipônica.

Maurícia então se levantou da cadeira em que estava sentada e afastou-se, sem falar nada. Numa repetição irrefletida caminhou, como na véspera. Até deparar-se com o castelinho. Ficou ali parada no escuro, o pensamento divagando, pensando em tudo e em nada. Não sentiu a presença atrás de si. Ressentiu-se com a pergunta inesperada:

PERIGOSAS NACIONAIS

– Você tá bem?

Maurícia se virou devagar, seriíssima. Devolveu o olhar de Liv com frieza:

– Por que não estaria?

O tom de voz ríspido desconcertou Liv. Um profundo acanhamento a dominou. Desviou os olhos, absolutamente constrangida. Por puro instinto, recuou dois passos antes de se justificar:

– Desculpe, eu... Não queria te inco...

Maurícia a interrompeu, profundamente arrependida:

– Se alguém tem que pedir desculpas aqui, sou eu. Fui rude, eu sei. Não lido muito bem com surpresas.

Olhando diretamente para os olhos azuis, com um alívio suave e doce, Liv a absolveu:

– Tudo bem.

Sorriu antes de brincar:

– Sem ferimentos visíveis.

O gracejo arrancou de Maurícia um comentário inacreditável:

– Tu deve me achar antissocial, né?

Liv negou de imediato:

– Te acho controlada. Segura. Sempre certa de tudo que faz e diz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Frente à expressão surpresa da loira, fez questão de explicar:

– O que não é nada ruim. Adoraria ser mais consistente, menos contraditória, mas...

Abriu os braços, de um jeito impulsivo que Maurícia achou admirável:

– Fazer o quê? Eu sou assim.

Incontrolável o sorriso. Maurícia sequer tentou, deixou que ele se expandisse:

– Não acho que tu seja tão incoerente quanto diz.

Liv insistiu:

– Sou um caso perdido. Vai por mim.

E riu.

Maurícia olhou para Liv, como se pela primeira vez a visse. Demorou-se um pouco mais na boca, o brilho azul fixo. Surpreendeu-se com o que cogitou. Afastou o pensamento traiçoeiro rapidamente, como se tivesse medo de segui-lo, desviando a atenção para o castelinho.

O riso de Liv morreu repentinamente, como que engolido. Respirou fundo, tentando recapitular, certificar-se do que achava que tinha visto. Sacudiu a cabeça, numa negação muda. “Não. Não havia nada naquele olhar. Havia?”

– Tá trancado?

PERIGOSAS ACHERON

A frase repentina fez Liv gaguejar:

– Ahn?

Sem fitá-la, Maurícia repetiu, apontando para o Castelinho:

– Tem como entrar?

Como resposta, Liv cruzou a pequena ponte por cima do laguinho que cercava a construção em miniatura, girou a maçaneta da porta e a abriu.

– Fica sempre aberto.

Finalmente disse. Tateou a parede a procura de algo:

– A luz fica por aqui... Pronto.

Deu espaço para que Maurícia entrasse. Foi da soleira da porta que perguntou:

– E então? O que achou?

Maurícia olhou em torno e deu de ombros. Não tinha muito para se ver no único cômodo. Vazio, chão de cimento batido, paredes lisas, sem nada além da pintura branca. No meio, uma escada de madeira crua que terminava... Apertou os olhos para enxergar melhor e viu o corte em forma de janela no teto. Obviamente, não se tratava de um sótão.

– Isso leva aonde?

Pararam uma de frente para a outra, com a

escada entre elas. O olhar de Liv seguiu o de Mau:

– Lá em cima é uma espécie de terraço.

Os olhos desceram juntos, se encontrando no final. Foi Liv quem desviou primeiro. Apenas para, logo depois, voltar a fitá-la. Bastou Maurícia perguntar:

– Posso ir lá?

Liv fez um gesto indicando os degraus:

– À vontade.

Apesar de da estar segurando o copo de uísque em uma das mãos, Maurícia subiu a escada com facilidade. Empurrou a pequena porta – que abriu para fora – e atravessou a passagem, desaparecendo de vista.

Um desconforto inexplicável fez com que Liv pensasse em permanecer lá em baixo. Incompreensivelmente, viu-se subindo o primeiro degrau. Apesar da sensação persistente, quase palpável, de que o melhor a fazer era permanecer quietinha no primeiro andar, galgou toda a escada. Encontrou Maurícia admirando a vista no terraço. O vento nos cabelos lhe conferindo um aspecto inacreditável. De súbito, virou-se, o azul dos olhos refletindo a pouca luz, como os de um gato.

Liv arrepiou-se. Abraçou o próprio corpo,

PERIGOSAS NACIONAIS

esfregando os braços. Culpando a pouca roupa que usava – apenas uma saída de praia em cima do biquíni –, deixou escapar:

– Que frio!

Para Maurícia a brisa estava morna, absolutamente agradável. Contestou com uma única palavra:

– Bah!

Ficaram ali paradas, fitando-se. Foi a vez de Maurícia afastar o olhar. Liv informou apressadamente:

– Vou voltar lá pra baixo.

Maurícia não se moveu:

– Tá.

Depois que Liv desceu, Maurícia ainda ficou alguns instantes fitando a porta-buraco. Buscando compreender, assegurar-se de que o que pensava ter percebido não passava de uma impressão errônea. Por fim, balançou a cabeça, sorrindo, numa negação divertida. “Estou imaginando coisas.”

E desceu atrás de Liv.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO NOVE

Liv estava esperando Maurícia perto da porta, ansiosa para juntar-se aos outros.

Com uma espécie de incômodo – leve, porém impossível de ignorar. Estava lá, quando a gaúcha desceu os degraus um por um. Bem devagar.

Com uma educação não estudada, Liv fez um gesto em direção a pequena porta, para que Maurícia fosse a primeira a passar. Maurícia, por sua vez, repetiu o gesto. Para que Liv fosse na frente. O instante de hesitação foi mútuo. Derradeiramente uníssono. Depois de um instante paradas, fitando-se, moveram-se juntas. Esbarrando uma na outra no caminho. O constrangimento comum transformando-se num riso compartilhado, cúmplice. Até Maurícia recuar um passo, ainda sorrindo, sugerindo a Liv que prosseguisse. Ela tomou a frente, absolutamente ciente do olhar da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

outra atrás dela. Parou assim que atravessou a ponte e chegou em terra firme. Virou-se, deparando-se com Maurícia tão próxima que chegou a sentir nos lábios a respiração dela.

Novamente, os olhares se fundiram. Mil pensamentos pairando, insinuando, sugerindo. O impulso foi de avançar. Entregar-se à impetuosidade dos sentidos. Entretanto, nenhuma delas tomou a iniciativa. Ficaram paradas, como duas desafiantes que se encaram num ringue.

O momento foi lacônico. Ínfimo. Inteiramente extinto pelos risos que vieram da piscina.

– Parece que eles estão se divertindo.

Liv deixou escapar, mesmo sem saber ao certo porque tais palavras saíram.

– É.

Foi a resposta monossilábica de Maurícia.

Era óbvio. Ambas sabiam. Mas nenhuma das duas estava dada a instantes impensados, precipitados e fugidios. Pelo menos não naquele dia.

Maurícia deu um gole no copo de uísque aguado, repleto de gelo derretido. Liv desviou os olhos e caminhou de volta para a suposta proteção dos amigos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Vamos indo?

A frase bombástica fez com que todos olhassem para Liv.

Leandro se aproximou da amiga, puxou-a para um canto e cochichou no ouvido dela:

– Que foi?

No mesmo tom baixinho, Liv retrucou:

– Nada. Só estou cansada.

Ele replicou:

– Não aguenta nem mais um pouquinho?

E ela suplicou:

– Le... Vamos, por favor...

Não convenceu Leandro:

– Que houve? Aconteceu alguma coisa. Fala!

Liv suspirou:

– Quero ir pra casa. Só isso.

Mas Leandro a conhecia bem demais:

– Liv... Você não confia mais em mim?

Fitou-a profundamente. A ponto de Liv não mais resistir:

– Vocês tão forçando uma barra... E eu... Não quero... Sei que vou me arrepender depois...

Ele não compreendeu. Ou fingiu:

– Do que você tá falando? Não tô entendendo nadinha!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Rapidamente, ela ponderou:

– Eu e Maurícia...

Os olhos de Leandro brilharam:

– Rolou?

Indefinível o tom com que Liv disse:

– Não!

Uma curta pausa antecedeu o que se seguiu:

– Nem vai, por mais que...

Parou abruptamente, como se só então pensasse no que estava sendo dito. Leandro riu, antes de provocar mais ainda:

– Não tem como negar, linda: tá o maior clima!

Foi com uma raiva desenfreada que Liv afirmou:

– Eu não quero, tá me ouvindo?

Tão enfática que Leandro simplesmente acatou:

– Se você diz...

Maurícia não se sentou, nem ficou observando Liv conversando com Leandro. Pelo contrário. Virou-se, dando as costas como se não lhe dissesse respeito. Exatamente como gostaria. Miguel, entretanto, não deixou barato. Aproximou-se da irmã com um sorriso no mínimo provocativo:

– Também quer ir?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela foi autêntica:

– Tu sabe que eu nem queria ter vindo.

Miguel apertou os olhos muito azuis, como se não estivesse convencido:

– Vou fingir que acredito.

Maurícia preferiu não discutir. Deu de ombros, antes de proferir:

– Vamos indo?

Coincidência ou não, a mesma frase de Liv.

A volta não teve palavras. Ninguém disse nada. Apenas a música que Leandro colocou em alto e bom som quebrou o silêncio absolutamente estabelecido. A primeira delas – a versão do The Corrs de “*Everybody Hurts*” – escolhida propositalmente.

Maurícia e Liv não se entreolharam. Não foi necessário. As duas pensavam o mesmo, era inquestionável. Entretanto, nenhuma das duas esboçou reação nenhuma.

Quando Miguel parou o carro em frente a portaria de Liv, ela não desceu, como se esperasse o que se seguiu:

– Amanhã vamos fazer um programa mais cara

PERIGOSAS ACHERON

da Mau. Com certeza, você vai gostar. Feirinha da Praça Quinze. Que tal, Liv?

Leandro perguntou só para constar, pois sabia perfeitamente qual seria a resposta:

– Como recusar?

Foi dizendo para si mesma que queria sair com eles no dia seguinte pelo programa em si, que realmente adorava, e mais nada, que Liv sumiu portaria a dentro.

Maurícia não a seguiu com os olhos quando Liv saiu do carro e entrou no prédio em que morava. Parecia mais interessada no que eles haviam programado:

– Como assim, um programa mais a minha cara?

Foi Miguel quem respondeu:

– Um monte de barraquinhas com coisas velhas, ou como tu prefere chamar: antiguidades. Calma, mana. Com certeza, tu vai amar.

Liv caminhou entre as barracas com a máquina fotográfica em punho, registrando com singularidade o próprio olhar para o peculiar que lhe era tão comum. Perguntando-se se encontraria em qualquer outra cidade, espírito, calor e cor

como os da cidade maravilhosa. O coração pulsava, sem que fosse preciso qualquer outro estímulo: “eu amo o Rio!”, enquanto fotografava com um prazer visível.

– Não tem medo de te roubarem?

A pergunta de Maurícia fez Liv rir:

– Não estamos em guerra civil como os noticiários pintam. Eu nunca fui assaltada, sabia?

Maurícia duvidou:

– Nunca?

Fazendo Liv sentir-se um tanto quanto ofendida:

– Sei por onde ando, não sou turista!

Os ânimos poderiam ter se exasperado, se Miguel não impedisse:

– Olha aquele baú, Mau! Não parece o que o vô Floriano tinha?

Mais do que olhou. Maurícia se dirigiu até o objeto, interessadíssima. Passou a mão por cima do couro do baú como quem faz uma carícia. Liv aproveitou para fotografar minuciosamente o que se seguiu. A loira agachou, analisou as fechaduras como se fosse perita antes de finalmente soltá-las para abrir a tampa da arca quase com reverência:

– É linda!

Aspirou o cheiro que se desprendeou, deliciando-

se com o interior envelhecido.

– Quanto custa?

Não hesitou ao ouvir o valor. No entanto, só fechou negócio depois que pechinhou. Puxou as notas da carteira com cuidado, uma satisfação absolutamente controlada, apesar de explícita, com o resultado.

– Deixa que nós levamos pro carro.

Miguel falou, já levantando o objeto recém-adquirido pela irmã com a ajuda de Leandro. Incrivelmente, Maurícia não protestou. Apenas balançou a cabeça, numa concordância ímpar. Continuou andando entre as barracas como se Liv não existisse. No entanto, estava plenamente consciente da presença atrás da máquina fotográfica digital, capturando cada respiração através dos cliques.

Em princípio, foi por defesa que Maurícia se viu impelida a perguntar:

– Não vai comprar nada?

O questionamento foi eficaz. Fez com que os olhos de Liv saíssem de trás da lente da máquina:

– Na verdade, não.

Algo sutil, quase imperceptível. Oculto, mas ali, na indiferença refreada com que foi dada a resposta

de Liv, fez a curiosidade de Maurícia realmente ser provocada. Tanto que insistiu:

– Veio só pra olhar?

O sorriso de Liv foi significativamente melancólico:

– Digamos que não estou podendo ter despesas extras.

Aquilo despertou recordações que Maurícia não foi capaz de controlar. A empatia cresceu, transbordou, preencheu o espaço entre elas de forma irrefutável:

– E se tu pudesse?

Fitou-a de forma tão profunda que Liv teve dificuldade em conseguir articular:

– Gastar?

Uma afirmação simples de cabeça foi a resposta de Mau. Numa ocasião normal, Liv teria despistado com um frio: “Não compraria nada”.

Inexplicavelmente, fez o contrário. O estranho encadeamento das coisas instigando-a a falar:

– O colar.

Maurícia seguiu o olhar de Liv e sorriu ao avistar o objeto indicado. Era bonito. E parecia combinar com ela, de verdade.

Assim que viu Maurícia pegar o colar nas mãos e

perguntar quanto custava, Liv se arrependeu do que havia confessado:

– Não, eu... Falei sem pensar...

Foi impedida de terminar:

– Eu sei.

Protestou outra vez:

– Minha intenção não era absolutamente...

Ainda sem fitá-la, Maurícia replicou:

– Não é nada de mais.

A frase foi dita num tom que tornaria impossível, para qualquer outra pessoa, contrariá-la. Não para Liv que, absolutamente sem graça, voltou a recusar:

– Não precisa. De verdade. Eu não vou me sentir bem se você...

Como se não houvesse escutado, Maurícia comprou o colar e virou-se para Liv, o azul imperativo dos olhos afetuosamente suave ao afirmar:

– E eu não vou me sentir bem se tu não aceitar.

CAPÍTULO DEZ

– Toma. Pega. É teu.

Maurícia estendeu o colar em direção à Liv que, sem outra escolha, acabou segurando-o na própria mão.

– Nem doeu nada, doeu?

Os olhos muito azuis a fitaram, intimamente divertidos, deixando Liv sem resposta. Miguel as interrompeu:

– E então? Podemos ir? Ou ainda querem comprar mais alguma coisa?

Leandro exclamou, assim que viu o colar que Liv ainda estava segurando:

– Uau! Que lindo!

Ela olhou para Maurícia, que apenas disse:

– Vamos?

Antes de dar o braço ao irmão e afastar-se, saindo da feirinha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Caminharam pelo Centro do Rio devagar, apreciando cada canto e recanto. Leandro disparando inúmeras informações e curiosidades sobre as ruas, a história da cidade, as construções... Em frente ao Teatro Municipal, Liv deixou escapar:

– Incrível como a gente não repara naquilo que se torna banal.

Maurícia embarcou na viagem:

– Passa pelas coisas, olha e não vê, não é verdade?

E Liv completou:

– É isso sim, mas muito mais... Em tudo, não só nos lugares... Nas pessoas, ações, reações e relações por que passamos... E talvez exatamente no detalhe do detalhe esteja a verdadeira essência do que é real...

Leandro exclamou:

– Ah, não! Esse papo tá filosófico demais pra minha pobre cabeça de vento! Com licença!

Antes de se afastar em direção ao Amarelinho, seguido por Miguel. As duas riram, fitando-se com cumplicidade. Maurícia então falou:

– Bom... Acho que poderíamos ficar o dia inteiro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui de pé discorrendo sobre isso.

– É verdade.

Os olhos voltaram a se encontrar. Foram os de Liv que se desviaram, buscando a mesa onde Miguel e Leandro estavam sentados:

– Mas tem dois chopes nos esperando, estupidamente gelados...

Maurícia riu e assentiu:

– Então vamos.

Nem a enorme quantidade de chopes ingerida conseguiu convencer Maurícia:

– Não.

Leandro não se conformava:

– Minha cunhada não vai ficar trancada em casa em sua última noite no Rio!

Miguel ajudou, insistindo. Liv não opinou. Limitou-se a espetar uma das últimas batatas fritas com um palito e levá-la à boca.

A controvérsia se tornou interminável. Liv continuou fingindo estar absolutamente concentrada no prato de petisco, até que este ficou vazio. Com um suspiro, viu-se obrigada a intervir:

– Deixem a Maurícia comigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os três a fitaram, absolutamente surpreendidos. Leandro soltou um agudíssimo:

– Como é?

Liv limpou a boca com um guardanapo de papel antes de sugerir diretamente para Maurícia:

– Você pode ir lá pra casa. Assim os dois podem sair pra dançar sem culpa.

Miguel e Leandro se entreolharam rapidamente, antes de se virarem para Maurícia:

– E então?

– O que tu diz?

Maurícia deu a resposta ainda com os olhos fixos nos de Liv:

– Tudo bem por mim.

Assim que Miguel e Leandro as deixaram na portaria de Liv, esta disse:

– Se preferir nem precisa subir. Posso te deixar em casa.

A resposta de Maurícia foi imediata:

– Não, tudo bem. Eu pego um táxi.

Só então Liv pareceu se tocar:

– Olha, eu... Desculpa, acho que me expressei mal. Não tô te expulsando, eu... Só quero que você

PERIGOSAS ACHERON

fique à vontade...

Havia um brilho levemente divertido nos olhos azuis quando Maurícia disse:

– Fica tranquila. Não precisa se incomodar.

O passo que Maurícia esboçou em direção a rua foi interrompido pela mão de Liv em seu braço:

– Espera!

Os olhos se encontraram. A serenidade intensa dos azuis impulsionando Liv a ser absolutamente sincera:

– Eu convidei porque queria te ajudar a se livrar deles, claro. Mas também porque gosto da sua companhia. De verdade. Não quero que você se sinta obrigada, mas pode ter certeza que não vai me incomodar, pelo contrário.

Liv abaixou os olhos por um momento, numa breve pausa, antes de fitar Maurícia profundamente ao completar:

– Vai ser um prazer te receber na minha casa.

Liv abriu a porta do próprio apartamento, estendeu o braço e acendeu a luz sem olhar, num gesto que sequer precisou ser pensado, de tão usual. Entretanto, nada havia de banal em suas ações.

Muito pelo contrário.

Assim que pisou na sala, deu um passo para o lado para que Maurícia também pudesse entrar. Trancou a porta atrás delas com uma tranquilidade falsa. No fundo, estava tensa. Mais do que o natural. Tentou encontrar um motivo, sem muito resultado. Os últimos tempos – os últimos seis meses para ser mais exata – pareciam lhe haver furtado a noção do que deveria ou não ser normal.

Por fim, achando graça em si mesma, virou-se para Maurícia, que continuava parada no mesmo lugar.

Pouco à vontade, Maurícia preferiu permanecer imóvel, com exceção do olhar, que avaliou o pequeno cômodo bem devagar. Simples, prático, criativo, aconchegante, confortável. Conclusões que Maurícia já esperava. Antes mesmo de começar a avaliar o local. Não prestou muita atenção em detalhes. Na verdade, fixou-se quase hipnotizada num dos cantos da sala. Não precisou falar nada. Liv percebeu imediatamente onde o interesse dos olhos azuis estava:

– Eu... Não tive coragem de jogar fora...

Disse como se tentasse se justificar. Com um sorriso impetuoso, que surpreendeu Liv, Maurícia

pediu:

– Posso olhar?

O aceno positivo de cabeça fez com que o sorriso crescesse mais ainda, antes de Maurícia atravessar a sala com passadas largas e rápidas para ajoelhar-se na frente da coleção de discos de vinil. Passou um a um, entre os dedos, analisando as capas com excessivo cuidado, como se lidasse com preciosidades. O que para ela, eram de fato:

– Tu tem coisas incríveis aqui.

Liv sussurrou num tom quase confessional:

– A maioria era do meu pai.

Maurícia levantou os olhos para Liv. Encontrou-a com as mãos nos bolsos de trás da calça jeans que usava e a cabeça baixa, imersa num longínquo ponto imaginário. Chamou-a de volta com suavidade:

– O toca discos funciona?

Foi com o olhar ainda perdido que Liv perguntou:

– A vitrola?

Sem esperar a confirmação de Maurícia, Liv respondeu um lacônico “sim”.

O breve instante de silêncio que se estabeleceu não foi calculado. Maurícia continuou ajoelhada no

chão, olhando para Liv de baixo, esperando pacientemente que ela afinal apontasse os vinis e completasse:

– Se quiser escutar algum... Fique à vontade.

O mal-estar visível fez Maurícia questionar:

– Tem certeza?

Liv sorriu, inclinando a cabeça de lado:

– Claro.

– Não vai te incomodar?

Fitaram-se. O olhar azul extraíndo de Liv a mais inesperada sinceridade:

– Na verdade, eu não sei. Faz tempo que não tenho coragem de tocar esses discos. Mas... Podemos tentar.

E como Maurícia ainda hesitasse, acabou por gracejar:

– O máximo que pode acontecer é eu ficar sentimental demais, e... Bem... Não se assuste se eu começar a chorar...

O sorriso de Maurícia contrastou com o tom sério da resposta:

– Não me assusto assim tão fácil.

A única coisa que Liv conseguiu dizer foi:

– Então tá.

Antes de sentar no chão ao lado dela, num

entrosamento muito mais do que tácito.

Segurando o LP entre as mãos, com cuidado para não sujar nem arranhar as faixas com as próprias digitais, Maurícia o depositou sobre o prato. Apesar de já ter repetido o mesmo movimento diversas vezes antes naquela noite, foi com um prazer inesgotável que levou o braço do toca discos até a faixa desejada, contando mentalmente:

– Um, dois, três...

E o pousou de forma precisa, para que o ruído da fricção da agulha no vinil se instaurasse, deliciosamente incomparável, antes que o início da quarta música do lado A de *Use Your Ilusion I* tocasse: “*Don’t cry*” – Guns N’ Roses.

Liv começou a rir, de forma inexplicável. Maurícia não perguntou nada. Apenas sentou novamente ao lado dela, fitando-a, como se deixasse claro que não tinha pressa.

A intenção de Liv não era, de forma alguma, ser misteriosa, muito menos desagradável. Tentou sufocar o riso, enquanto explicava:

– Desculpe, eu... Não pude evitar... É que essa música...

PERIGOSAS NACIONAIS

O olhar fixo de Maurícia a instigou a dizer:

– Foi com ela que perdi a minha virgindade.

Maurícia apertou os olhos, nitidamente interessada. Mas nem assim disse nada. Apenas deixou que, em seu próprio tempo, Liv completasse:

– Eu tinha dezesseis. A primeira e última vez que eu transei com um cara.

Calou-se. Fitou Maurícia, que compreendeu que, se não perguntasse, Liv não falaria mais:

– Era teu namorado?

Liv assentiu com a cabeça.

– E o que foi assim tão engraçado?

A resposta foi imediata:

– Na verdade... Agora eu consigo achar graça, mas na época foi exatamente o contrário.

Fez uma breve pausa, deixou que o olhar se perdesse... Um sorriso condescendente se acomodando vagarosamente nos lábios quando, com uma nitidez inesperada, as recordações vieram, se espalharam, se estabeleceram. Não pensava naquilo há muito tempo. O bastante para que pudesse ponderar sem nenhum sofrimento:

– Fiquei pensando na irmã dele o tempo inteiro.

Maurícia deixou escapar:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Capaz!

E perguntou, sem poder se conter:

– Ficaram juntas depois, pelo menos?

Liv riu, divertida com a curiosidade dela:

– Nunca rolou nada. Nem um beijo. Só na minha imaginação de adolescente apaixonada mesmo.

Riram juntas dessa vez. Liv prosseguiu:

– Mas serviu pra eu admitir pra mim mesma, pra ter certeza do que eu sentia realmente. Conheci minha primeira namorada logo depois.

Num impulso, Maurícia se virou e procurou até encontrar o que buscava. Tirou o LP da capa, sem deixar que Liv o identificasse. Ajoelhou, erguendo o corpo, e repetiu todo o processo ritualístico das outras vezes para fazer com que a música “*Wicked Game*” finalmente tocasse. Voltou a sentar de frente para Liv, antes de falar:

– Foi com essa.

Liv franziu o cenho, numa interrogação muda, fazendo com que Maurícia confirmasse:

– A minha primeira vez.

Parou subitamente. Para Maurícia, já era informação até demais. Para Liv, quase nada:

– E?

Não foi a pergunta em si, mas a nudez com que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

os olhos castanhos a fitaram, proporcionando a Maurícia uma confiança completamente inusitada:

– Em 1989. Eu tinha dezoito, foi com o meu primeiro namorado, eu estava apaixonada por ele e não foi, nem de longe, a última vez que eu fiz sexo com um homem.

Sorriu, achando graça na surpresa de Liv, antes de prosseguir:

– Minha primeira vez com mulher foi quase uma década depois. Eu já tinha vinte e sete anos.

A reação de Liv foi igualmente franca:

– Sério?

Apesar do aceno afirmativo de Maurícia, Liv precisou confirmar:

– De verdade?

– De verdade.

– Demorou tanto...

Não precisou completar. Maurícia entendeu perfeitamente:

– Por quê?

O sorriso de Maurícia foi absolutamente divertido:

– É isso que tu ia perguntar?

Liv nem precisou responder. Maurícia sentiu necessidade de esclarecer:

PERIGOSAS ACHERON

– Não sei. Nunca evitei. Também não procurei. Foi quase natural... Amar uma mulher. Com uma veemência que eu sequer suspeitava que pudesse existir. Como se eu... Amasse integralmente pela primeira vez. E depois disso, meu interesse pelos homens meio que... Desapareceu? Não é bem isso, a verdade é que... Com eles jamais foi tão intenso, e eu simplesmente... Não vejo por que insistir em algo que... Não me completa realmente.

Fitaram-se, num entendimento mudo.

Peculiar o desassossego que se seguiu. Inquietação tal, que fez com que Maurícia inconscientemente recuasse, esbarrando na pilha de LPs.

Aliviada, desviou a atenção para os vinis que caíram e aproveitou para tentar mudar de assunto, trocando a música novamente:

– Não acredito que tu tem isso!

Calaram-se, ambas, para ouvirem Pearl Jam tocando “*Can’t Help falling in Love*”.

Sons que, de súbito, preencheram além dos ouvidos, habilmente pulsando, provocando, sugerindo fazer sentido, embora não houvesse racionalidade alguma naquilo. Toda e qualquer distância entre elas parecendo se extinguir quando

os olhos se tocaram, profusamente envolvidos. Das pupilas para os lábios, percorreram juntas, compartilhando a descida com uma suavidade ímpar. Da mesma forma uníssona, as bocas se entreabriram. Menos na tentativa de restabelecerem a respiração normal, do que num silencioso pedido.

Os olhares voltaram a se encontrar, tornando o consentimento mútuo ainda mais explícito. Bastava o mais leve esboço de iniciativa, um movimento ínfimo, para que o beijo se tornasse verdadeiramente físico.

E as duas estavam dolorosamente a par disso.

CAPÍTULO ONZE

Lentamente, o corpo de Liv inclinou-se para frente. O mesmo impulso que a impeliu a fez parar no meio do caminho, intuindo que transpor a outra metade caberia a Maurícia. Sem desviar os olhos dos dela, com o mesmo vagar, Maurícia aproximou-se, sabendo que Liv estava à espera.

As bocas se encontraram com uma inevitabilidade consumada, fazendo com que da garganta de Liv escapasse um gemido abafado, e o corpo inteiro de Maurícia estremecesse. Mesmo assim, o toque permaneceu delicado, apenas nos lábios, levando Liv a entreabrir os dela, numa demonstração de impaciência que Maurícia preferiu ignorar. Com uma ausência total de pressa, roçou, sugou, mordiscou, passou a pontinha da língua com suavidade nos lábios de Liv.

Só muito depois, quando o ritmo lânguido,
PERIGOSAS ACHERON

arfante, profundamente entregue se tornou recíproco entre as duas, invadiu a boca de Liv com a língua, buscando a dela.

Suspiraram juntas quando as línguas finalmente se tomaram, rendendo-se por completo. Segurando Liv pela cintura, Maurícia puxou-a para si. Liv correspondeu integralmente, deslizando uma das mãos pelo pescoço de Maurícia, enquanto subia a outra pelas costas dela, abraçando-a com o mesmo ímpeto. Inteiramente imersas no prazer narcotizante que se estabeleceu, tocaram-se a fundo, esqueceram-se de tudo, perderam a noção do tempo.

Foi Liv quem recuperou a razão primeiro. Sem motivo aparente. Como um antídoto que, pouco a pouco, a desintoxicasse da inconsequência do momento.

Nenhum remorso veio. Apenas um súbito receio. Sentindo o corpo de Liv repentinamente tenso, Maurícia a soltou, interrompendo o beijo.

Afastaram-se juntas, olhando-se fixamente. Até Liv sorrir, quebrando o silêncio:

– Quer beber alguma coisa?

Maurícia não respondeu de imediato. Continuou fitando Liv, querendo compreender do que

realmente se tratava. Não obteve resultado. O que leu nos olhos castanhos era absolutamente indecifrável. Sorriu de volta, sabendo perfeitamente qual seria a melhor forma de esclarecer de fato:

– Acho melhor eu ir embora.

Ainda sem desviar o olhar, Liv não deixou dúvidas, confirmou de forma enfática:

– Também acho melhor.

O sorriso que compartilharam foi cúmplice, absolutamente amigável. Num entendimento tácito, levantaram-se.

Liv acompanhou Maurícia até o elevador sem mais palavras e despediram-se da mesma maneira rápida. De longe, sem se tocarem.

Maurícia desceu, atravessou a portaria e, assim que fechou o portão atrás de si, avistou um táxi. Esticando o braço para fora da calçada, fez sinal.

O automóvel amarelo parou com a porta exatamente na frente dela, que a abriu, entrou, e informou:

– Rua Major Rubens Vaz.

Enquanto o carro arrancava, uma curiosa sensação a rondou, ameaçando instalar-se. Mas

PERIGOSAS NACIONAIS

Maurícia apenas a afastou, deixando-a totalmente para trás.

Quando a porta do elevador se fechou, Liv não ficou aliviada. Na verdade, foi tentando definir o que sentia que percorreu o corredor e entrou em casa. Continuou absorta em divagações quando fechou e trancou a porta do apartamento e virou-se, dando de cara com os LPs no chão, do outro lado da sala. Atravessou o cômodo e desligou a vitrola, que ainda rodava. Tirou o disco que havia ficado no prato, guardou-o cuidadosamente na capa e o arrumou, com os outros, no lugar onde sempre ficavam.

Só depois de tudo organizado, finalmente se permitiu questionar. “Deveria ter pedido para Maurícia ficar?”. Deu de ombros e caminhou até o quarto.

Fosse qual fosse a resposta, já não importava. Era tarde demais.

Miguel e Leandro chegaram em casa tentando não fazer muito barulho. Afinal, já passava das

PERIGOSAS ACHERON

quatro. Quando cruzaram o corredor, Miguel percebeu, pela luz debaixo da porta do quarto de Maurícia, que ela ainda estava acordada.

Sussurrou baixinho para Leandro:

– Vou falar com a mana.

A resposta foi um trôpego:

– Tá.

Bateu delicadamente na porta e chamou:

– Mau?

Não obteve resposta, então insistiu, um pouco mais alto. Maurícia ouviu da primeira vez, mas não estava com vontade de conversar. Por outro lado, voltaria para casa no dia seguinte e não fazia ideia de quando o veria de novo. Um momento a sós com o irmão não era algo que pudesse desperdiçar. Tirou o notebook das pernas e o depositou ao lado dela no colchão antes de ceder:

– Entra.

Miguel abriu a porta e estacou assim que viu o computador ligado:

– Atrapalho?

Com um sorriso que foi muito mais um suspiro, Maurícia ordenou:

– Entra logo, vai!

Enquanto entrava e fechava a porta, ele não

conseguiu deixar de fazer uma última piada:

– Quando tu tá com um computador, nunca se sa...

A frase foi interrompida pelo travesseiro que Maurícia lhe atirou na cara.

– Ah, é assim? Esquece que eu conheço teu ponto fraco?

Avançou para ela movendo os dedos no ar e rindo. Maurícia ainda tentou manter a seriedade:

– Nem pense nis...

Mas antes que pudesse completar, o irmão já estava sentado na cama, fazendo cócegas nas costelas dela, sabendo exatamente o quanto isso a deixava vulnerável. Não conseguiu evitar. Gritou, se contorcendo:

– Não! Para!

Tentou escapar, mas Miguel a deteve com facilidade. Ele era mais forte, e, mesmo se não fosse, como quando eram crianças, aquilo a deixava fraca.

– Diz que desiste! Anda!

Exatamente como se tivessem de novo doze anos de idade, Maurícia tentou resistir:

– Nunca!

Só serviu para que ele aumentasse a velocidade

PERIGOSAS NACIONAIS

da cosquinha e exigisse:

– O Miguel é o mais lindo, o mais inteligente, o maior! Fala!

Com muita dificuldade, pois estava chorando de tanto gargalhar e se contorcendo sem parar, Maurícia conseguiu se entregar:

– Eu desisto! Desisto!

Miguel foi implacável:

– E o que mais?

Ela repetiu rápido:

– O Miguel é o mais lindo, o mais inteligente, o maior!

Sabia a frase de cor. Tinha perdido a conta de quantas vezes já havia sido obrigada a repeti-la.

Ele não a soltou, apenas mudou o contato, de cócegas para um abraço:

– Ah, Mau... Eu sinto muita falta de ti, sabe?

Maurícia não só sabia. Sentia o mesmo, porém não estava disposta a se expor a outra sessão de melancolia nostálgica. A com Liv já havia bastado. Deu três tapinhas nas costas do irmão:

– Tá, tá, tá.

Antes de soltar-se dos braços dele, com um implicante:

– Agora chega de viadagem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Miguel conhecia a irmã bem demais para ficar chateado. Entrou na brincadeira:

– Não sei se consigo...

Esperou que uma interrogação se formasse nos olhos dela antes de continuar:

– Entrar nesse teu... “Modo sapata”, sabe?

Riram juntos, com total cumplicidade.

– Quantos meses tu vai demorar pra voltar?

A voz de Miguel soou séria, até demais. Maurícia foi muito mais suave ao questionar:

– Que tal se dessa vez tu e o Leandro fossem me visitar?

A morte do pai, quatro meses antes, tornava a possibilidade plausível. Miguel não pisava na fazenda da família desde... Sequer conseguia lembrar.

Maurícia completou como se lesse os pensamentos do irmão:

– Lá, agora é a minha casa.

Ele deu uma risada:

– Sei... Aposto que tu não mudou nada.

Ela deu de ombros:

– Mudar pra quê?

O olhar que trocaram foi além de tudo que pudessem falar. Mais do que uma simples

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

referência à disposição dos móveis, havia naquele diálogo, aparentemente tão simples, significados que ambos preferiam evitar:

– Falando sério, Mau... Não sei se quero voltar naquele lugar.

Depois de uma pausa, como se respirasse e voltasse à tona, mudou o tom:

– A não ser que...

Esperou Maurícia perguntar:

– O quê?

Antes de afinal soltar:

– A Liv também vá. Que tal?

Piscou, de um jeito absolutamente safado. Maurícia permaneceu séria e calada. Não adiantou nada:

– Bem que tu ia gostar...

Depois de um suspiro exasperado, Maurícia falou, de cabeça baixa, como se desabafasse:

– Não acha que essa brincadeira já foi longe demais?

A reação inesperada o deixou verdadeiramente surpreso. Analisou a irmã de cima a baixo, antes de chamar, quase num apelo:

– Mau...

Esperou que ela levantasse os olhos e o fitasse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

antes de falar novamente:

– Que foi que aconteceu?

Maurícia sabia que, a despeito de qualquer tentativa de omitir, mentir, ou esconder, ele saberia, mas não seria ela a dizer:

– Nada que valha a pena.

O olhar de Miguel se transformou, ficou completamente diferente:

– Não quer mesmo me contar?

Maurícia balançou negativamente a cabeça:

– Vamos apenas esquecer.

Fábio praticamente uivou assim que Liv terminou de falar:

– Para tudo! Para tudo e rebobina! Acho que eu não ouvi direito! Você e a gêmea... Se pegaram? Aqui nessa sala? Por todos os deuses do Olimpo!

O comentário debochado fez Liv se arrepender imediatamente. Na verdade, jamais teria contado ao melhor amigo sobre o acontecido na véspera se não estivesse precisando tanto desabafar.

Nem precisou dizer. Fábio a conhecia bem demais:

– Ai, amiga... Desculpe, vai...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Liv continuou calada, balançando a cabeça de um lado para o outro devagar, numa negação inconsciente. Ele insistiu:

– Você sabe que eu não falei por mal. É que foi realmente uma surpresa.

– Pra mim também.

Ela afirmou baixinho, quase sem querer.

Fábio a fitou, apertando os olhos como se analisasse Liv profundamente. Só depois se sentou ao lado dela no sofá e perguntou:

– Liv, qual é o problema?

Ela nem parou para pensar:

– Nenhum.

Ainda assim, ele insistiu:

– Mesmo?

Dessa vez, Liv fez uma pausa, como se se avaliasse por dentro antes de responder:

– Talvez eu esteja me sentindo um pouco culpada.

Inconscientemente, Fábio concordou com a cabeça:

– Uhm... Foi o que eu pensei. Mas por quê?

– Sinceramente? Não sei.

Ele continuou, observando a reação dela enquanto afirmava:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Vocês duas são adultas, assumidas, solteiras. Se tem algo errado, é vocês terem ficado só nos beijos.

Foi inevitável. Ela riu antes de ponderar:

– Num período normal da minha vida eu até concordaria, mas... Tô atravessando uma fase estranha, difícil.

Deixou escapar um suspiro que Fábio não conseguiu decifrar. E que o fez questionar, com uma desconfiança intrigada:

– É só isso mesmo?

Franzindo as sobrancelhas e sacudindo a cabeça com um sorriso divertido, Liv deixou claro o quanto achava a dúvida do amigo absurda:

– Que mais seria?

Mesmo assim, ele fez questão de confirmar:

– Tá. Só me diz uma coisa: por que rolou? Tesão? Falta? Ou o quê?

O olhar de Liv se distanciou durante o instante que ela levou para destrinchar esse “o quê”, buscando dentro de si mesma. Conseguiu chegar a uma única verdade:

– Foi uma coisa de momento.

Mais do que convencido, Fábio pareceu absolutamente aliviado com a conclusão:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ótimo! Então pra que esquentar a cabeça? Canta pra subir, Liv! Porque se um dia vocês voltarem a se encontrar... Já vão até ter esquecido disso!

Liv estava atrás de Fábio, pedindo uma cerveja e dois copos no balcão do boteco lotado, quando sentiu o celular vibrar dentro da bolsa.

Olhou para o visor e informou:

– É o Le.

Fábio pareceu não ouvir. Estava muito concentrado em algo numa pequena televisão perto dele. Liv suspirou antes de atender:

– Oi, Le! Fala!

Do outro lado, Leandro gritou:

– Liv? Onde você tá?

Tinha uma barulheira infernal atrás dele. Liv tapou o outro ouvido com a mão para escutar melhor:

– Com o Fábio, no Paredão da Urca.

Informação suficiente. Desde os tempos de faculdade os três tomavam cerveja lá, sentados na mureta.

– Vão ficar por aí ou já tão indo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não conseguiu escutar o que Leandro disse, pois Fábio se virou, apontando a TV, e gritou:

– Liv, é surreal! Você tem que ver isso!

Liv continuou tentando prestar atenção apenas em Leandro:

– Quê? Não ouvi nada do que você disse.

Leandro repetiu a frase, gritando mais alto ainda. Liv respondeu com dificuldade, pois Fábio a estava puxando pelo braço:

– Acabamos de chegar, ainda nem pegamos a primeira cerveja, por quê?

Soltou-se com um safanão, no mesmo instante em que Leandro berrou:

– Então espera aí. Tamos pertinho, no Santos Dumont.

A curiosidade de Liv foi maior. Não resistiu:

– A Maurícia já foi?

O que se seguiu aconteceu muito rápido e, estranhamente, em câmera lenta.

Fábio exigiu:

– Amigo, aumenta o volume aí!

O garçom obedeceu, fazendo com que Liv conseguisse escutar perfeitamente o que dizia a repórter do noticiário:

– No Rio de Janeiro, vários voos também foram

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cancelados em virtude do fechamento do aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, causado pela nuvem de cinzas do vulcão Puyehue...

E Leandro informou:

– A Mau não pôde embarcar, nem tem como conseguir passagem pra hoje. Tamos indo praí.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO DOZE

Olhando para a irmã pelo espelho retrovisor do carro, Miguel tentou se certificar:

– Tem certeza que não te importa mesmo, Mau?

Com o celular no ouvido, tentando avisar que o voo havia sido cancelado, precisando passar instruções urgentes – uma vez que não chegaria naquele dia – e querendo remarcar a passagem para o mais rápido possível, Maurícia afirmou sem dar a importância que o irmão pensava que ela daria:

– Claro.

Não estava mentindo, muito menos fingindo. Naquele momento, encontrar-se com Liv era o menor de seus problemas. Na verdade, sequer estava pensando nisso.

Sentada ao lado de Fábio no muro, com uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

garrafa de cerveja entre eles, Liv viu perfeitamente quando Miguel, Leandro e Maurícia se aproximaram.

Fábio sussurrou:

– Vou fingir que não sei de nada.

Não teve tempo de retrucar. Leandro já avançava de braços abertos:

– E aí?

Trocou dois beijinhos, primeiro com ele, depois com Miguel. Os dois repetiram o mesmo com Fábio. Maurícia apenas acenou rapidamente para eles, antes de se afastar.

Como se tivessem vontade própria, os olhos de Liv seguiram, examinaram, mediram Maurícia de cima a baixo: tênis All Star preto, calça jeans bem justa, camisetinha, o cabelo preso num coque seguro por um pedaço de madeira parecido com um *hashi*, deixando o pescoço a mostra, apesar de alguns cachos loiros caídos. A aprovação foi integral, imediata, irresistível e... Contrária a tudo que o bom senso e a razão pediam. Felizmente – ou infelizmente, Liv já não sabia –, Maurícia permaneceu alheia a avaliação a que foi submetida.

Como se acompanhasse o pensamento de Liv, Miguel fez questão de explicar:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ela ainda não conseguiu avisar que não vai hoje.

Fábio os interrompeu, sugerindo:

– Vamos pegar mais cerveja e pedir uns pastéis?

Liv, Miguel e Leandro imediatamente assentiram. Apesar de estar apenas a alguns passos, Maurícia não respondeu, uma vez que continuava de costas para eles com o celular no ouvido. Já de pé, pronto para ir ao balcão pedir os petiscos, Fábio perguntou:

– Pastel de quê?

Liv nem pensou antes de dizer:

– Camarão.

Miguel e Leandro se entreolharam. Antes de falarem juntos, num corinho:

– Siri!

Fábio repetiu como se organizasse mentalmente:

– Dois de camarão, dois de siri, e...?

Olhou para Maurícia, dando sentido às reticências. Leandro gritou:

– Mau!

Maurícia virou-se para eles, mas não tirou o telefone do ouvido. Foi Miguel quem indagou:

– Quer pastel?

A resposta foi instantânea:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Só se tiver de carne.

Os olhos azuis pararam um momento nos de Liv antes de Maurícia voltar a dar as costas para os quatro. Liv ficou parada, tentando decifrar aquele olhar, até Fábio puxá-la:

– Vem comigo.

Deixou-se guiar até o outro lado da rua, ainda meio perdida. Fábio parou na frente dela, observando-a, com uma das sobrancelhas levantada. Liv reagiu com um exasperado:

– Quê?

Fábio sacudiu a cabeça negativamente:

– Nada.

E virou-se para fazer o pedido no balcão do bar com um sorriso enigmático nos lábios.

Maurícia desligou o celular e informou, visivelmente aliviada:

– Resolvido!

Leandro exclamou:

– Ótimo!

Antes de apontar para a mureta na frente deles e ordenar:

– Agora senta aí e relaxa!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Para espanto do irmão, ela sorriu e obedeceu sem contestar. Maurícia olhou ao redor, admirando a vista privilegiada. O mar e o céu ensolarados, a ponte Rio Niterói ao fundo, os barquinhos ancorados...

Quando voltou a olhar para frente, Liv e Fábio haviam retornado. Ele segurando duas garrafas de cerveja, ela três copos que distribuiu, um para cada. Primeiro para Miguel e Leandro, deixando Maurícia por último, não por acaso.

– Tudo certo?

Maurícia não perdeu tempo tentando descobrir o verdadeiro sentido da pergunta. Para todos, só havia uma única e monossilábica resposta:

– Sim.

– Que bom.

A conversa poderia ter morrido aí. Mas um impulso fez Liv insistir:

– Porque eu...

Maurícia a cortou com uma serenidade indefectível:

– Fica tranquila.

Aproximando-se com as duas garrafas na mão, Leandro as interrompeu, intimando:

– Apresentem os copos, meninas!

PERIGOSAS ACHERON

Maurícia estendeu o copo que segurava. Liv olhou em volta, procurando o dela, até localizá-lo em cima da mureta, ao lado de Maurícia. Nem teve tempo de esticar o braço. A perspicácia de Maurícia foi imediata, muito mais do que solícita. Pegou o copo e, apesar de Liv tentar recuperá-lo, só o entregou depois de tê-lo enchido. Fábio acompanhou a cena sem uma palavra, com um enorme sorriso. À Liv restou agradecer, com um constrangimento visível:

– Obrigada.

– Disponha.

Foi a resposta absolutamente divertida de Maurícia.

Alguns copos de cerveja depois, Liv já estava completamente à vontade, sentada ao lado de Maurícia, estendendo o copo para que ela a servisse.

Os pastéis chegaram e foram distribuídos. Fábio deixou o dele no prato, pegou os dois de queijo e os levou embrulhados num guardanapo até um homem enorme encostado perto deles numa árvore. Sem entender nada, Maurícia olhou interrogativamente

para o irmão, mas foi Liv a explicar:

– É o Hugo, segurança do Fábio. Ele não come carne.

Por várias razões, Maurícia achou a explicação inacreditável, mas não fez nenhum comentário. Limitou-se a morder o próprio pastel e a voltar a apreciar a paisagem. Miguel se aproximou e a abraçou:

– Lindo, né?

Maurícia encostou o rosto no do irmão:

– Digno de um cartão postal.

A frase fez Leandro sugerir:

– Por que você não manda umas fotos daqui pra Mau, Liv? Junto com as que tirou na praia e na Praça Quinze.

Miguel concordou:

– Ótima ideia, amor.

E Fábio pediu:

– Manda pra mim também, *please*?

Liv olhou diretamente para Maurícia. Inquirindo sem palavras e, mesmo assim, sendo compreendida:

– Se for te dar trabalho, não precisa.

Sorriu sem nem sentir:

– Trabalho nenhum. Me dá seu e-mail que eu te

envio.

Miguel arregalou os olhos, deixou escapar um ruído engasgado e começou a tossir. Assim que se recuperou, sugeriu com o mais inocente de todos os sorrisos:

– Por MSN não seria melhor, Liv?

Maurícia virou para o irmão e também sorriu – de forma que só ele entendesse e visse... Seu olhar absolutamente assassino.

Pararam os carros lado a lado no estacionamento do supermercado.

Miguel questionou:

– Tu espera com eles, Mau?

Ela concordou aliviada. Não fazia a menor questão de enfrentar filas quilométricas nos caixas cariocas sempre lotados. Leandro então determinou:

– Fiquem aí. Vamos só nós pra agilizar.

Depois que Maurícia entrou no carro de Fábio, os dois sumiram rapidamente, para não dar tempo de ninguém protestar. Não deu muito resultado, pois assim que Leandro e Miguel ficaram fora de vista, Fábio virou-se para Liv e Maurícia, que

estavam sentadas lado a lado no banco de trás:

– Se importam se eu também for? Esses dois sozinhos... Sabe-se lá o que vão comprar!

Maurícia deu de ombros e Liv acenou com a mão como quem diz: “Vai”. Fábio saiu do carro, com o segurança atrás. Antes de afastar-se, aumentou o volume do CD *player*, enquanto informava:

– Vou deixar ligado.

Um som que Maurícia não conseguiu identificar imediatamente preencheu o espaço. A careta que fez foi discreta, mas Liv não deixou de notá-la:

– Vamos ouvir outra coisa?

Não esperou a resposta. Inclinação entre o banco do motorista e o do co piloto, Liv tirou o CD que tocava, depois abriu o porta luvas e procurou no porta CDs que Fábio sempre deixava lá por algo que Maurícia pudesse gostar. Arriscou:

– Que tal Oasis?

Maurícia respondeu sem desviar os olhos da visão agradável do corpo de Liv que o ângulo em que estavam lhe proporcionava:

– Melhor impossível.

Sem perceber o duplo sentido, nem compreender por que a voz de Maurícia soou tão divertida, Liv voltou a sentar-se ao lado dela no banco de trás

enquanto “*Wonderwall*” começava a tocar. Ficaram ali, recostadas numa atmosfera tão totalmente confortável e descontraída que Liv chegou a cantarolar baixinho:

*“And all the roads we have to walk are winding
And all the lights that lead us there are blinding
There are many things that I would like to say to
you
But I don’t know how...”*

De um jeito despreocupado, sem dar às palavras em inglês seu real significado. Mantendo a cabeça apoiada, virou para o lado, deparando-se com o olhar fixo de Maurícia. Durante uma fração de segundo que pareceu conter o mundo, permitiu-se afundar naquele azul difuso, profuso, profundo...

Esquivou-se com a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

– Quando você viaja?

Maurícia apertou os olhos, como se a avaliasse. Demorou um tempo para responder:

– Amanhã de manhã. Por quê?

PERIGOSAS NACIONAIS

Liv desviou o olhar, perguntando-se o mesmo. Aparentemente, a intenção havia sido afastar o peso que o silêncio entre elas subitamente teve, mas no fundo, ambas sabiam que a indagação envolvia bem mais do que aquilo.

Nenhuma palavra delimitaria nem definiria o pensamento, muito menos a sensação que a preencheu quando Liv levantou os olhos de novo, buscando os de Maurícia, e leu neles uma franqueza idêntica.

Foi absolutamente natural e desprovida de rodeios... A forma com que se aproximaram e se tomaram, rendendo-se ao beijo.

Quanto tempo durou? Nenhuma das duas seria capaz de contabilizar. Entregaram-se completamente, como se não existisse nada além da satisfação da mais legítima, recíproca e imperativa necessidade.

Tragadas pelo roçar dos lábios, pelas línguas perpassadas, pela mistura de salivas, pelas respirações sincronizadas... Jamais conseguiriam definir até onde iriam, se não tivessem parado. A interrupção não foi por livre e espontânea vontade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Veio de fora, totalmente alheia ao que as impulsionava. Materializou-se quando, abruptamente, alguém escancarou a porta da frente do carro.

A reação das duas foi puramente instintiva. O susto fez com que se afastassem num salto, antes mesmo de compreenderem que se tratava apenas de Fábio, que igualmente pego de surpresa – o *insulfilme* não permitiu que ele percebesse a tempo o que estava acontecendo naquele banco de trás –, fitou-as num misto de arrependimento, acanhamento e culpa que até chegava a ser engraçado.

Ele sentou no banco do motorista e colocou o cinto sem dizer nada. Foi imitado pelo segurança, que se acomodou em total silêncio ao lado. Olhou para as duas pelo retrovisor e pediu:

– Me desculpem.

Com a maior sinceridade. Depois disso só fez um único comentário. Para Miguel, antes de girar a chave na ignição, passar a marcha e acelerar:

– Sua irmã vai aqui no meu carro.

Maurícia e Liv se entreolharam... E não conseguiram mais conter as risadas.

PERIGOSAS ACHERON

O riso terminou num sorriso compartilhado. Liv desviou o olhar por um breve instante, constatando o que já imaginava: Hugo e Fábio conversavam com os olhos fixos em frente, para deixá-las à vontade.

Quando se virou para Maurícia novamente, avistou um consentimento tão tácito, tão nítido, tão absoluto, que buscou os lábios dela certa de que seria recebida e correspondida com a mesma vontade.

As bocas se fundiram com total espontaneidade enquanto durou o movimento do carro. Só se soltaram depois que Fábio destravou as portas. Bem devagar... O desejo de continuar inegável no olhar que trocaram antes de saírem, cada uma para um lado.

CAPÍTULO TREZE

Os olhos. Único contato que mantiveram durante todo o percurso entre a garagem e o apartamento de Miguel e Leandro. Pareceu adequado que, na cozinha, também permanecessem afastadas.

Entre um assunto e outro, cada um acabou se dedicando a uma atividade. Hugo sentou-se num canto afastado. Miguel e Leandro puseram-se a cortar e preparar os ingredientes do cardápio escolhido: lasanha e salada. Fábio abriu o freezer para colocar as *long necks* para gelar. Liv e Maurícia se entreolharam, de um jeito que não deixava margem para interpretações equivocadas.

A solução foi rápida. Liv pegou seis pratos num dos armários e Maurícia tirou o peso das mãos dela com uma conivência velada:

– Traz os talheres?

Sem dar a mínima importância para a expressão
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

insinuante no rosto de Fábio, Liv pegou colheres, garfos e facas e foi encontrar Maurícia na sala.

Demorou, mas teve uma hora que foi inevitável. Coube a Miguel perguntar:

– Cadê as gurias?

Fábio respondeu tentando segurar a informação ao máximo:

– Na sala.

Leandro arrumou a última folha de alface na travessa ainda sem se dar conta de nada:

– Esse tempo todo? O que será que elas...

Parou a frase no meio como se aos poucos a compreensão se formasse. Arregalou os olhos enquanto os levantava para encontrar a confirmação nos de Fábio. Pronunciou as últimas palavras como se não acreditasse:

– Estão fazendo lá?

Quando Fábio finalmente respondeu:

– O mesmo que vieram fazendo no banco de trás do meu carro.

Leandro soltou um entusiasmadíssimo:

– Sério?

Miguel tentou tirar suas próprias conclusões de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

forma bem mais discreta:

– Desde quando elas...?

O diálogo que se seguiu foi acelerado. De um lado pela excitação de Fábio, do outro pela profunda apreensão de Miguel:

– Sua irmã não te contou?

– O quê?

– Sobre a noite passada?

– Não.

– Ontem ela e a Liv...

A interjeição de Leandro foi absolutamente nervosa:

– Ai!

Miguel franziu o cenho, visivelmente inquieto:

– Seja mais claro.

Leandro voltou a interferir de novo. Dessa vez com pavor:

– Mais? Amor, você quer o quê? Detalhes?

Ignorando o pânico do companheiro, Miguel demandou:

– Conta logo o que você sabe!

Fábio apressou-se em apaziguar os dois:

– Gente, menos! Calma! Elas só se beijaram.

Fez uma pausa dramática antes de provocar:

– Pelo menos... Até saírem dessa cozinha. Agora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu já não sei mais...

Os três se entreolharam. Leandro e Fábio saltitantes de felicidade. Miguel com uma preocupação quase palpável:

– Será?

Imediatamente, Leandro se apresentou como voluntário:

– Vou lá checar.

E caminhou na pontinha dos pés em direção à sala.

O som que o CD *player* entoava – “*Listen to Your Heart*” na versão acústica e ao vivo do Roxette – ficou ainda mais alto quando Liv entrou na sala.

Maurícia estava ajeitando os dois últimos pratos na mesa. Levantou o olhar para Liv como se sentisse a presença dela e compreendeu de imediato a razão do sorriso que recebeu. Justificou-se:

– Já estava tocando.

Riram juntas, enquanto Liv depositava os talheres ao lado dos pratos, movendo-se ao redor da mesa até chegar onde Maurícia estava e arrumar os últimos.

PERIGOSAS ACHERON

Virou-se para ela e ficaram apenas se fitando, durante... Horas? Minutos? Segundos? Impossível saber.

Foi na mesma lacuna de tempo, como se a própria ausência de aceleração a movesse, que Maurícia ergueu a mão direita e tocou o rosto de Liv com delicadeza. Apesar de suave, a carícia teve uma intensidade que causou em Liv um estremecimento ténue. Seria imperceptível, se Maurícia não estivesse integralmente atenta.

A música findou, mergulhando-as num silêncio absoluto. Os olhos azuis incitaram, numa interrogação dúbia:

– Gosta?

Liv respondeu de forma propositalmente desnuda:

– Muito.

Escorregou uma das mãos por baixo dos cachos dela, até encaixá-la na nuca. Enlaçou Maurícia pela cintura e, puxando-a para si, beijou-a com uma sofreguidão que obteve imediato retorno.

Leandro tentou, por todos os meios, não chamar atenção quando entrou na sala. Poderia jurar que

não emitiu qualquer ruído, nem mesmo quando avistou Liv e Maurícia aos beijos perto da mesa de jantar.

E, realmente, dos lábios dele não saiu um único “ai”. No entanto, algo inexplicável fez com que a cunhada o notasse. Na verdade, Maurícia abriu os olhos como se pudesse sentir a expiração que ele lançou no ar. Desconcentração que Liv sentiu de imediato. A primeira reação que teve foi afastar o rosto, interrompendo o beijo. Olhou para Maurícia e depois para trás, seguindo a direção que os olhos azuis tomavam sem desprender-se dos braços dela nem soltá-la.

Frente à expressão de interrogação das duas, Leandro deu a primeira desculpa que conseguiu inventar:

– Eu vim trocar o CD.

Contrário ao que havia acabado de falar, girou em direção a cozinha e, então, como se de repente tivesse se tocado, voltou a fitá-las:

– A cerveja já tá gelada. Vão querer?

Liv voltou-se para Maurícia, consultando-a com os olhos. Maurícia respondeu da mesma maneira. Sorriram juntas ao perceberem que não tinham tido a necessidade de palavras para se entenderem.

PERIGOSAS NACIONAIS

Pegando Maurícia pela mão, Liv a conduziu para a cozinha, com um melodioso:

– Vamos.

Leandro não precisou contar nada. Ver Liv entrar na cozinha puxando Maurícia pela mão foi o bastante para que Miguel e Fábio imediatamente entendessem tudo.

Depois de tirar duas *long necks* do freezer, Maurícia olhou em volta e estranhou:

– Ninguém tá bebendo?

Miguel implicou:

– Ainda não. Sabe por quê?

Sorriu e, olhando dentro dos olhos da irmã, repetiu o que tinha escutado dela na véspera:

– Nada que valha a pena comentar. Vamos apenas esquecer.

Maurícia foi igualmente sutil: sorrindo de volta, deu de ombros como quem admite a derrota, antes de colocar as duas garrafas na mesa e pegar mais. Olhou em dúvida para Hugo, que imediatamente esclareceu:

– Não, obrigado. Estou em serviço, hoje só bebo suco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ok.

Com a ajuda de Liv, Leandro pegou as tulipas no armário e depositou-as em cima da mesa. Liv estendeu uma para Maurícia, que recusou educadamente:

– Prefiro tomar no bico.

Tirando o papel de proteção da tampinha de uma das *long necks* e tentando abri-la sem conseguir, Liv indagou com um tom entre implicante e divertido:

– Tomar no bico?

Com uma única torção na chapinha, Maurícia abriu a garrafa que segurava antes de oferecê-la para Liv:

– No gargalo.

Sorriram uma para outra enquanto Liv pegava a *long neck* aberta e entregava a fechada para Maurícia. Enquanto Maurícia girava e tirava a outra tampinha, Liv encheu de cerveja a própria tulipa. Ergueram os dois recipientes de vidro com os olhares unidos. Liv levando a tulipa aos lábios e Maurícia colando a boca no gargalo. Ambas com um prazer visível, cuja causa não era – nem de longe – a sensação refrescante do líquido.

PERIGOSAS ACHERON

O almoço transcorreu tranquilo, totalmente agradável e divertido. Apesar de Maurícia e Liv não manifestarem nenhum contato físico, a troca de olhares e sorrisos entre elas esteve o tempo todo muito mais do que explícita. Fábio foi o último a depositar os talheres no prato. Quando o fez, Miguel e Leandro se levantaram, e começaram a tirar a mesa. Leandro ainda tentou recusar a ajuda de Maurícia:

– Nem pensar! Senta aí, cunhadinha.

Na mesma hora, Liv ergueu-se em defesa dela:

– Vai fazer a linha cerimoniosa, bicha?

Acabaram indo os quatro para a cozinha, levando tudo numa única viagem. Maurícia direto para a pia. Miguel teve que colocar-se na frente dela, para impedi-la de lavar os pratos como queria:

– Deixa isso aí, Mau. Amanhã a Anete faz isso.

A hipótese de deixar a pilha de louça suja ali até o dia seguinte arrancou uma careta involuntária de Maurícia. Avançou já com as mãos estendidas para o detergente e a esponja. O irmão protestou:

– Eu já disse pra ti deixar isso aí, guria!

Nem assim conseguiu demovê-la do que pretendia. Prevendo que não a conteria sozinho sem arrastá-la dali, Miguel preferiu apelar:

PERIGOSAS NACIONAIS

– Tira ela daqui?

Liv, que estava assistindo ao embate dos dois ao lado de Leandro – os dois com o mesmo sorrisinho divertido –, não vacilou. Aproximou-se, colocou as mãos no ombro de Maurícia, virou-a e, posicionando-se atrás dela, conduziu-a em direção a porta rindo, com um afetuoso e complacente:

– Vem comigo.

Obviamente, Maurícia não resistiu. Apenas soltou para Miguel antes de atravessar a porta:

– Covardia, viu?

Ao ver-se sozinho com o companheiro na cozinha, Leandro enlaçou Miguel pelo pescoço e o beijou, antes de comentar, com um sorriso feliz:

– Elas tão se entendendo super bem.

Miguel até sorriu. Mas a resposta foi apreensiva:

– Espero que sim.

Estavam todos na sala quando Miguel sugeriu:

– Que tal uma musiquinha pra animar?

Sem entender por que Maurícia e Liv se entreolharam e riram, sentou-se com Leandro no sofá em frente à TV. Quase dormindo, Fábio deixou-se cair numa poltrona à direita deles. Hugo

PERIGOSAS ACHERON

posicionou-se numa cadeira um pouco afastada, e Liv acomodou-se no sofá à esquerda, chamando Maurícia com um olhar absolutamente...

Maurícia sentou-se ao lado dela tentando encontrar a palavra que procurava. Inutilmente.

Miguel anunciou:

– Esse show aqui é fantástico, essa parte aqui em especial...

Antes de apertar o *play* e deixar “*Smooth*” com Santana & Rob Thomas tocar.

Leandro balançou o corpo acompanhando o ritmo, antes de levantar e puxar Miguel pela mão. Os dois começaram dançando juntos, bem bonitinhos. Mas depois embalaram numa espécie de coreografia cômica, exagerada, que fez Liv falar:

– Parecem a Mônica e o Ross naquele episódio que eles dançam na filmagem de um programa de ano novo, sabe qual?

Maurícia respondeu rápido:

– “*Aquele da rotina*”.

– Também é fã de Friends?

Os olhos de Maurícia fixaram-se nos lábios de Liv, quase hipnotizados:

– Tenho todas as temporadas.

– Muito bom, né?

Sem desviar o olhar, Maurícia apenas deixou escapar um murmúrio rouco:

– Sim.

Liv estremeceu com a percepção que, afinal, a atingiu. E talvez exatamente por isso seguiu o impulso puramente nervoso de ainda insistir:

– Acho que foi o melhor seriado que...

Impossível completar o que iria dizer, porque Maurícia aproximou o rosto, deixando os lábios próximos a ponto de Liv antecipar – e desejar – o gosto da respiração dela na boca.

O fato de estarem em público contribuiu – e muito – para que o ímpeto das duas permanecesse restrito. As mãos de Maurícia escorregando por baixo da blusa de Liv, sem afastarem-se da linha da cintura, foi a maior intimidade a que se permitiram.

Óbvio que as respirações entrecortadas, os arrepios, os suspiros muito mais sentidos do que ouvidos, a voracidade com que se procuravam as línguas, tudo exigia uma concretização maior do que a efetivamente obtida. Mesmo assim, a dúvida pairava, aguardando palavras que ainda não haviam

sido ditas.

Depois de comer uma última fatia de salame e esvaziar a própria tulipa, Fábio pôs-se de pé e anunciou:

– Tô partindo.

Aproveitando a retirada estratégica dos amigos para o outro lado da sala, Liv foi direta:

– Vou com ele?

A resposta de Maurícia foi simples. Igualmente despida de subterfúgios ou eufemismos:

– Fica.

CAPÍTULO QUATORZE

Como sempre, Fábio gerou uma ligeira confusão ao se despedir. Entre risadas e piadinhas, abraçou e beijou Miguel e Leandro, depois voltou-se para Maurícia:

– Boa viagem! Foi um prazer, viu?

Apertou-a num abraço enquanto estalava no ar os habituais dois beijinhos.

– Vê se volta logo, linda! Sua presença aqui foi...

Soltou-a, como se pensasse no que ia dizer a seguir:

– Marcante, no mínimo!

Piscou rindo para Liv:

– Amanhã te ligo. Tchau! Tchau, Maurícia!

Pegou a chave do carro e entregou displicentemente para Hugo:

– Você dirige.

Mais algumas palavras e acenos pontuaram os
PERIGOSAS ACHERON

instantes que antecederam o momento em que ele e Hugo realmente saíram. Leandro trancou a porta já se desculpando, num tom maliciosíssimo:

– Não levem a mal, meninas, mas agora vocês vão ter que se virar sozinhas.

Maurícia e Liv não tiveram tempo de esboçar qualquer reação. Com um olhar de desaprovação carinhosa para o companheiro, Miguel consertou:

– O que ele quer dizer com essa frase absolutamente infeliz é: nós dois estamos cansados e vamos dormir.

Leandro replicou de um jeito engraçadíssimo:

– Gente... Não foi isso que eu disse? Em duas palavras: tô mortinho!

Impossível que os quatro não rissem. A pergunta que Miguel fez logo após foi simples:

– Que horas amanhã, Mau?

Mas teve o poder de mudar completamente o clima, desencadeando uma atmosfera inevitável de despedida. Maurícia afirmou num tom neutro, indefinível:

– O voo é nove e quarenta. Podemos sair às sete.

Leandro fez uma careta antes de sugerir:

– Não seria melhor sete e meia?

Antes que a irmã contestasse, como sabia que

PERIGOSAS NACIONAIS

faria, Miguel negociou:

– Vamos chegar bem cedo, exatamente como tu gosta.

Rematou num tom pedinte:

– Confia em mim.

Para espanto do irmão, Maurícia não discutiu:

– Se tu diz...

– Vou colocar o despertador, mas bate lá na porta às seis e meia, só pra garantir?

Mais uma vez, ela apenas concordou:

– Ok.

Leandro beijou cada uma duas vezes no rosto:

– Boa noite, Mau. Boa noite, Liv.

Ambas responderam a mesma coisa:

– Boa noite.

Miguel despediu-se de longe:

– Bom... Boa noite então.

Antes de afinal deixá-las inteiramente sozinhas.

– Quer mais uma cerveja?

Liv recusou com um gesto de cabeça. Um silêncio desconfortável se estabeleceu, como um empuxo que mergulhasse as duas em seus dilemas particulares.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

De diversas maneiras, estava sendo deliciosamente bom. Reconfortante quase. Mas não se tratava, nem de longe, de algum tipo de paixão avassaladora, capaz de livrá-las da realidade. Na verdade, nenhuma das duas se sentia pronta, apesar da impulsividade precipitá-las exatamente para o caminho contrário.

Fitaram-se intensamente. Nos olhos de Liv, evidente o embate que travava consigo mesma:

– Talvez seja melhor eu ir embora.

Nos de Maurícia, a mesma ambiguidade:

– Talvez.

Coube a Liv decidir, mesmo sem saber como o fez. Falou já procurando o celular na bolsa:

– Vou chamar um táxi.

Com a solicitude de sempre, Maurícia ofereceu:

– Eu te levo.

Liv parou o que estava fazendo e olhou para Maurícia sem esconder o estranhamento:

– Como?

Sustentando o olhar dela, Maurícia esclareceu:

– Pedi o carro do mano pra poder te deixar em casa quando tu quisesse.

A surpresa fez Liv deixar escapar:

– Então... Você...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Emudeceu. A constatação de Maurícia foi acompanhada por um sorriso sereno:

– Não pensei que fosse ser diferente.

Completo com total praticidade:

– Vou pegar a chave e os documentos do carro.

Caminhou em direção ao quarto com passos largos, deixando Liv estática no meio da sala.

Foi rápido, uma vez que Maurícia havia deixado tudo – inclusive a própria carteira de motorista – em cima da escrivaninha. Com os objetos na mão, virou-se e se surpreendeu ao dar de cara com Liv a apenas alguns passos dela. Sem palavras, Maurícia limitou-se a franzir as sobrancelhas, num mudo questionamento. Foi com uma sinceridade quase rude que Liv respondeu:

– Sempre achei que se arrepender do que se fez é bem melhor do que lamentar aquilo que não foi feito.

Maurícia levou um tempo antes de finalmente contestar, com a mesma franqueza:

– Nenhum arrependimento é bom. Não vou correr o risco de me tornar um.

Liv permaneceu desconcertada enquanto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Maurícia passava por ela, encaminhando-se para fora do quarto e a chamava com uma firmeza quase rude:

– Vamos?

Teve que respirar fundo antes de ser capaz de ir atrás de Maurícia. Somente na sala a alcançou:

– Espera!

O que fez Liv se calar não foi a expressão impassível de Maurícia quando se virou e fitou-a, mas o fato de não conseguir encontrar nada que merecesse ser dito.

Maurícia então abriu a porta e sinalizou para que Liv passasse primeiro. Depois de pegar a própria bolsa, Liv saiu. Com uma indignação tão explícita que fez Maurícia deixar escapar um sorriso divertido.

O silêncio incomodou Liv, mas só o quebrou quando, ao chegarem na garagem, Maurícia destravou o alarme do carro e abriu a porta do carona para que ela entrasse, muda e solícita. Não estava nem um pouco disposta a aturar aquilo:

– Não precisa se incomodar. Tá cedo, eu pego um táxi, é bem tranquilo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Poderia parecer formal, se a voz de Maurícia não soasse tão verdadeira:

– Se fosse incômodo eu não teria oferecido.

Mais do que percebeu, Liv sentiu a mudança de tom encadeando uma série de sensações perigosamente contraditórias, que a impeliram a resistir sem convicção nenhuma, mostrando exatamente o contrário nas entrelinhas:

– Realmente... Não precisa...

Foi tão transparente que Maurícia sorriu. E também se despiu:

– Vou gostar de passar mais um tempo contigo.

O que conversaram durante todo o caminho? Amenidades sem importância, que jamais viriam a se lembrar depois. Quando Maurícia estacionou o carro em frente à portaria de Liv, as palavras tiveram fim. Implícita, tácita, sem disfarces, a suavidade que se estabeleceu. Mesmo assim, permaneceram paradas, como se a distância fosse algo difícil de romperem.

A voz de Maurícia soou profundamente delicada ao pedir:

– Um minuto.

PERIGOSAS ACHERON

Antes de inclinar-se, tirando o CD que estava no som. Depois de conferir as faixas, colocou-o de volta. Não foi um golpe de sorte. Maurícia lembrava perfeitamente o que o irmão e o cunhado estavam escutando antes de estacionarem no supermercado. E, conhecendo Miguel tão bem, tinha certeza de que a trilha sonora de “*Beautiful Thing*”, filme preferido dele desde os anos 90, ainda estaria ali.

Liv compreendeu assim que a música “*Dream a Little Dream of Me*” começou a tocar, a voz aveludada de Cass Elliot deixando o ambiente propício. Provocou propositalmente:

– Isso significa o quê?

Maurícia respondeu num tom exatamente idêntico:

– Não sabe?

Sorrindo com falsa inocência, Liv instigou mais uma vez:

– Talvez... Eu não esteja entendendo direito...

Retribuindo o sorriso, Maurícia foi direta:

– Quero te beijar.

Com a mesma rouquidão sussurrada, Liv mais exigiu do que convidou:

– Vem.

PERIGOSAS NACIONAIS

A perspectiva da partida, ou talvez o clima nostálgico da melodia imprimiu um gosto sombrio de derradeiro, que contribuiu, e muito, para que não passassem de um beijo.

Quando as bocas se separaram, Maurícia confirmou o que ambas já sabiam:

– Tenho que ir.

Liv concordou com uma melancolia visível. Ainda segurando o rosto de Liv entre as mãos, Maurícia sussurrou num ardor repentino:

– Me dá teu e-mail...

Liv não teve tempo de tentar entender o porquê de o pedido aparentemente simples soar como algo completamente diferente. Muito menos de responder, porque... Os lábios de Maurícia tomaram os dela de novo, dessa vez com a mais absoluta e inegável urgência.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO QUINZE

A voz de Liv no meu ouvido foi quase suplicante:

– Vem...

Eu não podia nem queria resistir.

Era disso que se tratava, não era? Desejo. Sem mais rodeios...

Pensar pouco importava naquele momento, com os lábios dela me provocando, percorrendo o lóbulo da minha orelha, descendo pelo meu pescoço e me arrepiando deliciosamente todo o lado esquerdo.

Minha reação veio impetuosa, imediata, certa... Segurando Liv nos braços, virei-a e deitei por cima. Sem mais motivos para dúvida, hesitação ou espera.

Meus lábios ofegaram em busca dos dela, que me recebeu integralmente, com o mesmo arrebatamento pleno, me estreitando com força, a

PERIGOSAS ACHERON

língua buscando, incitando, fundindo-se à minha ainda mais profundamente.

Subi as mãos reconhecendo, experimentando, aprovando o corpo de Liv e, enfim, satisfazendo a vontade de tocar naqueles seios que havia reprimido o dia inteiro.

– Uhm...

O gemido sufocado soou mais como um consentimento do que como protesto e teve o poder de me fazer arrepiar, dessa vez por completo.

Sussurrei palavras despidas de qualquer tipo de censura ou controle. Ela me puxou pelos cabelos, tentando guiar a minha boca. Gemi num misto incendiário de prazer e dor, mas não cedi. Precisava saborear a descida pela curva do pescoço, do ombro, do colo... Sentir a pele se inflamando lentamente sob meus lábios antes de, afinal, alcançar os seios em total entrega.

O contato doce, suave, quente, tão absolutamente quente... Fez Liv deixar escapar um novo gemido. Sem nada de velado, totalmente diverso do primeiro.

Sorri de puro prazer. E depois, outra vez, ao perceber o leve estremecimento – muito mais um reflexo de surpresa do que de oposição verdadeira –

quando minhas mãos desafiaram a pequena resistência do elástico da calcinha dela. Sem mais delongas, descartei aquela última peça de roupa numa ansiedade trêmula e sôfrega, deixando-a inteiramente nua, à minha mercê.

Ela suspirou ao primeiro toque. Não ofereceu resistência. Ofereceu-se de uma forma permissivamente rouca e túrgida, quase me fazendo perder a cabeça. Puxei as rédeas do meu autocontrole até quase parti-las de tão curtas e tensas.

Acaricieei de leve a princípio, aos poucos aumentando o ritmo e a força do movimento circular, tornando-o mais e mais exigente. Embalada pelos sons que ela emitia, erráticos e sugestivamente contundentes, confessei muito mais para mim mesma:

– Quero te comer...

Dois dedos materializaram pretensão e palavras, penetrando-a numa rendição febril e derradeira. Liv passou a gemer ininterruptamente, acompanhando o movimento que se estabeleceu, me levando a uma necessidade mais essencial ainda: a de prová-la, com todos os sentidos e meios.

Desci a boca devagar, querendo desfrutar,

degustar mesmo, minha língua acompanhando o compasso da mão com a percepção exata do instante certo de avançar e retroceder. Perfeição que se distendeu em forma de ritmo, pressão, andamento... Como se lhe adivinhasse o pulsar interno. Sem pressa, ciente de que o gozo viria, era apenas questão de tempo.

Maurícia acordou neste exato momento.

Demorou alguns segundos para compreender que estava sonhando, pois a intensidade da sensação emocional e física ainda persistia.

Deixou escapar um frustrado:

– Puta merda!

Não pensou, seguiu o instinto. Com as mãos dentro das próprias roupas, fechou os olhos e, em busca do alívio, voltou a pensar em Liv.

Liv entrou no apartamento e só percebeu que continuava parada com o olhar perdido no meio da sala depois de vários minutos.

Riu, achando graça em si mesma. Seria possível que nem os fracassos, frustrações e sofrimentos de

amor inúmeros, que com a idade pareciam apenas se amontoar, escusos... Nada a tornaria imune?

Seis meses equilibrada num pé só, a apenas um passo do precipício, com as mesmas velhas perguntas.

Seria mais simples se fosse outra pessoa? Se tivesse feito outras escolhas? Se...

Condicional que, naquele momento, parecia conter todos os incômodos.

Óbvio que depois de metade de um ano em absoluta clausura, teria sido ótimo fazer muito mais do que simplesmente beijar na boca.

Mas como?

Não só pela insegurança que a autoestima pisoteada lhe conferia. Era como se grande parte de sua energia tivesse sido sugada, em especial a parte que alimentava a libido.

Mais de cento e oitenta dias!

Constatou, chocada, que em todo esse tempo, não havia pensado, cogitado, muito menos sentido nada que fosse remotamente sexual.

Até ser ressuscitada. Com respiração boca a boca.

Riu da própria piada.

Relembrar os beijos trocados com Maurícia a

levou à dúvida inevitável: por que tinha recuado?

Uma trepada. Simples, fácil, indolor como fazer a barba com uma navalha.

Já havia sido assim. Mas não mais. Agora, a impressão que tinha era de estar costurada com pontos que poderiam romper num contato maior.

Fazia sentido? Talvez.

Então, por que a vontade que sentia era de desculpar-se? Por algo que era – não era? – normal.

A palavra, por si só, causou um gosto amargo, que a fez achar que estava surtando, à beira de um colapso. “Menos, Liv! Calma!”

O coração disparou, fazendo-a pensar em respirar dentro de um saco, para evitar o ataque de pânico que provavelmente se formava. Foi quando olhou para cima da mesa e viu o colar. Aquele da feirinha da Praça XV, com o qual Maurícia tinha feito tanta questão de presenteá-la.

Isso a levou de volta à questão inicial.

Se...

Duas letras. Uma palavra. Diferença total.

Maurícia não parecia, em nada, com nenhuma das mulheres com quem Liv já havia se relacionado. E isso por si só já era algo.

Impossível negar que... Pensaria em arriscar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Se... Tivesse tempo. Se... Fosse a hora e o lugar. Se... Não tivesse se comportado como uma idiota completa.

Infelizmente, como todas as coisas boas na vida de Liv, aquele encontro vinha marcado com a essência dos contrários. E assim sendo, jamais passaria de algo efêmero, breve e irreal.

Com um suspiro desalentado, Liv deixou que as pernas a conduzissem em direção ao quarto.

Sem conseguir mais voltar a dormir, Maurícia já estava inteiramente pronta quando o alarme do celular tocou.

Bateu na porta do irmão de leve. Nada. Imprimiu mais força. Três vezes antes que uma voz absolutamente pastosa e sonolenta resmungasse lá de dentro:

– Já são seis e meia?

A porta se abriu e o rosto amassado do irmão apareceu, esforçando-se para abrir os olhos. Maurícia ficou com pena:

– Volta pra cama, tá muito cedo. Eu chamo um táxi, não tem por que se incomodarem desse jeito.

Miguel despertou imediatamente:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Capaz! Vamos te levar, deixa só eu acordar o Le.

Ela tentou insistir:

– Eu posso perfeitamente...

Mas o irmão encerrou a questão completando:

– Passar um café pra gente.

Fechando a porta antes que Maurícia pudesse dizer que o café já estava na garrafa térmica fazia tempo.

A despeito da hora, Leandro entrou na cozinha com a animação de sempre:

– Bom dia! Dormiu bem? Se é que você dormiu, né?

Olhou em volta procurando algo ou alguém. Maurícia sabia exatamente quem. Ele fez questão de perguntar, assim que sentou na frente dela:

– E a Liv, cadê?

Miguel sentiu vontade de cutucá-lo, mas não o fez. Limitou-se a sentar-se ao lado do companheiro, a dizer para a irmã:

– Ele é indiscreto. Não tem jeito.

E a olhar para ela como quem espera a resposta também. Maurícia não se abalou. Falou enquanto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enchia a própria xícara de café:

– A Liv foi pra casa ontem.

Passou manteiga na metade de um pão francês durante o verdadeiro interrogatório que se seguiu:

– Peraí, peraí, peraí! A Liv não dormiu aqui? Por quê? Como? Quando? Onde? O que houve? Cunhada, como assim?

Impossível para Maurícia não rir. Engolindo a própria curiosidade da melhor forma possível, Miguel tomou a defesa da irmã:

– Amor, menos! Talvez a Mau não queira falar sobre isso.

Quase deixou a garrafa térmica cair, tamanha a surpresa que teve com a reação dela:

– Não, tudo bem.

Depois de um gole no café, Maurícia sorriu para o cunhado, quase num incentivo:

– O que tu quer saber?

A felicidade bisbilhoteira de Leandro foi palpável:

– Conte-me tudo, não me esconda nada.

Passou geleia numa torrada light antes de completar:

– O que rolou quando nós fomos dormir?

Maurícia não hesitou:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Nada. Ela saiu logo depois.

Leandro quase engasgou:

– Pelos deuses!

Ficou resmungando para si mesmo, entre um gole de café com leite e outro:

– Ela saiu logo depois? Mas por quê? Por quê? Não dá pra entender essas sapas, eita! Eu jurava que...

Miguel chamou a atenção da irmã, impedindo-a de escutar o resto:

– Só me diz uma coisa, Mau: tu tá bem?

Ela limpou as mãos num guardanapo de papel e só depois respondeu, acenando com um cartão que tirou do bolso de trás da calça:

– Melhor impossível.

Pegando o pequeno pedaço de papel das mãos dela, Miguel confirmou todas as suas piores suspeitas:

– Eu não acredito que...

Não conseguiu completar. Leandro o interrompeu:

– Que cartãozinho é esse, será que eu posso saber?

Recuperando o objeto de volta com o cuidado que se tem com algo precioso, Maurícia o guardou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

no bolso de novo, e passou manteiga na outra metade do pão.

Miguel a observou atentamente. Franziu o cenho com indignação, reprovou sacudindo negativamente a cabeça e só então esclareceu:

– É o cartão da Liv. Com todos os contatos dela. Telefone, endereço, e...

Foi para a irmã que ele frisou:

– E-mail.

Leandro continuou sem entender:

– E?

Maurícia explicou para os dois, mas o fez fitando profundamente o outro par de olhos azuis:

– Quero conhecer a Liv direito.

Prontamente, Miguel retrucou:

– Sinceramente? Não te entendo.

Leandro concordou em número, grau e gênero:

– Olha, quer saber, Mau? Nem eu. Vocês tavam se curtindo, tinham a noite toda e um quarto com cama de casal só pra vocês... Não era a oportunidade perfeita para se conhecerem mais... Profundamente?

No sorriso de Maurícia havia um leve tom de tristeza:

– Talvez.

PERIGOSAS ACHERON

Pareceu se perder na melancolia dos próprios pensamentos ao dizer:

– Se ela estivesse em outro momento.

Ficaram os três em silêncio, num breve instante de concordância plena. Quebrado por Leandro, enquanto levava à boca um garfo espetado com um pedaço de queijo:

– É... Realmente, a Liv não é mais a mesma.

Terminaram de tomar o café da manhã sem tocarem mais no assunto, falando sobre amenidades apenas. Foi Leandro quem levantou da mesa primeiro:

– Vou terminar de me arrumar. Não posso sair com o meu cabelo desse jeito!

Ficar a sós com a irmã era o que Miguel estava esperando o tempo inteiro:

– Tá. Agora me fala. Foi mesmo ela que quis ir? Tu me pediu a chave do carro muito antes...

Maurícia fingiu não dar muita importância ao que ele dizia:

– Só pra prevenir.

Respondeu sem fitá-lo, juntando pratos, talheres e xícaras. Ele a conhecia bem demais para deixar-se iludir:

– Ah, vamos lá, Mau... A Liv não teria ficado se

PERIGOSAS NACIONAIS

tu tivesse insistido?

Maurícia continuou evitando que os olhares se unissem:

– Provavelmente sim.

Pegou todas as louças e levou até a pia. Miguel a seguiu:

– Mas tu preferiu levar ela pra casa?

Com as mãos apoiadas no mármore, Maurícia deixou escapar um suspiro, antes de se virar e encará-lo:

– Não é tão simples assim.

O irmão a segurou pelos braços, quase como se a sacudisse:

– É sim! É muito simples! Tu que complica! Por que, me diz? Tu tava super a fim! E ela só precisava de um empurrãozinho...

Sem se soltar, nem desviar o olhar, Maurícia justificou num tom quase triste:

– Eu respeitei a decisão dela.

Miguel não se comoveu nem um pouco. Foi absolutamente firme:

– Tu fugiu.

Os olhos azuis duelaram pela verdade na pequena pausa que se seguiu. Até Maurícia confessar, por fim:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Não ia ser como eu queria.

Ele não cedeu nem um milímetro:

– E na internet vai ser?

Fitaram-se profundamente, num diálogo mudo. Que foi bruscamente interrompido:

– Vocês ainda estão... Aí?

A pausa de Leandro marcou o exato instante em que ele percebeu o clima. Imediatamente se calou e ficou olhando de Miguel para Maurícia, esperando que um deles reagisse. Foi ela quem primeiro se mexeu, como se saísse de um transe ou emergisse:

– Vou terminar de me arrumar.

Tentou esboçar um sorriso, mas não conseguiu:

– Daí nós podemos ir?

Miguel fez que sim com a cabeça, Leandro manteve um silêncio intuitivo. Maurícia deu dois passos em direção à porta, mas o irmão a impediu:

– Mau...

Quando ela se virou, ele já tinha vencido a distância entre eles, estava a milímetros:

– Dá um abraço aqui...

Apertou-a com força, enquanto sussurrava para que só ela ouvisse:

– Eu fui muito duro, me desculpa... Mas é que me preocupo contigo...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A resposta veio no mesmo tom quase inaudível:

– Tá tudo bem. Fica tranquilo.

Deu um beijo no rosto dele e saiu da cozinha. Miguel não precisou dar explicações, Leandro o eximiu:

– Prefiro não saber, lindinho.

Estavam os três sentados na lanchonete ao lado do embarque, tomando um último cappuccino, quando o celular de Miguel tocou. Ele conferiu o visor, antes de atender com um sorriso divertido:

– Olá! Bom dia!

Maurícia e Leandro continuaram conversando, sem prestarem atenção ao que ele dizia. Espantaram-se quando Miguel estendeu o telefone para a irmã, com um enigmático:

– Pra ti.

Com uma das sobrancelhas levantadas, numa desconfiança visível, Maurícia encostou o aparelho no ouvido:

– Alô?

A voz do outro lado pronunciou um simples monossílabo:

– Oi...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O bastante para que reconhecesse:

– Liv?

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO DEZESSEIS

Para Maurícia, dirigir na estrada sempre havia sido uma fonte de prazer inexplicável. Naquela tarde não. Nem “*House of The Rising Sun*”, uma de suas músicas preferidas, foi capaz de lhe trazer alívio. Queria chegar logo em casa, tomar um banho, deixar a água escorrer pelo corpo, livrando-a de tudo que carregava, mas sabia muito bem que seria em vão. A sensação nostálgica, mistura de pensamentos amargos e desordenados persistiria, assombrando-a, sem pouso, rumo certo, nem a menor possibilidade de descanso.

Era exatamente disso que se tratava. Aquilo que evitava há três anos. Óbvio que já previa – e temia – o que o encontro com o irmão poderia desencadear. Seria forçada a pensar, questionar e admitir coisas que preferia manter enterradas. Só não esperava que com tamanha intensidade.

PERIGOSAS ACHERON

Sentimentos incompreensíveis, inaceitáveis, alguns até... Inconfessáveis. A viagem ao Rio os havia revirado, destrancado e trazido à tona, forçando-a a encará-los.

A felicidade de Miguel a incomodava? Por mais que o amasse, não tinha como afirmar sinceramente que não. No entanto, comparar as vidas que levavam era de uma incoerência absoluta. Mesmo se pudesse voltar atrás, não seria capaz de mudar nada, pois nunca tinha sido uma questão de escolha e sim de não haver outra opção. Uma série de acontecimentos, causas, consequências e efeitos que não eram responsabilidade de ninguém. A imprevisível inevitabilidade dos fatos, afunilando os caminhos a revelia de quem os trilhasse.

Havia chegado naquele ponto. Do qual, na verdade, sequer podia reclamar. Estava absolutamente confortável.

Só que comodidade não era o que havia planejado, muito menos sonhado para a própria vida. Fato. Sempre tinha pensado que ao chegar aos quarenta poderia... Seria... Teria... Mais.

A realidade, com sua crueza implacável, estava ali para mostrar que entre o que se quer e o que se pode efetivamente concretizar, muitas vezes existe

uma distância irrecuperável.

Se bem que estava dolorosamente consciente do quanto nunca havia resistido ou arriscado. Tinha simplesmente seguido os ventos da própria existência, como se não se importasse com a direção para onde a arrastavam. Naquele momento era tarde. Tudo passado. Lembranças que a acompanhariam sem que jamais pudesse dar-lhes o final desejado. Arrependimentos não adiantariam nem a levariam a nada.

Resolveu colocar esse tipo de reflexão de lado. Foi surpreendentemente fácil. Bastou pensar em algo bem mais agradável: a última conversa com Liv, no celular do irmão, apenas algumas horas atrás...

Maurícia levantou da cadeira onde estava sentada e afastou-se de Miguel e Leandro, buscando instintivamente um pouco de privacidade.

A voz de Liv soou tão aveludada:

– Liguei pra te desejar boa viagem.

Que não viu sentido em responder o “obrigada” mecânico de praxe:

– Muito bom tu ter ligado.

PERIGOSAS NACIONAIS

A réplica veio rápida. De um jeito encantadoramente contrastante, misto de firme, leve e calmo:

– E também pra deixar claro que não te dei meu cartão só pra constar. Eu realmente espero... Na verdade eu quero manter contato.

Completo num gracejo, sem nenhum tipo de cobrança velada:

– Apesar de você não ter me dado nem o número do seu celular.

Retrucou no mesmo tom de flerte amigável:

– Mas isso não é indesculpável, é?

Uma risada absolutamente descontraída soou do outro lado:

– Seria.

Um instante de suspense pontuou o desafio claramente proposital:

– Se eu não tivesse meus próprios meios de te encontrar.

Também riu, deliciada com a nova Liv que se apresentava:

– Te adiciono no MSN assim que chegar em casa. Combinado?

PERIGOSAS ACHERON

Infelizmente, a estrada parecia não acabar mais...

Quando desligou o telefone, Liv não tentou compreender – sequer queria – por que estava leve como há muito não se sentia. Seguir o sopro que a acompanhava desde que havia acordado, repetindo incansavelmente:

– Liga pra ela... Liga...

Tinha sido, sem sombra de dúvida, absolutamente acertado.

Não só por Maurícia ter sido tão receptiva, mas pela própria postura sem disfarces, como se, afinal, estivesse conseguindo recuperar um pouquinho de si.

Olhou em volta. O ambiente de trabalho não tinha mudado nada. Continuava igual à última vez que havia realmente levantado a cabeça para observar.

Passou a manhã toda debruçada sobre avaliações e plantas, realmente concentrada pela primeira vez em meses, até que o estômago começou a roncar.

Virou-se para Betina na mesa ao lado e perguntou:

– Vamos almoçar?

A outra parou tudo que estava fazendo e fitou-a, surpresa. Com toda a razão, na verdade. O hábito de almoçarem juntas, como faziam desde que ainda eram estagiárias, havia sido cortado. Por Liv, é claro. Resultado da fase distante, depressiva, introspectiva pela qual vinha passando.

Felizmente, Betina parecia ter compreendido que não havia nada de pessoal no afastamento de Liv, pois respondeu com um sorriso sinceramente alegre, afável, quase aliviado:

– Claro! Deixa só eu terminar isso aqui.

O dia de Liv não foi interminável, muito menos insuportável como vinha sendo ultimamente. Quando deu por si, já estava na hora de ir embora. Saiu conversando com Betina. Assim que saíram do elevador e se despediram, o celular começou a tocar. Atendeu animada depois de conferir quem era:

– Oi, Fá!

A conversa foi rápida:

– Onde você tá?

– Saindo do trabalho.

– Me espera na esquina, tô passando pra te pegar.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ok.

Fábio estranhou:

– Não vai reclamar, contestar, discutir, como de praxe?

Liv riu alto:

– Digamos que... Hoje eu não tô a fim de ir direto pra casa.

Ele não resistiu. Teve que exclamar:

– Mas isso é um verdadeiro milagre! Santa gêmea! Quero detalhes!

Fábio depositou os *hashi* na mesa visivelmente decepcionado:

– Juro que não to entendendo nada. Não posso ter escutado direito. Tá mesmo me dizendo que vocês não treparam?

Totalmente acostumada ao jeito nem um pouco delicado de Fábio falar sobre sexo, Liv apenas confirmou:

– Exato.

Sem se conformar, ele levantou os olhos e as mãos para cima, absolutamente melodramático:

– Mas por quê? Por quê? Me fala!

Liv mergulhou um sushi de salmão no shoyu

PERIGOSAS ACHERON

antes de colocá-lo na boca. Terminou de mastigar e só então falou:

– Eu diria que foi... Consensual.

Um sorrisinho divertido levantou o canto esquerdo dos lábios de Fábio:

– Consensual? Me explica. Se for capaz!

A conclusão de Liv foi simples:

– Fácil: não teve clima.

Mas não convenceu o amigo. Ele deixou escapar uma risada irônica antes de dizer:

– Só se quando vocês ficaram sozinhas “o clima” teve um ataque cardíaco e morreu, porque enquanto eu estava na sala tinha um clima e tanto!

Sabendo que ele só iria sossegar quando arrancasse mais informações, ela cedeu:

– Tá. Eu vou te contar.

Ele apoiou os cotovelos na mesa e aproximou o corpo:

– Sou todo ouvidos.

Um suspiro profundo escapou dos lábios de Liv antes que ela segredasse baixinho:

– Você melhor do que ninguém sabe o quanto me separar da Juliana foi difícil, então... Nesses seis meses em que eu fiquei sozinha, eu descobri que... Só posso fazer sexo com alguém que eu ame

PERIGOSAS NACIONAIS

de verdade e...

Apertou as mãos, como se fosse confessar algo indizível:

– Fá, você é o único e verdadeiro amor da minha vida!

O grito que Fábio deixou escapar foi agudíssimo:

– O quê?

Liv tentou puxá-lo enquanto aproximava a boca da dele:

– Vem cá, gostoso, me dá agora um beijo de língua!

Com o susto, Fábio pulou pra trás e quase caiu, fazendo Liv chorar de tanto rir.

Levou vários tapinhas do amigo:

– Escrota! Sacana! Ridícula! Depois de tanto tempo com você descontrolada e depressiva, eu quase acreditei, viu?!

Riram juntos, antes de Liv afinal se conter e Fábio segurar as mãos dela entre as dele, felicíssimo:

– Como é bom ter você de volta, senti falta do seu humor, amiga!

A conversa prosseguiu no mesmo tom animado, cúmplice e divertido. Sem que nenhum dos dois voltasse a mencionar Maurícia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Maurícia chegou na fazenda ao anoitecer. Deixou Valdo e Musquito descarregando as bagagens, galgou os cinco degraus da entrada e suspirou aliviada assim que pôs os pés dentro de casa. Foi direto para a cozinha, onde foi recebida por Neiva. A velha senhora enxugou as mãos num pano de prato antes de abraçá-la:

– Fez boa viagem?

Maurícia sacudiu a cabeça afirmativamente:

– Ótima. O que tem pra janta?

Soltando-se, foi até o fogão levantar as tampas das panelas:

– Costela com mandioca... Arroz... Feijão...

Com um garfo que pegou na pia, capturou um pedaço de carne e o devorou rapidamente, com a mais absoluta satisfação:

– Uhm... Não poderia ser mais perfeito!

A empregada riu gostosamente:

– Não te deram comida lá não?

Limpando o caldo que tinha escorrido pelo queixo, Maurícia foi sincera:

– Bóia boa como essa? Não!

Antes de completar:

– Mas, na verdade, agora o que eu quero mesmo é tomar um banho bem demorado. Não precisa

PERIGOSAS ACHERON

ficar, pode ir pra casa, tá?

Não esperou a resposta. Caminhou até a sala com passos largos, num segundo já estava ao pé da escada, nem ouviu Neiva falar:

– Vê se deixa a louça na pia pra eu lavar amanhã.

Não soube dizer quanto tempo ficou debaixo do chuveiro, deixando que a água – bem quente, exatamente como gostava, chegando a deixar a pele vermelha – dissipasse a tensão muscular.

Quando afinal desceu as escadas, vestida numa roupa bem mais confortável, já estava sozinha em casa. Normalmente não evitava a companhia dos empregados. Mas naquela noite especificamente, a necessidade de ficar a sós que sentia era irrefutável.

Na sala, serviu-se de uma dose de cachaça do barrilzinho de carvalho que mantinha no móvel que usava como bar. O primeiro trago desceu queimando, numa sensação de puro agrado. Sentou-se no sofá e ficou olhando para a lareira apagada. Através dela, na verdade. Os pensamentos não foram longe, mas também não voltaram, fixados em impressões, sensações, imagens... De Liv. O sonho e os beijos que haviam trocado se

misturando, quase como se ambos houvessem acontecido de fato.

Deu mais um gole no líquido amarelado, ciente que, dessa vez, a ardência não vinha unicamente do copo. Não tentou resistir às recordações fantasiosas, pelo contrário. Deixou-se levar pela instigação do devaneio antes de, afinal, afastá-lo.

Virou o resto da bebida de uma só vez ao levantar-se e foi em direção à cozinha esperando que um bom prato de comida a trouxesse de volta à realidade.

Assim que entrou em casa, Liv ligou o notebook. Abriu o MSN e nada. Deixou online e abriu o firefox para checar o e-mail, quando o pedido de Maurícia para adicioná-la surgiu na tela. Foi sorrindo que aceitou. Mais ainda quando a janela com uma foto dela se abriu com um efusivo:

– Oi!

Maurícia não esperava que Liv estivesse online. Foi uma ótima surpresa quando ela a adicionou. A resposta veio rápida:

“Oi! Td bem?”

Digitou sem se censurar:

“Melhor agora, q vc apareceu.”

Se a frase era clichê, Liv nem percebeu. Continuou sorrindo tolamente ao teclar:

“Tb tava querendo muito falar com vc.”

Maurícia nem perguntou antes de enviar a chamada em áudio. Era óbvio, tanto que Liv aprovou imediatamente:

– Ah, agora sim, tá perfeito.

Riram juntas, numa cumplicidade que conduziu todo o resto da conversa. Sem nenhuma das duas pensando muito no que dizer, os assuntos fluíram naturalmente: Miguel e Leandro, Fábio, a viagem de Maurícia, o trabalho de Liv, preferências literárias, culinárias, cinematográficas, musicais. Nem se deram conta do passar do tempo.

Foi Liv quem olhou para o relógio primeiro. Era tarde, mas não estava com sono mesmo...

Aproveitando o fato de Maurícia ter acabado de voltar – tinha ido ao banheiro rapidamente – e, seguindo um impulso, mudou um pouco o tema. Para algo mais pessoal, que estava com muita vontade de saber:

– Como foi a sua primeira vez com mulher?

Maurícia não estava esperando e parou um momento. O instante de silêncio fez Liv quase se

arrepender:

– Pergunta indiscreta demais?

Maurícia negou sem hesitar:

– Não, claro que não. É que tu me pegou de surpresa.

A nova pausa fez a impaciência de Liv se manifestar:

– E?

Impossível para Maurícia conter a risada. Saiu sem sentir, resgatando um pouco do tom bem humorado:

– Calma... Estou pensando em como te contar.

A frase fez a curiosidade de Liv crescer a um nível quase incontrolável. Mesmo assim, não disse mais nada, aguardou até Maurícia finalmente falar:

– Foi pela internet.

CAPÍTULO DEZESSETE

Liv nem tentou disfarçar o espanto:

– Quer dizer que foi... Virtual?

A confirmação veio num tom que Liv não conseguiu decifrar:

– Isso mesmo.

Houve um instante de silêncio. Liv o quebrou cautelosamente:

– Olha, se você não quiser falar sobre esse assunto...

Maurícia não permitiu que completasse:

– Não, tudo bem. Eu quero. E tu?

Só depois de proferi-las, percebeu nas palavras o seu duplo sentido. Feliz ou infelizmente, Liv não:

– Eu?

A réplica foi direta:

– Tu parece ter ficado desconfortável.

Liv parou um momento. Analisando a si mesma
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

antes de dizer:

– Só surpresa. Não esperava que você...

Emudeceu outra vez. Buscando o melhor jeito de falar, mas Maurícia estava ansiosa demais para conceder esse tempo:

– Que eu o quê?

Não houve agressividade nenhuma no questionamento. Muito pelo contrário. Soou suave, frágil, quase inseguro. Tanto que Liv redobrou o cuidado ao esclarecer:

– Não me leve a mal, mas é que você parece ser prática demais pra algo tão... Imaterial, entende?

– Acha mesmo que sexo virtual é imaterial?

Maurícia a questionou com tanta veemência que Liv hesitou:

– Talvez... Na verdade eu... Bom, eu realmente não sei.

Foi a vez de Maurícia se surpreender, restabelecendo o clima bem humorado de antes:

– Nunca fez?

– Não. Quer dizer... Tentei com uma namorada, uma vez. Mas não sei se conta.

– Por quê?

– Comecei a rir e acabou não dando muito certo.

Riram juntas, numa cumplicidade que

PERIGOSAS ACHERON

impulsionou Liv a falar:

– Mas você ainda não respondeu a minha pergunta. Como foi a sua primeira vez?

Depois de um suspiro de rendição ao inevitável, Maurícia relatou descontraidamente:

– Já que tu insiste em saber: foi em 1998. Eu tinha 27 anos e... Resolvi entrar num chat pra ver como era. O único que eu conhecia era onde o Miguel sempre entrava: a sala de sexo do bate papo da UOL. Tá, eu sei. Porque eu entrei num chat de lésbicas, né? Tava escrito em letrinhas muito pequenas: eles e elas, eles e eles, elas e elas, e... Acabei me confundindo. Acredite se quiser, foi sem querer.

Liv não aguentou. Precisou implicar:

– Sei...

Maurícia riu de si mesma:

– Pelo menos conscientemente.

Liv também riu, antes de inquirir Maurícia mais uma vez:

– Mas rolou na primeira vez que você entrou no chat?

Preferiu ser totalmente sincera:

– Foi muito fácil. Eu estava confusa, culpada, envergonhada, tensa, mas ao mesmo tempo curiosa,

PERIGOSAS NACIONAIS

excitada, louca de vontade de experimentar, e... Encontrei a pessoa certa, que soube conduzir esses sentimentos muito bem.

O olhar de Maurícia se perdeu nas recordações que vieram. Não pensava na primeira experiência virtual fazia tempo. Na verdade, tirando o irmão e a ex, nunca havia confessado aquilo para ninguém.

– Vocês chegaram a se conhecer?

A pergunta de Liv trouxe Maurícia de volta da divagação rapidamente:

– Não. Ficou só no virtual mesmo.

Ainda não estava satisfeita. Tinha perguntas, dúvidas que queria esclarecer, mas um olhar para o relógio fez com que Liv encerrasse o interrogatório – naquela noite pelo menos:

– Preciso ir. Tá tarde, tenho que acordar daqui a pouco.

Maurícia concordou:

– É, eu também.

Despediram-se confirmando que a intenção de ambas era a mesma:

– Nos falamos amanhã?

– Com certeza!

PERIGOSAS ACHERON

Maurícia acordou cedo, o dia mal havia amanhecido. Vestiu um moletom e desceu para a cozinha, onde Neiva já a esperava para tomarem mate juntas.

Entre uma cuia e outra, ao som de seu inseparável radinho de pilha, a senhora colocou Maurícia a par do que tinha acontecido pelas redondezas enquanto estava fora:

– O Fernandes virou com um trator lá na fazenda do doutor Luiz Aldo e quebrou a perna. Por sorte pulou antes, senão o estrago seria maior.

Então, fez uma série de perguntas. Sobre Miguel, o Rio de Janeiro, a viagem... Maurícia respondeu a tudo de muito bom grado. Só levantou do banco em frente ao fogão a lenha quando satisfez toda a curiosidade da velha empregada.

Subiu, tomou banho e vestiu-se para sair a cavalo com Valdo e Musquito.

Encontrou-os já na cozinha, tomando café com Neiva. Sentou-se com os três à mesa. Inevitável que a conversa fosse sobre trabalho:

– Os animais chegaram bem mesmo, Valdo?

No tom paternal que lhe era costumeiro, o capataz tentou tranquilizá-la:

– Os boizinho tão muito bem lá na invernada

perto do rio. Falei que a gente dava conta, não precisava ter se preocupado.

Não foi surpresa quando Maurícia disse:

– Quero ir lá dar uma olhada.

Valdo assentiu, sem nenhuma contrariedade. Sabia que não se tratava de falta de confiança, na verdade aprovava o fato dela sempre conferir pessoalmente cada detalhe. Aproveitou para informar:

– Tá precisando comprar mais sal pro gado.

Maurícia deu um último gole no café com leite antes de falar:

– Amanhã eu faço isso.

Vendo que os dois também já tinham acabado, levantou-se:

– Vamos?

E saiu com eles para encilharem os cavalos.

Liv acordou atrasada. Nem tomou café, deixou para fazer isso no trabalho. Vestiu-se rapidamente e entrou no elevador ainda enfiando alguns papéis na pasta que carregava. Felizmente, a entrada do metrô ficava ao lado do prédio em que morava. Só percebeu que não tinha crédito no cartão quando

não conseguiu passar com ele na roleta. Sem outra opção além de entrar na fila para recarregá-lo, deixou escapar um suspiro estressado.

Minutos depois, estava na plataforma, entrando num dos vagões. Não foi veloz o suficiente para conseguir sentar, então ficou ali, naquela rodinha de pessoas se segurando em volta do ferro sem se olharem. Desceu na Carioca, galgou os degraus da escada rolante driblando as pessoas paradas e precipitou-se da mesma forma apressada na calçada da Avenida Rio Branco, desviando de quem vinha na direção contrária como se estivesse numa corrida de obstáculos. Suspirou aliviada quando chegou ao prédio do escritório e conferiu o relógio do celular: vinte minutos. Nem se poderia chamar de atraso.

Depois do almoço, Maurícia descansou um pouco na sala. Assistiu ao noticiário, e só então se enfurnou no escritório. Passou a tarde administrando um monte de papelada, coisa de que absolutamente não gostava, mas não tinha como evitar, era necessário.

Fez uma pausa quando Neiva apareceu, com uma

PERIGOSAS NACIONAIS

xícara de café e uma fatia generosa de seu maravilhoso bolo de fubá.

Enquanto comia, novamente sozinha, pensou em Liv. A conversa da véspera tinha sido, no mínimo, instigante. Mas, apesar do interesse dela visível com relação a sexo virtual, para Maurícia uma coisa estava mais do que clara: se quisesse despertar em Liv algo além do atual estado de curiosidade, precisava ir com calma. Tarefa nada fácil, uma vez que não via a hora da noite chegar.

Liv almoçou com Betina novamente, num restaurante de comida a peso barata e, portanto, bastante disputado. Comeram e saíram rápido, para não ocuparem os lugares mais tempo do que o necessário.

Quando voltou ao escritório, escovou os dentes, tomou café e prorrogou ao máximo o retorno a uma avaliação chatíssima que tinha deixado em cima da mesa. Assim que se sentou em frente ao computador, bocejando, ouviu o celular tocar. Checou quem era antes de atender:

– Oi, Le! Fala.

A voz dele soou preguiçosa do outro lado:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Já almoçou?

Respondeu da mesma forma:

– Acabei de voltar. Por quê?

– Nada, só curiosidade. Só um minuto.

Ouviu Leandro dizer longe do microfone, pois o som saiu bem mais baixo:

– Pode deixar aí em cima. Obrigado.

Depois, um barulho indicando que ele estava ajeitando o acessório de volta no lugar, para finalmente falar:

– Oi, Liv. Desculpa. Uns papéis aqui pra eu assinar. Mas olha só... Liguei pra saber se você não quer passar lá em casa depois do trabalho.

Liv nem precisou pensar. Estava contando as horas:

– Tenho outra coisa marcada. *Sorry...*

– Posso saber o quê?

Nas entrelinhas, estava explícito que ele não tinha acreditado. Mas não foi por isso que Liv sorriu, e sim de pura antecipação:

– Tenho um encontro com a Maurícia.

Depois de uma pequena pausa, Leandro tentou confirmar:

– Maurícia... A Mau, minha cunhada?

– É.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Leandro não escondeu a desconfiança, nem o espanto, muito menos a curiosidade:

– Como, linda, se ela não tá mais na cidade?

Foi com um gostinho estranho e um princípio de friozinho no estômago – que preferiu não classificar – que Liv explicou:

– Virtual.

O estranhamento dele foi indisfarçável:

– Então tá, né?

Mas Liv estava distraída demais para notar.

Miguel engasgou. Demorou um tempo tossindo antes de se controlar o suficiente para repetir o que o companheiro havia acabado de falar:

– Encontro virtual?

Sem entender o porquê de tanta comoção, Leandro confirmou:

– É. Virtual.

– Afe!

Foi só o que Miguel conseguiu dizer. Leandro não aguentou:

– O que que tem? Fala!

Adoraria poder contar. Discutir o assunto, dividir com Leandro um pouco da preocupação que aquilo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lhe causava, mas... Seria como... Trair a confiança da irmã. E disso, nunca seria capaz:

– Nada. Só achei engraçado.

Felizmente, Leandro não percebeu nada. Seguido por Miguel, tagarelou pelo corredor, a caminho do quarto:

– Engraçado não, bizarro! Quando tavam aqui, ficaram de frescura e nada. Agora que estão longe querem. Palhaçada! Definitivamente, eu não entendo essas sapa! Ai, ai...

– Quantas namoradas tu já teve?

Liv não esperava. Riu, sabendo que na véspera tinha feito o mesmo. Demorou um instante para responder:

– Quer saber só namoradas mesmo ou...

Deixou a insinuação no ar, para que Maurícia pontuasse as reticências, mas ela devolveu a provocação sem resolvê-la:

– Ou o quê?

Uma risada deliciada antecedeu a pausa que Liv fez antes de desafiar realmente:

– Quer saber com quantas eu já transei?

A voz de Maurícia foi maliciosamente inocente:

PERIGOSAS ACHERON

– Tantas assim?

Liv usou um tom idêntico:

– Depende do que for “tantas” pra você.

Foi a vez de Maurícia rir gostosamente:

– Fala logo... Tá louca pra dizer.

Só então Liv parou para se questionar. Mas a hesitação não durou muito tempo. Apenas o segundo que levou para perceber que – ao contrário do que sempre fazia no início de seus relacionamentos – não estava se esforçando para agradar, nem omitindo os próprios defeitos. Pelo contrário. Até então, tinha sido sempre ela mesma. Na verdade, já havia exibido suas imperfeições amplamente, sem que Maurícia tivesse recuado em nenhum momento. Resolveu então continuar agindo do mesmo jeito, só que agora com plena consciência. Respondeu rápido, como quem sabe de cor:

– Namoradas foram sete, incluindo as minhas três ex-mulheres. E sexo vinte e oito, incluindo as sete. Não que eu esteja contando, é que... Nesses últimos seis meses andei remoendo o passado exaustivamente.

Maurícia não falou nada. Nem precisava. Disse tudo com o silêncio. Mesmo assim, Liv quis

confirmar, para não haver equívocos entre elas:

– Muitas?

A negação foi rápida:

– Não.

A hesitação veio depois:

– Mas...

Ansiosa para compreender o que Maurícia estava pensando, Liv replicou de imediato:

– Mas?

Maurícia foi absolutamente sincera:

– Com certeza, bem mais do que eu. Três namoradas, incluindo a minha ex, e sete mulheres, incluindo as três.

Quando o silêncio voltou a se instaurar, foi a vez de Maurícia se preocupar. Mas não por muito tempo:

– Te incomoda a minha suposta... Falta de experiência?

O retorno ao tom bem humorado funcionou. Liv aderiu integralmente:

– Não, imagina... Absolutamente. Tô me sentindo uma maçaneta, mas tirando isso, tá tudo bem.

Riram juntas, numa cumplicidade diferente. Mas o que tinha mudado? Nenhuma das duas saberia

PERIGOSAS NACIONAIS

responder.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO DEZOITO

– Ah, vamos lá, Liv... Vai querer que eu acredite que, depois de quase dois meses, vocês continuam só de conversinha?

Liv não olhou para Fábio, mas através dele. O amigo exigia respostas que ela mesma não tinha. E mesmo se as possuísse, não gostaria de compartilhá-las.

Era a primeira vez que sentia vontade de guardar esse tipo de informação só para si. Como se a opinião de outra pessoa pudesse de alguma forma minar ou colocar em dúvida o que sentia.

De qualquer forma, ele não entenderia. Como? Se nem ela conseguia encontrar razão naquilo. Na verdade, sequer queria rotular, explicar ou tentar dar algum sentido.

Sempre tinha sido carnal demais para paixões platônicas, à distância ou algo do tipo. Exatamente

PERIGOSAS ACHERON

por isso, não poderia estar mais confusa. O que sentia? O que queria? Era real? Ou apenas um momento de carência doentio?

Sim, pois, racionalmente, Liv ainda considerava sexo virtual como algo bizarro, surreal, até ridículo. No entanto, não havia nada de racional no modo como seu corpo reagia cada vez que conversava com Maurícia. Depois se via obrigada a satisfazer a excitação sozinha para ser capaz de dormir. Fazia pensando nela, imaginando como Maurícia a tocaria, o que diria, o que faria...

Momentos que a levavam a desejar ultrapassar todo e qualquer limite. E que também a traziam de volta ao centro do conflito.

Não seria melhor uma das duas pegar um avião para resolverem de uma forma mais... Concreta?

No fundo intuía, ou melhor: sabia que nem ela nem Maurícia queriam algo tão palpável e definitivo ainda.

Sem sutileza nenhuma, Fábio a tirou do devaneio:

– Pelo seu silêncio, devo presumir que você e a gêmea andam em altas trepações virtuais?

Riu de si mesma. E do absurdo que era estar ali elucubrando, procurando neuras, tornando difícil

aquilo que, na verdade, não era.

“Bem que eu gostaria...”, pensou, mas não disse. A confissão era para si mesma.

– Finalmente, né?

Demorou alguns segundos para compreender que Fábio não estava lendo seus pensamentos. Continuava se referindo ao que supostamente existia entre Maurícia e ela. Uma pressa repentina a fez levantar:

– Vou indo.

Ele já estava mais do que acostumado às saídas abruptas de Liv desde que ela entrara no mundo virtual:

– Tá. Manda um beijo pra Mau.

Maurícia ficou sentada em frente ao notebook com os olhos fixos na janela do Skype durante vários minutos. Nesse meio tempo, recebeu algumas mensagens, mas não respondeu a nenhuma. Estava esperando uma única pessoa, que ainda não estava ali. Olhou para o relógio. Era cedo. Ela ainda demoraria.

Se fosse em outros tempos, aproveitaria para jogar conversa fora, quem sabe ir se aquecendo

com uma de suas velhas conhecidas. Até tinha tentado, logo no início. Apenas para concluir que, independente de com quem estivesse, ficava pensando em Liv mesmo, então melhor fazer tudo sozinha.

Mais do que idiota, era triste. Desejar uma pessoa a ponto de não se interessar por mais ninguém. Infelizmente, sequer tinha conseguido avançar com ela na direção que realmente almejava.

Não que as conversas com Liv não fossem... Absolutamente inteligentes, instigantes, deliciosas, incríveis. Esperava ansiosa por cada uma delas, mas queria muito mais do que isso.

Tomou outro gole da taça de vinho que tinha trazido numa tentativa inútil de relaxar. Continuava tensa e irritada consigo mesma.

– Merda!

Deixou escapar, num tom frustradíssimo. Suspirou, deu mais dois goles no vinho, olhou para a tela de novo e sorriu ao ver que Liv tinha acabado de ficar online. Não perdeu tempo. Clicou no botão de “ligar” e foi imediatamente atendida:

– Oi... Boa noite... Tudo bem?

Percebeu que a voz de Liv estava um pouco

PERIGOSAS NACIONAIS

diferente, ela parecia... Nervosa? Mas com o quê?

– Que foi? Algum problema?

Liv sorriu de antecipação antes de revelar pausadamente:

– Na verdade... Eu... Tava conversando com o Fábio, e... Acabei vindo pra casa mais cedo porque... Bom... Ele acha, ou melhor, ele jura que eu e você...

Parou de propósito, para que Maurícia fosse obrigada a perguntar:

– Que nós o quê?

Liv instigou ao invés de responder:

– Preciso mesmo dizer?

Maurícia retrucou num tom idêntico:

– Com todas as letras.

A reação de Maurícia foi exatamente contrária ao que Liv esperava e o elemento surpresa fez com que declarasse abertamente:

– Nunca vou me perdoar por não ter passado aquela última noite com você.

Com o mesmo tom confessional, Maurícia concordou em número, grau e gênero:

– Também me arrependo.

Liv sussurrou, numa provocação tênue:

– Mesmo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ahan.

Foi com um tremor quase rouco que Liv completou:

– Então... Talvez esse seja o momento perfeito pra corrigirmos esse erro.

Estrategicamente maliciosa, Maurícia se fez de ingênua:

– Não sei se eu entendi direito...

– Posso ser direta?

– Deve.

Sem hesitar, Liv aceitou o desafio:

– O que você tá vestindo?

Maurícia prendeu a respiração. Ficou um instante ouvindo a própria pulsação acelerando incontrolavelmente. Estava realmente acontecendo. Tinha esperado muito tempo. O suficiente para desejar que fosse perfeito. Iria com calma, afinal... Era a primeira vez de Liv, estava tirando a virgindade virtual dela.

O simples pensamento fez com que o coração disparasse ainda mais dentro do peito. Refreando a própria necessidade de vê-la, não sugeriu que ligassem as câmeras, achando que se não se vissem poderia ser mais fácil para ela. Falou de forma pausada, dando tempo suficiente para Liv visualizar

PERIGOSAS ACHERON

o que descrevia:

– Calça jeans... Botas de couro marrom até os joelhos... Pullover de lã vermelho... De gola alta... Cabelos soltos... E tu?

Liv estava esperando a deixa ansiosamente:

– Vou ligar a câmera pra você ver.

Maurícia quase riu alto. Estava tentando ir devagar, para não assustá-la, e... Surpresa! Liv estava se saindo muito melhor do que a encomenda.

Não teve como ponderar mais nada. A imagem de Liv num vestidinho estampado de cores claras, com um decote generoso o bastante para deixar o comecinho dos seios à mostra, numa insinuação suave do que estava por vir, tomou a atenção de Maurícia por completo.

O cabelo estava um pouco diferente. Mais curto, talvez?

Intuindo a avaliação de Maurícia, Liv prendeu as mechas mais rebeldes – que caíam tapando-lhe o rosto – atrás das orelhas.

A sensualidade tímida do gesto arrancou de Maurícia um sorriso guloso. Os olhos azuis desceram pelo pescoço, colo, seios... Ela parecia ter ganhado uns quilinhos, a magreza quase doentia tinha sumido, deixando-a muito mais atraente.

Impossível deixar de comentar:

– Tu tá muito...

Liv tinha se arrumado cuidadosamente, tentando adivinhar o que agradaria Maurícia. Tarefa relativamente fácil, depois de terem enumerado todo tipo de gostos e preferências. Mas ainda assim, a insegurança estava lá, naturalmente presente. Foi num tom de brincadeira que a interrompeu, mas a tensão ficou evidente, não conseguiu escondê-la:

– Gorda?

Maurícia a corrigiu dando à palavra seu sentido mais verdadeiro:

– Linda.

Liv sorriu, com um acanhamento indisfarçável, que Maurícia achou delicioso.

– Também quero ver você.

Só então Maurícia lembrou que ainda estava com a câmera desligada. E que o que vestia não era absolutamente o que tinha falado antes:

– Só um segundo. Ao contrário de ti, eu não tava preparada.

O protesto bem humorado arrancou de Liv uma risada, que terminou muito antes da espera. Depois de minutos que para Liv pareceram inúmeros, a

imagem de Maurícia finalmente apareceu, de pullover vermelho e... Jeans e botas, Liv tinha certeza, apesar de não conseguir ver na tela. Tinha esquecido como os olhos azuis capturavam os dela.

Ficaram apenas se fitando e sorrindo durante um longo tempo, até Maurícia pedir roucamente:

– Deixa cair as alças...

Liv piscou, um pouco perdida, fazendo com que ela repetisse no mesmo tom, mas dessa vez de forma explícita:

– Do teu vestido.

Num ritmo propositalmente lânguido, Liv a atendeu. Com a ponta dos dedos, delicadamente. A alça esquerda primeiro, deixando antever os seios que a descida da alça direita desnudou por inteiro.

Maurícia apreciou a visão, incrivelmente satisfeita. A marquinha triangular da parte de cima do biquíni era um estimulante a mais. Umedeceu os lábios, pensando: “Não poderia ser mais perfeito”. Incitou-a sem o menor pudor:

– Quero tocar nesses peitinhos deliciosos...

A frase foi apenas o início. Tomada por uma forma desconhecida de tesão e desejo, Liv arrepiou-se dos pés a cabeça, gemendo sem nem perceber. Então, fechou os olhos e, deixando-se

guiar pela voz de Maurícia, acariciou-se imaginando que eram as mãos dela.

Quando voltou a olhar, Maurícia estava sem o pullover, e as pontinhas dos seios enrijecidas contra a blusa branca davam ao tecido um efeito de transparência.

Nem precisou pedir que ela desabotoasse a blusa. Bastou um olhar para Maurícia fazê-lo. Liv admirou os seios de bicos rosados, aprovando-os completamente.

“Vontade de colocar na boca...”. Não foi capaz de vencer a timidez para traduzir em palavras os próprios pensamentos. Deixou escapar um som engasgado e mordeu o lábio inferior involuntariamente.

Como se já esperasse a falta de palavras dela, Maurícia tocou nos próprios seios, acariciando-os de um jeito deliberadamente picante, arrebatado, veemente. Movendo as mãos como ela fazia, Liv deixou-se conduzir, respondendo a cada estímulo com uma voluptuosidade inexplicável, incontrolável, incompreensível.

– Chega a tua cadeira um pouco pra trás, meu amor.

Liv nem pensou em resistir. Deixou que

PERIGOSAS ACHERON

Maurícia a tomasse, as mãos descendo ávidas pela barriga, chegando nas coxas, sem mais reservas.

– Abre as pernas pra mim, abre... Isso... Assim...

As carícias se tornaram ainda mais íntimas. Primeiro por cima, depois driblando o elástico da calcinha preta minúscula, num movimento circular ritmado inconfundível debaixo do tecido.

– Tira tudo... Uhm... Que gostosa... Quero te comer toda... Dá pra mim...

Liv passou a gemer mais alto, numa rendição febril e derradeira, quando os próprios dedos materializaram a exigência de Maurícia, em total sintonia com a vontade dela. Ver Liv ali, inteiramente nua e entregue, causou um efeito absurdamente contundente, que deixou Maurícia num estado de excitação muito perto do desfecho. Precisou de toda a força de vontade que tinha para não perder completamente a cabeça. Sussurrou, num ardor roufenho:

– Goza pra mim... Comigo... Vem...

Não precisou pedir novamente. Liv estremeceu, revirando os olhos, gemendo incessantemente. Para Maurícia também foi mais do que suficiente. Entre respirações e sons desconexos, as duas explodiram juntas, em total sintonia, num orgasmo

PERIGOSAS NACIONAIS

assustadoramente intenso.

Primeiro de muitos que, nos dias que se sucederam, pareceram igualmente plenos.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO DEZENOVE

Maurícia esfregou os olhos e suspirou, tentando afastar o desassossego que trazia no peito. Em vão.

Era a milionésima vez que perdia o controle dos próprios pensamentos. Resolveu fazer uma pausa e, como se adivinhassem, bateram na porta do escritório.

– Entra, Neiva.

Ao invés da velha senhora, foi o rosto de Estela que apareceu no vão da porta. Com uma timidez visível, a guria pediu:

– Dá licença, dona Maurícia?

Só então Maurícia se deu conta de que era quarta-feira. Estava perdida. No tempo, no espaço, nos próprios sentimentos e ações... Se quisesse encontrar um nome para pôr a culpa, seria fácil, sequer precisaria pensar. Liv.

Voltou a suspirar, esquecendo-se completamente
PERIGOSAS ACHERON

da jovem ainda parada na porta, aguardando permissão para entrar. O pensamento arrastado pelas imagens que a junção daquelas três letras agora formavam. Teria permanecido ali, completamente alheia a realidade, se não fosse rudemente trazida de volta:

– O que tá fazendo parada aí com cara de besta?

Não era com ela que Neiva falava, mas as palavras caíram como uma luva. Desligou o notebook antes de se levantar, tentando amenizar a irritação da velha empregada:

– A culpa é minha, Neiva. A Estela tá só esperando eu terminar pra poder entrar aqui e limpar.

De nada adiantou a explicação. Foi até pior:

– Mas que barbaridade! Tu não tem ouvido, guria? Já te disse mais de mil vezes que não é pra ti atrapalhar a dona Mau!

– Sim, mas...

– Não fala mais nada! Faz logo essa tua limpeza mal feita, vai!

A implicância de Neiva tinha uma única razão: a recusa categórica em ter ajuda para manter a ordem da casa. Segundo ela:

– Faço isso muito bem, obrigada, desde que

Maurícia usava fraldas, e chamar alguém de fora é bobagem.

Mais do que acreditava, Maurícia sabia que a senhora seria capaz de se matar limpando o chão. Só que não havia a menor necessidade. Podia muito bem poupá-la do serviço pesado contratando a filha de um dos colonos – como era o caso – para vir uma vez por semana ajudá-la. O único problema era que Neiva simplesmente não aceitava. Não cansava de reclamar:

– Acaba que só atrapalha!

Normalmente, Maurícia até achava graça. Entretanto, nos últimos dias, não andava muito bem humorada. Falou com a fisionomia e a voz quase graves:

– Neiva, Neiva... Deixa a gurria em paz.

Saiu do escritório com Neiva resmungando atrás. Não tentou compreender o que ela falava. Limitou-se a defender a jovem uma vez mais:

– Pra que tanta implicância? A Estela precisa desse trabalho, como tu bem sabe.

Neiva continuou irredutível:

– Então que faça o serviço dela valer. Se não fosse eu falar, nem uma *Qboa* nos azulejos do banheiro a relaxada passava!

Sem nenhum interesse em prosseguir dialogando sobre o uso ou não de água sanitária e ciente que não adiantava falar mais nada, Maurícia deu de ombros, resignada:

– Vem, vamos tomar um mate.

Enquanto Maurícia cevava o mate, Neiva pegou a chaleira com água que já tinha deixado fervendo em cima do fogão a lenha e colocou na térmica, sem uma palavra. Do mesmo jeito emburrado, recusou a primeira cuia:

– Muito obrigada.

Maurícia, por sua vez, não se deixou comover pela birra da velha empregada:

– Não vai querer?

Esperou que ela confirmasse antes de completar:

– Vou lá pra fora então.

Pegou a térmica e a cuia e foi sentar-se na varanda na frente da casa. Estava frio, mas isso não a incomodava. A grande inquietação era interior.

Compreendia que para Liv sexo virtual era novidade. Natural que, assim sendo, ela estivesse constantemente exigindo de Maurícia uma empolgação e uma prontidão que ela absolutamente não possuía. O que também era absolutamente normal.

Ouvi-la através dos fones de ouvido, assim como vê-la numa telinha, estava longe, muito longe do que seria capaz de realmente satisfazer Maurícia.

Não que estivesse farta de sexo virtual, ou algo assim. Só que o que mais a excitava nas transas virtuais era exatamente o fato de ser impessoal, sem envolvimento, nem limites. O que com Liv era impossível. Não só porque a conhecia pessoalmente, mas porque existia... Afeto. Pelo menos por parte dela, desde o início.

Sim, admitia: com Liv, queria mais. Muito mais do que brincadeirinhas no Skype.

Só que parecia impossível. A distância... Havia acabado com o último relacionamento de Maurícia e se tinha sido capaz de destruir um casamento de anos, o que faria com ela e Liv, que mal se conheciam, e pertenciam a mundos... Na verdade, universos distintos?

Riu de si mesma, plenamente consciente do quanto estava se precipitando.

Alguns beijos quando estivera no Rio e transas via internet. Não passava daquilo. Sequer haviam estipulado entre elas um namoro ou algo do tipo. Estava mais para amizade virtualmente colorida. A que ponto tinha chegado? Naquela idade, se

PERIGOSAS NACIONAIS

comportando como uma pré-adolescente seduzida?

Estava rindo de novo. Dessa vez da ironia absurda da vida, quando foi subitamente interrompida:

– Telefone pra ti.

Perguntou enquanto se dirigia ao escritório:

– Quem é, Neiva?

A velha senhora respondeu com um sorriso imenso, totalmente oposto ao emburramento da cozinha:

– O Miguelzinho.

Maurícia atendeu quase suspirando de alívio. O irmão chegou a brincar:

– Nossa! Fazia tempo que eu não me sentia tão bem recebido!

O tom se tornou sério, mas nem por isso menos carinhoso:

– Tu tá bem?

O questionamento não surpreendeu Maurícia. Muito pelo contrário. Ele sempre adivinhava, ou quem sabe intuía, e, de uma forma ou de outra, se fazia presente em momentos assim.

– Sim, mas... Estou precisando falar contigo.

– Deve ser o fim do mundo pra tu estar admitindo isso.

PERIGOSAS ACHERON

Apesar da implicância bem humorada, a preocupação dele era nítida. Antes de começar, Maurícia pediu:

– Um minuto.

Virou-se para Estela. Nem precisou dizer nada. Bastou um olhar para a guria desculpar-se e sair, fechando a porta atrás de si. Colocando o telefone de volta no ouvido, foi direta:

– É sobre a Liv.

Num misto de perplexidade, ansiedade e cuidado, Miguel apenas disse:

– Sim?

Sabia perfeitamente o quanto, para a irmã, ultrapassar a própria reserva era difícil. Por isso permaneceu calado, respeitando a pausa que se seguiu, esperando que ela afinal falasse:

– Eu queria que ela viesse aqui, mas não quero convidar.

Ele riu, como se não acreditasse no que tinha acabado de ouvir:

– Como assim? Quer que ela adivinhe? Ou que se convide sozinha?

A inquietação de Maurícia ficou impressa na maneira como ela se apressou em corrigir:

– Não, não é isso. Me expressei mal. Eu quero

convidar. Só que...

Suspirou, como se as palavras estivessem entaladas, se recusando a sair. Miguel estava ciente do quanto ela estava se debatendo, numa última tentativa de evitar, fugir, escapar. Não podia nem iria permitir:

– Só que o quê, Mau?

O silêncio dela o fez repetir, dessa vez de forma ainda mais incisiva:

– Só que o quê, Maurícia?

A reação foi exatamente a esperada. Maurícia detestava ser pressionada e foi sem nenhuma pausa, acelerada pela irritação, que ela praticamente vomitou a verdade:

– Primeiro preciso saber se ela quer vir.

Miguel teria gargalhado. Se a coisa não fosse tão absurdamente grave:

– Sei... Bem a tua cara mesmo... Quer certeza, segurança, garantia. Nada de surpresas, nem de correr nenhum risco. A minha única pergunta pra ti é: onde está a graça nisso?

Antes que ela pudesse pensar em contestar, prosseguiu:

– Tu pediu minha opinião, não pediu?

Maurícia tentou balbuciar algo, mas Miguel fez

PERIGOSAS NACIONAIS

que não ouviu:

– É muito simples: convida! O máximo que pode acontecer é a Liv dizer não. Coisa que eu duvido.

– É? Então tu acha que...

Na voz de Maurícia estava impresso o sorriso. Miguel não resistiu à tentação de desestabilizar a confiança recém-adquirida dela... Só um pouquinho:

– Se bem que... Cá entre nós... Nunca se sabe, né? Principalmente em se tratando da Liv...

O efeito foi muito maior do que ele pretendia:

– O que tu quer dizer com isso?

Era mesmo sério. Estava claríssimo. Fazia séculos que não via a irmã assim, tão... Sequer conseguia definir.

– Calma, Mau... Eu tava só... Tentando te dar um pouco mais de adrenalina, mas pelo visto nem precisa, tu tá firme que nem prego em polenta, né?

A tentativa de descontrair falhou inteiramente. Riu sozinho. Maurícia suspirou do outro lado, numa tensão tão evidente que Miguel concluiu com uma enxurrada de incentivos:

– Deixa de insegurança boba! Vai dar tudo certo! Coragem! Confia no teu taco, maninha!

PERIGOSAS ACHERON

Quando Maurícia ligou o Skype, Liv já estava online. Antes que pudesse cumprimentá-la, recebeu o pedido de chamada em vídeo. Hesitou em aceitar.

“Não, hoje não... Preciso de outro tipo de clima.”

Mas Liv parecia impaciente. Teclou:

“Aceita. Preciso falar com vc e tem q ser ao vivo.”

Um arrepio gelado percorreu Maurícia, subindo pela espinha. O que ela teria para dizer, importante a ponto de...

A imagem de Liv entrou, e, aí sim, Maurícia teve certeza de que era o fim. Ela parecia... Tensa. Apreensiva. Com a roupa que tinha chegado do trabalho, sequer tinha se arrumado, como fazia todos os dias. Tudo isso era perceptível.

– Oi...

Falou tentando sorrir, num esforço visível. Maurícia respondeu sem respirar:

– Oi.

Enquanto pensava: “Ela vai me despachar”.

Óbvio que isso seria fácil demais. Um silêncio constrangedor se estabeleceu. As duas ficaram se olhando, paradas. Até Liv suspirar alto e pegar uma latinha de cerveja que virou inteira, em algumas goladas, como se quisesse tomar coragem.

PERIGOSAS NACIONAIS

Virou-se para Maurícia sem fitá-la. Se o fizesse, veria o quanto ela estava mortificada. Ao invés disso soltou, como se desabafasse:

– Isso não tá funcionando.

Apesar de fatídica, a frase não foi inesperada. Sem ter o que fazer, Maurícia acabou por concordar baixinho:

– Então tá...

Tão baixo que Liv não foi capaz de escutar:

– Não que eu não esteja gostando. Acho que nem preciso falar, né? Você sabe. Ah, vamos lá... Você já deixou claro que adora essa coisa virtual, e eu tentei, mas... Continuo achando muito... Imaterial. Sei lá... Talvez eu realmente seja... Carnal demais. O fato é que...

Maurícia foi quase rude ao cortá-la:

– Não precisa fazer tantas voltas. Vai direto aonde tu quer chegar.

Liv a olhou com total perplexidade:

– Ahn?

Maurícia sustentou o olhar de Liv firmemente:

– Diz logo o que tu quer falar.

Franzindo a testa em estranhamento, Liv só conseguiu balbuciar:

– Tá... Tá...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Maurícia repetiu mentalmente para si mesma várias vezes: “Calma, Maurícia, calma”. Mas só conseguiu fazer com que a própria pulsação acelerasse ainda mais. Liv olhou para baixo e voltou a suspirar. Maurícia estava estranha, o que só dificultava. Mas precisava, queria e iria...

– ... falar?

– Quê?

– Perguntei se tu não vai falar.

– Seria bem mais fácil se você não me apressasse.

A voz de Maurícia foi pura impaciência:

– Liv...

A de Liv, uma tentativa de apaziguar:

– Mau...

Absolutamente despercebida:

– Tu tá muito esquisita hoje, sabia?

– Se eu tô esquisita, então o que é que você tá?

Liv suspirou, exasperada. Respirou fundo, para recuperar um pouco a calma antes de falar:

– Tá. Chega de besteira. Eu vou dizer, não importa o quanto você esteja estressada ou o que vai pensar. É o seguinte: eu tenho férias pra tirar e milhas aéreas pra gastar e...

– Era isso?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um misto de alívio e felicidade hilário tomou conta de Maurícia, até se transformar num sorriso incontrolável:

– Não precisa falar mais nada.

Liv não estranhou. Pelo contrário. A reação de Maurícia causou um efeito exatamente igual. Não era mesmo necessário dizer, estava mais do que explícito. Foi por puro prazer que mutuamente se provocaram:

– Não?

– Eu já entendi.

– Mesmo?

– Perfeitamente.

– E?

– Preciso responder?

Liv fez uma pausa para mudar completamente o andamento do diálogo. Olhando dentro dos olhos azuis, sussurrou:

– Com todas as palavras.

Maurícia respondeu no mesmo tom, sem desviar o olhar:

– Só preciso de uma.

Estremeceu só de imaginar o que o verbo aparentemente simples selava:

– Vem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE

As três semanas seguintes passaram numa estranha mistura de lentidão e rapidez. Maurícia mudou a rotina diária com novidades que Neiva estranhou imensamente. Idas à cidade para comprar roupas de cama, toalhas e cortinas novas, um aquecedor a óleo e sabe-se mais lá o quê. Faxinas e arrumações em cada cômodo, canto e fresta, chegando ao cúmulo de colocar Estela para bater os tapetes lá fora e arejar a casa abrindo todas as janelas. A única coisa normal foi mandar Valdo separar uma ovelha para carnearem quando a visita chegasse. Só parou de resmungar:

– Pra quê tudo isso? Nem se fosse Anita Garibaldi!

Quando tentou arrumar o antigo quarto de Miguel para a hóspede tão esperada e Maurícia a impediu:

PERIGOSAS ACHERON

– Não precisa.

A frase foi proferida com uma facilidade apenas aparente. Só Maurícia sabia o quanto a fez tremer por dentro. Neiva fitou-a num questionamento mudo, como se buscasse a certeza.

“Sim, eu vou dormir com ela, é isso mesmo”, Maurícia pensou, mas não declarou tão abertamente. Desnecessário. A cama de casal eliminava qualquer outro entendimento:

– Ela vai ficar no meu quarto.

A velha empregada não disse nada, apenas concordou com a cabeça, como se não fosse realmente uma surpresa.

Quando a véspera da viagem afinal chegou, Maurícia estava uma pilha de nervos. Tomou três doses de cachaça antes de sentar-se em frente ao notebook, onde Liv já a esperava, nitidamente inquieta.

Não era para menos. Tinha feito, desfeito e refeito as duas malas mais de mil vezes. Sem saber ao certo o que usar para não congelar no Rio Grande do Sul em pleno inverno, acabou decidindo levar todas as roupas quentes que possuía, apesar

de Miguel já ter sentenciado:

– Tu não tem nada que sirva pr’aquele frio.

Realmente, não possuía uma peça de lã sequer. E lã era exatamente o que todos diziam ser imprescindível.

Por mais que tentasse se tranquilizar, o nervosismo em que estava era evidente, e tinha vários motivos. Pela última vez, insistiu:

– Não precisa se despencar até Porto Alegre, posso perfeitamente ir de ônibus e você me pega em Santa Maria.

Inútil, como todas as conversas anteriores neste sentido. Maurícia recusou-se a discutir:

– Vou te buscar no aeroporto, já tá decidido.

Despediram-se com o mesmo pensamento: o virtual acabava ali. Seria real no dia seguinte. Constatação que fez com que para nenhuma das duas fosse fácil dormir.

Assim que atravessou a porta do desembarque, Liv avistou Maurícia. As duas se aproximaram sorrindo.

Liv largou o carrinho e a apertou com força entre os braços, com uma espontaneidade absolutamente

efusiva. A reação de Maurícia foi involuntária. Pega de surpresa, e em público ainda por cima, o corpo ficou rígido de tensão, sem que pudesse prever ou impedir. Aquilo funcionou como um balde de água fria para Liv, que, constrangida, a soltou e recuou, incerta de como agir. Igualmente sem graça, xingando-se mentalmente pela própria reação inexplicável e ridícula, Maurícia estendeu o sobretudo de lã preta que estava segurando para Liv, que agradeceu quase com formalidade ao vesti-lo:

– Obrigada.

Jamais tinha sentido tanto frio na vida. Não só por causa da temperatura. Verdade que, no pouco tempo em que haviam convivido pessoalmente, Maurícia nunca tinha sido muito calorosa. Fato que Liv atribuía à falta de intimidade, já que pela internet ela sempre era... Bastante intensa, no mínimo.

Antes que começasse a se questionar se deveria mesmo estar ali, Maurícia avançou, tirou o cachecol que usava e, carinhosamente, o ajeitou ao redor do pescoço de Liv. Depois, pegou o carrinho com as malas e propôs:

– Vamos?

Com um sorriso tão convidativo que fez com que todas as dúvidas de Liv fossem esquecidas.

No estacionamento, em frente à S10 prata de cabine dupla, travaram um pequeno embate a respeito de quem colocaria as malas no carro.

Liv não queria deixar Maurícia fazer tudo sozinha, mas foi impossível demovê-la. Com um suspiro, resignou-se a colocar a própria bolsa e a frasqueira no banco de trás. Olhou com curiosidade para a caixa térmica vermelha no chão, fazendo Maurícia se justificar:

– A Neiva sempre dá um jeito de mandar um farnelzinho, acho que ela tem medo que eu morra de fome, sei lá.

O riso que compartilharam teve o efeito de dissipar um pouco a tensão.

Assim que entraram, Maurícia ligou o ar quente, mas não deu partida no carro. Virou-se para Liv, como se só então reparasse que ainda não tinham se cumprimentado de fato:

– Oi.

O azul profundo daquele olhar teve o poder de fazer o coração de Liv disparar. Sorriu, num misto

PERIGOSAS NACIONAIS

de encantamento, nervosismo e embaraço:

– Oi.

Como resposta, recebeu um sorriso esplendoroso:

– Nem acredito que tu tá aqui...

Liv sorriu de volta, sem nem sentir. Esfregou as mãos, numa tentativa inútil de se acalmar e também de esquentar os dedos quase enrijecidos:

– É, parece mentira...

– Estão geladas...

Maurícia exclamou, penalizada, ao pegar as mãos de Liv entre as dela. Friccionou-as com uma doçura indescritível:

– Melhor?

Difícil responder um simples “Sim”. Mais ainda conter o impulso de beijá-la. No entanto, o retraimento anterior de Maurícia tinha deixado Liv incapaz de se aventurar a qualquer tipo de avanço físico.

– Quer almoçar agora ou prefere parar no caminho?

– Não estou com a menor fome. E você?

Fez a pergunta e ouviu a resposta sem conseguir tirar os olhos da boca de Liv.

– Também estou sem fome.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Naquele momento, comida era a última coisa que Maurícia desejava. Na verdade... Voltou a olhar para os lábios dela e, sem mais hesitar, ultrapassou as próprias inseguranças.

Foi um beijo rápido, mas profuso em promessas, ajustes e significados. Quando se separaram, Maurícia sussurrou, o olhar de Liv no dela, o rosto ainda entre as mãos:

– Que bom que tu veio.

Os olhos castanhos brilharam em resposta e as bocas se buscaram com uma veemência ainda maior.

Afastaram-se com vagar, fitando-se intensamente. Sem desviar o olhar, Maurícia puxou e colocou o cinto. Liv fez o mesmo.

– Vamos? Qualquer coisa, temos o lanchinho da Neiva.

Liv não disse nada, apenas pousou a mão esquerda com suavidade na perna dela. Maurícia então girou a chave na ignição, passou a marcha e acelerou sorrindo em direção à fazenda.

Ao contrário do que haviam imaginado, a viagem foi inacreditavelmente rápida. Nem a

PERIGOSAS ACHERON

sentiram. Talvez porque preenchida por uma longa conversa entremeada de olhares, risos e silêncios. Ou simplesmente por estarem ali juntas, as mãos se buscando de vez em quando, os dedos entrelaçados enquanto Maurícia mudava a marcha, estabelecendo uma tácita ausência de pressa.

Quando chegaram na fazenda, já estava escuro. Só então Liv percebeu que não tinha prestado a menor atenção na estrada, nem nas paradas, muito menos no que haviam comido e bebido no caminho. Em nada além da mulher ao lado dela.

Maurícia virou-se, nitidamente preocupada e fez o que Liv menos esperava: instruiu, como se estivessem numa guerra:

– Eu vou sair primeiro, tu me espera aqui dentro. Deixa que o Musquito e o Valdo levam as malas. Nós vamos entrar em casa direto.

Não teve como deixar de achar uma graça, mas também... Um exagero. Até que Maurícia abriu a porta para ela. Assim que sentiu o ar – gelado como o inferno –, mudou de ideia completamente. Encolheu-se no sobretudo, numa tentativa inútil de evitar que o vento queimasse na pele, a respiração esfumaçada contra o frio úmido, cortante, intenso.

Maurícia puxou-a pela mão com um misto de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suavidade e firmeza:

– Vamos, antes que tu congele.

Neiva as esperava na cozinha como sempre. Maurícia apresentou as duas, e enquanto Liv a cumprimentava a velha senhora foi logo dizendo:

– Tu tá gelada! Que judiaria! Tá mesmo um frio de rachar os beijos! Vem pra perto do fogão.

Conduziu Liv até um banco, enquanto oferecia:

– Quer um mate?

Liv respondeu educadamente:

– Não, obrigada.

Mas ela não se conformou:

– Então um chá?

Liv voltou a recusar, e Neiva a insistir:

– Ou um café? Café com leite?

Sem perder o sorriso cortês e simpático, Liv repetiu mais uma vez:

– Não, não. Muito obrigada mesmo.

Sabendo que aquilo poderia durar a noite inteira, Maurícia resolveu interferir:

– Ela não quer nada agora, Neiva.

Olhou para Liv, consultando-a:

– Quem sabe um banho?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Liv concordou, pois Miguel havia repetido incontáveis vezes, para que ela não esquecesse: “Pra te esquentar, nada melhor que um banho quente”.

Levantou-se antes mesmo de Maurícia chamar:
– Vem.

Totalmente encolhida na cadeira em que estava sentada, Liv deixou escapar:

– Que frio!

Com um desespero visível. Sem conseguir parar de tremer, a impressão que tinha era que jamais voltaria a se sentir aquecida. Como poderia, quando as mãos continuavam absolutamente congeladas, apesar da lareira acesa, do vinho que estava tomando e da inacreditável quantidade de roupas em camadas que estava vestindo?

Maurícia sorriu. Para ela, nem estava tão frio assim. Pediu licença e deixou a sala rapidamente.

Abraçando o próprio corpo, para Liv pouco importava se estava ou não dando vexame. A única preocupação era não morrer de hipotermia.

Riu sozinha do próprio exagero. O riso causou um arrepio e mais estremecimentos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nesse exato momento, Maurícia surgiu de volta, carregando um amontoado que Liv comparou mentalmente a... Tapetes de pelos. O que diabos era aquilo?

Como se lesse os pensamentos dela, Maurícia esclareceu:

– São pelegos.

Pedi:

– Levanta só um pouquinho.

Sob o olhar curioso de Liv, forrou a cadeira com um dos pelegos antes de puxá-la para mais perto do fogo.

– Senta. Vai te aquecer.

Obedeceu sem discutir e, surpreendentemente, a coisa peluda debaixo dela fez toda a diferença.

Depois de forrar o chão com o outro pelego, Maurícia se sentou sobre ele. Colocou mais duas achas de lenha na lareira, fazendo as chamas aumentarem consideravelmente. Só então perguntou:

– Melhor?

Já sentindo o calor voltar a se espalhar por suas veias, Liv sorriu e fez que sim com a cabeça:

– Muito.

Não satisfeita, Maurícia ofereceu:

PERIGOSAS ACHERON

– Mais vinho?

Liv olhou em volta, procurando a taça que estava usando. Havia ficado para trás, na mesinha que antes estava ao lado da cadeira. Fez menção de levantar-se, mas Maurícia a impediu:

– Eu pego.

Não deu tempo para que Liv aceitasse ou recusasse. Com uma rapidez incrível, voltou com a garrafa e as duas taças cheias. Liv pegou a que Maurícia lhe estendia com um sorriso divertido. Maurícia também sorriu, apesar de não saber direito:

– Qual é a graça?

Sem pensar, Liv respondeu:

– Você.

Fazendo Maurícia deixar escapar um som expirado, misto de surpresa, embaraço e curiosidade:

– Eu?

Sem deixar de fitá-la, Liv tomou um gole do vinho, aproveitando para pensar antes de finalmente falar:

– Você é tão solícita... Quer dizer... Tem esse jeito... Essa... Preocupação? Não, é mais do que isso, é atenção, zelo... Na verdade, eu diria que

você é uma cuidadora. Exato! Cuidadora. Essa é a palavra.

Com um aceno inescrutável de cabeça, Maurícia voltou a sentar-se no pelego. Brincando com a taça entre os dedos, ficou observando as labaredas trepidarem no mais absoluto silêncio.

Liv já havia desistido de esperar que ela falasse algo quando as palavras finalmente vieram:

– Não sou sempre assim.

Se tivesse pensado, provavelmente se manteria quieta. Mas naquele momento, o impulso foi muito mais forte. Totalmente intuitiva, foi a forma como Liv se inclinou para Maurícia, sentando apenas na pontinha da cadeira, tão próxima que questionou a poucos centímetros do rosto dela:

– Não?

Maurícia levantou os olhos, o azul envolvendo Liv como se pudesse submergir dentro dela. Os lábios de Liv se entreabriram, acompanhando a necessidade repentina de mais oxigênio quando a resposta de Maurícia finalmente veio:

– Sou contigo.

Ajoelhando-se na frente de Liv, Maurícia levantou a mão direita. Vagarosamente, acariciou o rosto dela, que inclinou a cabeça, recebendo e

PERIGOSAS NACIONAIS

aceitando o contato integralmente. No entanto, nenhuma das duas ousou mais do que isso. Divertida com a lentidão e o embaraço mútuos, Maurícia não resistiu:

– Seria mais fácil se tivesse música?

Riram juntas, num entendimento pleno. Antes de Liv sussurrar, fitando-a profundamente:

– Não precisa.

Maurícia repetiu o tom segredo e íntimo:

– Não?

Os olhos de Liv desceram pelos lábios dela com uma antecipação explícita:

– Vou facilitar pra você.

Procurou a boca de Maurícia com um ardor suave, doce, perfeito. Suspiraram juntas quando concretizaram o beijo. Absolutamente intenso foi o sabor daquele momento. Sem mais impedimentos nem nenhuma possibilidade, muito menos vontade de retrocederem.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE E UM

Iluminadas apenas pelo fogo da lareira e um pequeno abajur, as chamas estalando, trepidando sombras e pequenas centelhas de luz, o cheiro da madeira se transformando em brasa, o gosto do vinho e da necessidade mútua. Atmosfera perfeita em tudo. Etérea, voluptuosa, rústica... Acentuando os sentidos já aguçados das duas.

Desejando um contato maior, Liv deixou a cadeira onde estava sentada e acomodou-se no colo de Maurícia. Frente a frente, com ela entre as pernas, sem interromper o beijo. Apesar da ansiedade arquejante, não tentaram acelerar o andamento. Foi lento. Demorado, um maravilhoso tormento. Beijaram-se por um longo tempo. Saboreando a boca, a língua, os lábios uma da outra, enquanto as mãos deslizavam ainda por cima das roupas.

PERIGOSAS ACHERON

Quando Maurícia escorregou as dela por debaixo dos tecidos e finalmente tocou a pele de Liv, arrancou e deixou escapar gemidos. Permitiu-se desfrutar o toque devagar. Provando, desvendando, deliciando-se primeiro com a textura. Só depois subiu buscando, encontrando, atendendo ao que ambas estavam pedindo. Com suavidade no início. Aos poucos, as carícias foram ganhando intensidade, em obediência ao que Liv lhe murmurava baixinho no ouvido.

A retribuição não foi igualmente lenta. Um único segundo separou o momento em que Liv afastou uma das mãos para levantar a frente da blusa de Maurícia e substituí-la pela boca, aumentando o delicioso calor que emanava da pele dela.

Quase suando, Maurícia tirou o casaco que vestia. Depois, com absoluta delicadeza, recostou Liv no pelego e deitou-se sobre ela.

Estabeleceu um ritmo ardente, enfático, mas sem nenhuma pressa. Queria saboreá-la por completo e deixou isso claro, apesar de Liv ensaiar um breve protesto. Beijando-a incansavelmente, comprimiu, insinuou, roçou o corpo contra o dela sem encontrar resistência. Muito pelo contrário. Liv correspondeu no mesmo estado de combustão, fusão, fissura.

Compartilhando o desejo de estarem ainda mais perto. Grudadas, entrelaçadas, na verdade, dentro.

Puxando a blusa de Maurícia para cima, Liv exigiu num sussurro rouco:

– Tira.

Não precisou repetir. Maurícia atendeu imediatamente ao pedido. Ajoelhada entre as pernas dela, despiu a própria blusa, proporcionando um segundo para Liv admirá-la. Nua da cintura para cima, um lado do corpo e dos anéis loiros iluminado por fachos âmbar que tremulavam, compondo uma imagem absolutamente indescritível.

Perdeu o fôlego quando Maurícia desceu sobre ela com uma urgência recém-adquirida. A forma como Liv a olhou instaurou em Maurícia uma sofreguidão repentina. Percorreu o pescoço dela com a boca, arrancando tremores e suspiros, enquanto abria zíperes, botões ou qualquer outro empecilho.

Liv viu-se despida da jaqueta, do casaco de lã e do moletom sem saber ao certo como, inteiramente envolvida na sensação inebriante de causar e sentir arrepios. Acariciando a nuca, os ombros e as costas dela, subindo e descendo pela espinha, até

encontrar e apalpar as nádegas apertadas na calça jeans.

Tentando driblar a enorme quantidade de roupas que Liv ainda estava vestindo, Maurícia as levantou, apenas o suficiente para deixar os seios à mostra. Em resposta ao olhar interrogativo que obteve, explicou:

– Não quero que sinta frio.

A réplica de Liv foi suave, apesar de firme:

– Não vou sentir.

Mesmo assim, Maurícia hesitou. Queria mantê-la confortável, protegida.

– Preciso da sua pele na minha.

A frase dissipou toda e qualquer dúvida de Maurícia naquele sentido. Prontamente, livrou-a das duas blusas e da camiseta que vestia. Liv arquejou quando a boca e as mãos de Maurícia desceram sobre a pele nua. O ruído do fogo serviu de fundo para os sons das duas se tocando, provando, instigando até que prolongar se tornou impossível.

– Mau...

O tom suplicante foi inequívoco. As duas sabiam disso. Liv não precisaria conduzir a mão direita de Maurícia, mas ainda assim ela o fez, expondo como

a própria necessidade estava: imperativa, desenfreada, sem suportar mais a espera. Olhando Liv nos olhos, Maurícia a satisfazia. Tateou dentro dos jeans dela, vencendo a calça legging que Liv estava usando por baixo e depois, finalmente, o elástico da calcinha. Um gemido pontuou o instante derradeiro em que degustou a umidade indisfarçável com os dedos. Não soube dizer se dos próprios lábios, ou dos dela. De ambos, provavelmente.

Aquilo a descontrolou, fez com que toda a languidez anterior se transformasse em ardência. Pressurosa, foi a forma com que Maurícia abriu aqueles botões, praticamente arrancando a peça de roupa de uma só vez. Libertou-se do resto da mesma maneira extrema. Ficou ali parada, de joelhos, admirando o esplendor da nudez de Liv integralmente exposta, ao alcance dela pela primeira vez.

Liv compreendia, até compartilhava o sentimento. Mas a pressa que sentia era derradeira. Puxou Maurícia para si, desta vez num silencioso apelo. Maurícia deixou-se atrair. Acomodou-se no corpo de Liv e foi descendo. Esfregou o rosto, passeou as mãos e a boca... Nos seios, nas coxas,

no ventre... Os lábios roçando de leve, deliciando-se com a pele que se arrepiava inteira. Estava ofegante quando voltou a levantar a cabeça. O azul dos olhos mais escuro, numa tonalidade febril, exigente e tensa.

Fitaram-se antes de voltarem a se beijar, fundindo-se com uma voracidade urgente. As mãos de Liv abriram e abaixaram o jeans e a calcinha de Maurícia até os joelhos. Maurícia terminou o processo, livrando-se do resto das roupas com as pernas.

As bocas voltaram a se encontrar. Tão ávidas quanto as peles ao se provarem, finalmente nuas por inteiro. Liv se agarrou às costas de Maurícia, acompanhando a cadência sôfrega com que ela se movia, tornando o ritmo ainda mais extremo. Puxou-a com força, trazendo-a firmemente para si. A mão direita subindo, acariciando a nuca dela. Tentou falar, sem êxito. Só conseguiu soltar gemidos e sons erráticos, iguais aos que Maurícia deixava escapar em cima dela. A mão de Maurícia desceu, numa carícia leve percorrendo, traçando um caminho rápido até o sexo de Liv, que colaborou, abrindo mais as pernas.

Embalada pelo movimento que os quadris dela

PERIGOSAS NACIONAIS

faziam e pelos sons cada vez mais sugestivos que Liv emitia, Maurícia pediu baixinho, no ouvido dela, a confirmação verbal do que era visível:

– É assim que tu gosta, não é?

Responder foi difícil:

– Você sabe... Que sim...

Com um contentamento abusivamente rouco, Maurícia instigou mais ainda:

– Tão gostosa... Isso... Dá pra mim...

Aumentou o ritmo e a força do movimento circular, tornando-o mais e mais intenso:

– Isso... Uhm... Assim...

Liv gemeu sem querer:

– Deus...

Tudo se encaminhava para o desfecho febril e derradeiro, se Liv não quisesse mais, muito mais. Foi sem o menor pudor que demandou:

– Enfia...

A exigência direta e explícita quase fez Maurícia perder a cabeça. Precisou de toda a força de vontade que tinha para refrear-se o suficiente para levar o indicador e o dedo médio à boca antes de atender ao pedido irrecusável e em total sintonia com a própria vontade. Lubrificou-os, de um jeito absolutamente... Liv não encontrou a palavra.

PERIGOSAS ACHERON

Limitou-se a perder o fôlego, e a gemer de novo, completamente entregue enquanto a dona do olhar azul entrava intimamente nela.

Passou a gemer ininterruptamente, acompanhando o andamento que se estabeleceu. Ondulando juntas, as bocas coladas, as respirações entrecortadas, ambas igualmente sem governo. Um prazer insuportável ameaçou tomar conta de Liv. Dominou-o, numa agonia deliciosa, esforçando-se para que o orgasmo não viesse rápido, naquele momento. Avisou murmurando com dificuldade, para que ela a acompanhasse:

– Eu... Vou...

Mas Maurícia tinha outro desejo. O de prová-la, com todos os sentidos e meios:

– Não...

Sem parar o que estava fazendo, praticamente ofegou, enquanto descia:

– Quero na minha boca...

Não deu a Liv tempo de concordar. Materializou a própria necessidade com a língua faminta entre as pernas dela, acompanhando a cadência dos dedos ao avançarem e retrocederem. Humanamente impossível para Liv se segurar mais. Aquilo a descontrolou por completo. A explosão foi

irrefreável. Intensa, longa, mas não derradeira, porque Maurícia não se deteve. De forma mais suave no começo, e depois gradativamente aumentando a pressão e a velocidade dos movimentos, a fez gozar em seguida. E de novo, mais uma vez.

– Para...

Tentou empurrá-la com as mãos, inutilmente:

– Para... Mau...

Maurícia só a soltou quando Liv balbuciou fracamente:

– Mau... Eu... Não aguento...

Levantou o rosto e olhou para Liv ainda pulsando, de olhos fechados, com um rubor voluptuoso instalado no colo, nas bochechas, no corpo inteiro, e avançou febrilmente.

Liv estava tentando se recuperar, incapaz de se mover, quando foi inesperadamente atacada. Dessa vez de maneira bem diversa. Ofegou quando Maurícia voltou a deitar sobre ela e sussurrou:

– Deliciosa... Quero te comer inteira...

Desceu a boca pelo pescoço de Liv, passou a língua, beijou, mordiscou de leve:

– De todos os jeitos.

A reação de Liv foi violenta. Gemeu alto, se

arreprou inteira. Quase gozou de novo, só de ter Maurícia nos braços daquele jeito. Colou os lábios no ouvido dela e incitou:

– Goza... Pra mim... Vem...

Obteve efeito imediato. Maurícia estremeceu, arquejou, gemeu... Liv se aproveitou ao máximo. Apalpou, acariciou e a apertou incansavelmente enquanto repetia:

– Assim... Goza. Assim, vem...

Amparou-a, recebendo-a integralmente – com os olhos, o corpo, a voz, a própria essência. Depois de um último gemido, Maurícia deixou-se cair, repousando o corpo sobre o de Liv. O rosto nos cabelos dela, que a segurava firme.

Liv enfiou os dedos na nuca de Maurícia, numa carícia suave que provocou arrepios. Apoiando-se nos próprios braços, Maurícia levantou a cabeça para fitá-la. Sorrindo de um jeito que era... Liv não conseguiu definir. Tentou encontrar as palavras, apesar de desconhecer o motivo da própria insistência em dizer o que estava sentindo:

– Você é... Tão...

No mesmo tom ardente e íntimo, Maurícia concordou sem que ela precisasse completar. Como se estivesse pensando o mesmo:

– Tu também.

As bocas se encontraram com um carinho delicadamente apaixonado, de uma ternura extrema. Quando se separaram, Maurícia deitou-se de costas. Liv virou-se de lado, para ela, uma das mãos apoiando a cabeça e a outra desenhando carícias no corpo de Maurícia de leve.

Ficaram um tempo sorrindo e se olhando, em silêncio. Até Liv dizer:

– Se me falassem quando nos conhecemos eu nunca ia acreditar...

Não completou. Maurícia teve que perguntar:

– Em quê?

Pousou a boca sobre a de Maurícia de forma lenta, torturante, mas não a beijou. Ficou só roçando os lábios nos dela. Segredou baixinho:

– Que um dia eu estaria aqui com você, desse jeito...

O olhar azul irradiou, incendiariamente magnético. O castanho correspondeu e avançou, encerrando a conversa de vez.

Voltaram a se beijar, com um ardor derradeiro. Liv percorreu o pescoço de Maurícia com a boca, continuou descendo, até alcançar os seios. Provocou, passando a língua demoradamente, antes

de afinal colocá-los na boca. Provando cada pedacinho de pele que encontrava pelo caminho, lambeu o ventre, as virilhas, o interior das coxas, refreando o desejo de avançar aonde realmente queria. Mordiscou, sugou, chupou – primeiro só ao redor, depois tocando com a língua de leve –, levando Maurícia a um estado de quase desespero. Perdeu totalmente a noção de quantas vezes gemeu, suspirou, balbuciou fonemas sem sentido. Quando chegou ao limite do suportável, segurou-a pelos cabelos, suplicando:

– Liv...

Foi com um prazer quase aliviado que Liv concordou em finalmente fazer o que também queria:

– Abre...

Segurando as coxas dela com as duas mãos, ajudou Maurícia a apartá-las um pouco mais. Deixou escapar um som abafado ao mergulhar a boca faminta no sexo dela. Maurícia também gemeu. Oferecendo-se, rendendo-se, entregando-se totalmente. Deitada entre as pernas de Maurícia, Liv correspondeu regendo o ato com perfeição. Absoluta maestria de quem, além do tesão, segue a emoção e os sentidos.

O toque foi se tornando incontrolavelmente intenso, os gemidos cada vez mais altos e menos pausados. O corpo de Maurícia estremeceu, sacudido por um violento espasmo. Dos seus lábios, uma única palavra irrompeu. Dessa vez num êxtase arrebatado:

– Liv...

Permaneceu algum tempo deitada, de olhos fechados. Quando os abriu, Liv estava ajoelhada na frente dela, observando-a, com um enorme sorriso. Chamou-a abrindo os braços, devolvendo o sorriso:

– Vem cá.

Beijaram-se longa, preguiçosa e demoradamente. Depois, Liv se aconchegou, a cabeça descansando no ombro de Maurícia, as pernas enroscadas nas dela.

Deixaram-se ficar ali, abraçadas e aquecidas em cima do pelego, observando o fogo tremulando na lareira. Os estalos do queimar da madeira misturando-se aos ruídos que vinham da noite lá fora. Sons que Maurícia conhecia muito bem. Eram sua realidade. Só que, agora, repletos de um novo e inesquecível significado.

Liv prestou atenção, tentando identificá-los: grilos, vento e... Impossível nomear. Mas nem

precisava. Apesar de desconhecidos, nunca os esqueceria, eram absolutamente memoráveis. Piscou, lutando contra o cansaço, sem querer adormecer ainda. Maurícia percebeu. Beijou Liv nos lábios, antes de propor:

– Vamos pra cama?

A resposta fez Maurícia rir com gosto:

– Sabe aquela sopa que você me ofereceu antes? Então... Agora eu vou querer.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Liv despertou de repente, sem saber ao certo por que nem como. Abriu os olhos, tentando lembrar onde estava, mas não adiantou. Sem enxergar nada no breu total, ergueu a cabeça e os ombros. Um peso enorme em cima dela obrigou-a a gastar no simples movimento um inacreditável esforço.

A dúvida não perdurou. Maurícia passou o braço ao redor dela, puxando-a para si de um jeito absolutamente carinhoso:

– É só o galo. Te assustou?

Como que para comprovar o que a dona dele dizia, o bicho cacarejou de novo. O fato de Maurícia estar colada atrás de Liv – as duas inteiramente nuas – só dificultou a resposta:

– Não, é que eu... Acordei meio... Perdida...

Maurícia pousou a boca no pescoço de Liv, enquanto as mãos exploravam a pele dela por baixo

PERIGOSAS ACHERON

das inúmeras camadas de cobertores. Arrancando um suspiro, alguns gemidos e muitos tremores.

A intensidade da própria reação fez Liv lembrar-se, com detalhes, da noite anterior. Gemeu de novo antes de arquear o corpo num misto de entrega e sedução que Maurícia achou fabuloso. Riu baixinho, perto do ouvido de Liv. Provocou:

– E agora? Te encontrou?

Liv não riu de volta. Foi num silêncio sôfrego que virou-se para Maurícia, a fez deitar de costas e montou-a, sussurrando contra os lábios dela:

– Ainda não. Mas vou...

Maurícia acordou cedo, como sempre. Novidade foi a primeira coisa que viu: Liv profundamente adormecida a seu lado. Sorriu, sem nenhum repúdio à ideia daquilo se tornar um hábito.

Acariciou o rosto dela de leve, com cuidado. Liv resmungou baixinho, virou e aconchegou-se em Maurícia, sem despertar. Com um sorriso ainda maior nos lábios, Maurícia passou a observá-la. Era bonita? Maurícia achava. No entanto, sabia que já tinha perdido completamente qualquer tipo de senso crítico ou imparcialidade. Estava apaixonada.

Como não estar, com Liv sendo tão... Nem perdeu tempo tentando traduzir em palavras aquilo que era muito mais sensação do que fato.

Quebrando a eterna e imutável rotina diária de levantar com as galinhas, tomar chimarrão com Neiva e depois café com Musquito e Valdo, permitiu-se ficar ali deitada, com Liv nos braços, a mente divagando pelas lembranças absolutamente deliciosas da véspera enquanto esperava que ela acordasse.

– Uhm...

Liv gemeu preguiçosamente contra os lábios de Maurícia. Beijou-a de volta sem abrir os olhos. Esperou que as carícias se tornassem mais ousadas, mas foi exatamente o contrário. Maurícia resvalou a boca pelo rosto de Liv, e sussurrou bem pertinho do ouvido dela:

– Vamos levantar?

Liv puxou Maurícia mais para si, resistindo:

– Já?

Os lábios de Liv percorreram o pescoço de Maurícia, gerando arrepios incontrolláveis pelo corpo todo. Parou um instante, apenas para instigar

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda mais:

– Tem certeza que quer sair da cama?

Depois de uma risada divertida, Maurícia insistiu:

– Tá tarde.

Prestando muito mais atenção em percorrer o corpo dela com as mãos, Liv perguntou:

– Que horas são?

A resposta veio suspirada:

– Passa das nove.

Liv gargalhou:

– Tardíssimo!

Foi difícil. As carícias cada vez mais ousadas e íntimas dificultaram muito, mas Maurícia não desistiu:

– Não tá com fome?

Liv afastou a boca do seio de Maurícia apenas o suficiente para sussurrar:

– Faminta! Não tá sentindo?

Mergulhou de volta, fazendo Maurícia ofegar:

– Ahn...

Levou algum tempo para finalmente conseguir recuperar o raciocínio:

– Fome de... Comida...

Foi subindo, posicionando-se sobre ela enquanto

PERIGOSAS ACHERON

dizia:

– Você ainda tá falando disso? Tenho outra necessidade muito mais urgente precisando ser atendida...

Fitando Maurícia profundamente, Liv começou a se mover. Comprimindo, insinuando, roçando de leve o corpo contra o dela. Numa tentativa última, Maurícia balbuciou fracamente:

– A Neiva... Deve estar... Esperando a gente com um... Café sup... Ah...

O resto da palavra foi engolido, transformou-se num gemido quando a mão de Liv desceu entre elas num movimento absolutamente decisivo. Teria se rendido passivamente se Liv não incitasse:

– Você dizia...?

A reação foi imediata. Maurícia girou o corpo e ficou por cima. Sussurrou contra o pescoço dela:

– Esquece.

De um jeito voraz, impetuoso, provocante. Exatamente como Liv queria:

– Uhn... Pensei que eu nunca fosse te convencer disso...

Enquanto Liv tomava banho, Maurícia desligou

o aquecedor, dobrou todas as cobertas e abriu a janela para arejar o quarto.

Dentro do banheiro, Liv se vestiu rápido. A água quase fervendo esquentava, mas... Estava frio, muito frio. Mais ainda quando abriu a porta e deparou-se com a corrente de ar gelada. Brincou:

– Quer me matar de hipotermia?

Maurícia estava debruçada na janela. Virou-se para Liv e sorriu. A luz atrás dela, batendo nos cachos molhados estava... Liv não teve tempo de completar a frase. Maurícia ameaçou caminhar até ela. Impediu-a instantaneamente:

– Não se move. Fica aí parada, só um momento.

Rápida. Tão rápida que, quando Maurícia entendeu, Liv já estava com a máquina fotográfica em punho, apontada para ela, que ficou tímida, quase envergonhada:

– Que tu vai...

Mas não teve discussão nem diálogo:

– Psiu... Quietinha. Eu sei o que faço.

Liv começou a clicar. A expressão dela se transformou, o olhar se tornou... Maurícia já a tinha visto fotografar antes, mas naquele momento foi completamente diferente. Íntimo, doce, mágico. Nunca conseguiria explicar o quanto foi excitante

tê-la ali, procurando o melhor ângulo, mudando as lentes, dando ordens que obedeceu sem nem pensar em questionar.

Só quando voltou a tirar o rosto de trás da câmera Liv percebeu a forma como Maurícia a olhava. Perguntou numa incompreensão divertida, mas envergonhada:

– Quê?

Maurícia venceu a distância entre elas rapidamente e colou o corpo no dela num abraço:

– Tu fica linda fotografando.

O beijo foi suave, mas cálido. Suscitou milhares de recordações, promessas, vontades...

Antes que, mais uma vez, não conseguissem sair do quarto, Maurícia afastou os lábios:

– Vem cá, quero te mostrar uma coisa.

Conduziu-a até a janela e explicou:

– Aqui debaixo é o pomar.

Para o olhar urbano de Liv, qualquer vista de verde por si só era linda, mas as inúmeras árvores com frutas diferentes perto da casa e o mato a se perder de vista parecia... A única palavra que encontrou foi:

– Fantástico!

Maurícia a enlaçou por trás:

PERIGOSAS NACIONAIS

– Fica ainda mais bonito coberto pela geada. Mas pra ver isso tu tem que sair da cama cedo, sabe?

Liv virou-se sem sair do abraço:

– Cedo? Ou de madrugada?

Os lábios voltaram a se encontrar, tornando a resposta inteiramente desnecessária. Liv acariciou as costas de Maurícia, subiu uma das mãos para o pescoço. O toque fez Maurícia saltar:

– Como tua mão tá gelada!

Pegou as mãos de Liv entre as delas, preocupada. O contato com a pele absurdamente quente fez Liv constatar:

– Acho que a palavra certa é congelada.

Maurícia não riu. Estava seriíssima quando apertou Liv entre os braços:

– Preciso te agasalhar mais.

– Nada contra.

Maurícia não prestou atenção no duplo sentido da frase. Já estava com o armário aberto, entregando peças de roupa para que Liv vestisse:

– Luvas de lã... Cachecol... Um casaco de verdade...

Ao contrário do que parecia, o “casaco de verdade” era até leve e Liv se sentiu completamente aquecida assim que o vestiu. Nem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

precisou dizer nada, Maurícia viu no rosto dela o quanto estava confortável:

– Agora sim, tá pronta pra enfrentar a friagem.

Liv desceu a escada atrás de Maurícia achando graça na música:

*“Meus desassossegos sentam na varanda
Pra matear saudades nesta solidão...”*

Gaúcha não, nativista! Corrigiu-se mentalmente, como Maurícia já tinha feito pela internet milhares de vezes – que se tornava cada vez mais alta ao se aproximarem da cozinha.

– Bom dia, Neiva!

Repetiu a frase de Maurícia de um jeito bem mais tímido. A velha senhora recebeu as duas com um sorriso:

– Vão sentando, que vou passar um café quentinho.

Liv deixou-se conduzir. Sentou-se de frente para Maurícia e olhou para o monte de coisas que tinha em cima da mesa: suco de laranja, manteiga, pão, leite, geleia, queijo e um creme branco.

– O que é isso?

Maurícia respondeu com um orgulho visível:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Nata. É tudo caseiro, produzido aqui.

Nesse exato momento, Neiva depositou na frente dela um bule de café fumegando:

– Querem um ovinho? Ou uma fortaia?

Antecipando o que Liv ia perguntar, Maurícia traduziu:

– Ovo frito ou ovo mexido com linguiça e queijo?

Liv rejeitou educadamente:

– Não, obrigada, Neiva. Vou comer só um pãozinho com manteiga mesmo.

Mas Neiva insistiu:

– Também tem polenta na chapa.

Voltou a recusar:

– Não, obrigada.

A velha empregada não se conformou:

– Cerimônia não enche barriga, viu?

Respondeu sem esforço nenhum para manter o sorriso:

– Cerimônia nenhuma. Eu não sou de comer de manhã, só isso.

Em parte para acalmar Neiva, em parte porque estava realmente faminta, Maurícia disse:

– Pois eu quero ovo frito, fortaia, polenta e tudo que eu tiver direito!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A velha senhora saiu resmungando baixinho, mas alto o suficiente para que as duas ouvissem:

– Bah! Já vi que o almoço hoje sai lá pras três da tarde...

Maurícia não conseguiu deixar de implicar:

– Tá resmungando o quê aí, véia?

Na mesma hora, Neiva retrucou:

– Nada. Mas se tu quiser feijão, arroz e a carne de ovelha de ontem, é só esquentar...

Nem tapando a boca com a mão Liv conseguiu conter o riso.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Liv não demorou para desistir de tentar enxugar as lágrimas que, desde muito antes da decolagem, escorriam atrás dos óculos escuros. Deixou correrem absolutamente livres, assim como os pensamentos...

– Tudo bem?

Atrás da preocupação de Maurícia, podia perceber a mesma. O que estava sentindo? Indefinível a pulsação na boca do estômago se espalhando pelo resto do corpo em calafrios.

As palavras não saíram. Acenou com a cabeça, com um sorriso repleto de pesar, tão abatida que fez Maurícia apertá-la entre os braços enquanto dizia:

– Eu sei que é difícil. Mas vamos focar no lado

PERIGOSAS ACHERON

bom. Em 37 dias estarei contigo no Rio.

A resposta de Liv foi agarrar-se mais a ela com um suspiro. Trinta e sete dias sem Maurícia... Agora parecia absolutamente inconcebível. O simples pensamento desencadeou algo que não foi capaz de reprimir. Os olhos pingaram, com tanta intensidade que molharam o pescoço dela. A reação de Maurícia foi simples, sincera, mas precisa. Com os lábios, buscou os de Liv, pouco se importando se estavam na frente do embarque, em pleno aeroporto Salgado Filho.

Liv sorriu com a lembrança, que trouxe outra, fazendo-a sorrir mais ainda.

Maurícia estacionou o carro e nem entrou em casa, foi direto para o estábulo. Incapaz de suportar os olhares de Neiva ou conversas e comentários de qualquer tipo. Sabia que estava tentando fugir do inevitável. A saudade, a solidão, o vazio. Não eram novidade, faziam parte da vida que até então havia escolhido. Só que a partida de Liv, na verdade a vinda, tinha tornado tudo... Visível.

Afagou Ventania, que estava agitadíssima. Obviamente sentindo, correspondendo, refletindo o estado emocional que a dona trazia.

Respirou fundo antes de começar a encilhar a égua. O ritual em si serviria para tranquilizar as duas, mas antes mesmo de colocar a carona sobre o xergão, Maurícia já estava sorrindo, imersa na recordação que surgiu: a primeira manhã em que Liv a tinha visto fazer aquilo.

– Mau...

Maurícia virou-se para encontrar nos olhos castanhos o que, apenas pelo tom de voz rouco, já tinha compreendido.

– Você fica...

Como se fosse movida por um ímpeto absolutamente irrefreável e irresistível, Liv puxou-a com força pela cintura, colando-a contra si:

– Um tesão assim...

Maurícia nem tentou replicar, a boca de Liv engoliu as palavras antes mesmo que surgissem.

Apertou a cincha por cima do pelego e montou,

mantendo o pensamento em Liv. Os momentos com ela, naqueles vinte dias, tinham sido singulares, deliciosos, memoráveis e estavam por todo lado, em cada canto da fazenda, esperando para serem revividos. Só então pareceu dar-se conta disso.

O sorriso aumentou, iluminando e afastando a morbidez do dia, enquanto Maurícia apressava-se ao encontro do alívio proporcionado pelas lembranças, montada em Ventania...

Assim que saiu do avião, Liv ligou o celular. Digitou a mensagem rapidamente, com a mesma mão com que o segurava, enquanto caminhava pelo tubo de desembarque: “To em SP. Qdo puder me liga. Te amo!”

Caminhou devagar para o portão onde pegaria a conexão pro Rio. Tinha tempo, ainda ficaria esperando... Conferiu no celular: uma hora pelo menos.

Sentou, depositou a nécessaire na cadeira ao lado e suspirou. Em questão de duas horas apenas, centenas de quilômetros entre elas. E a cada passo, a cada segundo que o relógio marcasse, a distância

apenas se tornaria mais... Suspirou de novo, interrompendo a frase e a própria vontade de mergulhar em sentimentos que, se permitisse, brotariam sem governo.

Nesse exato momento, o celular começou a vibrar e tocar. Atendeu num misto de pressa, alegria e ansiedade, que não permitiu que olhasse antes quem era:

– Alô?

– Oi, gata! Onde você tá?

A decepção foi indisfarçável:

– Ah... Oi, Fá...

Ele brincou do outro lado:

– Nossa! Depois dessa, acho melhor eu desligar!

Liv aproveitou a deixa:

– Posso falar com você daqui a pouco? Tô esperando a Mau me ligar.

Não se surpreendeu quando ele concordou sem reclamar. Fábio a conhecia bem demais. Guardou o aparelho no bolso, mas manteve a mão ao redor dele, sem soltá-lo. Sentiu um ligeiro desconforto no estômago, mas permaneceu sentada, a preguiça vencendo a fome. Riu, pensando no que Maurícia diria, ou melhor, em como diria sem falar nada. Exatamente como na noite em que, para espanto de

PERIGOSAS NACIONAIS

Liv, tinha colocado uma costela para assar na lareira da sala...

Ficou ali sentada, em cima do pelego já tão seu conhecido, o rosto enrubescido não pela proximidade do fogo, muito menos pelo vinho, mas pelo fascínio exercido por cada movimento de Maurícia.

Ela voltou a virar a carne, jogou outro pedaço de madeira nas labaredas, tomou um gole de vinho... Olhou para Liv e sorriu, de um jeito que tornou fácilimo, apesar de ser a primeira vez que era dito:

– Eu te amo.

A reação de Maurícia foi igualmente despida de subterfúgios, imediata e inequívoca. Puxou-a para si, fazendo com que Liv soubesse, acreditasse, sentisse, muito mais do que as palavras proferidas:

– Eu também te amo.

O celular tocou, trazendo Liv de volta ao aeroporto. O sentimento de solidão se dissipou no instante em que a voz dela soou. Melodiosa, reconfortante e... Preocupada:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Só consegui parar pra te ligar agora, desculpa!
 - Tudo bem. Sabia que você tava dirigindo.
 - Ainda tá em São Paulo, né?
 - É.
 - Falta muito pra embarcar?
 - Um pouco. Onde você tá?
 - Sabe aquela primeira parada que fizemos quando eu fui te buscar?
 - Na verdade... Naquele dia eu tava nervosa demais pra assimilar qualquer coisa.
- Riram juntas, em total cumplicidade.
- Liv...
 - Quê?
 - Eu te amo, sabia?
 - Também te amo, Mau.

Fechou os olhos e sorriu, imersa numa sensação de devaneio arrebatadora, capaz de levá-la de volta no espaço e no tempo. E sabia que Maurícia estava fazendo e sentindo o mesmo. Mas o momento não durou. Esvaiu-se na realidade que bruscamente o desfez:

- Senhores passageiros do voo 1309 com destino a Porto Alegre, embarque pelo portão treze...

Com um suspiro, afastou a vontade imperiosa de entrar naquele avião ao invés do que a levaria ao

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Rio de Janeiro e mudou para um tom mais prático, realista, coerente:

– Agora vai. Quero que você chegue logo em casa, fico tensa só em pensar que tá na estrada.

Quase podia vê-la. Rindo e meneando a cabeça ao sussurrar, deliciosamente meiga:

– Linda...

Um suspiro. Antes de Maurícia retomar a objetividade também:

– Vai me mandando mensagem. Quero saber onde tu tá, como tu tá...

– Pode deixar.

– E me liga quando chegar no Rio.

– Ok, ok.

Assim que se viu a uma boa distância da casa, Maurícia amarrou as rédeas do cavalo na sela para pegar o celular no bolso. Foi com uma rapidez quase impaciente que o polegar buscou as imagens. Não que precisasse delas para lembrar...

– Coitadinho, Mau... Precisa mesmo desmamar o bichinho?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O sorriso de Maurícia cresceria, se pudesse ficar maior do que já estava enquanto admirava a cena que tinha diante de si: Liv dando leite para um terneiro guacho numa garrafa pet com bico de mamadeira, visivelmente envolvida.

– Se tu quiser leite, sim.

Acariciando a cabeça do bezerrinho, Liv encerrou o assunto sem a menor hesitação:

– Uhm... Então acho que você vai ter que se acostumar com a mamadeira, viu?

A recordação fez com que uma terrível nostalgia a dominasse. A saudade apertou e o dedo automaticamente buscou o nome de Liv na tela, mas parou antes de fazer a chamada. As ligações anteriores só tinham tornado mais presente a ausência dela no carro...

– Fica tranquila, o Miguel e o Leandro já tão aqui comigo.

– Ótimo.

– Mau... Não precisava ter ligado pro seu irmão, eu podia muito bem pegar um táxi.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Não faz mais do que a obrigação dele. Aliás, põe o Miguel na linha.

Liv suspirou, mas não discutiu.

– Fala, mana.

– Como ela tá?

Não teve paciência de esperar a pausa que o irmão fez:

– Miguel...

– Espera! Deixa eu me afastar primeiro.

Suspirou:

– Tão mal assim?

– Calma, fica tranquila. Ela tá bem. De óculos escuros, mas bem.

– Que inferno!

– Ei, ei, ei! Tu já sabia que ia ser desse jeito.

Afinal, não é a primeira vez que...

Estava irritada demais para deixar que ele mencionasse a ex:

– É completamente diferente.

Uma curiosidade divertida surgiu na voz dele:

– É mesmo?

Poderia ter ignorado, mas não o fez. De forma totalmente contrária a que normalmente agia, se expôs:

– Só faz algumas horas que ela saiu daqui e já

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

parece uma eternidade... Não sei como vou aguentar...

Antes que Miguel pudesse dizer alguma coisa, a autocensura voltou com toda a força:

– Tá, eu sei, estou sendo ridícula. Esquece.

– Mau... Tu não...

Não o deixou completar:

– Trinta e sete...

– Trinta e sete?

– Dias!

Miguel não conseguiu mais falar, teve um ataque de riso do outro lado da linha, fazendo Maurícia explodir:

– Chama a Liv!

Maurícia dispensou Neiva assim que se serviu:

– Eu lavo o que sujar, pode ir.

Incrivelmente, a velha empregada obedeceu sem discutir, como se soubesse o quanto ela precisava ficar sozinha.

Limitou-se a beliscar distraidamente a comida, enquanto os pensamentos se perdiam. Nunca, em toda a sua vida, vinte dias tinham passado tão rápido. Não que não os tivessem sentido. Muito

PERIGOSAS ACHERON

pelo contrário. Estavam – e sempre estariam ali. Gravados na pele, pela intensidade com que tinham sido vividos.

Liv baixou as últimas fotos e juntou-as às centenas de outras que tinha tirado. Passou os olhos pelas miniaturas enfileiradas na tela do computador, parando na sequência que, artisticamente, era a mais bonita: o campo coberto pela geada. Mas na verdade, buscava outra, específica. A que, sem sombra de dúvida, era a sua preferida: Maurícia na janela, naquela primeira manhã no quarto dela. O olhar azul, tão profundamente azul... Despertando memórias que fotograficamente não tinham registro.

Falou aborrecida consigo mesma, entre as lágrimas que incessantemente escorriam:

– É nossa última noite... Eu queria muito... Mas não consigo...

Maurícia sorriu. Um sorriso que por si só se contradizia. O mesmo sentimento. Liv reconheceu assim que o viu. Uma tristeza imensa e ao mesmo

tempo tão feliz...

– Nem eu.

Foi a resposta de Maurícia, em total acordo com Liv. Queria ficar ali, estreitando-a nos braços, nada mais que aquilo. Apesar de estarem deitadas na cama, inteiramente despidas, não era nem remotamente sexual o que estavam sentindo.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

– Então, Mau... Agora me diz: como vocês vão resolver isso?

A pergunta de Miguel não era novidade. Apenas um reflexo do que Maurícia se questionava todos os dias.

Se estava sendo um sofrimento sem fim no início, como seria, como ficaria depois de meses? Não conseguiriam namorar à distância por um tempo infinito.

– Prefiro não pensar agora.

Mas o irmão insistiu.

– Tá. Eu sei que é cedo ainda. Mas...

O suspiro exasperado de Maurícia fez com que ele se calasse, antes mesmo de ouvir:

– Olha, Miguel, é o seguinte. Não tem a menor possibilidade de eu ir morar no Rio de Janeiro, e tu sabe disso.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Se sei! E tu acha que a Liv...

– Nunca conversamos sobre o assunto, é como tu mesmo disse...

A pausa deixou a falta de certeza dela visível. Ele quis conferir:

– Muito cedo ainda?

– Racionalmente sim. Mas a minha vontade é...

Não teve coragem de completar, apesar de saber muito bem o que queria. Só que, provavelmente, se confessasse o desejo que tinha, ele – e o resto do mundo – diria que estava sendo precipitada. E talvez estivesse mesmo sendo, mas como conter o que sentia?

– O quê?

Foi o que esperou que ele perguntasse. Surpreendeu-se quando, depois de um silêncio significativo, Miguel falou:

– Não sei o que te dizer.

Coisa que nunca tinha acontecido.

– Será que dá pra você largar esse celular só um pouquinho?

Liv olhou para Fábio surpresa. Tinha esquecido completamente da presença dele, absolutamente

PERIGOSAS ACHERON

concentrada em trocar torpedos com Maurícia.

– Sinceramente, Liv? Por que ela não se muda pra cá e acaba logo com isso?

Liv não respondeu. Nem poderia. Aquilo era algo que a incomodava profundamente. Como se não fosse real, e estivesse numa relação fictícia, apenas porque não moravam na mesma cidade.

– Isso não quer dizer nada. Às vezes a pessoa pode estar do seu lado e a distância ser muito maior.

Já tinha cansado de repetir. Mas era difícil, talvez até impossível para alguém que não tivesse vivenciado algo do tipo compreender que nunca tinha se sentido tão parte, tão próxima, tão unida a alguém quanto a Maurícia. A distância era apenas física.

Óbvio que esse “apenas” não era tão simples assim. Tinha dias, na verdade noites, em que jurava que enlouqueceria. Não poder tocar, beijar, dormir abraçadinha... Era tortura. Sem fim.

– A Mau morando no Rio?

Riu, sem nenhuma alegria. Conhecia Maurícia o suficiente para saber o quanto a ideia era um absurdo. Jamais aconteceria.

– Você não tá pensando em ir se enfiar lá

naquele fim de mundo, tá?

O impulso que sentia era exatamente esse. O de seguir sua tendência cármica, como tantas vezes já tinha ocorrido. Abrir mão de tudo, em troca de... De quê? Porque o que já tinha feito, nas vezes anteriores, por amores agora insignificantes e extintos, parecia sem sentido. E não gostaria de repetir o incansável ciclo de desistir da própria vida para entrar na existência de quem amava, esquecendo-se de si. Já tinha aprendido que era e sempre seria o primeiro passo para o fim.

– Liv?

Fábio insistiu, apreensivo.

– Não existe a menor possibilidade.

– Desculpa, Neiva.

Maurícia sabia que tinha falado com ela de um jeito no mínimo atravessado. Coisa que vinha se repetindo, ao longo dos dias, como muito bem definiu a velha empregada:

– Esse seu mau humor que parece que não passa... Estou até acostumando já.

Deixou um suspiro escapar antes de voltar aos afazeres da casa. Maurícia sentou na frente do

notebook, colocou os fones de ouvido e selecionou uma música. Faith no More cantando “*This Guy is in Love with you*” ao vivo. Seria incapaz de explicar o porquê da própria escolha masoquista, simplesmente não conseguiu evitar. Ficou ali parada, com uma dorzinha no peito e os olhos perdidos no nada, até o celular tocar.

– Oi, amor. Acabei de chegar do almoço e aproveitei pra te ligar antes de voltar mesmo ao trabalho.

A voz de Liv parecia normal. Feliz, na verdade. E, por um momento sombrio, que afastou de imediato, Maurícia questionou-se: não estaria levando tudo aquilo a sério demais?

– Mau?

– Desculpa, eu...

– Estou te atrapalhando?

– Não! Não. Foi bom tu ter ligado. Sempre é.

– Mas?

– Nada.

– Mesmo? Fiquei com a impressão de que você ia falar algo.

– Só o de sempre, que tu já sabe. Contando os dias e morrendo de saudade.

– Eu também. 20 dias.

PERIGOSAS NACIONAIS

– 19 na verdade. Hoje não conta mais.
Riram juntas, antes de Liv encerrar:
– Preciso desligar. Mas...
– Mas?
– Se eu fosse você, dava uma olhada no seu e-mail.

Sorriu só de ler o assunto: EU AMO VC!
Mais ainda quando leu o resto:
“Ah, minha linda...
TE AMO, viu?
Minha gaúcha deliciosa, linda, maravilhosa...
Tudo se resume em uma palavra: PERFEIÇÃO.
20 dias, minha linda... Daí vc estará nos meus braços aqui, no meu quarto, na minha cama.
Tudo me faz lembrar vc, sabe? Pq minha vida só virou colorida com tecnologia digital e *audio surround* depois q te conheci... rsrs
TE AMO!!! MUITO MUITO E MUITO!!!
E agora to te esperando aqui no Rio.
Quero suas mil mãos em mim, e a língua, e vc inteirinha...
AFE!!!
A sua falta dói!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas não tanto qto doeria vc não existir na minha vida.

Bjo amor. Provavelmente qdo ler, já vou ter dito, mas não custa fixar...

Te amo!”

Respondeu imediatamente:

“Amor da minha vida.

Como tu está em mim, e te sinto em cada momento, segundo, respiração ou pulsação, tu está comigo. Por enqto na alma e na lembrança dos sentidos. Em breve a presença física. É disso q preciso.

TE AMO, viu?

Um beijo meu amor... na sua boca, mordido, esfregado... E todas as minhas mãos em ti. te amo.”

Assim que enviou, o telefone tocou. Atendeu na esperança incoerente de que fosse ela novamente:

– Alô? Mauri?

Ficou paralisada, sem acreditar, enquanto a voz inconfundível da ex-mulher insistia do outro lado da linha:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Maurícia?

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Maurícia pronunciou o nome da ex-mulher como quem confirma:

– Cláudia?

A resposta foi uma risada do outro lado da linha:

– Ah, Mauri... Tu parece que tá vendo uma assombração, sabia? Vendo não, ouvindo! Sou eu sim, muito viva e bem pertinho de ti, aqui em Santa Maria. Estou na casa das gurias. Quero te ver. Preciso! Em menos de duas horas chego aí.

O espanto de Maurícia não foi absolutamente pelo comportamento da outra. Cláudia era, sempre tinha sido, de uma autoconfiança invejável, que normalmente atropelava Maurícia. Mas não naquele dia:

– Soube do meu pai então?

Nem deixou que a outra retrucasse:

– Porque se ele ainda estivesse vivo tu não
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ousaria se oferecer para vir aqui, não é verdade? Enfrentar o velho Bento seria uma façanha invejável.

Não houve pausa. A resposta foi imediata:

– Por ti eu faria. Se tu tivesse deixado. Sabe disso, não sabe?

Maurícia respirou fundo antes de falar:

– Não acha esse tipo de diálogo sem sentido?

Foi com uma voz doce, completamente suave, quase sussurrada, que Cláudia contra-argumentou:

– Acho que já deveríamos ter tido essa conversa faz tempo, Mauri.

Um suspiro exasperado escapou dos lábios de Maurícia antes que ela puxasse as rédeas do próprio autocontrole ao máximo para manter o tom civilizado:

– Sim, deveríamos. Anos atrás, Cláudia.

O resultado não foi, nem de longe, o esperado:

– Sei que tu tá magoada comigo. Aliás, tem toda razão de estar, mas...

Cortou-a de imediato:

– Não é isso.

Mas Cláudia parecia obstinada:

– O quê, então? Fala!

– Tarde demais.

PERIGOSAS ACHERON

A frase cortante antecipou o que Maurícia fez sem hesitar: desligar.

Ficou um tempo parada, com o olhar perdido, uma expressão indecifrável no rosto antes de levantar-se da cadeira e sair do escritório.

Durante aqueles dezenove dias, o tempo pareceu perder seu sentido. Foram rápidos? Lentos? Liv e Maurícia já não sabiam. Era como se algo de infundável houvesse se estabelecido. Riscavam os dias no calendário com uma agonia perplexa, que seria insuportável se não existisse uma quase irreabilidade naquilo. Skype, MSN, mensagens, e-mails, torpedos, telefonemas sem fim. Era pouco, muito pouco, mas tudo que tinham.

Até que finalmente chegou o grande dia.

– Estou saindo daqui, quando chegar em Porto Alegre te ligo.

Liv ofegou numa ansiedade nítida:

– Dirige com cuidado.

Maurícia sorriu. Sabia o quanto Liv ficava nervosa quando ela estava na estrada:

– Sempre, meu amor. Fica tranquila.

Tranquila era tudo que Liv não estava. Como

PERIGOSAS NACIONAIS

poderia? Avistava diante dela horas de espera intermináveis, verdadeiro suplício. Não tentou disfarçar o desespero:

– Ai, vem logo pra mim!

Implicar foi irresistível:

– É pra eu correr então?

Mas Liv não estava para brincadeirinhas:

– Você entendeu, Maurícia!

O tom mal humorado fez Maurícia rir do outro lado da linha. E provocar mais ainda:

– Uhm... Que deliciosa assim *brabinha*... De noite estou aí pra te amansar, viu?

A irritação de Liv foi totalmente esquecida. Deixou escapar uma risada rouca antes de incitar:

– Ah, tô contando com isso...

Liv estava parada, olhando fixamente para a tela do computador quando o celular voltou a tocar. Atendeu imediatamente, sabendo que era Mau:

– Até que enfim!

Maurícia riu antes de retrucar:

– Tu não me pediu pra dirigir devagar?

Um suspiro de pura ansiedade antecedeu a tentativa inútil de se justificar:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Eu sei, eu sei, mas...

Maurícia compreendia, seu sofrimento era igual.
Tentou amenizar:

– Amor... Esperamos 37 dias, agora é uma questão de horas...

– Que tão sendo absolutamente insuportáveis!

– Calma...

– Fácil falar!

Riram juntas, numa cumplicidade total.

– Já fez *check-in*?

– Já. Mas ainda falta uma hora pro embarque.

Dois suspiros se fundiram, um de cada lado, em aceitação à espera inevitável.

– Tá fazendo o quê?

Maurícia não pôde deixar de sorrir mais e mais enquanto a namorada sussurrava num tom confidencial delicioso, maroto, quase safado:

– Fingindo que trabalho. Tô aqui sentada faz horas e nada! Não consigo me concentrar. Mas é melhor do que ficar andando de um lado pro outro na sala lá de casa.

– Liv...

– Uhm?

– Eu te amo, sabe?

– Também te amo, Mau. Nem acredito que daqui

PERIGOSAS ACHERON

a pouco você vai estar aqui ao alcance das minhas mãos... Ai...

Maurícia estremeceu diante do gemido, cujo tom foi inconfundível, direto, indisfarçável.

– Bom, melhor desligar antes que tu seja demitida por justa causa.

Riram juntas uma vez mais.

– Te ligo antes de embarcar.

– Tá...

Pela milionésima vez, Maurícia olhou para a tela onde os inúmeros voos que partiam antes do dela pareciam se estender de forma interminável. Agradeceu mentalmente ao sopro de sabedoria que a tinha feito comprar uma passagem direta, sem escalas, apesar de não ser nem de longe a mais barata. Não suportaria ter que trocar de avião, muito menos esperar um minuto que fosse a mais. Pegou o celular e leu a mensagem que de tanto ler e reler desde a noite anterior, já sabia quase de cor:

“Estou aqui sentada contando as horas. Ansiosa demais para sentir sono. Adrenalina, minha linda, só de pensar que amanhã vou poder estar com você.

Um daqueles momentos de emoção e sentimentos puros que a barreira da racionalidade não consegue atrapalhar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Pode parecer sem sentido para muita gente. É muito pouco tempo, é longe, tudo verdade. Mas nada disso importa. Nada além do que sentimos. Eu sei e você sabe. Isso basta.

Se um dia eu tivesse sentado para escrever uma lista de tudo que eu desejava e precisava, seria mais fácil escrever apenas o seu nome. Você, sem tirar nem pôr, nos mínimos detalhes.

Perfeição existe, e você é a que me cabe.

Te amo! Cada dia mais e mais...

Amanhã...

Vai chegar.

(Apesar de nesse exato momento ainda parecer faltar uma eternidade. Um segundo sem você são dias, então dias são... Tente calcular.)

E quando amanhã for hoje, estarei de novo nos seus braços.

Romantismos à parte: louca pra me esfregar em você todinha... Ah... Fazer amor com você é uma necessidade!

Amanhã...

Só algumas horas mais...

Vem!!! Vem!!!

Te amo!

Liv”

PERIGOSAS ACHERON

As palavras continuaram impressas no sorriso tolo que manteve nos lábios mesmo depois que terminou de ler. Foi quando o celular começou a tocar. O rosto de Maurícia se fechou, a expressão mudou completamente assim que viu quem era: Cláudia.

Hesitou? Durante o breve instante que o dedo levou para apertar o botão que detonava a ligação. Não poderia dizer que sim, nem que não. Preferiu não pensar a respeito, apesar de o coração acelerado denunciar a sua não indiferença.

Liv riu de si mesma, assim que percebeu que estava andando em círculos sem parar durante um tempo que não foi capaz de contabilizar. Foi com um alívio indescritível que viu na tela de chegadas do desembarque do Santos Dumont que o avião de Mau havia acabado de pousar. Aproximou-se do vidro, na verdade postou-se em frente a ele, ansiosa por vê-la. Não precisou esperar muito. Sorriu, controlando o desejo de atravessar aquele maldito vidro para apertá-la nos braços.

Maurícia sorriu de volta, caminhando com passos largos em direção à porta. Só então Liv

percebeu que, além da nécessaire, ela puxava uma pequena mala. Não tinha bagagem sem ser de mão, o que era simplesmente perfeito. Caminhou rapidamente ao encontro de Mau agradecendo a todos os deuses pela genial praticidade dela.

Não foi surpresa nenhuma. O modo como Liv se atirou nos braços de Maurícia, abraçando-a com força, os lábios roçando no ouvido dela ao sussurrar:

– Por que demorou tanto?

Muito menos a resposta de Maurícia: apertou Liv ainda mais entre os braços, com uma risadinha absolutamente feliz e boba. As peles se arrepiaram, um leve tremor se estabeleceu entre os corpos com esse simples contato, acelerando e antecipando o que ambas sabiam que viria depois. Foi com uma pressa visível que Liv disse:

– Vamos?

Com um aceno de cabeça, Maurícia concordou. Liv pegou a alça da mala, mas antes que pudesse puxá-la, Maurícia reclamou:

– Deixa. Eu levo.

Apesar do sorriso divertido, Liv foi firme:

– Não, eu levo.

De nada adiantou. Maurícia tentou recuperar a

PERIGOSAS NACIONAIS

mala, obrigando Liv a completar, com um suspiro quase exasperado:

– Mau...

Dando de ombros, só restou a Maurícia assentir:

– Tá bom.

Antes de caminharem lado a lado para fora do aeroporto.

Assim que Maurícia entrou no apartamento, Liv fechou a porta e virou-se para ela. A urgência de Maurícia era a mesma. Tanta que não tinha se afastado sequer um metro. Estava perto, tão perto que Liv esbarrou nela, ou melhor, caiu sem esforço algum nos braços dela.

Olhando-se profundamente, deixaram que os lábios finalmente fizessem o que haviam desejado por tanto tempo. O beijo foi cálido, abrasador e urgente.

Saudade e vontade falaram mais alto, as dominaram por completo. Sem pudores ou rodeios, deixaram-se levar inteiramente, Maurícia esquecendo seus planos de tomar banho antes, Liv de oferecer algo além de si mesma. Não poderia ser de outro jeito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Só depois, muito depois, enlaçadas e nuas no sofá, Liv lembrou:

– Quer comer ou beber alguma coisa?

Com um sorriso preguiçoso, Maurícia fez que não com a cabeça.

– Tem certeza?

Maurícia repetiu o gesto.

– Mesmo?

Uma risada maliciosa antecedeu a última negação. Antes de Maurícia descer as mãos pelo corpo de Liv, ilustrando o que estava dizendo:

– Prefiro que tu continue me mostrando tua hospitalidade de outro jeito.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Quando Liv voltou do banheiro encontrou Maurícia na pia da cozinha, lavando a louça que tinha deixado para o dia seguinte.

– Ah não, Mau! Não era pra...

Maurícia virou-se para Liv ainda com a esponja em punho:

– Psiu! Quietinha!

Beijou-a de leve nos lábios antes de completar:

– Tu sabe que eu não suporto louça suja na pia!

Com um suspiro, Liv rendeu-se, sabendo que reclamar e protestar de nada adiantariam. Encostou-se no batente da porta e ficou observando os movimentos de Maurícia. Incrivelmente suaves, levando em conta o quanto eram decididos e firmes. Em tão pouco tempo, a delicadeza daquelas mãos já lhe parecia conhecida, íntima.

– Que foi?

PERIGOSAS NACIONAIS

A pergunta surpreendeu Liv:

– Ahn?

Maurícia não teve como deixar rir:

– Por que tá me olhando com esse sorrisinho?

Sorrindo mais ainda, Liv aproximou-se:

– Não adivinha?

Grudou o corpo no de Maurícia por trás, a boca procurando o pescoço, causando arrepios e um primeiro gemido. Enlaçou-a com os braços, a mão esquerda passeando pela barriga, a direita subindo até os seios, segurando entre os dedos um dos mamilos. A dificuldade de falar estava explícita na voz de Maurícia:

– Amor... Deixa eu... Terminar aqui...

O protesto não fez Liv parar. Muito pelo contrário, serviu como estímulo:

– O que tá te impedindo?

Desceu a mão por dentro do short que ela estava usando, rapidamente venceu a pequena resistência da calcinha, fazendo com que a resposta não passasse de um gemido mais ofegante ainda:

– Uhm...

Ameaçou virar-se, mas Liv a impediu:

– Psiu... Quietinha... Fica assim...

Maurícia cedeu de bom grado, sem nem pensar

PERIGOSAS ACHERON

em resistir.

– Mau?

Liv chamou baixinho, apenas para confirmar o que já desconfiava: Maurícia havia adormecido.

Observou cuidadosamente o rosto da mulher deitada a seu lado na cama, querendo guardar cada traço, feição, detalhe... Naquele momento parecia que jamais seria capaz de esquecer, mas sabia que bastariam meses, talvez apenas alguns dias, para que não a reconhecesse mais, para que toda e qualquer ilusão de segurança e firmeza desmoronasse, desabasse, desaparecesse no limbo de términos, perdas e separações da vida.

Sentiu medo do pensamento. Estremeceu, tomada por um arrepio. Por mais que desejasse, não sabia se daquela vez seria diferente. Um profundo ceticismo insistia em repetir que “para sempre” não existia. Na verdade, sequer sabia se acreditava que algo pudesse realmente ser definitivo.

Então por quê? Para quê? O que estava fazendo? Perdendo tempo? Aproveitando? Se divertindo? Como definir o que a movia, para onde ia?

O sentimento inexplicável, indefinível,

indescritível. Tortuosa angústia pela qual subitamente se viu possuída. Algumas lágrimas surgiram. Liv não as tolheu. Deixou que escorressem, esperando um alívio que absolutamente não surgiu.

– Liv?

A preocupação de Maurícia estava estampada na voz, no olhar, na carícia que subiu delicadamente pelo rosto de Liv, fazendo com que, de repente, tudo parecesse tolo e sem sentido. Refugiou-se nos braços dela quase como quem pede abrigo.

– Que foi, amor? Fala comigo...

Liv sacudiu a cabeça em negação. Não queria falar, só queria ficar ali, abraçada, sentindo-se protegida. Mesmo que por um instante efêmero e fugidio.

Maurícia não compreendeu, apenas intuiu a melhor forma de agir. Sem dizer mais nada, manteve Liv nos braços, e permaneceu acordada até que ela dormisse.

Maurícia acordou cedo, como de costume, mas não se levantou. Sequer se moveu. Permaneceu quietinha, abraçada com Liv de conchinha, para

não perturbá-la. Enfiou o rosto na nuca dela, aspirou com prazer enquanto pensava. Sim, ela ainda lhe parecia um mistério. Não que isso importasse. Muito pelo contrário. Era parte do conjunto que tanto a incitava.

Lógico que, àquela altura da vida, Maurícia já não tinha pretensões de se achar capaz de compreender alguém completamente. Na verdade, como poderia? Muitas vezes sequer se entendia, o autoconhecimento era uma infundável jornada. No entanto, a noite anterior a havia deixado no mínimo preocupada. Afinal de contas, não queria que nada desse errado. Não daquela vez. Faria o que fosse preciso para que tudo...

Foi interrompida pelo próprio celular tocando. Liv mexeu-se resmungando em seus braços. Maurícia estendeu a mão, pegou o aparelho e olhou para o visor. O pensamento foi inevitável:

– Puta merda!

Desligou a ligação com um incômodo quase palpável.

– Quem era?

Com os olhos muito abertos e uma expressão de suspeita, Liv esperava a resposta.

Um instante apenas. O suficiente para que Liv

PERIGOSAS NACIONAIS

notasse que Maurícia hesitou antes de dizer:

– A Cláudia.

A interrogação muda nos olhos de Liv fez com que Maurícia completasse:

– A minha ex.

Liv apertou os olhos, ainda mais desconfiada:

– A que está na Europa?

Maurícia acariciou o rosto de Liv, tentou puxá-la para si novamente:

– Ela voltou faz alguns dias.

Mas Liv colocou os braços entre elas, mantendo-se afastada:

– Sei. E você não ia me contar?

Com um suspiro, Maurícia explicou:

– Amor... Por que eu contaria?

Liv não disse nada, limitou-se a uma risada indecifrável.

– Que diferença faz?

Liv tentou se levantar. Maurícia a impediu, segurando-a pelos ombros, olhando bem dentro dos olhos dela ao afirmar:

– Não tem importância nenhuma.

Foi a vez de Liv suspirar, absolutamente exasperada, antes de retrucar:

– Então porque você não atendeu?

PERIGOSAS ACHERON

A voz de Maurícia soou bastante irritada:

– Porque eu não tenho nada pra falar com ela. Liv... Tu tá fazendo uma tempestade num copo d'água...

Liv também estava alterada. Só que nela, isso surtia o efeito oposto. O tom foi frio. Gelado:

– E se fosse o inverso? Minha ex voltasse e ficasse me ligando? Sim, porque eu sei que essa não é a primeira vez, Maurícia, pra mim isso está muito claro.

Maurícia desviou os olhos, mas não recuou. Continuou debruçada sobre Liv, pensativa antes de voltar a fitá-la:

– Tu tá certa.

A surpresa de Liv não poderia ser maior:

– O quê?

Esperava tudo, menos que Maurícia se retratasse:

– Eu tinha que ter te contado. Me desculpa?

Aquilo desarmou Liv por completo. Atraiu Maurícia para si e, prendendo-a num abraço, sussurrou baixinho no ouvido dela:

– Eu te amo. Não me faz sofrer, tá?

Palavras não foram necessárias. No olhar de Maurícia e na forma como os lábios buscaram e tomaram os dela, Liv encontrou a resposta que

precisava.

O almoço com Miguel e Leandro foi absolutamente agradável e divertido.

Mas tanto Maurícia quanto Liv estavam ansiosas para voltarem a ficar a sós. Levantaram-se juntas, como se tivessem combinado:

– Bom... Nós vamos indo.

Leandro exclamou um desapontado:

– Já?

Afinal, nem tinha servido o café, muito menos colocado todo o papo em dia. Miguel, muito mais perspicaz, nem insistiu:

– Amanhã a gente se fala.

Assim que Liv fechou a porta do apartamento, Maurícia a puxou pela cintura. Mergulhou a boca nos lábios que a receberam com doçura, as respirações alimentando-se uma na outra, misturadas de forma integralmente incontida.

A boca de Maurícia percorreu ansiando, descendo pelo pescoço e colo, faminta, detendo-se nos seios que se ofereceram de maneira

absolutamente irrestrita.

Liv deixou escapar um gemido. Enfiou os dedos nos cabelos loiros, puxando com força, exigindo:

– Vem cá.

Atraiu-a para cima. Os braços ao redor do pescoço de Maurícia, apertando-a contra si como se tivesse medo que fugisse. Invadiu-lhe a boca tomando e provando lábios, língua, saliva, levando ambas a um esquecimento profundo. A tal ponto que, sem saberem ao certo como, quando perceberam já estavam despidas.

Liv fez Maurícia girar, encostou-a na parede. Desceu pelo corpo dela com a voracidade de quem tem fome e a urgência de quem necessita. Ajoelhada, dedos, mãos, boca, lábios e língua reverenciando, expressando, concretizando aquilo que sentiam. Adorando arrancar incontáveis tremores e suspiros, palavras desconexas e seu nome sussurrado entre juras de amor e gemidos.

As pernas de Maurícia bambearam, mas Liv estava ali. Não a soltou, nem mesmo ao terminar. Manteve-a consigo quando voltou a ficar de pé, tão próxima que era impossível determinar onde a pulsação de uma terminava e onde a da outra tinha início.

PERIGOSAS NACIONAIS

Beijaram-se com o mais profundo amor, paixão e carinho. Maurícia parecendo derreter nas mãos de Liv. Ou era Liv quem derretia? Só sabiam que naquele beijo, as peles se mesclaram, misturaram, fundiram.

Quando os lábios afinal se separaram, os olhares permaneceram unidos, sem se desviarem um milímetro. Maurícia sussurrou, com um sorriso esplendoroso:

– Casa comigo...

Os olhos de Liv se arregalaram, não de felicidade, como Maurícia pretendia. Um medo irracional a fez recuar, sem nem sentir. Ficou um minuto sem ar, sem chão, sem resposta plausível.

Maurícia acompanhou a reação dela, o entendimento expresso no olhar mortalmente ferido.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE E SETE

Foi precisamente a dor no olhar de Maurícia que fez Liv tentar se justificar:

– Mau... Não é...

Maurícia respondeu sem fitá-la:

– Não precisa falar nada.

Vestiu-se rapidamente. A cabeça baixa, para impossibilitar que Liv conseguisse vislumbrar as lágrimas que tentava conter. Em vão, porque Liv sabia, ou melhor, sentia perfeitamente o estado em que Maurícia estava. Segurou o braço dela com uma força desesperada:

– Amor, me escuta...

Maurícia soltou-se ríspidamente, quase com brutalidade. Fugiu em direção ao corredor como se estivesse perdida. E estava. Parou por um instante, pensando no que fazer, para onde ir, mas não conseguiu pensar em nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Liv foi atrás dela, parou a alguns passos, mantendo a distância que, naquele momento, parecia intransponível e, ao mesmo tempo, necessária. Precisava se explicar, fazer com que Maurícia compreendesse. Caso contrário, a perderia. A simples possibilidade parecia insuportável. Sentiu os olhos marejarem. Não tentou esconder, sequer ergueu a mão para enxugar as lágrimas. Deixou que Maurícia visse, numa tentativa derradeira:

– Olha pra mim, Mau.

O apelo foi visceral demais para que Maurícia pudesse ignorá-lo. Ergueu o queixo e, finalmente, os olhos voltaram a se encontrar.

Liv ainda permanecia inteiramente despida e a ilusão de fragilidade que a nudez dela sugeria contrastou profundamente com o tom que usou:

– Por favor, me ouve antes de tirar conclusões erradas.

Ainda assim, Maurícia estava fria, desprovida de qualquer tipo de receptividade:

– Nada que tu possa dizer vai fazer diferença.

Liv demorou alguns segundos, passou a mão de forma absolutamente atormentada pelos cabelos, antes de voltar a insistir:

PERIGOSAS ACHERON

– Eu preciso conversar com você.

Maurícia fitou-a com um olhar cinza, gelado:

– Eu me precipitei, me deixei levar pela emoção do momento, acabei dizendo o que nunca deveria ter dito. Mas agora está feito. Tentar te justificar ou consertar vai ser pior, muito pior. Tua reação disse tudo. Então por favor, não fala nada. Vamos apenas deixar assim.

O autocontrole de Liv terminou ali:

– Deixar assim? Assim como, Maurícia? E como assim, “nunca deveria ter dito”? É claro que um dia a gente ia conversar sobre isso, só que...

Foi bruscamente interrompida:

– Só que tu não cogita, sequer tinha pensado em levar uma vida juntas.

Liv tentou falar, chegou a abrir os lábios, mas Maurícia a impediu:

– Não tente negar. A forma como tu reagiu foi instintiva e, exatamente por isso, evidente.

Os olhos azuis estavam visivelmente irados. Mas Liv não se deixou intimidar:

– Não é nada disso. Você me pegou de surpresa. Eu realmente não esperava, não porque nunca tenha cogitado morarmos juntas, mas porque é...

Fez uma pausa antes de mudar para um tom

introspectivo, como se pensasse alto ou tentasse se convencer do que dizia:

– É muito cedo ainda.

O sorriso de Maurícia foi de uma ironia cortante, muito distante de ser feliz:

– Eu também acho que é cedo. Mas infelizmente não é o que sinto.

Foi a vez de Liv explodir:

– Infelizmente? Você tá lamentando o que sente por mim?

Os olhares duelaram, sem que nenhuma das duas recuasse um milímetro:

– Não. Mas deveria. Porque a tua reação... Deixou muito claro que tu não...

– Não é assim tão simples, e você sabe disso.

– Tu acha que pra mim é simples?

A voz de Liv ficou embargada, o corpo todo tremeu enquanto dizia:

– Eu jamais te pediria pra desistir da sua vida. Mas você espera que eu deixe tudo: minha profissão, minha cidade, meus amigos, minha família... Eu tenho medo sim. Muito medo de me precipitar. O que, aliás, é perfeitamente compreensível. Se nós morássemos na mesma cidade, será que você me proporia casamento tão

rápido? E se eu for morar com você, na sua fazenda, eu vou viver de quê? Vou ser sustentada? Quanto tempo será que vai levar até que você me jogue isso na cara? Ou até que eu te culpe por ter me feito sair do Rio? E se eu me arrepender? E se você se arrepender?

A surpresa de Maurícia foi tão perceptível que fez Liv completar:

– Sim, ao contrário do que você acha, eu tenho pensado muito sobre isso.

Terminou a frase chorando abertamente, as lágrimas se derramando num fluxo intenso rosto abaixo. Maurícia avançou alguns passos, os braços estendidos em direção à ela, profundamente comovida:

– Liv...

Mas Liv não se deixou abraçar. Recuou, rejeitando o contato físico:

– Me deixa terminar de falar, Maurícia.

Colocou as mãos no rosto, respirou fundo antes de finalmente voltar a fitá-la:

– Eu te amo. Tanto que nem consigo pensar em como a minha vida seria sem você. Mas se eu simplesmente me anular, nós vamos acabar nos odiando. E não quero arriscar, não quero estragar

tudo, quero ir com calma, quero fazer tudo certo dessa vez. Será que você não consegue entender isso?

A resposta de Maurícia foi de uma serenidade inesperada:

– Acho que temos muito pra conversar.

Liv se acalmou imediatamente. Tanto que parou e achou graça em si mesma, nua ali no meio do corredor discutindo com Maurícia. Sorriu ao dizer:

– Só preciso me vestir primeiro.

Quando Liv se sentou no sofá em frente à Maurícia, puxou as pernas para cima, cruzando-as. Passou a mãos pelos cabelos, jogando-os para trás. Tomou um gole da taça de vinho branco gelado que estava segurando e só então levantou os olhos para encontrar os azuis.

Maurícia observou a sequência de gestos conhecendo perfeitamente seu significado. Liv estava tensa. Sentia-se do mesmo jeito. Teve que beber da própria taça para finalmente conseguir romper o silêncio:

– Eu preciso te dizer muitas coisas.

Respirou fundo antes de proferir:

– A primeira é que não vou conseguir deixar a fazenda. Impossível sequer pensar em me mudar pra cá. Eu não suportaria.

A declaração não era, nem de longe, surpresa para Liv. Conhecia Maurícia bem demais para pensar que seria diferente. Mas ouvi-la falar foi importante. Diálogo e confiança se estabelecendo entre elas verdadeiramente. Não que isso tornasse a ansiedade que sentia mais amena. Rodou a taça de maneira nervosa entre os dedos:

– Eu sei. Exatamente por isso, essa é uma hipótese que nunca cogitei. O que nos deixa uma única escolha: eu ir morar com você.

Não havia entusiasmo na voz de Liv. Pelo contrário. Parecia muito mais uma árdua mistura de concessão, conformismo e resignação. Nada que Maurícia achasse saudável ou bom.

A pausa que se estabeleceu foi pesada, repleta de introspecção. Liv esperando o que Maurícia diria com uma apreensão quase palpável, Maurícia tentando encontrar um jeito de tornar aquilo tudo mais fácil, mesmo sabendo que não teria como. Tomou mais um gole de vinho, depositou a taça na mesinha em frente a ela, respirou fundo e, quando falou, o fez de forma direta, absolutamente sem

disfarces:

– Eu entendo o quanto seria difícil pra ti te mudar daqui. Não te pediria isso, se não fosse mais difícil ainda, na verdade impossível, vivermos longe. Liv, eu te amo. E quero... Quero não, preciso te ter todos os dias, compartilhar a minha vida contigo. Mas não gostaria que tu tomasse uma decisão dessas de forma impulsiva, movida pela emoção do momento, muito menos por não ter outra escolha. Nunca seria egoísta a esse ponto. Tua felicidade é muito importante pra mim, meu amor.

Liv não aguentou. Depositou a taça que ainda segurava na mesinha, ao lado da de Maurícia. Inclinando-se, tomou o rosto dela entre as mãos:

– Mau... Eu amo você.

Os lábios se encontraram, a consciência de tudo que estava em jogo extravasada num beijo que, apesar de curto em duração, conteve uma intensidade repleta de significados. Foi Maurícia quem interrompeu:

– Espera...

Afastou-se com dificuldade, obrigando Liv a fazer o mesmo.

– Eu preciso te falar tudo. E ainda não terminei.

Liv balançou a cabeça afirmativamente antes de concordar:

– Fala.

Não precisou repetir. Maurícia desabafou de uma só vez:

– A tua ideia de casamento é baseada em tuas experiências anteriores. Sei que todas as tuas ex te tiraram tudo que puderam, que a última até ficou te devendo dinheiro. Só que tu precisa mudar teu referencial, meu amor, porque eu sou bem diferente. Tu falou em morar na minha fazenda, em ser sustentada e pra mim isso não existe. Se nos casarmos a fazenda vai ser nossa e não minha. Também falou em arrependimento, né? Com certeza, podemos nos separar um dia. Não existem certezas absolutas, sempre há um risco. Temos idade suficiente pra sabermos disso. Mas se tu me conhece um mínimo que seja, sabe que eu jamais te deixaria com uma mão na frente e outra trás. Não confia em mim?

A resposta foi imediata, sem hesitação nenhuma:

– Claro que sim. Mas é bem mais do que isso, Mau. Na verdade, eu preciso de tempo pra confiar em mim.

O sorriso de Maurícia foi cúmplice,

absurdamente límpido:

– Tudo bem. Fica tranquila. Não quero te pressionar, nem nada parecido. Só quero que tu saiba, que tenha certeza de como eu penso e do que eu sinto.

Liv assentiu com um gesto rápido e, de forma completamente inesperada, tomou a boca de Maurícia com a dela com impaciência, dando fim de vez às palavras. Maurícia passou os braços ao redor do pescoço de Liv e correspondeu da mesma forma devastadora e derradeira. E então foi loucura, uma explosão irrefreável como subir à tona e respirar novamente, como se existir dependesse única e exclusivamente das línguas e lábios que naquele momento se exploravam.

O que viria a seguir parecia inevitável, se Liv não falasse:

– Nada contra esse sofá que já nos serviu bem, mais de uma vez aliás, mas... Vamos pra cama? É bem mais confortável...

CAPÍTULO VINTE E OITO

Um pequeno suspiro escapou dos lábios de Maurícia quando a mão de Liv deslizou, descendo pela cintura, barriga, até pousar na coxa. Mesmo assim, nenhuma das duas acordou. Liv aconchegou-se mais, a frente do corpo esfregando-se languidamente na parte de trás do dela, a mão puxando-a com mais força contra si e aí sim arrancando um gemido:

– Uhm...

Continuaram de olhos fechados, deliciando-se, saboreando apenas ficarem ali apenas deitadas e abraçadinhas, de conchinha na cama. Maurícia perguntou:

– Que horas são?

– Cedo. Vamos dormir mais um pouco.

A resposta veio seguida de um beijo no pescoço.

– Então vira, amor...

PERIGOSAS NACIONAIS

Liv girou devagar sobre o próprio corpo. Maurícia acompanhou o movimento com uma harmonia natural, quase como se fossem uma. Envolveu Liv num abraço e adormeceram de novo.

Horas depois, o celular de Maurícia tocou. Ela virou-se e o pegou na mesinha de cabeceira:

– Alô?

Liv continuou imóvel, a não ser por um leve franzimento de rosto.

– Oi! Quê? Que horas são? Já? Não, não... Dormimos demais. Sei lá, daqui a pouco. Tá. Tá. Tchau!

Desligou e voltou a abraçar Liv que, ainda sem se mexer, indagou com uma sonolência preguiçosa:

– Quem era?

Incontrolável o sorriso que surgiu nos lábios de Maurícia:

– O mano. Eles já tão no Fábio. Ligou pra saber que horas nós vamos.

Traçou um caminho de beijos pelo pescoço de Liv subindo até alcançar a orelha, fazendo-a se arrepiar inteira:

– Ai...

PERIGOSAS ACHERON

Ignorou o fraco protesto por completo, na verdade tomou-o como convite, com uma segurança que estava absolutamente certa. Liv virou-se para ela, os lábios procurando os de Maurícia, já completamente desperta:

– Eles que esperem.

A provocação incidiu em Maurícia com a precisão de uma flecha:

– Eu também não estou com a menor pressa.

A primeira coisa que Miguel fez quando as duas chegaram foi reclamar do atraso. A segunda foi chamar Maurícia num canto e avisar:

– Olha só, Mau... É churrasco carioca, sabe o que isso quer dizer? Vai ter coração de frango, asinha de frango, linguiça de frango, muito frango! Nem pense em costela, muito menos em matambre! Aqui é assim, entendeu?

Maurícia não deu a menor atenção, estava muito mais concentrada em aproveitar a companhia de Liv. Churrasco de frango nem parecia problema:

– Tá.

Miguel estranhou, ou melhor, se assustou. Mais do que inesperada, a aceitação tranquila era uma

enorme surpresa:

– Tá?

Maurícia confirmou sem fitá-lo, distraída por algo além:

– Sim.

Seguiu com o olhar o da irmã gêmea. Parou em Liv, que despiu o short e a camiseta e se sentava, apenas de biquíni, em uma das espreguiçadeiras:

– Sei...

Empurrou-a de leve, chamando a atenção de Maurícia de volta para ele:

– Ei!

– Quê?

Riram juntos, cúmplices, antes de Miguel responder:

– Bom saber que tu tá bem.

Passou o braço ao redor dos ombros dela e, caminhando lado a lado, se juntaram aos outros, que já estavam tomando cerveja em volta da piscina.

– Aconteceu alguma coisa?

Liv sabia que nunca iria realmente enganá-lo, independente do quanto pudesse tentar disfarçar ou

PERIGOSAS NACIONAIS

argumentar. Era evidente para quem, como Fábio, a conhecia tão bem. Mas também não queria contar o que havia acontecido entre Maurícia e ela na véspera, não queria falar, na verdade sequer conseguiria colocar em palavras o dilema que tinha por dentro. Pelo menos não naquele momento:

– Impressão sua.

Evitando fitá-lo, afastou-se, caminhando em direção aos outros, onde estaria mais segura.

Sentada na sombra, com um copo de cerveja na mão, conversando com Miguel e Leandro, Maurícia estranhou. A forma de Liv caminhar? De olhar? Ou de respirar? Não soube ao certo definir. Indiscutivelmente, havia algo.

– Que foi?

Perguntou baixinho, para que só Liv escutasse, assim que o momento oportuno surgiu.

– Nada.

Foi a resposta dada com aparente naturalidade, seguida de um sorriso e um beijo rápido nos lábios. Mas Maurícia não se convenceu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Muito depois do churrasqueiro e do garçom terem ido embora e de uma noite absolutamente sem estrelas ter surgido, Maurícia afastou-se dos outros. Deixou-se ficar imersa na piscina, fechando os olhos e tentando identificar o que eles conversavam. Impossível. Estavam longe, muito longe, em volta da churrasqueira ainda. Não demorou muito para Liv surgir na margem oposta, procurando pela namorada. Acenou chamando-a, mas ela não se mexeu. Interpretando a imobilidade de Maurícia como preguiça, mergulhou e nadou submersa, vencendo a distância com uma rapidez incrível. Levantou na frente dela, a água escorrendo do corpo e dos cabelos, formando uma visão tão perfeita que beirava a irrerealidade. Passou uma das mãos no rosto para secá-lo, antes de perguntar:

– Tudo bem?

Enlaçando-a pela cintura, Maurícia disse:

– Comigo sim. E contigo?

Uma breve pausa antecedeu a resposta:

– Também.

Fitando Liv profundamente, insistiu:

– Mesmo?

Liv subiu a boca pelo pescoço de Maurícia, respondeu junto ao ouvido, causando arrepios:

PERIGOSAS ACHERON

– Sim.

Pôs fim à conversa colando os lábios nos dela, esfregando o corpo no de Maurícia sem pensar, seguindo apenas o instinto. Também foi intuitiva a forma com que Maurícia ergueu um pouco a perna direita, encaixando-a entre as de Liv e, segurando-a pelos quadris, atraiu-a ainda mais para si.

Um som abafado saiu da garganta de Liv, fazendo-a recuperar o pouco de bom senso que ainda mantinha. Lembrando-se de onde estavam, interrompeu o beijo e olhou ao redor. Foi Maurícia quem constatou, com um brilho tão sugestivo no olhar azul que fez Liv estremecer:

– Estamos sozinhas.

A reação de Liv foi imediata:

– Você tá brincando, né?

A resposta de Maurícia veio sem palavras, na firmeza quase bruta com que a puxou e a obrigou a receber os lábios dela novamente, beijando-a de uma forma ansiosa, ofegante e desmedida. Toda a racionalidade de Liv ameaçou ruir. No entanto, sem saber ao certo como, um pequeno resquício de razão a fez resistir:

– Amor... Aqui não...

Para Maurícia, a relutância de Liv serviu como

afrodisíaco. Ignorando os protestos dela, desceu os lábios pelo pescoço e colo, até encontrar um dos seios. Mordiscando por cima do biquíni e depois enfiando a língua devagar, sugando por baixo do tecido. Liv deixou escapar não um, mas vários gemidos. A respiração se tornou cada vez mais difícil. Os dedos se fecharam nos cachos de Maurícia e, como se tivesse vontade própria, o corpo se arqueou, oferecido. Respirou fundo, tentando retomar o controle dos sentidos. Puxou-os como se os cabelos dela fossem rédeas que precisassem ser tomadas e contidas:

– Mau...

Maurícia levantou o rosto e fitou-a com uma seriedade repentina:

– Acha que estamos indo longe demais?

A dualidade da pergunta deixou Liv confusa:

– Não...

Imediatamente se corrigiu:

– Sim!

Um esgar que poderia ser confundido com um sorriso se instalou nos lábios de Maurícia:

– Decida.

Mas Liv sabia perfeitamente o quanto o sentido daquela frase era muito maior e mais profundo do

que o que estava sendo dito. Em menos de um segundo, milhares de coisas a atravessaram, como se tudo se concentrasse naquele único momento. Foi com esse furor de sentimentos que Liv passou os braços ao redor do pescoço de Maurícia e beijou-a.

Maurícia correspondeu de forma imediata, uníssona e plena, as mãos envolvendo o corpo de Liv, deslizando pela pele, erguendo-a pelas nádegas com a facilidade que a fluidez da água generosamente concedia. As pernas de Liv se fecharam ao redor da coxa de Maurícia, um cavalgar ritmado se estabeleceu, deixando as duas num estado ainda maior de combustão, loucura, quase desespero.

Liv arquejou várias vezes contra a boca de Maurícia, a língua se mesclando à dela incansavelmente. Sem interromper o beijo, Maurícia se virou e encostou as costas de Liv contra os azulejos. Então, desceu os lábios pelo pescoço dela traçando um caminho totalmente incendiário pelo colo antes de afastar a parte de cima do biquíni para chupar um dos seios. Fez o mesmo com o outro, enquanto a mão desceu com avidez buscando, encontrando, se apossando. Liv

PERIGOSAS NACIONAIS

gemeu alto, quase gritou com a sensação deliciosamente intensa que a carícia circular precisa lhe deu. Desfrutou dela integralmente no começo. Depois de um tempo, pediu ronronando:

– Me come...

Não precisava ser explícita, Maurícia sabia muito bem o que ela queria, mas não a atendeu. Riu e provocou:

– Já estou comendo.

Liv foi obrigada a suplicar, num sussurro rouco:

– Enfia...

Só assim foi satisfeita. Os dedos de Maurícia entraram sem volteios, quase com violência:

– É isso que tu quer?

Exigiu a resposta:

– É?

– É... É...

Liv ofegou finalmente. As bocas voltaram a se unir em um beijo exigente. Palpitando em busca de alívio, os corpos entraram em uma cadência ainda mais tensa, Liv apertando Maurícia com força, os dedos enfiados na nuca dela, gemendo repetidas vezes:

– Te amo, Mau... Eu te amo...

Maurícia não soube precisar o exato momento

PERIGOSAS ACHERON

em que veio, rendeu-se por completo ao prazer quase insano que obteve na perna que a mulher deliciosamente mesclada a ela oferecia, trêmula, gozando também.

Permaneceram abraçadas, os rostos colados, enquanto as pulsações desaceleravam e as respirações voltavam ao normal. Foi Maurícia quem ameaçou se afastar primeiro. Liv não permitiu. Prendeu-a entre os braços e, fitando-a profundamente, perguntou:

– Maurícia, o que está acontecendo?

CAPÍTULO VINTE E NOVE

– Nada.

Liv insistiu:

– Mau... Você esteve estranha e distante a tarde inteira. E agora a pouco foi... No mínimo diferente.

Maurícia retrucou quase em desafio:

– Não gostou?

Liv perdeu a paciência de vez:

– Não é isso e você sabe muito bem. Mas se não quer falar, azar. Eu também vou pensar o que eu quiser.

Passou por ela endireitando a parte de cima do biquíni. Maurícia a segurou pelo braço antes que Liv pudesse se distanciar:

– Espera.

Ergueu a mão direita e acariciou o rosto de Liv com extrema delicadeza:

– Vamos conversar.

PERIGOSAS NACIONAIS

A mudança de atitude repentina fez Liv voltar atrás. Sem saber como explicar direito a confusão dos próprios sentimentos, Maurícia olhou para ela buscando as palavras. Chegou a abrir a boca, mas foi interrompida por Leandro, que gritou de longe, tentando ser discreto:

– É... Meninas... Com licença, mas...

Viraram-se juntas para ele.

– Vocês vão ficar aí pra sempre?

As duas se entreolharam antes de Liv responder:

– Já vamos. Só um momento.

– Ok.

Foi o que ele disse antes de desaparecer rapidamente.

As duas voltaram a se olhar, Liv visivelmente ansiosa, Maurícia sem ter o que dizer. Acabou propondo:

– Vamos deixar pra depois? Quando estivermos na tua casa?

Não era, nem de longe, o que Liv queria, mas acabou concordando:

– Tudo bem.

– Quando vai ser o casamento?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Liv estava sentada no colo de Maurícia com os braços ao redor do pescoço dela e, apesar da vontade que sentiu de fuzilar Fábio, sorriu para ele. Percebendo o desconforto da namorada, Maurícia retrucou quase com rudeza:

– Pode deixar que tu vai ser o primeiro a saber.

Um silêncio constrangedor se estabeleceu. Quem salvou a situação foi Leandro, com o bom humor de sempre:

– Tá, mas a madrinha sou eu!

Assim que chegaram no apartamento de Liv, Maurícia exclamou:

– Estou louca por um banho!

Foram juntas para o chuveiro. Liv lavou e enxaguou os cabelos de olhos fechados. Quando os abriu, Maurícia estava parada, observando-a fixamente.

– Quê?

Perguntou, em parte surpresa e sem jeito, em parte fazendo dengo. A resposta veio sob a forma de um beijo absolutamente arrebatador e ardente.

Maurícia se afastou um pouco, apenas o suficiente para ensaboar o corpo de Liv por inteiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Liv retribuiu fazendo o mesmo. Beijaram-se novamente, dessa vez com uma urgência desenfreada, as peles deslizando uma na outra, as mãos passeando sem um rumo pensado, satisfazendo seus próprios desejos. Sem mais delongas nem rodeios, Maurícia ajoelhou-se e mergulhou em Liv com a boca e a língua. Liv limitou-se a se apoiar na parede e, completamente entregue, sussurrar o nome dela entre gemidos e palavras erráticas até perder-se num rápido, mas absolutamente fantástico desfecho.

Saíram do banheiro enroladas apenas nas toalhas. Maurícia nem deu tempo para Liv secar o cabelo:

– Vem cá, vem...

Chamou, atirando a própria toalha no chão. Liv obedeceu, adorando a pressa com que Maurícia a livrou da toalha também e, virando-a, colocou o corpo nas costas dela, a boca sugando o pescoço com força enquanto as mãos tomavam os seios.

– Ah...

Liv gemeu docilmente. Nem sentiu quando caminharam para trás, na verdade só percebeu que Maurícia havia se sentado na cama quando ela a acomodou, ainda de costas, no colo dela.

– Abre pra mim...

PERIGOSAS ACHERON

Foram as palavras roucas sussurradas no ouvido de Liv enquanto Maurícia lhe afastava as pernas. Desceu a mão direita pela barriga e pelo ventre de Liv, num caminho vertiginoso até chegar entre as coxas. Murmurou coisas que seriam absolutamente obscenas em qualquer outro contexto, mas que naquele instigaram, conduziram, as levaram completamente. Acariciou Liv sem pressa, saboreando o ato por inteiro, como quem quer deixar marcas internas.

Liv se contorceu, gemeu alto e ronronou várias vezes. O corpo de Maurícia ardendo nas costas dela, a boca mordendo e chupando a nuca e o pescoço com força eram o complemento perfeito para o jeito voraz com que as mãos se apossavam do sexo e dos seios. Totalmente entregue, alheia a tudo que não fosse o prazer que estava recebendo, permitindo que uma quase perda dos sentidos se estabelecesse, Liv ofegou:

– Ai, amor...

Não foi pensado, Maurícia apenas soprou dentro do ouvido dela:

– Tu é minha.

A força daquilo fez Liv ser tomada por espasmos involuntários. A satisfação de Maurícia não poderia

ser maior quando procurou os lábios da namorada e beijou-a, sentindo-a gozar de forma absolutamente intensa.

Permaneceu com os braços ao redor dela, segurando-a. Liv deixou-se ficar recostada e suspirou, ainda sem abrir os olhos, de uma maneira lânguida. Rindo deliciada, Maurícia a beijou no pescoço, um pouco abaixo da orelha e, apertando ainda mais o abraço, sussurrou:

– Eu te amo.

Liv virou-se, sem sair do colo de Maurícia:

– Também te amo...

Segurou-a pelos cabelos e capturou a boca com a dela. O beijo já deixou claro, mas quando os lábios se separaram em busca de ar, Liv fez questão de dizer:

– Muito, mas muito mesmo.

Percorreu com os lábios o pescoço, o colo, e parou nos seios. Ajoelhou no chão entre as pernas de Maurícia, as mãos acariciando as coxas que se fecharam ao redor dela. Sugou o mamilo com mais força, mordiscou com a pontinha dos dentes, puxou de leve.

– Ai...

Não sou, nem de longe, como um protesto.

Com os dedos enfiados nos cabelos de Liv, Maurícia arqueou o corpo, esfregando os quadris contra ela e gemendo deliciosamente. Liv aproveitou para faltar-se, ficou um bom tempo daquele jeito. Só desceu a boca quando a urgência de Maurícia tornou-se inequivocadamente molhada, entumecida e pulsante. Sem a menor intenção de satisfazê-la rápido, primeiro lambeu ao redor, depois encostou a língua devagar, enlouquecendo Maurícia completamente, fazendo-a suplicar:

– Chupa, pelo amor de deus!

Antes de afinal mergulhar nela com voracidade, no início com a boca e depois acrescentando os dedos. Não demorou muito para que Maurícia chegasse a um orgasmo forte, arrebatado, absolutamente violento.

Liv só parou depois que ela gozou pela terceira vez, deitada de costas, sem forças para manter-se sentada, o corpo estremecendo convulsivamente, as mãos na cabeça, puxando o cabelo para trás, imersa num prazer que beirava o desespero.

Liv ergueu a cabeça e ficou observando Maurícia jogada sobre os lençóis, sorrindo de olhos fechados. Seria perfeito, se no dia seguinte ela não fosse embora para a fazenda. Dentro de Liv, sutilmente,

aquilo esboçou um suave tormento. Saudade prematura, doendo antes mesmo que o afastamento se restabelecesse. E por mais que quisesse simplesmente ficar ali, fazendo amor com Maurícia durante o resto do pouco tempo que tinham, existiam coisas a resolver. Naquele momento, mais do que de sexo, era de diálogo que precisavam. No entanto, conversar com Maurícia parecia ter se tornado uma dificuldade imensa, como se a distância entre as duas fosse interior e não mais externa.

Foi nesse exato instante, quando esse pensamento chegou, se instaurou e desestabilizou Liv profundamente, que Maurícia a puxou. Com o cuidado e o carinho de sempre, fez Liv deitar-se sobre ela. Mesmo se Liv tentasse, não conseguiria enganá-la. Maurícia sentiu a mudança perfeitamente:

– Que foi?

Olhando fundo nos olhos azuis, Liv respondeu:

– Precisamos ter uma conversa séria.

Na mesma hora, sentiu o corpo de Maurícia enrijecer. Ela tentou se afastar, mas Liv não permitiu. Segurou-a com firmeza:

– Me deixa falar antes de tirar conclusões

erradas.

Funcionou. Os olhos muito azuis a fitaram, num misto de curiosidade, medo e surpresa. Quando Maurícia falou foi num tom bem humorado, porém tenso:

– Tudo bem. Mas será que eu posso me sentar primeiro?

Liv não só assentiu, como consentiu. Sentou-se de frente para ela. Respirou fundo antes de finalmente dizer:

– Você vai embora amanhã e eu acho que não podemos deixar nada mal resolvido entre nós, porque... Já é sofrimento demais ficar longe de você sem que nenhuma das duas tenha caraminholas na cabeça.

Maurícia estava visivelmente inquieta:

– Sim. E...?

Um suspiro exasperado quase escapou dos lábios de Liv, mas ela o conteve. Sabia desde o começo que a conversa não seria fácil. Não seria ela a ajudar a dificultar, por mais que Maurícia se mostrasse combativa e esquiva:

– Não acha que temos coisas pra esclarecer?

Num ímpeto, Maurícia desabafou de uma só vez:

– O que tu quer que eu fale? Será que não é

óbvio? Eu te pedi em casamento e tu não aceitou. Racionalmente eu entendo, só que... Não é o que eu sinto. Principalmente porque tu ficou diferente.

Foi a vez de Liv se surpreender:

– Eu?

Sem hesitar, Maurícia confirmou:

– Tanto que te perguntei. E tu disse que não era nada. Lembra?

Foi dura, quase ríspida:

– Isso que tu chama de “algo mal resolvido” já está instaurado, infelizmente. E não é com blá blá blá que vamos resolver.

– Então como? Fazendo sexo sem parar? Essa é a solução pra você?

– Não. Essa é a expressão do meu desespero.

Maurícia cerrou os lábios, as lágrimas escorreram pelo olhar magoado livremente. Liv acariciou o rosto dela com a mesma suavidade com que sussurrou:

– Mau...

Segurou o rosto dela entre as mãos antes de completar, fitando-a profundamente:

– Eu queria tanto que você soubesse, que entendesse, que tivesse certeza... Do tamanho do amor que eu sinto por você. Eu não recusei seu

pedido de casamento, eu adorei, achei lindo! Eu também sofro quando estamos longe. Eu só preciso de tempo. E que você tenha um pouco de paciência.

Não conseguiu mais conter o choro:

– Meu maior medo é te perder...

Maurícia mudou radicalmente. Puxou Liv para si e, apertando-a contra o próprio corpo, amparou-a entre os braços sem uma palavra, até que os soluços dela cessassem. Com rosto molhado colado ao de Maurícia, Liv pediu:

– Confia em mim.

Resposta nada simples. Maurícia preferiu não pensar, seguiu única e exclusivamente o que sentia. Com um beijo apaixonado, selou o acordo sem resistir:

– Sim.

CAPÍTULO TRINTA

Um abraço apertado, que só com muito esforço se desfez, selou o derradeiro instante das duas juntas.

Depois, Liv ficou parada em frente ao embarque, vendo Maurícia lá dentro, passando as bagagens de mão pelo raio x. Assim que terminou, Maurícia se virou para Liv. Nos olhos azuis, as lágrimas que estava contendo a muito custo reluziram. Liv acenou e soprou um beijo triste, tão absolutamente triste, que Maurícia sentiu vontade de voltar correndo. Mas não podia. Acenou de volta e retribuiu o beijo enviado no ar. Respirou fundo antes de se virar e finalmente partir.

Liv permaneceu ali, apesar de Maurícia já ter sumido de vista. Como se a imagem dela continuasse no último lugar onde a tinha visto.

Tinha acabado de dar os primeiros passos em
PERIGOSAS ACHERON

direção à escada rolante quando o celular tocou. Parou para atender:

– Oi...

– Oi, amor. Ainda ta aí?

Ouvir Maurícia trouxe simultaneamente, dor e alívio. Só conseguiu dizer:

– Sim.

Urgência e preocupação estavam explícitas na forma com que Maurícia falou:

– Já estou na fila do embarque, vou desligar o celular. Te ligo assim que o avião pousar. Fica bem.

A voz de Liv falhou, a resposta monossilábica foi quase inaudível:

– Tá.

Maurícia suspirou. Mordeu os lábios de pura inquietação:

– Amor... Não fica assim... Por favor...

Absolutamente embargada. Foi como a frase de Liv soou:

– Não tem como não... Já tô sentindo a sua falta...

A respiração dela fez Maurícia saber que Liv estava enxugando as lágrimas ao dizer:

– Eu te amo...

Maurícia saiu da fila, ficou de lado para que os outros passageiros entrassem na frente dela:

– Eu também te amo. E também já tô louca de saudade de ti, minha vontade é voltar. Se eu pudesse é o que eu faria, não consigo te deixar assim.

O tom desesperado de Maurícia transformou algo dentro de Liv. O jeito com que falou foi doce, suave, porém ao mesmo tempo seguro e firme:

– Eu tô bem. Fica tranquila, meu amor.

A fila terminou, só faltava Maurícia. Retrucou com carinho, mas apreensiva ainda:

– Vai pra casa direitinho, tá?

Suspirou:

– Tenho que ir...

Liv a acalmou em definitivo:

– Vai bem. E quando chegar me liga. Beijo...

Encerrou a ligação rápido, para não prolongar mais do que preciso. Colocou os óculos escuros para disfarçar os olhos molhados que escorriam e encaminhou-se para casa, sentindo-se absolutamente sozinha.

Maurícia desligou e guardou o celular, pegou a passagem e a identidade no bolso do casaco que trazia pendurado em um dos braços e a entregou

para a funcionária da companhia aérea na frente dela. Deu uma olhada derradeira para trás, num impulso de hesitação irreprimível. Riu da situação, de si mesma, da falta total de sentido naquilo.

Depois de conferir os documentos, a mulher os estendeu de volta para Maurícia com um sorriso:

– Boa viagem!

A resposta automática saiu sem sentir:

– Obrigada.

Com uma sensação bem diversa da que geralmente tem quem retorna – a de que estava indo em direção contrária ao próprio destino –, atravessou a porta e o corredor profundamente vazios e entrou no avião que a levaria para longe de Liv.

Para Liv, ficar no próprio apartamento foi algo extremamente difícil. Em cada canto, a presença e a falta de Maurícia estavam ali, irreduzíveis. Tanto por dentro quanto por fora. Ocas, vazias e sem sentido.

Deixou-se cair sentada no sofá da sala e permitiu que o ardor que trazia no peito subisse garganta acima e transbordasse de forma soluçante e

convulsiva. Sem enxugar as lágrimas, repassou todo e cada instante que haviam ficado juntas, como se a separação fosse uma pequena forma de morte. E de certo modo era, dolorosa e sofrida, mas felizmente, nem um pouco definitiva.

Não soube precisar quanto tempo ficou ali. O que a tirou daquele estado foi o celular tocando a seu lado. Ao olhar para o visor respirou aliviada. Enxugou os olhos e o rosto, atendeu sorrindo:

– Maurícia...

Do outro lado, a voz também sorria:

– Oi, amor... Tudo bem, linda?

Respondeu querendo disfarçar:

– Sim.

Não conseguiu. Maurícia sabia:

– Não suporto saber que tu táí sozinha e chorando ainda por cima...

Liv tentou negar, mesmo tendo certeza de que ela não se convenceria:

– Mau, eu não tô...

Mas Maurícia nem a deixou completar:

– Minha linda... Eu sei que tu tava chorando só pela tua vizinha. Liga pro Fábio ou pro Leandro, pede pra um deles ir aí te fazer companhia.

Imediatamente, Liv protestou:

PERIGOSAS NACIONAIS

– Mau... Não precisa...

Mas Maurícia estava realmente preocupada. Tanto que insistiu:

– Liv...

Liv não tinha a menor intenção de incomodar os amigos. Para sossegar Maurícia, acabou mentindo:

– Tá bom, eu ligo. De repente vou lá pro Fábio.

Maurícia ficou mais tranquila:

– Ótimo. Vai sim. Quero que tu fique bem, meu amor. Também já tô louca de saudades de ti.

Como se tentasse se convencer, Liv disse:

– É por pouco tempo.

A aquiescência de Maurícia veio carregada de duplo sentido:

– Espero que sim.

“Só depende de ti”, pensou, mas não falou. Ficou nas entrelinhas. Liv compreendeu perfeitamente. Sussurrou num tom culpado, quase um pedido:

– Mau...

Mas quem se justificou foi Maurícia:

– Não estou querendo te pressionar, muito menos te acusar de nada. É só que... Esses dois meses sem ti vão ser...

Nem precisou completar. Era recíproco:

– Pra mim também, mas agora não tem como ser

PERIGOSAS ACHERON

de outro jeito.

Embora todo o ser de Maurícia pedisse que ela protestasse: “Tem sim!”, para não gerar conflito, ela preferiu engolir:

– Eu sei.

O silêncio que se seguiu disse tudo, foi absolutamente significativo. Liv preferiu fingir não ter percebido:

– Me liga?

– Em cada parada que eu fizer.

– Vou deixar o celular no bolso. Dirige com cuidado.

– Pode deixar. Te amo!

– Também te amo.

– Beijo... Tchau...

Desligaram como se nada houvesse ocorrido. Mas em ambas, a impressão que se gravou – densa e assustadora, uma vez que profundamente omitida – foi a daquilo que permaneceu subentendido.

Maurícia pisou fundo no acelerador, dirigiu do aeroporto à fazenda direto, sem fazer uma parada. Queria chegar logo, recuperar um pouco da própria realidade, por mais difícil que fosse desconectar-se

dos últimos dias. O pensamento esteve em Liv e nos momentos que passaram juntas durante a viagem inteira.

Quando chegou, havia anoitecido. Valdo e Musquito já não se encontravam. Deixou as bagagens no porta malas do carro, subiu quase correndo os cinco degraus da entrada e foi direto para a cozinha, onde sabia que Neiva estaria esperando, incansável. A velha senhora enxugou as mãos no pano que trazia pendurado no ombro antes de abraçá-la:

– Fez boa viagem?

Maurícia não disse nada. Só sacudiu a cabeça afirmativamente e a apertou com força, precisando daquele abraço. Involuntariamente, os olhos encheram-se de lágrimas. Tentou se afastar, mas Neiva não permitiu. Segurando Maurícia pelos dois braços, a fez fitá-la:

– Que foi?

– Nada. Só saudade.

Soltou-se devagar, foi até o fogão levantar as tampas das panelas, numa tentativa inútil de disfarce. A empregada continuou parada, observando-a atentamente:

– Se tu não quer, não fala.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não atendeu à vontade que sentiu de voltar a abraçá-la. Isso só deixaria a velha senhora mais preocupada. Deu de ombros, rindo da própria carência, tentando deixar claro que não passava de bobagem:

– É só cansaço da viagem. Nada que um banho quente e uma boa dose de cachaça não possam curar. Não precisa se preocupar, Neiva, eu estou bem. Vai pra tua casa descansar.

Nem um pouco convencida, a empregada insistiu:

– Não quer nem que eu te sirva o jantar?

Maurícia sabia que não seria capaz de engolir nada. Mentiu para amenizar:

– Tô sem fome, comi na estrada. Só vou jantar mais tarde. Pode ir.

A velha senhora continuou sem se mover, fitando-a, obrigando-a a repetir:

– Vai.

Apesar de visivelmente contrariada, Neiva assentiu. Tirou o avental, pendurou o pano de prato em uma das cadeiras e caminhou devagar até a porta, de onde se virou para falar:

– Então... Boa noite.

– Boa noite.

PERIGOSAS ACHERON

Sem esperar mais, Maurícia atravessou a cozinha e a sala com passos largos, rapidamente galgou a escada e, com um suspiro triste, fechou atrás de si a porta do quarto.

Pela milionésima vez desde que tinha deitado na cama sem conseguir prestar atenção na TV ligada, Liv olhou para o celular. Horas haviam se passado sem Maurícia ter dado uma notícia sequer. Não aguentou mais esperar, como haviam combinado. Ligou para ela, deixou que tocasse até cair na secretária eletrônica, desligou sem deixar recado, voltou a ligar mais uma, duas, três vezes sem resultado. Aí sim ficou preocupada de verdade. Mil coisas lhe passaram na cabeça, nenhuma delas boa. Respirou fundo, afastou todos os pensamentos torturantes, especialmente os que envolviam desastres de trânsito, tentou encontrar outros motivos que justificassem, sem resultado.

Foi em franco desespero que os dedos apertaram as opções na tela do aparelho voltando a tentar contatá-la.

PERIGOSAS NACIONAIS

Debaixo do chuveiro, Maurícia escutou o próprio celular tocando sem parar. Terminou o mais rápido possível, mas assim que se enrolou na toalha o aparelho silenciou, por isso se vestiu antes de voltar para o quarto. Quando cruzou a soleira da porta, ele voltou a se manifestar em cima da cama. Certa de quem era, atendeu se justificando:

– Oi, amor! Desculpa! Vim direto sem parar e tava precisando muito de um banho, acabei de sair do chuveiro e já ia te ligar.

Ficou perplexa ao ouvir a risada do outro lado:

– Pena eu não estar aí pra te enxugar ou quem sabe...

Houve uma pausa significativa antes de ela completar:

– Molhar ainda mais...

O tom de Maurícia foi exasperado, nada amigável. Mas no fundo, ambas sabiam que, se precisava ser tão defensiva, era porque ainda não havia indiferença de fato:

– Cláudia...

– Fez boa viagem? Te divertiu? Espero que sim! Porque temos coisas sérias pra resolver, não acha? Tava esperando a tua volta, Mauri. Tá mais do que na hora de conversarmos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Talvez pela segurança dela, pela intimidade na fala ou algo mais... Maurícia se sentiu desorientada, perdida, sem palavras. Gaguejou sem querer:

– Eu... Eu...

A ex não só percebeu, aproveitou o momento de fraqueza para dizer de forma enfática:

– Posso ir até aí amanhã de tarde?

Como se o passado voltasse e estivesse de novo imersa num tempo em que contrariá-la era impensável, Maurícia foi incapaz de recusar:

– Sim.

Cláudia exultou do outro lado:

– Ótimo! Te vejo por volta das quatro.

O celular voltou a tocar assim que desligou.

– Amor? Tá tudo bem? Mau?

Buscando uma serenidade que não tinha, Maurícia respondeu:

– Oi, amor. Tudo bem, claro.

Liv sabia que a voz dela não estava normal:

– Por que não me ligou?

Não respondeu de imediato. Ficou pensando se deveria ou não contar sobre o telefonema de Cláudia. Ganhou tempo:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ahn?

Contar só deixaria Liv... Sequer conseguia pensar em tudo que ela ficaria se dissesse a verdade.

– Disse que me ligaria em cada parada.

Omitir não seria tão ruim, a protegeria de, no mínimo, um sofrimento desnecessário.

– Vim direto, sem parar. Quando cheguei a Neiva tava me esperando e queria que eu falasse...

Por outro lado, sinceridade era, sem sombra de dúvida, a base de qualquer relação durável.

– Falasse o quê?

Respirou fundo, tentou conter os pensamentos, se concentrou no diálogo:

– Por que eu cheguei assim, nesse estado.

Na voz de Liv, que soou como uma carícia absolutamente doce, carinhosa e suave:

– Assim como, meu amor? Em que estado?

Fazendo com que a resposta também fosse melosa, açucarada:

– Ah, tu sabe...

Riram juntas, em total cumplicidade. Liv suspirou:

– Também tô louca de saudade...

Maurícia sentiu uma pontada de culpa e remorso

PERIGOSAS ACHERON

quase insuportável, chegou a cogitar contar. Até Liv completar:

– Eu te amo, Mau!

O resto passou a não importar. Naquele instante só existia uma única verdade:

– Também te amo. Te amo demais!

CAPÍTULO TRINTA E UM

Liv acordou com uma tristeza que há muito não sentia. Um sentimento de solidão completamente indesejável. Tinha motivos, claro. Mas não tinha tempo para pensar neles, muito menos enumerá-los. Tomou banho, vestiu-se e saiu quase correndo de casa, deixou para tomar café no escritório.

Uma hora depois, já sentada na própria mesa, com o líquido preto fumegante num copo descartável, ligou para Maurícia.

– Oi, amor.

– Bom dia, meu amor! Já está no trabalho?

– Tô. E você?

– Vim olhar um terneirinho que acabou de nascer. Tu ia adorar.

– Ah, eu queria tanto ver...

– Vem. É só comprar a passagem.

Houve uma pausa densa antes de Liv responder:
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Amor, você sabe que não dá.

Um suspiro melancólico antecedeu a réplica de Maurícia:

– Estou sentindo tanto a tua falta...

A vontade de Liv foi largar tudo, levantar da cadeira, ir correndo para o aeroporto e pegar o primeiro avião. Mas não passou de um impulso impraticável, completamente irracional. A realidade, bem mais complicada, só a possibilitava suspirar de volta:

– Eu também, meu amor, eu também.

Trocaram mais algumas palavras carregadas de saudade. Bem rápido, pois Liv não podia falar muito tempo:

– Te ligo quando voltar do almoço, tá?

– Liv...

Maurícia chamou do outro lado, como se quisesse dizer algo, de um jeito hesitante e reticente, que deixou Liv preocupada:

– O quê?

Houve uma pausa, onde Maurícia pareceu pensar, antes de finalmente responder:

– Nada. Depois a gente se fala.

Liv estranhou, mas não podia conversar mais. Tinha pela frente uma manhã estressante de

PERIGOSAS ACHERON

trabalho e precisava mesmo desligar:

– Tá.

Passou as horas seguintes se perguntando o que Maurícia ia falar.

Por volta do meio dia, ligou de novo, sabendo que Maurícia estaria em casa, sentada na mesa da cozinha com Neiva, Musquito e Valdo. Ela atendeu visivelmente surpresa:

– Oi, amor! Já almoçou? Tá tudo bem?

Liv respondeu equilibrando o celular entre a orelha e o ombro, as duas mãos ocupadas no mouse e no teclado:

– Tirando que isso aqui hoje tá uma loucura, tudo. Tô ligando agora porque nem vou sair pra almoçar, pedi um sanduíche e vou comer aqui mesmo.

O tom de Maurícia foi brincalhão, implicante, bem humorado. No entanto, havia todo um cuidado e uma preocupação implícitos:

– Nem vou te dizer que tu precisa te alimentar melhor, porque não adianta nada. Mas vê se pelo menos para de trabalhar pra mastigar, tá?

Um sorriso deliciado surgiu nos lábios de Liv. A

PERIGOSAS NACIONAIS

voz saiu doce, melodiosa, suave:

– Pode deixar.

Só depois das quatro da tarde Liv conseguiu parar de novo. Recostou-se na cadeira e, respirando aliviada, passou as mãos nos cabelos, jogando-os para trás. “Maurícia!”, foi a primeira coisa que pensou. Teve que ligar duas vezes antes que Maurícia finalmente atendesse:

– Oi.

A voz dela estava estranha, abafada, tensa. Liv se perguntou o porquê.

– Que foi, amor? Tá tudo bem?

– Tudo. E tu?

– Exausta, mas agora que ouvi a sua voz, bem melhor.

– Comeu direitinho?

A pergunta foi claramente evasiva, mas Liv continuou como se não tivesse ouvido:

– Tô louca de saudade! Pensei em você o dia inteiro... E à noite vai ser pior, sempre é. Queria tanto voltar pra casa e te encontrar... Fazer amor bem gostoso, daquele jeito que só você sabe fazer comigo... Depois dormir nua, abraçadinha, nos seus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

braços, sentindo a sua pele na minha, sabendo que você é minha...

Maurícia suspirou:

– Era tudo que eu queria.

Liv suspirou de volta, de forma absolutamente derretida:

– Eu te amo.

– Eu também.

Desligaram logo depois. Não tinham mesmo muito mais a dizer.

Estava chegando em casa quando ouviu o telefone tocar lá dentro. Abriu a porta e a mão encontrou o interruptor com a precisão de quem sabe seu lugar exato, iluminando o ambiente. Bateu a porta atrás dela e correu em direção ao aparelho:

– Alô?

– Oiê! Por que demorou tanto pra atender?

Decepcionou-se ao ver que era Fábio, mas não deixou transparecer:

– Acabei de entrar em casa.

– Como você tá?

Tirou os sapatos com os pés. Deixou no meio da sala, sem se incomodar em recolhê-los.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– A verdade?

– Sempre!

Depositou a bolsa no sofá e tirou o celular de dentro.

– Cansada, irritada e...

– E?

Caminhou até o quarto acendendo todas as luzes do caminho.

– Solitária.

– Imaginei. Quer que eu vá praí? Melhor ainda: vamos dar uma saidinha? Você precisa se distrair!

Ligou o computador e sentou na frente dele.

– Não, tô cansada. Acordei cedo, trabalhei o dia inteiro e amanhã não vai ser diferente. Vou tomar um banho, comer alguma coisa e ir pra cama.

Ficou olhando para a tela com impaciência enquanto o Windows iniciava, a internet se conectava e, finalmente, conseguia abrir o MSN.

– Ah, Liv... Como se eu não te conhecesse. Vai é ficar no computador, ou rolando na cama até amanhecer. Vamos lá... Eu passo aí, a gente bate um papo, toma umas cervejas e depois você vai dormir bem, como um bebê!

Desapontada, viu que Maurícia estava *off-line*.

– Só um minuto. Já te ligo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Desligou antes que ele pudesse protestar.

Pegou o celular e ligou para Maurícia. Ela demorou a atender e, quando o fez, foi de uma forma no mínimo seca:

– Liv?

Teve que se controlar para dizer, com uma calma que era apenas aparente:

– Mau, aconteceu alguma coisa?

– Não, por quê?

– Você tá estranha desde a última vez que nos falamos.

– Impressão tua.

– Mesmo?

– Mesmo.

A falta de hesitação de Maurícia quase convenceu Liv:

– Ok, se você diz...

Deixou escapar um suspiro antes de mudar de assunto:

– O Fábio me chamou pra sair, mas não sei. Tô cansada.

– Deixa de preguiça, tu precisa te divertir.

– É, acho que vou então.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Agora desliga e vai comer alguma coisa antes de sair.

O tom de Maurícia foi menos carinhoso que de costume? Liv ficou na dúvida se estava ou não imaginando coisas. A impressão que teve era que ela estava com pressa de desligar. Instintivamente, buscou segurança e... Certezas:

– Mau...

– O quê?

– Eu te amo!

A resposta foi baixa, sufocada, sussurrada:

– Eu também.

Depois, Maurícia completou quase com impaciência:

– Beijo... Tchau...

E desligou, deixando Liv sem saber o que pensar.

Maurícia ficou sentada na varanda na frente da casa, com a cuia na mão e a térmica no chão ao lado, pronta para esperar, uma vez que Cláudia nunca tinha sido pontual. Surpreendentemente, ela não se atrasou. Chegou exatamente na hora marcada. Parou o carro ao lado do de Maurícia e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desceu, sorrindo:

– Oi, Mauri...

Tirou os óculos escuros, passou a mão nos cabelos ondulados cortados na altura dos ombros, completamente bagunçados pelo vento da estrada que, como Maurícia lembrava, ela adorava.

– Olá, Cláudia.

Maurícia queria manter o rosto sério e fechado, porém foi impossível. Não por ela estar linda, exatamente do jeito que Maurícia gostava, usando uma calça de sarja crua toda amassada e uma segunda pele preta de gola alta por baixo de um colete acolchoado vinho, mas... Por causa da coisa peluda enrolada em um pano que ela pegou no banco de trás e trouxe no colo, com todo o cuidado:

– Tu não vai acreditar no que eu...

Maurícia sabia, sem que ela precisasse completar:

– Achou na estrada. O que é dessa vez? Espero que não seja um zorrilho!

Pousou a cuia ao lado da térmica e caminhou até ela, já sorrindo, tragada por tudo que tinham em comum. Lembranças, intimidade, cumplicidade. Uma vida juntas, na verdade.

– É uma lebre.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cláudia não suportava ver nenhum animal desamparado. E, ironicamente, parecia que sempre surgia um para ser socorrido, por onde quer que ela passasse.

– Acho que foi atropelada. Não pude fazer muito porque não tinha nada além de água no carro.

Lançou o olhar que Maurícia já conhecia bem. O mesmo que tinha no dia em que havia surgido com a gatinha mais encardida que Maurícia já havia visto debaixo do braço. Pensar em Pandora fez Maurícia oscilar entre o sorriso que lhe surgiu nos lábios e uma imensa vontade de chorar. Ao ver os olhos azuis marejados, Cláudia a tocou no braço, numa carícia reconfortante apesar de tão leve e suave:

– Mauri... Se formos lembrar da Pan agora não vamos mais parar de chorar.

Enxugando os olhos, Maurícia suspirou resignada:

– Tem razão, não é hora pra isso. Vamos lá pra dentro?

Mudou completamente o tom ao lembrar:

– A Neiva vai ter um ataque!

Riram juntas antes de Maurícia abrir a porta para que Cláudia entrasse.

PERIGOSAS ACHERON

Depois que a lebre foi devidamente tratada e acomodada em um ninho improvisado numa caixa, voltaram para a varanda. Cláudia se manteve calada, o olhar fixo no sol que aos poucos sumia no horizonte enquanto tomava o mate com uma serenidade que sugeria que tinham todo o tempo do mundo. Foi Maurícia quem quebrou o silêncio instaurado:

– Tu não disse que queria conversar?

Cláudia respondeu sem desviar os olhos dos últimos e longínquos resquícios de luminosidade:

– Queria, mas... Agora acho que é mesmo tarde demais.

Naquele momento, Maurícia poderia fugir, fingir, ignorar o que sentia. Mas foi impossível. Uma sinceridade visceral a impelia:

– Até ontem tu parecia tão decidida... O que mudou?

Quando Cláudia finalmente a fitou, Maurícia viu o quanto era intensa a tristeza naquele olhar:

– Ah, Mauri... Preciso mesmo falar? O teu jeito no celular... Era ela, não era? A tua namorada?

A conversa com Liv tinha sido muito rápida, exatamente pelo constrangimento de ter Cláudia ouvindo ao lado. Assentiu com um desconforto

visível:

– Sim.

Cláudia perguntou de forma impulsiva:

– Como ela é?

A resposta de Maurícia foi muito mais um desabafo:

– Ela mora no Rio.

– Rio de Janeiro?

– Isso.

Os olhares se cruzaram e capturaram na pausa que se seguiu. Dizendo muito mais do que simples palavras poderiam expressar. Cláudia teve que desviar os dela para conseguir falar:

– Eu nunca quis ficar longe, Mauri, quando teu pai ficou doente eu te disse que viria contigo.

O incômodo de Maurícia estava explícito no tom baixo, quase sussurrado que usou para questionar:

– Quer mesmo falar sobre isso?

Cláudia pousou a cuia no chão antes de ficar de pé:

– Eu não quero, eu preciso!

Maurícia levantou-se na frente dela:

– Não fazia sentido tu desistir do doutorado.

De forma inevitável, os olhos voltaram a se entrelaçar:

– Isso era o que tu me dizia, não o que tu sentia! Eu nunca deveria ter te escutado, tinha que ter largado tudo e vindo atrás de ti.

Um sorriso quase cruel acompanhou a forma com que o olhar azul fuzilou Cláudia:

– Daí tu não teria conhecido a Rita.

Ela não recuou um milímetro:

– Eu me arrependo todos os dias.

O instante de suspensão foi interrompido pelo celular de Maurícia. O toque a fez voltar a si. Soltou a respiração que sem nem perceber havia prendido, antes de atender:

– Liv?

Na mesma hora, Cláudia se virou, dando as costas para Maurícia, que também se afastou até o outro extremo da varanda, apesar de não ser distante o bastante para que Cláudia não ouvisse:

– Não, por quê? Impressão tua. Mesmo. Deixa de preguiça, tu precisa te divertir. Tá, agora desliga e vai comer alguma coisa antes de sair. O quê?

Falou mais baixo, a voz quase sufocada:

– Eu também. Beijo... Tchau...

Desligou e voltou a procurar Cláudia com o olhar. Ela continuava parada no mesmo lugar, o rosto fora da visão de Maurícia. De dentro da casa,

uma música – provavelmente vinda do radinho de Neiva – chamou sua atenção. “*Vento Negro*”, identificou antes de se aproximar devagar, estendendo a mão para tocar no ombro de Cláudia, mas antes que pudesse completar o gesto, ela virou de repente, a expressão mudando ao se deparar com aquela mão indecisa e acanhada parada no ar:

– Eu imaginei o nosso reencontro milhares de vezes, de várias maneiras diferentes.

Um sorriso amargo se desenhcou nos lábios de Cláudia ao completar:

– Mas nunca desse jeito.

Expirou alto, olhou para cima, mordeu os lábios, numa tentativa inútil de conter as lágrimas. Escorreram face abaixo sem um ruído, como se simplesmente transbordassem.

Maurícia até sentiu um impulso de abraçá-la, mas não o fez. Intuíu que não podia nem deveria, por mais que estivesse... Revistou os próprios sentimentos. Naquele momento, era pena o que mais pesava.

– Esse é o último sentimento que eu quero de ti, Mauri.

Havia um profundo ressentimento na frase de Cláudia. Sem confiar na própria capacidade de

controlar as mãos, Maurícia as manteve nos bolsos. Caso contrário, talvez... Suspirou exasperada:

– Depois de tanto tempo, o que tu esperava?

O olhar de Cláudia entrou profundamente no de Maurícia, como que para tocá-la direto na alma:

– Que tu ainda me amasse.

Sem ter o que dizer, Maurícia continuou calada. Cláudia avançou, ficou tão próxima que Maurícia sentiu a respiração dela nos lábios:

– Não fala. Essa é uma resposta que não precisa de palavras.

Um arrepio subiu pela espinha de Maurícia quando teve a boca capturada pela de Cláudia. Assustou-se com a forma do próprio corpo reagir. Instintiva, imperativa, imediata. Os lábios se abrindo para que a língua dela entrasse. O gosto, o toque, o cheiro mergulhando-a em sensações que traziam infinitas recordações. Rendeu-se por inteiro à saudade inegável contida naquele beijo. Permitiu-se suspirar, deliciada, quando as mãos de Cláudia a puxaram pela cintura e subiram pelas costas, acariciando, os dedos se enfiando entre os cabelos da nuca. Correspondeu passando os braços ao redor dela, movendo a língua contra a de Cláudia com uma sofreguidão ardente, inconsequente, que

beirava a loucura.

Foi um ruído vindo de dentro de casa que fez Maurícia recuperar a razão. Interrompeu o contato devagar. Cláudia não protestou, nem tentou impedi-la. Soltou-a, assim que ela recuou. Conhecia Maurícia o suficiente para saber a hora de dar espaço. Com um sorriso no olhar, caminhou até a escada e desceu rapidamente os degraus. No último, girou o corpo para fitar Maurícia ao falar:

– Me liga. Tu tem a desculpa de me dizer como a orelhuda está.

Foi até o carro e entrou sem olhar para trás. Maurícia ficou parada, observando o carro de Cláudia dar ré, virar e sumir na estrada... Dolorosamente consciente de que a relação com ela estava muito longe de estar terminada.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Fábio falou tão alto que as pessoas sentadas nas mesas mais próximas chegaram a olhar:

– Quê? Vai deixar o celular na bolsa?

Abaixou o tom de voz, sem acreditar ainda:

– Não vai ficar olhando pra ele, nem mandando e recebendo mensagens e ligações o tempo inteiro?

O sorriso de Liv não foi divertido, muito menos feliz. Nem poderia. Pela simples percepção de que a frase de Fábio descrevia perfeitamente o comportamento que vinha tendo desde o começo da relação com Maurícia.

– Talvez eu precise viver um pouco a minha vida. Ou quem sabe ser mais difícil.

Disse de um jeito amargo, muito mais para si. Pura preocupação. Foi a expressão que viu surgir no rosto do amigo:

– O que a gêmea fez? Me diz.

PERIGOSAS NACIONAIS

Liv suspirou. Antes de contar, sem grandes detalhes, o que havia acontecido.

Ele não a interrompeu. Quando Liv terminou, ficou tão absolutamente calado que ela foi obrigada a perguntar:

– Não vai falar nada?

Fábio acabou dizendo:

– O que você quer que eu fale? Te avisei que não tinha como dar certo desde o início.

Um garçom depositou os dois chopes que haviam pedido na frente deles e anotou na comanda, interrompendo-os momentaneamente. Assim que se afastou, Liv protestou indignadíssima:

– Você me disse que éramos perfeitas uma pra outra!

Virou metade do copo antes mesmo de brindar. Fábio ergueu uma das sobrancelhas ao ver aquilo:

– Sim, amada. Perfeitas pra se pegarem, treparem, se divertirem. Uma coisinha básica, bem simples. Não era pra você namorar, se apaixonar, muito menos pra ela te pedir em casamento, viu?

A outra metade do chope se foi antes de Liv declarar baixo, como se confessasse algo indizível:

– Eu amo a Maurícia...

PERIGOSAS ACHERON

Deixou aquilo no ar, interrompido, como um verbo transitivo sem complemento ou uma sentença sem sentido. Pediu mais um chope gesticulando para o garçom, mostrando o copo vazio. Fábio estalou os dedos na frente dela, exigindo atenção:

– Foco, minha querida. Você ama a Maurícia. Mas...?

Ao invés de responder, Liv bebeu quase todo o conteúdo da tulipa que o garçom depositou na frente dela.

– Quer mesmo se embebedar?

– Ah, Fá, me deixa! Hoje eu preciso!

E como se quisesse dar ação às palavras, esvaziou o segundo copo e já pediu o terceiro. Fábio deu de ombros:

– Tudo bem, é o Hugo que vai dirigir.

Maurícia nem pegou a cuia e a térmica no chão antes de entrar em casa. Foi direto para o escritório, fechou a porta, largou-se na cadeira em frente ao notebook, passou as mãos nos cabelos, jogando-os para trás, imersa no mais profundo desespero.

Ainda sentia algo por Cláudia, não podia mais negar. Só que esse algo não diminuía

absolutamente o que sentia por Liv.

Nunca, em toda a sua vida, Maurícia tinha achado possível amar duas pessoas ao mesmo tempo. Muito pelo contrário, sempre havia sido intolerante nesse sentido. Não só não aceitava, tinha verdadeira aversão por qualquer tipo de traição ou promiscuidade. Então o que diabos era aquilo?

A vida lhe pregava peças, colocando-a em uma encruzilhada sem placas, sem saber por que caminho seguir. Pior: estava pagando por todas as vezes em que havia recriminado, julgado e condenado, sentindo-se a pessoa mais perfeita e superior, incapaz de... Mas tinha. E todas as próprias certezas absolutas haviam ruído em um só dia.

Óbvio que o que sentia por Liv e por Cláudia tinha intensidades e formas bem distintas. Cláudia passado. Liv futuro. E ambas no presente.

Mesmo assim, se sentia a deriva, em um momento onde tudo parecia difuso e fugidio.

A razão exigia que se afastasse de Cláudia. Devia isso a Liv. Ela não merecia.

Liv...

Pensar nela mergulhou Maurícia num

arrependimento profundo, maior ainda. O remorso cresceu, atingiu um ponto quase insuportável quando lembrou que Liv tinha demorado meses para se recuperar do fato de ter sido traída pela ex-namorada. Maurícia também sabia muito bem o que era isso. Lembrava perfeitamente da própria reação ao descobrir sobre Cláudia e Rita. Nunca mais tinha falado com Cláudia depois disso.

Precisava contar, ser sincera com Liv. Era sim, um grande risco. Uma conversa que poderia levar ao fim. Pensar na possibilidade de perdê-la causou uma dor aguda, intensa, fininha... Porém, era impossível para Maurícia quebrar o vínculo de confiança que havia entre elas desde o início. Pegou o celular e ligou, decidida.

– Seu celular tá tocando.

Liv deu de ombros:

– Eu estou ouvindo.

Fábio insistiu:

– Não vai nem ver quem é?

Ela respondeu com a voz um pouco enrolada:

– A essa hora? Quem mais seria?

O excesso de álcool abriu caminho para a

profusão de lembranças dolorosas que se seguiram. E o começo delas era exatamente um telefonema no meio da noite. A noite em que o pai havia morrido. Virou-se com pressa para a própria bolsa, vasculhou-a em busca do celular, maldizendo-se pela lentidão causada pela bebida. Suspirou quase com alívio:

– Era a Maurícia.

Nesse exato momento, o celular voltou a tocar e a vibrar. Liv se assustou, deixando-o cair na mesa, onde o aparelho se abriu. Tentou, de forma desajeitada, remontá-lo. Fábio tirou tudo da mão dela, com o mais paciente e carinhoso dos sorrisos:

– Deixa que eu faço isso.

Encaixou a bateria, a tampa e assim que o religou, o celular voltou a tocar. Olhou interrogativamente para Liv:

– Desligo?

Os medos anteriores voltaram a assombrá-la. Afastou os pensamentos rapidamente, com um arrepio. Acabou pedindo:

– Não. Deixa ligado. Daqui a pouco ela desiste.

Maurícia insistiu tanto que quem acabou

PERIGOSAS NACIONAIS

entregando os pontos foi Liv. Atendeu de uma forma no mínimo seca:

– Oi.

A voz do outro lado soou ansiosa:

– Liv, tudo bem? Aconteceu alguma coisa?

Liv manteve o mesmo tom distante:

– Não, por quê?

– Demorou pra atender. Onde tu tá?

– Com o Fábio, num barzinho, como você mesma sugeriu.

A voz dela não tinha o tom caloroso de costume. Maurícia soube, teve certeza de que estava provando do próprio remédio. “Muito mais que merecido!”, pensou. Mas o que falou foi:

– Tá muito chateada comigo?

A risada do outro lado foi cínica:

– Chateada, eu?

Pelo jeito enrolado de falar, Maurícia já sabia que Liv tinha exagerado na bebida. Não escondeu a preocupação:

– Amor...

Não conseguiu continuar. Liv queria falar e não ouvir:

– Não me ligou o dia inteiro e da última vez que nos falamos me despachou o mais rápido possível.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tentando se justificar, Maurícia disse da forma mais carinhosa possível:

– Meu amor...

Mas Liv não queria saber de desculpas, explicações, argumentações, nem nada parecido. Prosseguiu como se não tivesse ouvido:

– Quer saber? Não tô a fim de conversar com você agora.

A única coisa que Maurícia conseguiu dizer foi:

– Liv...

Antes de Liv cortá-la, da forma mais fria possível:

– Nos falamos amanhã. Boa noite, Maurícia!

Depois que Liv desligou, Maurícia ainda permaneceu alguns segundos segurando o celular contra o ouvido. Desceu lentamente o braço, como se o movimento fizesse com que o entendimento afinal surgisse.

A consequência dos próprios atos e escolhas estava ali na frente dela, inequívoca. E Liv sequer sabia. Mas intuía.

Teria coragem de contar? Realmente deveria? Os sentimentos se misturaram, a angústia subiu numa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

trajetória quase vomitada pelos olhos e pela boca de Maurícia. Com um abatimento dilacerado, deixou-se cair no sofá de couro atrás de si, encolhendo-se como se sentisse frio. Pela primeira vez o peso da solidão a que se infligira pareceu sufocar qualquer tipo de racionalidade. Rendeu-se ao que sentia, extravasou todos os medos e dores que durante anos tinha arrastado silenciosamente consigo: a doença e a morte do pai, a traição de Cláudia, o fim do casamento, a impossibilidade de ter Liv, e milhares de outras coisas que nem saberia nomear ou definir. Ali deitada, sozinha, completamente entregue àquele choro convulsivo, embalou-se até que, depois de um tempo para ela indefinível, fechou os olhos inchados e dormiu.

– Você não foi muito dura com ela?

Fábio não falou tão baixo que Liv não pudesse ouvir. No entanto, ela não escutou:

– O quê?

Sugeriu:

– Quer um refri?

A resposta de Liv foi dar mais um gole no próprio chope:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– De jeito nenhum. Tô ótima!

Ele não insistiu:

– Bom, eu já te vi muito mais bêbada do que isso.

Dando de ombros, voltou ao que realmente importava:

– Não acha que exagerou um pouco?

O espanto e a desconfiança dela foram visíveis:

– Pensei que você não gostasse da “gêmea”.

Fábio disse num suspiro triste:

– Não gosto da ideia de você se mudar do Rio. Vou sentir muita falta da minha melhor amiga...

Estendeu as mãos para Liv, que as pegou entre as dela. Os olhos de Fábio marejaram ao completar:

– Mas se é o que vai fazer você feliz...

As lágrimas de Liv também subiram. Ela ainda tentou impedir que algumas caíssem, mas foi impossível:

– Ah, meu lindo... Não fica assim... Você sabe que pode me ligar e me visitar sempre que quiser.

Enquanto Fábio apertava as mãos dela com um pouco mais de força, como se a encorajasse, Liv afastou a própria perplexidade. Era a primeira vez que admitia... Que ia morar com Maurícia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Maurícia despertou com os primeiros raios de sol invadindo a sala. Sentou-se estalando a coluna, tentando diminuir a dor nas costas resultante da noite desconfortável no sofá.

Subiu, tomou um banho rápido e quando voltou a descer encontrou Neiva tomando mate na cozinha.

– A lebre fugiu. Saiu botando assim que abri a porta.

Um suspiro indecifrável escapou dos lábios de Maurícia:

– Melhor assim.

Neiva estendeu a cuia para Maurícia, levantou e começou a ajeitar a comida na mesa:

– Sinal que já tava boa. Lebre não nasceu pra ficar presa. Vai ligar pra avisar a tua amiga?

Maurícia sorveu o mate primeiro. Só então respondeu, sem levantar os olhos:

– Não precisa.

Musquito e Valdo cumprimentaram do lado de fora:

– *Buenas!*

Antes de abrirem a parte de baixo da porta e sentarem para tomarem café. Enquanto se servia, Valdo perguntou para Maurícia:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– *Vamo* olhar o gado?

Era a última coisa que queria:

– Hoje não.

Valdo concordou com um aceno de cabeça. Maurícia ficou sentada perto do fogão, pensativa. Manteve-se à parte da conversa, sequer ouviu o que os três diziam. Tomou mais umas quatro cuias antes de ir para o escritório.

Fechou e trancou a porta, virou-se com a mesma lentidão com que caminhou até o telefone. Não o pegou, sequer estendeu a mão. Permaneceu imóvel durante um longo tempo, olhando fixamente para o aparelho antes de se decidir.

Liv abriu os olhos sentindo um leve desconforto. Nada de grave, apenas uma pequena dor de cabeça. Respirou fundo ao se sentar na cama. Passou as mãos preguiçosamente pelos cabelos, tentada a ligar para o escritório dizendo que não iria. Antes que conseguisse decidir uma doença fictícia para dar como desculpa, o telefone tocou. Um sorriso involuntário se desenhou no rosto dela ao ouvir a voz de Maurícia:

– Liv? Oi, amor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A frase soou hesitante, insegura, quase inibida. Depois do último diálogo que haviam tido, Liv achou até natural. Respondeu de um jeito doce e suave:

– Oi, meu amor. Ontem eu bebi um pouco mais do que deveria. Me desculpa?

Ouvir Liv se justificar fez Maurícia sentir-se a pior das criaturas:

– Esquece. Tu não disse nada demais.

“Ou que eu não mereça”, pensou, mas não teve coragem de falar. Uma pausa desconfortável se estabeleceu. Foi Maurícia quem a interrompeu, evitando o que na verdade precisava dizer:

– Como tu tá?

– Tirando a ressaca... Bem.

Voltaram a ficar caladas. Sem saber como falar sobre morarem juntas do nada e com o clima estranho que persistia, Liv perguntou algo completamente diferente:

– Dormiu bem, amor?

– Mais ou menos.

Não explicou e Liv também não perguntou o porquê. A conversa morreu de novo, enquanto cada uma mergulhava em seu próprio dilema. Maurícia tentou puxar assunto mais uma vez:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Vai trabalhar assim mesmo?
- Não. Vou ficar em casa. E você?
- Também. Tenho umas coisas burocráticas pra resolver.

O silêncio instaurou-se de novo. Não tinham mais como protelar, nem como fazer de outro jeito. O diálogo não fluía, estava travado, carregado, tenso. Falaram juntas, ao mesmo tempo:

- Quero me casar com você.
- Ontem a Cláudia esteve aqui.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Detiveram-se sob o efeito do que foi falado. Apesar de bem diverso, o arrependimento foi imediato. “Por favor, esquece o que eu falei”, Maurícia desejou, de olhos fechados, antes de pedir para Liv:

– Continua...

Liv recuperou a fala, mas continuou perplexa, sentindo-se a mais imbecil de todas as mulheres:

– O que você disse?

Maurícia insistiu timidamente:

– Tu primeiro.

O tom de Liv foi duro, ríspido, quase brutal:

– Não. Primeiro fala você.

Conferiu a Maurícia exatamente a certeza que não desejava: a declaração de Liv estava perdida, irônica e cruelmente desperdiçada. Ela só pensava em confirmar o que já desconfiava:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– A sua ex foi aí ontem? Quando?

Maurícia sabia perfeitamente, antes mesmo de pronunciá-la, o que a resposta aparentemente simples acarretava. Mas por mais que quisesse, não tinha como voltar atrás:

– De tarde.

A reação de Liv transbordou numa exclamação que mesclava escárnio, indignação e raiva:

– De tarde!

Fechou os olhos e respirou fundo, tentando controlar-se. Quando voltou a falar, foi num tom bem mais baixo:

– E por que ontem você não me disse nada?

A tentativa de explicação não poderia sair mais errada. Acelerada, afobada, aflita demais:

– Porque não tinha importância nenhuma.

Só fez as suspeitas de Liv aumentarem:

– Não tinha? E agora tem? Por quê?

Sem ter o que dizer, Maurícia ficou calada. No entanto, Liv precisava saber:

– Aconteceu alguma coisa?

Maurícia hesitou, gaguejou, tropeçou mais uma vez na própria fala:

– Eu tentei te falar ontem à noite, mas tu...

Liv a cortou de forma sarcástica:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ah, eu que não deixei? Mas agora estou te perguntando, Maurícia: aconteceu alguma coisa entre vocês?

Mordeu o lábio inferior, esperando a resposta que não veio. O mutismo de Maurícia foi pior, muito pior. Mais consistente do que mil palavras:

– Eu sabia! Eu tinha certeza! Que ótimo!

Inspirou profundamente antes de sentenciar:

– Vocês treparam.

O protesto de Maurícia saiu num grito:

– Não!

O desespero dela não a comoveu:

– Não? Então o quê?

Naquele momento, Maurícia tinha a dolorosa consciência de que nada que pudesse dizer faria diferença. Só conseguiu sussurrar:

– Foi...

Liv foi implacável. Pressionou imediatamente:

– Foi o quê?

E então Maurícia deixou escapar, como quem expira o ar dos pulmões de uma só vez:

– Só um beijo.

– Só um beijo?

A risada de Liv ecoou. Inexoravelmente. Reafirmou a própria decepção para si mesma:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– E eu pensei que você fosse diferente.

A Maurícia só restou lutar contra aquela terrível forma de desterro:

– Liv, me escuta...

Mas Liv não ouviu, imersa em seu próprio sofrimento:

– Eu realmente espero que tenha valido a pena.

E desligou, deixando o último apelo de Maurícia no vazio:

– Liv...

Liv continuou sentada na cama, o olhar perdido enquanto as lágrimas escorriam livremente, ignorando o telefone que não parava de tocar.

O sentimento que parecia corroê-la por dentro, mais do que sofrimento e autopiedade era uma raiva intensa. Nem tanto de Maurícia, mas de si mesma, por não ter seguido o instinto que lhe dizia para não se envolver, para se proteger e se resguardar. Ao invés disso, tinha mergulhado de cabeça sem nem ao menos verificar a profundidade. Pensar que até poucos minutos atrás estava decidida a largar tudo fez a dor que sentia tornar-se maior ainda.

PERIGOSAS ACHERON

Silenciou o toque irritante arrancando o aparelho da tomada num impulso enfurecido, encadeando uma necessidade incontrolável de explodir. Virou-se e esmurrou os travesseiros, deixando escapar sons guturais baixinhos a princípio. Na medida em que os socos ficaram mais fortes, a respiração alterou-se e os soluços, os urros e os gemidos também se tornaram descontrolados, perdendo qualquer tipo de civilidade, inibição ou sentido.

Chorou convulsivamente. Por todas as decepções, desenganos e traições que já havia sofrido, por todas as vezes que havia se apaixonado, amado e se entregado sem ser igualmente correspondida, por todas as ilusões e esperanças perdidas. Por ter se lançado de novo no mesmo vazio já tão seu conhecido.

Depois, muito depois, com as mãos e os braços já doloridos – apesar de Liv não perceber, submersa que estava em sua agonia –, um cansaço muito mais emocional do que físico a fez cair deitada sobre o colchão, sufocando em uma das fronhas um último grito.

Enquanto engolia a amargura das lágrimas, o mantra do pai surgiu, como se lhe fosse soprado no ouvido: “Saber onde e quando pisar com firmeza é

muito difícil. Mas é preciso”.

Foi então que jurou para si mesma que o que tinha passado depois do término com Juliana não iria se repetir. Não se torturaria, não deixaria de comer, nem de dormir, muito menos de se divertir. Afastaria todo e qualquer impulso remotamente masoquista ou depressivo. Equilibraria os pedaços, se fortaleceria com aquilo. E exatamente dos escombros ergueria uma nova Lívia.

A angústia de Maurícia cresceu a cada tentativa frustrada de falar com Liv. Ligou insistentemente durante toda a manhã, mas o celular estava desligado e ela não atendia ao telefone de casa. Por volta das duas da tarde, Neiva bateu na porta do escritório preocupada:

– Não vai almoçar?

– Não.

A resposta foi dada de forma tão soturna que a velha senhora fechou a porta sem insistir. O telefone a trouxe de volta da agonia solitária. Sabia que não era Liv, mas atendeu mesmo assim. A voz do irmão soou do outro lado:

– Maurícia?

Mais do que preocupação, havia um peso e uma gravidade que usualmente ele não tinha. Ela suspirou num misto de tristeza, desespero e alívio:

– Miguel...

Não conseguiu dizer mais nada. As palavras simplesmente não saíram. Mas não precisava, ele sabia:

– Faz horas que estou sentindo. Mas tava numa audiência, não tive como te ligar antes...

Maurícia não se espantou, não era a primeira vez que a conexão especial que possuíam se manifestava assim.

– O que foi, Mau?

O próprio Miguel verbalizou, num tom carinhoso e ao mesmo tempo melancólico e dolorido:

– Tu e a Liv.

Foi uma afirmação, não havia necessidade de resposta.

– Se ela continuar sem me atender, amanhã pego o primeiro avião praí.

Nada contou, sequer explicou. Nem era o que Miguel esperava ou queria. Conhecia Maurícia bem demais para isso. Sempre tinha respeitado o jeito introspectivo da irmã, sabia que opiniões e conselhos estavam longe de ser o que ela precisava,

PERIGOSAS NACIONAIS

bastava o simples fato de ele estar ali:

– Te pego no aeroporto, é só tu me avisar a hora que vai chegar aqui.

A mãe de Liv se assustou quando ela apareceu para almoçar de surpresa:

– Você por aqui a essa hora, durante a semana? Aconteceu alguma coisa, Lívia?

Justificou-se enquanto a apertava entre os braços:

– Não, mãe. Só não fui trabalhar hoje porque quando acordei não tava me sentindo bem. Mas não precisa se preocupar, já melhorei.

E era verdade. O simples fato de estar ali era, por si só, uma recarga de energia. Olhou para a mãe sorrindo. Implicou:

– Eu preciso avisar antes de vir?

Beijou a filha nas faces enquanto dizia:

– Deveria vir mais vezes, isso sim!

Beijou-a de volta, num misto de remorso, amor e meiguice:

– Prometo que não vou mais ficar tanto tempo sumida.

Saiu do abraço olhando ao redor:

PERIGOSAS ACHERON

– Cadê a vó?

– Adivinha!

Riram juntas. Liv sabia perfeitamente a resposta: na cozinha. Não havia nada que a avó gostasse mais do que fazer comida. Nada nem ninguém conseguiam impedi-la. E, realmente, encontraram-na em frente ao fogão, num embate contra a “secretária do lar”, que dizia:

– Meu deus do céu, dona Hilda, olha aí! A senhora ainda bota fogo no pano de prato assim!

A avó respondeu brandindo uma colher de pau no ar como se fosse um espadachim:

– Me deixa! Sei muito bem o que faço, não estou caduca ainda, menina!

Felizmente, Mara trabalhava há mais de quinze anos na casa, era quase da família. A mãe de Liv suspirou antes de interferir:

– Mamãe, para de atrapalhar a Mara e olha quem está aqui.

Ela virou-se ajeitando os óculos no nariz:

– Lili!

O fato da neta já ter quase quarenta anos não a fazia parar de chamá-la assim.

Enquanto era abraçada e beijada, Liv aproveitou para absorver no perfume da avó todo o aconchego

e a proteção que o aroma familiar lhe trazia.

Depois do almoço, Liv ainda ficou um bom tempo curtindo a mãe e a avó. Coisa que há muito tempo não fazia.

Saiu de lá direto para a praia, já tinha vestido o biquíni por baixo planejando mesmo isso. Junto com a necessidade de mergulhar havia outra, igualmente irresistível. Não foi por sorte, nem coincidência. Sabia que poderia precisar da câmera e das lentes, por isso mesmo as tinha trazido. Também sentiu vontade de ter boa companhia. Ligou o celular e chamou:

– Oi, Fá!

Ele já atendeu reclamando:

– Liv? Onde diabos você está? Faz horas que tô te ligando, seu celular tá desligado, na sua casa nada e no seu trabalho disseram que você estava doente. Já tava achando que você tinha morrido!

Liv não teve como deixar de achar divertido. Um alívio no meio de seu inferno particular:

– Tá bom, *drama Queen*. Tava na minha mãe e agora vou pra praia. Quer vir?

Não precisava dizer mais nada. Só pelo tom dela,

PERIGOSAS NACIONAIS

Fábio sabia que havia algo:

– Vai me contar?

A resposta foi imediata:

– Só quando você chegar aqui.

– Onde?

– Arpoador?

– Tô indo.

Não era a primeira vez, nem seria a última. Sempre que ela precisava, ele estava disponível. E ela também, mas... Naquele momento, aquilo comoveu Liv:

– Fá...

Ela tentou disfarçar as lágrimas que escorreram:

– Obrigada.

Mas não conseguiu. Fábio soube, como se pudesse vê-la. E ralhou, mas por trás do tom bem humorado, Liv percebeu que ele também estava emocionado:

– *Shut up*, louca! Para já com isso! Pra que serve o seu melhor amigo?

Enquanto o sol se punha, Liv e Fábio ficaram sentados, inteiramente mudos e alheios ao magnífico pano de fundo. Passaram-se mais alguns

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minutos antes de Liv recolher as lágrimas e levantar, de câmera em punho. Ele ficou assistindo a amiga clicar com um profundo pesar. Só o que podia fazer era esperar até ela expurgar o que estava sentindo. Teve tempo de pensar melhor a respeito e de tomar uma latinha de cerveja inteira antes de Liv abaixar a máquina fotográfica e voltar a se sentar na cadeira ao lado dele. Não mediu as palavras, foi direto:

– Ela não precisava ter te contado. Você nunca ia saber.

Liv voltou a levantar:

– Não quero mais pensar, muito menos falar sobre isso, ok?

Caminhou rapidamente para o mar. Entrou na água até a cintura, submergiu e, sem nenhuma dificuldade em atravessar as ondas, nadou em direção ao fundo, querendo apenas esquecer.

Maurícia saltou da cadeira quando Neiva voltou a bater na porta do escritório. Não havia nada convidativo na voz dela quando falou:

– Entra.

O rosto da velha senhora apareceu na fresta da

PERIGOSAS ACHERON

porta:

– Não vai jantar?

Só então percebeu que já havia anoitecido, que não tinha comido nada o dia inteiro e que, naquele momento, parecia não fazer nenhuma diferença:

– Daqui a pouco, Neiva. Pode ir, eu me sirvo sozinha.

Muito a contragosto, com uma preocupação visível, ela assentiu:

– Até amanhã então.

– Até.

Maurícia respondeu automaticamente, sem pensar nem sentir. Neiva fechou a porta, deixando-a sozinha, e não resistiu: voltou a ligar para Liv. O telefone da casa dela chamou, chamou, chamou... Até cair. Tentou o celular, que também tocou até entrar na caixa postal. Apesar de detestar a impessoalidade eletrônica, depois do bip, Maurícia deixou sua mensagem:

– Liv... Nós precisamos conversar. Se tu não me atender nem me ligar, amanhã de manhã pego o primeiro voo praí.

Liv chegou em casa por volta das dez horas da

noite. Fisicamente cansada, mas sem sono. Tomou um banho demorado e sentou-se na sala, em frente à TV. Ficou mudando os canais, sem conseguir concentrar-se em programa algum. Os olhos teimavam em fugir para a vitrola no canto da sala. Pensar em Maurícia foi inevitável. E a lembrança que veio, absolutamente dolorosa, foi a do primeiro beijo.

Dominada por um impulso impossível de conter, colocou o vinil do Pearl Jam com “*Can’t Help falling in Love*” para tocar, apesar de não haver racionalidade, muito menos sabedoria naquilo. Ficou ali, pateticamente parada, num misto de falta de ar e dor cruciante no peito, como se a música tivesse o poder de esfaqueá-la mil vezes.

Pegou o celular na bolsa e deixou que o dedo indicador tocasse a tela em busca do número de Maurícia.

O coração de Maurícia quase parou quando o telefone tocou. Atendeu com uma ansiedade manifesta:

– Liv?

A resposta a fez murchar completamente:

PERIGOSAS NACIONAIS

– Não, Mauri. Sou eu.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

– Como tá a nossa orelhudinha?

Cláudia completou antes que Maurícia pudesse se recuperar da decepção que teve. Respondeu de forma absolutamente seca:

– Fugiu hoje cedo.

Ela não pareceu surpresa:

– Curada então. Que bom!

– É.

– Tudo bem?

– Sim.

De forma discreta, Cláudia deixou claro que tinha percebido que Maurícia não estava, nem de longe, em seu estado habitual:

– Então tá. Só liguei mesmo pra saber como tu e a lebre estavam. Qualquer coisa me liga. Sabe que se precisar, estou aqui. Beijo... Tchau...

PERIGOSAS NACIONAIS

No último momento, Liv desistiu de ligar. Ficou alguns segundos pensativa, olhando para a tela do celular: 63 ligações não atendidas, todas de Maurícia, e... Um recado na caixa postal: “Liv... Nós precisamos conversar. Se tu não me atender nem me ligar, amanhã de manhã pego o primeiro voo praí.”

Escutar aquilo fez a raiva de Liv crescer. Enviou a resposta por mensagem de texto: “Não perca seu tempo.”

O torpedo de Liv fez Maurícia decidir-se. Subiu até o quarto e colocou algumas roupas em uma bolsa pequena. Tinha acabado de fechá-la quando o telefone tocou. Desceu as escadas correndo, atendeu ofegante, a última esperança se extinguindo quando viu que era Miguel. Falou rapidamente:

– Tô indo pra Porto Alegre agora, tem um voo às seis e meia.

O irmão ainda tentou trazê-la de volta a razão:

– Não acha melhor descansar e sair daí amanhã cedo?

Mas Maurícia estava irredutível:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Não vou conseguir dormir mesmo, prefiro ir de uma vez.

Miguel suspirou:

– Mau... Para e me escuta. Isso é loucura! Não vai pegar a estrada sozinha, de madrugada e ainda por cima nesse estado. Espera pelo menos amanhecer.

Foi a preocupação quase desesperada na voz dele que a fez concordar:

– Tá bem. Mas só porque sei que se eu for agora tu não vai dormir também.

Maurícia não só não dormiu a noite inteira, sequer se deitou. Ficou perambulando pela casa, ansiosa pela luz do dia. Perto das cinco da manhã, foi até o galpão encontrar Valdo que, sentado num banquinho baixo, botando lenha no fogo, tomava mate com Musquito:

– Avisa a Neiva que tive que viajar e que mais tarde eu ligo.

Assim que entrou no carro, uma chuva torrencial começou a cair. Sintonizou na Rádio Gaúcha e obteve a mais infeliz das informações: “O Aeroporto Internacional Salgado Filho está fechado

PERIGOSAS ACHERON

para pousos e decolagens devido a falta de visibilidade provocada pela neblina que encobre a região. Não há previsão para a reabertura do terminal”.

Obrigada a dirigir devagar, demorou quase duas horas a mais do que normalmente levaria. Tempo suficiente para as notícias mudarem: “Já reaberto, o Salgado Filho está operando por instrumentos para pousos. De acordo com a Infraero, das 40 partidas previstas até as 9h30, cinco foram canceladas e 16 estão atrasadas”.

Ligou para Miguel do aeroporto, enquanto esperava em uma fila gigantesca, ainda sem ter conseguido comprar a passagem:

– Tá um caos aqui. Acho que não chego aí antes do fim da tarde.

A ansiedade que Liv sentiu a manhã inteira rapidamente se transformou em decepção quando voltou do almoço. Pelo visto, Maurícia tinha acatado a mensagem que enviara na véspera. O fato de ela desistir tão fácil trouxe uma dor fininha, que ameaçou instaurar-se. Liv tentou afastá-la respirando fundo várias vezes e repetindo baixinho

para si mesma:

– Não vale a pena. Não vale.

No entanto, não conseguiu controlar-se: “Maurícia, sua filha da puta miserável!”. Riu de si mesma, da dualidade de sentimentos que não era nenhuma novidade. Por um lado não queria vê-la. Por outro desejava... Que Maurícia viesse sim atrás dela, que implorasse perdão, que rastejasse.

“E se ela tivesse preferido cair nos braços da ex?”. A ideia torturante fez Liv ter ideias assassinas enquanto proferia mentalmente uma série de novos xingamentos até que... Um gesto impensado com o braço direito acabou derrubando o copo de água na mesa, encharcando papéis, celular, mouse, teclado...

– Puta que o pariu! Era só o que me faltava!

Passava das duas da tarde e Maurícia ainda não tinha conseguido embarcar. Obrigou-se a parar um pouco, porque se continuasse andando de um lado para o outro talvez tivesse um colapso. Respirou fundo, esfregou o rosto e cogitou a possibilidade de subir em um dos guichês, agarrar a funcionária da companhia aérea pela gola e gritar:

— Preciso embarcar! Agora! Tenho uma emergência com a minha namorada!

O pensamento surreal a deixou menos mal humorada. Voltou a olhar para a tela de partidas onde ao lado de cada voo se repetia: Atrasado. Atrasado. Atrasado.

Passou a mão pelos cabelos, jogando-os para trás, deixou escapar mais um suspiro, pegou o celular e releu a mensagem de Liv pela milionésima vez: “Não perca seu tempo.”

Precisava estar com ela frente a frente, explicar tudo olhando-a nos olhos, ao invés de falar pelo telefone, como tinha feito. Se arrependimento matasse...

“Que merda!”

Mas não adiantava lamentar, só restava tentar consertar a besteira.

E se Liv se recusasse a ouvi-la? Era uma possibilidade. Afastou o medo e a dorzinha aguda que ameaçou se instaurar no peito com uma determinação inexorável. Conversaria com ela. Se para isso tivesse que acampar na frente do prédio de Liv ou... Faria qualquer coisa para...

O celular tocou, trazendo-a de volta à realidade. Atendeu aliviada por ser a única pessoa capaz de

PERIGOSAS NACIONAIS

acalmá-la:

– Miguel...

– Agora não deve demorar muito mais. Teu voo é direto?

Ela não suspirou. Bufou antes de responder:

– Não. Tem duas escalas: Curitiba e São Paulo.

Uma breve pausa foi necessária. Ainda assim, Maurícia diria que ele foi rápido:

– Pensa no lado positivo, mana: vai chegar bem na hora da Liv sair do trabalho.

Não conseguiu entusiasamá-la, mas pelo menos arrancou uma risada:

– Ah, tá! Muito animador!

Liv se surpreendeu quando gritaram:

– Telefone pra você!

Dividiu-se entre desapontamento e alívio quando percebeu que era apenas Fábio:

– Seu celular tá desligado?

– Não, por quê?

– Tá fora de área.

Nem deu tempo para ela explicar que desde que tinha derrubado água no aparelho ele não estava normal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Vai fazer o que quando sair daí?

Respondeu sem hesitar:

– Vou direto pra casa.

– Vamos tomar só um chopinho? Prometo que vamos embora cedo, vai... Te deixo em casa depois.

– Você sabe que não vai ser um só. E, ao contrário de certas pessoas, amanhã eu também trabalho.

Fábio a conhecia bem demais. Disse algo que Liv não teve como retrucar:

– Se você me garantir que não vai ficar em casa chorando, deprimida, ouvindo músicas melosas e se segurando pra não ligar pra gêmea, eu não insisto mais.

Considerou a mudez dela como consentimento:

– Então te vejo às sete na Cobal do Humaitá!

Assim que a porta do desembarque abriu, Maurícia viu Miguel. Praticamente correu para ele. O irmão a beijou e apertou com força entre os braços:

– Como tu tá?

– Como tu acha?

Desvencilhou-se, apressada:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Onde tá teu carro?

Ele pegou a bolsa dela do chão e ordenou:

– Me segue!

Antes de sair caminhando tão rapidamente que Maurícia quase teve que correr para acompanhá-lo.

– Merda! Merda!

Maurícia xingou pela milionésima vez o trânsito parado. À Miguel coube tentar amenizar:

– Do Galeão pra Botafogo a essa hora... É óbvio que ia estar tudo engarrafado, Mau!

Perguntou muito mais para si mesma, com a insegurança começando a aflorar:

– Tá tudo dando errado. Será que isso é um sinal?

Não enxugou as lágrimas que escorreram. Deixou que caíssem livremente.

– Ei... Não tem nada dando errado. Contra tudo e contra todos, tu tá aqui, não tá? Então? Daqui a pouquinho estamos chegando lá.

– Agora chega. Essa é a saideira.

Liv declarou assim que o garçom depositou a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

terceira rodada de tulipas na mesa.

Fábio protestou, claro. Estava de olho em um cara na frente dele que também não parava de olhar.

– Ah, Liv, fala sério... Já?

Ela deu um gole no chope antes de responder:

– Tô cansada, Fá. Só vim porque você jurou que não íamos demorar. Mas fica aí, aproveita a noite. Eu posso perfeitamente pegar um táxi.

– De jeito nenhum! Eu te levo!

Aquilo a fez pensar em Maurícia. Lembrava-se de, em pelo menos três vezes, ter tido com ela o mesmo diálogo.

Fábio percebeu de imediato. Mas foi de uma sutileza admirável:

– Ei...

Piscou e soprou um beijo para ela antes de completar de um jeito afetuoso, sincero e calmo:

– Sabe que eu te amo, não sabe?

Liv sorriu, com um pouco do sofrimento amenizado. Fábio sorriu de volta, e gritou para o garçom:

– Amigo, pode fechar!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando Miguel finalmente estacionou em frente ao prédio de Liv, Maurícia praticamente se lançou porta afora. Atravessou a rua sem nem olhar direito, por sorte não foi atropelada. Cumprimentou o porteiro que, antes de abrir o portão de ferro, informou mesmo sem ela ter perguntado:

– A dona Livia não tá.

Agradeceu, desejou boa noite e voltou para o carro.

– Ela não tá em casa.

A única coisa que Miguel conseguiu pensar foi:

– Quer que eu ligue pro Fábio?

Nesse exato momento, de um jeito que não seria melhor nem mais perfeito se fosse combinado, o carro de Fábio passou por eles e parou em frente à portaria. Os dois pares de olhos azuis acompanharam Liv enquanto ela descia, se despedia e entrava. Maurícia esperou Fábio partir antes de sair de novo do carro.

– Não me espera.

Disse e foi atrás de Liv, com o coração martelando loucamente uma tentativa última de construir a própria coragem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Liv tinha acabado de entrar em casa quando a campainha tocou. Achou estranho o porteiro não ter anunciado, por isso checou pelo olho mágico. A vontade que sentiu ao ver Maurícia ali no corredor, visivelmente desesperada, foi atirar-se nos braços dela. Mas controlou-se.

Como se sentisse a presença de Liv do outro lado, ela pediu:

– Liv... Abre... Por favor...

Sem pensar nem se questionar, Liv escancarou a porta. Fitaram-se trêmulas, numa tensão tão sem palavras que as respirações alteradas eram perfeitamente audíveis.

– Eu posso entrar?

A voz de Maurícia soou suplicante, quase tímida. Só então Liv percebeu que estava na frente dela, impedindo o caminho. Respondeu sem se mover:

– Pra quê?

– Não acha que precisamos conversar?

O tom suave e doce de Maurícia despertou em Liv uma raiva incontável:

– O que você tem pra me dizer eu já sei de cor, já ouvi mais de mil vezes.

Riu de uma forma absolutamente sarcástica:

– Vai me pedir que te desculpe, vai jurar que foi

PERIGOSAS ACHERON

a primeira e última vez. Que mais?

Tornou-se ainda mais agressiva:

– Foi um erro! Você tá muito arrependida, beijar a sua ex não teve importância nenhuma, não significou nada.

Gargalhou, com um desprezo rancoroso, como se estivesse possuída:

– Ah, sim... Você me ama, intensa e profundamente. Eu sou a mulher da sua vida.

Gritou na cara dela, como se cuspisse:

– Algo mais? Ou era só isso?

A reação de Maurícia foi inteiramente instintiva. Tão imediata quanto imprevisível. Segurou o rosto de Liv entre as mãos e avançou. A boca buscando, encontrando e tomando a dela, faminta. Num ímpeto tão arrebatado que avançaram alguns passos porta adentro, buscando equilíbrio.

Os olhos de Liv se fecharam, as pernas bambearam, a respiração se alterou, um arrepio subiu por sua espinha. Ela correspondeu, mas não se entregou. A própria demonstração de fraqueza a deixou ainda mais enfurecida. Pousou as mãos no peito de Maurícia e empurrou-a, com tanta força que as costas dela bateram contra a porta, fechando-a atrás de si.

Sem fôlego por causa do breve, mas intenso, embate emocional e físico, fitaram-se. Toda e qualquer distância entre elas pareceu se extinguir quando os olhos se encontraram, igualmente febris. E foi precisamente nesse olhar que Liv se permitiu. Aproximou-se, enlaçou Maurícia pela cintura, puxou-a para si e beijou-a. Sem subterfúgios, com uma voracidade totalmente desprovida de sentido.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

As bocas se fundiram com um ardor desmedido. Não havia nada de delicado naquele beijo, Maurícia tinha plena consciência disso, mas não foi a racionalidade que a conduziu. Deslizou uma das mãos pelo pescoço de Liv, enquanto subia a outra pelas costas, apertando-a contra o próprio corpo. Entreabriu os lábios e deixou escapar mais um gemido quando a língua dela possessivamente a invadiu. Suspiraram juntas assim que o beijo se aprofundou, as línguas se tomando, se enroscando, se devorando... Como se nada mais existisse.

Então, de forma absolutamente abrupta, Liv segurou Maurícia pelos cabelos e puxou a cabeça dela para trás, separando as bocas. Maurícia deixou escapar um breve protesto, misto de insatisfação e de dor. Olhando-a profundamente, Liv sibilou baixinho, ofegante e rouca:

PERIGOSAS ACHERON

– Isso não muda nada.

Ficaram alguns minutos num silêncio absolutamente tenso, quebrado apenas pelas pulsações aceleradas, as palavras ecoando entre elas como ondas num mar revolto. Maurícia nadou na corrente de emoções buscando compreender as de Liv. Pôde facilmente distingui-las, apesar da confusão com que passaram pelos olhos dela: raiva, mágoa, desprezo, tristeza, desejo, dor e... Amor.

Liv sentiu, muito mais do que viu, a mudança no olhar de Maurícia, o azul dos olhos tomando uma matiz muito mais serena. Imediatamente afastou-se. Três passos devagar, recuando de costas. Em nenhum momento desviou o olhar, nem mesmo enquanto falou:

– Não se engane. Isso que eu ainda sinto por você... Eu vou arrancar de mim. Agora vai embora, por favor.

Mesmo sem saber como, Maurícia afirmou, num misto de suavidade e firmeza incrível:

– Eu não vou.

Estranhamente, Liv não protestou. Continuou muda, fitando-a, enquanto Maurícia concluía:

– Enquanto tu não me ouvir.

Liv virou-se, numa negação nervosa demais para

ser definitiva. De costas para Maurícia, passou a mão pelos cabelos, jogando-os para trás antes de, numa expiração, pedir:

– Maurícia, por favor...

Foi impossível concluir. Maurícia posicionou-se atrás dela e sussurrou:

– Me escuta...

A respiração tão próxima que causou arrepios. Liv fechou os olhos, tentando inutilmente resistir, todas as barreiras ruindo quando Maurícia insistiu, quase roçando os lábios em seu ouvido:

– Eu tô te pedindo...

Lutando contra a vontade de recostar-se no corpo dela e entregar-se ao que sentia, Liv se afastou. Com uma lentidão torturante sob o ponto de vista de Maurícia, caminhou até o sofá e sentou-se, mantendo as mãos no rosto por um tempo impossível de definir antes de finalmente voltar a fitá-la e assentir:

– Estou ouvindo.

Quando Liv cedeu, Maurícia prendeu a respiração, inteiramente ciente do quanto o momento era decisivo. Juntou as palmas das mãos, encostando a ponta dos dedos indicadores unidas nos lábios, como que numa prece silenciosa,

respirou fundo e ajoelhou-se na frente dela.

No mesmo instante Liv cruzou os braços. O gesto defensivo não fez Maurícia recuar. Olhando-a profundamente nos olhos, disse com a maior sinceridade possível:

– Eu fiz uma grande merda. Nós duas sabemos disso. Mas não acha que também está me cobrando e me culpando por coisas que não fui eu que fiz?

Liv tentou inutilmente encontrar uma resposta, mas as palavras não saíram. Uma dor profunda a atingiu, deixando-a muda, enquanto Maurícia prosseguia:

– Eu não sou a Juliana. Nem nenhuma das suas outras ex-mulheres. Não me faça pagar pelos erros delas, Liv.

Maurícia até sentiu o quanto a tinha atingido, mas a fragilidade dela era exatamente a brecha que precisava. Não a poupou, tocou ainda mais profundamente na ferida:

– Seria muito mais fácil voltar com a Cláudia, eu não teria que implorar pra ela vir morar comigo...

Foi demais para Liv. Pôs-se de pé, tentando ocultar as primeiras lágrimas que surgiram. Só conseguiu dar alguns passos antes de Maurícia levantar atrás dela e segurá-la pelo pulso,

impedindo-a:

– Mas eu estou aqui.

Liv virou-se, chorando abertamente, de um jeito tão sofrido que quase partiu o coração de Maurícia. Seguindo apenas o instinto, envolveu-a protetoramente com os braços. Liv lutou a princípio. Tentou soltar-se, mas Maurícia era muito mais forte e não permitiu. A rendição veio soluçada contra o peito dela, agarrada aos ombros de Maurícia como quem teme despencar num abismo.

Chorou de forma inconsolável enquanto Maurícia lhe acarinhava os cabelos, a fronte, as faces... Primeiro com as mãos, depois com os lábios, sussurrando repetidas vezes:

– Eu te amo.

Permaneceu ali, amparada no calor do corpo de Maurícia mesmo depois que o pranto cessou e a respiração voltou ao normal. Teve que fazer um esforço enorme para abrir os olhos e afastar-se. Enxugou as lágrimas com uma estranha sensação de irreabilidade.

Quando o olhar de Liv a evitou, mantendo-se baixo, ficou claro para Maurícia que a estava perdendo. Falou quase com desespero:

– É contigo que quero compartilhar a minha

vida.

Liv respondeu ainda sem fitá-la, com um cansaço que parecia vir da alma:

– Eu já não sei mais.

Ao invés de se deixar abater, Maurícia se ateve a um pequeno, mas significativo detalhe:

– Tu vai ter que dizer isso me olhando nos olhos se quiser que eu acredite.

Liv ergueu os olhos, mas não aceitou o desafio. E o breve silêncio dela revelou muito mais do que qualquer palavra faria.

– Tá tarde, eu tô exausta e amanhã tenho que acordar cedo.

Exatamente do que foi calado tirou forças para arriscar, em uma derradeira e insana tentativa:

– Tu vai me deixar sair sozinha a essa hora numa cidade violenta como o Rio de Janeiro?

Liv mediu Maurícia de cima a baixo antes de apontar para o sofá com um sorriso que era mordaz, no mínimo:

– Se quiser pode dormir aí.

Não era, nem de longe, o que Maurícia realmente queria, mas dadas as circunstâncias, aceitou com um leve movimento de cabeça.

Sem dizer mais nada, Liv deixou a sala. Assim

que se viu sozinha, Maurícia atirou-se no sofá. Desgastada tanto pela noite anterior sem dormir e pela viagem cansativa quanto pela tensão da conversa, fechou os olhos e permaneceu imóvel, evitando pensar no quanto um banho seria bem vindo.

Quando Liv retornou à sala, com as roupas que tinha ido buscar no quarto nos braços, encontrou Maurícia recostada no sofá, parecendo adormecida. A postura do corpo e o rosto dela expressavam uma fragilidade que nunca tinha visto. Não soube quanto tempo ficou assim, observando cada detalhe, meio entorpecida, até que, como se sentisse a presença dela, Maurícia abriu os olhos. Ao vê-la parada ali, fitando-a, endireitou o corpo e sentou-se sem nem sentir. Com um desconforto visível, Liv entregou a pilha que segurava para Maurícia:

– Aqui tem um travesseiro, dois lençóis, uma camiseta, um short e uma toalha. Sabe onde fica o banheiro e se quiser comer ou beber algo também conhece o caminho. Então... Até amanhã.

Virou-se rapidamente para sair, mas a voz de Maurícia a impediu:

– Liv...

PERIGOSAS NACIONAIS

Um leve arrepio a fez continuar de costas ao perguntar:

– Sim?

Maurícia gostaria de falar milhares de coisas. Naquele momento, todas completamente impossíveis. A distância física entre elas era pequena, ínfima. Porém, parecia intransponível.

– Boa noite.

Foi o que disse por fim. Liv ainda hesitou um instante, como se esperasse que algo mais pudesse ser dito, antes de repetir:

– Boa noite, Maurícia.

Só então caminhou até o quarto e fechou a porta atrás de si.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Ter Maurícia na sala fez com que fosse praticamente impossível para Liv dormir. Primeiro ficou tentando adivinhar o que ela estava fazendo pelos ruídos que ouvia. Alguns sons eram fáceis. Outros indefiníveis. O silêncio foi pior ainda. Propiciou que repassasse mentalmente cada segundo que tinham vivido desde a entrada impetuosa dela. Lembrar a intensidade dos beijos trocados fez tudo ainda mais difícil. Os pensamentos tomaram formas provocantes, quase irresistíveis.

Passou a noite lutando contra si mesma, imersa em uma tortuosa mistura de raiva e desejo, pura agonia. Quando o despertador tocou, já pela manhã, teve a impressão de ter acabado de fechar os olhos. E realmente tinha.

“Não vai ser fácil”, pensou, jogando as pernas
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para fora da cama e sentando no colchão com um suspiro.

Maurícia não teve dificuldade nenhuma em dormir. Assim que encostou a cabeça no travesseiro, a exaustão fez efeito, mergulhando-a num sono profundo.

Acordou assim que o dia amanheceu, iluminando a sala, mas não se arrependeu por não ter fechado as cortinas. Isso lhe daria tempo de ir à padaria comprar algumas coisinhas para o café. Queria surpreender Liv.

Ao sentar no sofá, deixou escapar um primeiro gemido. Ficou de pé devagar e, enquanto estalava e alongava as costas e o pescoço doloridos, soltou mais alguns grunhidos.

Liv encontrou Maurícia na cozinha, em frente ao fogão, fritando um ovo. Foi recebida com um entusiasmado:

– Bom dia!

Esforçou-se em permanecer séria:

– Bom dia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Indicando a frigideira, Maurícia perguntou:

– Quer um?

Apesar de já saber a resposta:

– Não.

Depositou o ovo no próprio prato, rindo internamente de antecipação pelo que viria a seguir:

– Fiz café. Bem forte, como tu gosta. Também tem suco e...

Descobriu o prato mostrando alguns rolinhos depositados lado a lado que fizeram os olhos de Liv se arregalarem de puro prazer:

– Panquecas de Nutella.

“Covardia”, Liv pensou enquanto se servia, sem ser capaz de deixar de sorrir, muito menos de resistir.

Quando Liv voltou à sala, já pronta para sair, encontrou Maurícia ainda sem estar vestida. Olhou-a com impaciência:

– Estou atrasada, preciso ir!

Com o melhor e maior de seus sorrisos, Maurícia pediu:

– Posso ficar?

– Não!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A despeito da rudeza do tom dela, Maurícia insistiu:

– Pelo menos pra dar um jeito na cozinha?

Liv olhou para o relógio, enfurecida. Deixou escapar um suspiro exasperado antes de finalmente assentir:

– Está bem. Bate a porta quando sair. Não quero você aqui quando eu voltar, estamos entendidas?

Maurícia concordou rápido demais:

– Sim.

Mas apesar das milhares de suspeitas que tinha, Liv não tinha mais tempo, foi obrigada a acreditar e sair.

Maurícia tinha terminado de lavar o último prato quando o próprio celular começou a tocar. Era o irmão, que foi logo perguntando:

– Onde tu tá?

Foi mais objetiva ainda:

– Na Liv.

Uma risadinha antecedeu o que ele disse:

– Devo presumir que tá tudo resolvido?

Pelo suspiro que ela deixou escapar foi fácil deduzir:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Tão ruim assim?

– Dormi no sofá da sala.

Não precisou dizer mais do que isso. Miguel fez uma pausa significativa antes de falar:

– O pior é que do jeito que tu é, fica mais difícil perdoar...

– O que tu quer dizer?

– Mau... Tu não é de putaria nem nada... Se beijou a tua ex, é porque ela ainda mexe contigo, e a Liv sabe.

A mudez de Maurícia foi a confissão que ele precisava:

– Depois de tanto tempo? E de tudo que ela te fez?

– Se fosse assim tão simples...

– Eu entendo. Só que... Cuidado. Se tu não tem certeza, não é melhor deixar a Liv em paz?

– Talvez. Mas... Só de pensar que posso perdê-la, eu...

Não foi capaz de completar. As lágrimas escorreram. Apesar de silenciosas, Miguel percebeu. No entanto, preferiu ignorá-las:

– Onde tu vai almoçar?

– Não sei.

– Então daqui a pouco passo aí pra te buscar e

PERIGOSAS ACHERON

conversamos direito.

Desligaram sem que ela contestasse.

Liv passou o dia inteiro tentando não pensar em Maurícia, sem muito resultado. A medida que o tempo foi passando sem que ela ligasse, nem enviasse sequer uma mensagem, ansiedade, raiva e decepção foram crescendo em uma combinação que pouco a pouco a envenenava.

“É melhor assim”, repetiu para si mesma mentalmente várias vezes, sem conseguir se convencer de fato.

Quando por fim pegou o elevador para voltar para casa, um sentimento de vazio inexorável parecia incorporá-la. Foi com esse sentimento que cruzou a portaria, sem olhar para os lados. Assustou-se ao ouvir a voz tão conhecida chamá-la:

– Liv!

Ter Maurícia ali, surgida do nada fez com que se virasse para ela completamente desarmada. O sorriso que trocaram pareceu inesquecível, assim como a forma com que Maurícia se aproximou e pediu, muito mais do que sugeriu:

– Posso te levar pra jantar?

PERIGOSAS NACIONAIS

Para Liv, humanamente impossível recusar. Concordou com um leve aceno de cabeça e deixou-se conduzir sem nem pensar em questionar.

– Pensei que você não gostasse de comida japonesa.

Foi a primeira coisa que Liv disse ao se sentarem. Maurícia respondeu sorrindo:

– Pensou errado.

A noite transcorreu perfeita, em todos os sentidos, por mais que Liv se esforçasse em procurar defeitos ou causar embaraços.

Não foi consequência do saquê. Era o efeito que o olhar azul quase rude de tão direto sempre causava.

Não teve como recusar quando Maurícia parou o carro do irmão em frente a portaria de Liv e pediu:

– Posso dormir no teu sofá?

Liv deixou que ela tomasse banho primeiro. Entrou no chuveiro depois, torturada pela imagem de Maurícia de cabelos molhados vestida numa camiseta e num shortinho que nela ficavam...

PERIGOSAS ACHERON

Suficientemente pequenos para que a imaginação voasse.

Ensaboou-se resistindo à tentação que lhe soprava nos ouvidos, e a bebida ingerida instigava. Quando saiu do banheiro, a luz da sala já estava apagada.

– Liv?

A voz de Maurícia, vinda do sofá, tinha um tom que fez Liv arrepiar-se.

– Quê?

A breve pausa que se seguiu pareceu uma eternidade.

– Boa noite.

Liv não respondeu. Virou-se e fugiu, quase correndo até alcançar a porta do quarto. Olhou para a cama vazia imersa em uma total falta de realidade. Suspirou fundo, como quem volta à tona depois de um longo tempo sem ar. Ficou parada no escuro, procurando algo. Quando afinal caiu em si, não hesitou mais. Caminhou rapidamente até a sala com a sensação de que, ainda assim, era lento demais. Não disse nada. Tateou à procura de Maurícia, que permaneceu à espera, imóvel, sem respirar. Puxou-a para si num ímpeto, fazendo com que ela sentasse. Aproximou os lábios o suficiente

PERIGOSAS NACIONAIS

para que as respirações se tocassem e para que Maurícia ouvisse:

– Me dê motivos pra eu te perdoar.
Antes de afinal, beijá-la.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E SETE

O corpo todo de Maurícia estremeceu, como se uma descarga elétrica a percorresse. Sem interromper o beijo, Liv se ajoelhou e sentou no colo dela, mantendo-a entre as pernas. Enfiou as mãos nos cabelos de Maurícia enquanto fundia a própria língua na dela com uma voracidade quase brutal, que deixou as duas sem fôlego.

Separaram as bocas por um momento, o suficiente para respirarem. No breve olhar que trocaram havia muito mais do que a vontade mútua exposta. No de Liv raiva, exigência, revanche. No de Maurícia expectativa, dúvida, medo e, por fim, uma total entrega a Liv, aonde quer e ao que quer que aquilo fosse.

O que viu nos olhos azuis não serenou Liv nem um pouco. Pelo contrário, pareceu engatilhar uma rudeza ainda maior. Firmando os dedos nos cachos

PERIGOSAS ACHERON

loiros, puxou a cabeça de Maurícia e beijou-a de novo.

Sem protestar, Maurícia deixou-se guiar, fez tudo como ela quis. Roçou os lábios pelo rosto de Liv, mordiscou a orelha, traçou um caminho incendiário pelo pescoço. Fez Liv contorcer-se em arrepios antes de descer pela curva do ombro e pelo colo. Parou ao encontrar a barreira fina da camisola. Sem desgrudar a boca da pele dela um milímetro, ameaçou tirar o tecido do caminho, mas Liv a impediu. Empurrou Maurícia, obrigando-a a afastar-se. Uma nova troca de olhares antecedeu o instante em que Liv deixou cair as alças da camisola, deixando os seios à mostra. Não concedeu a Maurícia tempo de reagir. Disse num tom que, apesar de rouco, era declaradamente hostil:

– Vai ficar nessa lentidão a noite toda?

A agressividade de Liv despertou em Maurícia sentimentos contraditórios. Optando pelo mais simples e desviando-se de todos os outros, lançou-se sobre ela com uma avidez que beirava o desespero. Colou a boca num dos seios enquanto acariciava o outro. Liv jogou a cabeça para trás e deixou escapar suspiros e gemidos, movendo-se

contra Maurícia, querendo e exigindo mais. Maurícia não hesitou em satisfazê-la. Passou as mãos pelas coxas dela levantando a camisola. Não a tocou por cima da calcinha primeiro como faria normalmente. Foi direta, invadiu a peça íntima e a acariciou de forma absolutamente intensa. Gemendo alto, de uma maneira quase escandalosa, Liv acompanhou o movimento. Como se previsse o gesto antes de Maurícia concretizá-lo, ordenou em um tom ofegante e trêmulo:

– Não enfia... Quero assim... Desse jeito...

Tentando não questionar o porquê, Maurícia obedeceu. Voltou a colar a boca no seio dela, deixando-a comandar a intensidade e a velocidade no começo. Depois estabeleceu seu próprio ritmo, fazendo Liv acompanhar a cadência que imprimia com os dedos.

Não demorou muito. Liv soltou os cabelos loiros e levou às mãos à própria cabeça, aumentou o ritmo dos quadris tornando a fricção ainda mais intensa, arqueou o corpo, estremeceu, arquejou, gemeu... E gozou na mão de Maurícia com uma sensualidade violenta.

Relaxou o corpo num último gemido e Maurícia a recebeu, apertando-a entre os braços. Afastou os

fios castanhos do rosto dela, sussurrou no mesmo tom carinhoso do gesto:

– Eu te amo.

Liv não respondeu, nem se moveu. Ficou um tempo parada antes de suspirar fundo e afastar-se o suficiente para olhar para Maurícia. Não disse nada, apenas fitou-a profundamente. Cortou o breve momento de ternura de um modo brusco, arrancando a camisola pela cabeça e atirando-a no chão antes de dizer:

– Estou muito longe de estar satisfeita.

Tomou os lábios dela com veemência. Saboreou por um tempo antes de invadir a boca de Maurícia com a língua. Mordeu o lábio inferior dela de leve, beijou o queixo, o pescoço, a nuca... A boca deixando um rastro de fogo pelo caminho que percorreu.

Suspirando e gemendo, Maurícia se arrepiou inteira quando Liv deu uma última mordida em sua nuca e voltou a beijá-la na boca. Perdeu o ar, o chão e a noção, como se não existisse nada além da língua que tomava a dela, tornando as respirações cada vez mais ofegantes, entrecortadas e impacientes. Sussurrou contra os lábios de Liv sem interromper o beijo, no mesmo tom de antes:

– Eu te amo.

A resposta de Liv foi se levantar puxando-a junto:

– Vamos pra cama, vem.

Maurícia deixou-se conduzir pela mão sem oferecer resistência. Quando chegaram no quarto, as bocas voltaram a se encontrar. Com o ímpeto de antes, mas num tom diferente. Longo, narcotizante, sem pressa. Parecendo derrubar todas as barreiras entre elas.

Liv acariciou o rosto, o pescoço, os ombros, o colo de Maurícia, provocando tremores e suspiros. Desceu a boca seguindo o mesmo caminho que as mãos tinham percorrido e depois voltou a beijá-la, as mãos passeando pelas costas dela por baixo da blusa, buscando e saboreando o contato com a pele.

As mãos de Maurícia subiram, tocando e acariciando os seios de Liv, e então acabou toda a delicadeza. Liv praticamente arrancou a própria calcinha e as roupas de Maurícia, jogou-a na cama e se deitou por cima dela. Desceu a boca pelo pescoço quente, se deliciando em sentir que, como ela, Maurícia respirava com dificuldade. As mãos acariciaram os seios, arrancando suspiros e gemidos dela. Faminta, quente, irresistível... Foi

como Liv percorreu o pescoço, a nuca, o colo de Maurícia com a boca, antes de dar atenção aos seios. Maurícia gemeu, se ofereceu e depois puxou Liv pelos cabelos, obrigando-a a levantar a cabeça e olhar para ela. Um breve faiscar foi tudo o que conseguiu enxergar nos olhos castanhos, antes de Liv voltar a colar os lábios nos dela.

Correspondeu com a mesma sofreguidão, acariciando as costas de Liv, os dedos se enfiando na pele, puxando-a com força, como se quisesse se fundir a ela. Liv gemeu alto, e desceu a mão de uma forma absolutamente urgente. Deixando escapar sons abafados, Maurícia se contorceu e se rendeu aos dedos que a acariciavam. Os lábios de Liv desceram pelo pescoço dela numa carícia provocante, ardente e propositalmente lenta, antes de intensificar os movimentos, fazendo Maurícia gemer alto, mexendo os quadris. Colou a boca no ouvido dela e sussurrou:

– Hoje eu vou te comer.

A surpresa de Maurícia foi visível e a resposta também. Liv estranhou a passividade com que ela abriu mais as pernas, parecendo profundamente entregue. Isso só fez com que o desejo aumentasse. Uma satisfação quase plena a atingiu quando um

som indescritível escapou dos lábios de Maurícia assim que concretizou o que tinha acabado de falar.

Conduziu e acompanhou Maurícia num gozo longo e intenso, que as deixou completamente exaustas e sem fôlego. Depois, ficou deitada em cima dela, o rosto enfiado nos cabelos loiros por um longo tempo. Quando finalmente levantou a cabeça, olhou dentro dos olhos azuis de uma maneira absolutamente profunda:

– Eu amo você.

Foi muito mais uma constatação. Não havia na frase alegria alguma, pelo contrário. Depois de proferi-la, Liv deixou-se cair ao lado de Maurícia, como se tivesse despendido sua última energia. Fechou os olhos e permaneceu ali, deitada de costas, as lágrimas escorrendo, no mais absoluto silêncio.

Maurícia não se moveu no começo. Absolutamente ciente de que, naquele momento, não deveria fazer nem falar nada. Precisava respeitar um espaço e um tempo que cabia a Liv estabelecer. Entretanto, tal consciência era totalmente inversa ao turbilhão que trazia por dentro.

Razão e emoção duelaram dentro dela por breves

e dolorosos minutos que pareceram conter o infinito neles. O que sentia finalmente venceu. Virou-se para Liv e debruçou-se sobre ela, as lágrimas escorrendo também.

Os olhos se encontraram sem que nenhuma das duas conseguisse ou tivesse o que dizer. As bocas se buscaram com uma lentidão suave. Doce, evidente e intensa, mas sem nada de sexual impresso no contato, apenas a incondicionalidade do sentimento.

Depois, Liv fez Maurícia deitar-se, encaixou-se e, com a cabeça apoiada no ombro dela, adormeceu. Maurícia ainda continuou acordada, incapaz de aproveitar o prazer de ter Liv nos braços. Era apenas uma trégua, não a real solução do problema. A incerteza fez o medo agigantar-se, ameaçando apoderar-se dela. Maurícia o afastou com firmeza, mas uma angústia profunda a rondou a noite inteira. Mergulhou em um sono agitado, cheio de pesadelos, do qual despertou várias vezes. Ter Liv adormecida, abraçada com ela a acalmava, mas não por completo. Os primeiros raios de sol já haviam surgido quando, afinal, desistiu de tentar relaxar no travesseiro.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Liv não abriu os olhos imediatamente. Deixou o despertador tocar um pouco primeiro. Não teve tempo de estranhar o fato de estar sozinha na cama. O aroma vindo da cozinha deixou claro onde Maurícia se encontrava, assim como o que estava fazendo.

Suspirou, ainda deitada. Depois levantou, tomou banho e vestiu-se rapidamente. A pressa não era apenas por não querer chegar atrasada no escritório. Havia uma ansiedade espessa que lhe acelerava os movimentos.

“Bobagem!”, repetiu para si mesma, tentando inutilmente amenizar o que lhe roubava a calma.

Aquilo tudo, a situação em si, e mesmo a intensidade da véspera, à luz do dia parecia quase irreal. Em verdade, se não fossem os ruídos de louça, poderia acreditar que a presença dela não

PERIGOSAS ACHERON

passava de um sonho, de algo imaginário. A mesma ilusão que a fazia oscilar entre o que sentia e a atitude que sabia que deveria ter, mas fraquejava, incapaz de se controlar.

Entrou na cozinha resolvida a ser menos passional. No entanto, bastou Maurícia erguer os olhos e fitá-la para que a razão ameaçasse explodir em mil pedaços.

Serviu-se de café de pé mesmo, sem proferir uma única palavra. Só voltou a olhar para ela depois de conter a própria vontade. O que encontrou foi muito diferente do que esperava:

– Você parece cansada.

O sorriso fatigado que Maurícia deu em resposta fez a frase se tornar ainda mais palpável:

– A minha noite não foi exatamente fácil.

Demorou a voltar a falar. Quando o fez, foi num tom que contrastava com a insegurança quase tímida que o olhar azul tão evidentemente manifestava:

– Precisamos conversar.

Liv pousou a xícara vazia na mesa ainda tentando digerir o que ela tinha falado:

– Tenho que ir trabalhar.

A voz saiu ríspida demais. Suavizou ao

completar:

– Mas podemos conversar de noite.

Maurícia concordou com um gesto de cabeça antes de levantar, levar as xícaras para a pia e começar a lavá-las.

Encostada no batente da porta, Liv ficou observando os movimentos dela. As recordações foram irreprimíveis e inevitáveis.

Ficou assim até Maurícia se virar, enxugando as mãos num pano de prato, completamente desarmada. Liv falou como se pensasse alto, muito mais para si mesma:

– Preciso ir.

Foi até a sala, pegou a bolsa, caminhou até a porta, girou a chave na fechadura e parou, ao ouvir Maurícia chamá-la. Virou-se lentamente, sem conseguir conter um leve estremecimento quando os olhos se encontraram.

– Posso ficar?

A fragilidade com que Maurícia perguntou era algo que nunca cogitaria ver nela. Foi exatamente esse desnudar-se que comoveu Liv a ponto de fazê-la se esquecer de todo o resto. Aproximou-se e beijou Maurícia nos lábios, numa carícia leve, breve, mas plena.

Só depois que ela saiu, batendo a porta atrás de si, é que Maurícia se deu conta de que Liv tinha deixado as chaves do carro e do apartamento nas mãos dela.

Pegou a mala no apartamento de Miguel antes de ir almoçar com ele. Foi com alívio que viu Leandro sentado com o irmão. Apesar de saber que era inevitável, cedo ou tarde conversariam seriamente, a leveza do cunhado era tudo que precisava naquele momento. Ele perguntou assim que Maurícia se acomodou na cadeira em frente:

– E aí, Mau? Pelas olheiras acho que essa noite o sofá nem sentiu o seu cheiro, né?

Maurícia olhou para Miguel imediatamente, mas Leandro fez questão de esclarecer:

– Quem me contou foi o Fábio, aquele ali é o maior fofoqueiro!

Impossível não rir com eles, assim como evitar as insinuações muito mais que indiscretas do cunhado. Ele insistiu, até Maurícia finalmente confirmar:

– Eu não dormi no sofá.

Mas não disse mais nada a respeito. Ao despedir-

se, Miguel apertou-a entre os braços com força. Aproveitou para falar baixinho, de modo que só ela ouvisse:

– Qualquer coisa me liga.

Ela respondeu da mesma forma:

– Tá tudo bem. Fica tranquilo.

Devolveu as chaves do carro dele, e ele saiu praticamente correndo. Depois que Miguel se foi, Leandro virou-se para Maurícia:

– Qual é o plano agora, cunhadinha?

Respondeu sem hesitar:

– Vou esperar a Liv voltar do trabalho.

Ela realmente não tinha pensado em nada, até ele dizer:

– O quê? Assim, a seco? Sem um vinhozinho, nem um jantarzinho surpresa?

– Eu não...

Não a deixou completar. Deu o braço a Maurícia e saiu praticamente arrastando-a para o supermercado mais próximo:

– Não precisa se preocupar, eu sou quase um Master Chef!

A manhã de Liv não rendeu, o que não a

surpreendeu em nada. Estava totalmente desconcentrada, ou melhor, seu foco não era, nem de longe, o trabalho. Depois do almoço, acabou ligando para Fábio. Apesar de ainda dividida entre omitir e admitir o que havia acontecido:

– Oi, Fá...

Foi o suficiente. Ele soube a verdade, apenas pelo tom de voz dela, sem que tivesse que dizer.

Fundamental conversar com o amigo, como sempre. Quando desligou estava bem mais tranquila.

– O Leandro esteve aqui, né?

Liv mais afirmou do que perguntou, assim que pôs os pés dentro de casa. Impossível não perceber, pelo inconfundível aroma doce impregnado na sala.

– Não consegui evitar...

Maurícia até tinha tentado dissipar o cheiro do incenso abrindo a janela, mas a operação não obteve grandes resultados.

Sorrindo enquanto largava a bolsa no sofá, Liv disse de forma absolutamente bem humorada:

– Acredito.

Caminhou até Maurícia, passou os braços ao

redor da cintura dela e puxou-a para si:

– Aposto que também não conseguiu impedir que ele preparasse um jantarzinho romântico...

Riu da expressão surpresa dela:

– Conheço bem o seu cunhado.

Ergueu a mão direita e tocou o rosto de Maurícia com delicadeza. Apesar de suave, uma carícia inegavelmente intensa. O beijo que se seguiu foi do mesmo jeito. Natural e desprovido de rodeios.

Quando se separaram, ficaram um longo tempo se fitando. Foi o celular de Maurícia que quebrou o silêncio. À princípio, Liv realmente estranhou:

– Não vai atender?

A lentidão com que Maurícia tirou o aparelho do bolso e olhou para o visor levantou a primeira suspeita. O celular parou, mas Liv precisava saber:

– Quem era?

Maurícia nem precisou responder. A expressão dela fez a suposição de Liv se tornar certeza:

– A sua ex.

Maurícia tentou recuperar a proximidade, mas Liv recuou, com os braços erguidos entre elas:

– Quer saber? Vou tirar essa roupa, tomar um banho e depois a gente conversa.

Virou-se e sumiu no corredor, deixando Maurícia

plantada na sala, absolutamente em suspenso.

Ficou muito tempo debaixo do chuveiro. Não derramou uma lágrima sequer. O sentimento que a dominava era uma exasperação fatigada. E a consciência que precisava resolver aquilo tudo de forma racional e definitiva.

Esfriou a cabeça e colocou os pensamentos em ordem, mas quando finalmente voltou para a sala, permitiu-se agir de forma absolutamente instintiva.

Maurícia estava sentada no sofá com a cabeça entre as mãos, esperando tudo, menos o que se seguiu.

– Maurícia...

Atendeu ao chamado de Liv devagar, com uma apreensão inequívoca. Levantou os olhos ao encontro dos dela e foi incapaz de reconhecer o que viu. Tentou falar:

– Eu queria te dizer que...

Mas Liv a cortou:

– Muito francamente? Aquela conversa que íamos ter não vai acontecer, porque antes de você conversar qualquer coisa comigo tem que se resolver com a sua ex.

Não deu tempo para Maurícia retrucar, emendou imediatamente:

– Mas eu tenho uma proposta pra te fazer.

Fitaram-se durante o breve silêncio que se estabeleceu. Na voz de Maurícia havia um misto de expectativa, ansiedade e receio:

– Fala.

Liv expôs sem subterfúgios:

– Hoje é sexta-feira. Eu quero relaxar, espairar e... Aproveitar a sua presença.

Na verdade Maurícia não queria entender:

– E o que exatamente isso quer dizer?

Os olhos de Liv adquiriram um brilho triste, mas intenso:

– Que, apesar de tudo, quero passar essa noite com você.

Liv não conseguiu ver, Maurícia escondeu a própria reação, virando-se de costas para ela, de uma maneira contida e ao mesmo tempo visceral:

– É uma despedida?

– Não tenho como te responder.

A forma como Liv falou fez Maurícia voltar-se para ela novamente:

– Duvida que eu te ame?

Olharam-se profundamente. Maurícia enlaçou-a

pela cintura e, fisicamente, Liv não ofereceu resistência:

– O impasse é seu, não meu.

Impulsivamente, Maurícia tentou negar:

– Eu não...

Mas Liv encostou os dedos da mão direita nos lábios de Maurícia, impedindo-a:

– Mau... Você nem consegue falar com ela na minha frente. Eu te conheço o suficiente pra sentir a sua indecisão, o seu medo. E por mais que me doa, vou ter que te mandar pra ela. Só assim, se você for e voltar, eu vou ter certeza, vou saber que realmente decidiu. Não tem como ser de outro jeito.

Maurícia não encontrou o que dizer. Por mais que quisesse contestá-la, estaria mentindo se o fizesse.

Liv sentiu, muito mais do que viu, quando ela cedeu. Em seu íntimo, uma dorzinha fina ameaçou se estabelecer. Afastou a decepção junto com a última esperança que tinha de estar enganada. A concordância muda de Maurícia não deixava margem para erros. Não daquela vez. Fechou os olhos por um instante apenas, digerindo a confirmação amarga. Sorriu melancolicamente para Maurícia quando os abriu de novo:

PERIGOSAS NACIONAIS

– O que tem pra beber?

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

No dia seguinte, Liv acordou com o braço ao redor da cintura de Maurícia. As duas nuas na cama de casal, os corpos deliciosamente encaixados, como se fosse ser assim para sempre.

Impossível resistir. Sequer tinha por quê. Acariciou a pele de Maurícia, percorrendo cada curva, pedaço, canto e recanto, desejando gravá-los, plenamente ciente da efemeridade do momento. Maurícia deixou escapar um som rouco e se virou para ela, apertando-a com força entre os braços, ainda sem despertar realmente. Com um sorriso tristonho, afastou os cabelos do rosto de Maurícia e a beijou de leve nos lábios. Olhando para a expressão doce e suave da mulher adormecida, era difícil acreditar que poderia estar fazendo aquilo pela última vez.

Levantou com cuidado para não acordá-la,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seguindo uma ideia que não foi capaz de reprimir. Sentindo-se um pouco culpada, mas não o suficiente para deter-se, registrou com a máquina fotográfica detalhes do instante indefeso.

Depois, guardou a câmera e vestiu-se rapidamente, tentando em vão afastar o sofrimento. Só então percebeu o quanto afastar-se dela seria difícil e doloroso.

Foi até a cozinha, fez café e ficou esperando por Maurícia, imersa em recordações da véspera...

Sem saberem ao certo como, acabaram sentadas em frente à coleção de discos de vinil. Ficaram ali durante muito tempo. Conversando, bebendo vinho e ouvindo música entre olhares, carícias e beijos, até não ser mais possível prolongar nem segurar. O contato tornou-se cada vez mais ardente... E foi ali mesmo no chão, ao som de Legião Urbana tocando “Mais uma vez”, com Maurícia entre as pernas e os braços de Liv, bocas e corpos colados, pulsando juntas, que se amaram naquela noite pela primeira vez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nunca, em todas as vezes que haviam dormido juntas, Maurícia tinha acordado sozinha. Sentou na cama estranhando Liv ter levantado tão cedo. Vestiu uma camiseta e foi atrás dela. Encontrou-a na cozinha, encostada na pia, com o olhar perdido. Foi direto para Liv e, envolvendo-a com os braços, beijou-a de leve nos lábios:

– Bom dia...

O toque suave reacendeu lembranças da noite passada...

O calor das peles enlaçadas, pulsando em intensa necessidade, os olhos absolutamente em chamas, respirando sensações inexplicáveis. Sussurros, suspiros, gemidos e palavras, ora vorazmente clamadas, ora fervorosamente juradas. O abandono imperioso, impetuoso e ao mesmo tempo... Tão suave.

“Vem, meu amor, vem...”

Apelo que se repetiu, inesgotável, mesmo depois do dia já ter amanhecido...

Liv piscou antes de fitar Maurícia, tentando

PERIGOSAS ACHERON

voltar à realidade:

– Quer café?

Puxando-a mais para junto de si, Maurícia mergulhou o rosto nos cabelos de Liv, que correspondeu integralmente. Deixaram-se ficar enlaçadas, totalmente entregues àquele abraço carinhoso, pleno, cálido. Foi Liv quem o interrompeu. Ainda sem mover-se, balbuciando baixinho, perto do ouvido dela:

– Eu... Tô indo pra casa do Fábio e... Aproveito pra te deixar na casa do seu irmão.

Maurícia afastou o rosto, apenas o suficiente para olhar nos olhos de Liv ao sussurrar:

– Vou contigo.

Fez uma pequena pausa antes de completar:

– Aonde quer que tu vá...

Sentiu Liv estremecer. Os lábios se abriram, da mesma forma irrefletida com que inspirou, segurou o ar e, languidamente, tomou a boca de Maurícia com a dela.

Liv estacionou o carro atrás do de Miguel, em frente à casa de Fábio. Antes de sair do carro comentou:

PERIGOSAS NACIONAIS

– Seu irmão e o Le já tão aí.

Esperou que Maurícia desse a volta e viesse encontrá-la antes de prosseguir:

– Provavelmente falando de nós.

Maurícia deixou escapar um suspiro. Liv estendeu a mão direita para ela com um sorriso de incentivo:

– Vamos saciar a curiosidade deles logo de início?

Todo o desconforto de Maurícia desapareceu quando os dedos se entrelaçaram para atravessarem o jardim juntas depois de Liv cumprimentar o segurança que abriu a porta para que entrassem:

– Olá, Marcus!

Trocaram um olhar divertido e cúmplice quando passaram pelo pequeno castelinho em miniatura. Logo depois avistaram Fábio, Miguel e Leandro exatamente como Liv tinha previsto: conversando sobre um assunto que, quando elas surgiram, subitamente se extinguiu. Leandro gritou, numa tentativa de disfarce quase ridícula:

– Até que enfim!

Caminhou até parar na frente de Liv e Maurícia, levantou os óculos escuros, olhou bem para as mãos que elas mantiveram dadas e depois levantou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

os olhos para as duas rindo de uma forma significativa:

– *Well...* Como diria Shakespeare: tudo bem quando termina bem! Mas me digam...

Não conseguiu terminar. Foi impedido por Miguel, que veio em socorro da irmã, como de hábito:

– Amor... Deixe as gurias chegarem, respirarem... Que tal?

Com uma piscada de olho maliciosa e bem humorada para Leandro, Liv instigou:

– Depois te contamos com detalhes.

Um lado dela que Maurícia desconhecia e que absolutamente não desgostava.

Leandro piscou de volta:

– Nada mais justo, já que eu fiz o jantar afrodisíaco. É infalível!

Afirmção que fez todos, sem exceção, rirem com ele – dele.

Só muito mais tarde Fábio conseguiu puxar Liv para longe dos outros:

– E aí? Tudo bem?

Ela não se fez de rogada:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Precisa mesmo perguntar?

Ele riu antes de implicar:

– Sei lá, né? Olhando assim de fora, desavisado, eu poderia pensar que vocês duas caíram na porrada...

Completo antes que Liv pudesse responder:

– Você que é morena é mais difícil de notar, mas a coitada da gêmea, toda branquinha... Posso contar todos os seus dedos nas coxas dela, além dos chupões e de outras marcas roxas e vermelhas em outros lugares... Você não podia ser mais delicada?

Liv já tinha visto, mas não esperava que ninguém – além de Leandro, claro – fosse comentar. Quase caiu na pilha de Fábio. Foi o jeito que ele riu, totalmente debochado, que a fez cair em si e replicar:

– Vai à merda!

Ele riu ainda mais:

– Ai, Liv... Eu não sabia que você era tão selvagem!

Maurícia soube que não teria mais como evitar a conversa com o irmão quando Liv e Fábio desapareceram e Leandro levantou anunciando:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Vou ao toalete!

Miguel só esperou que o companheiro se afastasse o suficiente:

– E então? Vai me dizer o que tá acontecendo?

O tom foi sério. O jeito com que o olhar azul buscou o dela também. Maurícia debateu-se numa última tentativa de fugir do inevitável:

– Tu já não sabe?

Imediatamente, ele respondeu:

– Sei o que os outros me contaram.

Fez uma pequena pausa, em que ambos suspiraram, como se se preparassem para o que viria a seguir:

– Me fala com toda a sinceridade: o que tu sente pela Cláudia?

Os olhos idênticos voltaram a se encontrar e, mesmo sem que nenhum dos dois soubesse explicar o porquê, de um jeito completamente inédito e repentino, Maurícia simplesmente cedeu:

– Durante todos esses anos eu pensei que ela não me amasse e agora...

Deixou a frase em suspenso. Não foi capaz de terminá-la, nem precisava. O apoio e a compreensão de Miguel foram incondicionais, como sempre:

PERIGOSAS ACHERON

– Ela te ama e te quer de volta. O retorno da ex, como diria o Le. É a coisa mais normal do mundo, acho até que demorou muito tempo pra acontecer. Se tu te desse o devido valor não estaria tão surpresa.

Esperou pacientemente que a irmã voltasse a fitá-lo para perguntar, olhando-a profundamente:

– E a Liv?

Um sorriso surgiu nos lábios de Maurícia quando ela respondeu:

– A Liv é diferente.

Ele concordou:

– Sem dúvida.

Antes de pressionar, observando-a atentamente:

– Mas tu ainda não conseguiu admitir o que realmente sente.

Ela suspirou e, inconscientemente, sacudiu a cabeça de um lado para o outro, em negação:

– Não é tão fácil.

Miguel redobrou a insistência:

– Por que não?

Uma breve, mas significativa hesitação antecedeu o instante em que Maurícia deixou cair todas as barreiras para finalmente desabafar:

– Ah, Miguel... A Cláudia ainda mexe comigo de

PERIGOSAS NACIONAIS

um jeito que... Por mais que eu queira, eu... Não consigo ser indiferente.

Havia na confissão um misto de remorso, desespero e medo que fez Miguel segurar a mão dela protetoramente:

– Mau... Tu ama a Cláudia também?

Maurícia verbalizou a resposta como se pensasse alto e a encontrasse naquele momento:

– Eu nunca achei possível gostar de duas pessoas ao mesmo tempo. Mas de repente a Cláudia reapareceu, me oferecendo tudo aquilo que eu esperei e desejei por tanto tempo...

Buscou o olhar do irmão, que a acolheu com uma empatia simples, carinhosa, plena:

– Te entendo.

Sem perceber, apertou a mão dele com mais força:

– Eu vou acabar perdendo a Liv.

Abaixou a cabeça e um cacho loiro caiu, tapando-lhe o rosto. Miguel o prendeu atrás da orelha dela enquanto dizia, em um tom bem mais baixo do que estavam falando anteriormente:

– Tua preocupação é sempre com a Liv. Ainda não percebeu?

Ela voltou a olhar para ele:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– O que tu quer dizer?

Devolveu o olhar de Maurícia com firmeza. Demorou alguns instantes para proferir:

– Se não tá claro pra ti...

O novo olhar que trocaram foi além de tudo que pudessem falar.

– Eu amo a Liv. Essa é a minha única certeza. Mas preciso me resolver com a Cláudia primeiro.

Saiu quase sem querer:

– E se tu resolver voltar e for tarde demais?

Arrependeu-se de ter levantado a suposição ao ver os lábios da irmã tremerem. Puxou-a para ele, estreitou-a como se pudesse tomar um pouquinho do pesar e do sofrimento de Maurícia para si. Ela aceitou o abraço integralmente, abafando as palavras no peito de Miguel, como se assim pudesse amenizar-lhes o efeito:

– É um risco que vou ter que correr.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO QUARENTA

Maurícia ligou o som e a música que entrou não poderia ser mais perfeita. Ao som de “*Vira virou*”, pisou fundo no acelerador, tentando transpor de forma mais breve possível a estrada que parecia não ter fim. O céu lindamente azul e límpido debochava do frio que sentia. Não por causa do clima. Estava morno, agradável, totalmente aprazível. Se fosse outro dia qualquer, Maurícia abriria o vidro e deixaria o vento entrar e lhe bagunçar os cachos livremente, como sempre fazia. Mas naquela tarde não. Queria as janelas fechadas, precisava do *insulfilme* evitando todo e qualquer raio de sol que surgisse. Um masoquismo irreprimível a conduzia a cultivar o sentimento absolutamente cinza que trazia.

Liv... Agora tão distante e irreal. Quase uma fantasia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O último dia que haviam passado juntas tinha deixado um gostinho indescritível. Do que poderia ser e talvez nunca fosse. O tempo chuvoso absolutamente propício, só as duas, sozinhas, fazendo nada e tudo. Cozinhando, conversando, assistindo a um filme na TV, abraçadas no sofá da sala, enfim... Um domingo perfeito, que Maurícia adoraria repetir.

Deixou as lágrimas correrem livremente, mas não sentiu nenhum alívio. Pelo contrário, os pensamentos a conduziram por outro tipo de caminho.

Uma insegurança sombria lhe soprava incessantemente no ouvido: “Tu tá perdendo teu tempo. Ela nunca vai vir morar contigo, nunca vai sair do Rio”.

Mergulhou naquele sentimento sem nem sentir. Deixou-se levar pela angústia que surgiu, cresceu e se estabeleceu, quase definitiva. Oscilou entre a compreensão do quanto aquilo tudo também era difícil para Liv e uma mágoa insana, doentia, ávida em devorar toda e qualquer sensação positiva que trazia.

E Cláudia? Maurícia também já não sabia. Tinha mandado um torpedo para ela:

PERIGOSAS ACHERON

“Estou no Rio. Semana que vem estarei de volta e conversamos”. A resposta tinha sido indefinível: “Ok”.

Mas por ela não ter voltado a ligar, Maurícia sabia que havia compreendido.

A lembrança daquela manhã no aeroporto voltou a assombrá-la. O olhar de Liv, com matizes de dor, separação e despedida quase definitivos, o abraço depois do último beijo nos lábios continha a mesma tristeza suave com que a ouviu sussurrar:

– Não me liga.

Tentou retrucar, mas Liv a apertou com mais força entre os braços, impedindo-a:

– Só depois que se decidir.

Soltou-a e recuou um passo. Ficou olhando para Maurícia durante um instante que pareceu uma eternidade antes de afinal virar-se e afastar-se rapidamente, sem olhar para trás.

Maurícia permaneceu ali parada, imóvel, lutando contra o impulso de correr atrás dela que acabou não seguindo.

Foi o celular, tocando no banco do carona ao lado, que a trouxe de volta. Maurícia nem precisou olhar para saber que era Miguel. A insistência do toque já dizia. Estendeu a mão e alcançou o

PERIGOSAS NACIONAIS

aparelho. A voz soou contida, áspera, fria:

– Oi.

Do outro lado, a dele traduzia uma inquietação infinita:

– Como tu tá?

A resposta saiu mais irônica do que pretendia:

– Adivinha.

– Tu prometeu ligar a cada parada...

– Não parei ainda.

A preocupação do irmão estava claríssima na forma como ele disse:

– Tá dirigindo todo esse tempo sem parar?

Maurícia só não continuou monossilábica porque não queria que a ligação se estendesse mais:

– Quero chegar antes que escureça. Agora vou desligar, tá?

Sabia, pelo silêncio que se seguiu, que estava sendo cortante demais. Tentou amenizar. Tudo que conseguiu foi um tom um pouco mais suave:

– Te ligo quando chegar.

Ele deixou escapar um suspiro antes de concordar:

– Dirige com cuidado, tá?

Desligou e jogou o celular no banco ao lado dela. Respirou fundo, como que se preparando para

PERIGOSAS ACHERON

mergulhar outra vez no turbilhão de sentimentos que trazia.

Óbvio que o passado com Cláudia tinha sido e ainda era profundamente significativo. Os anos de convívio, recheados de momentos bons e ruins igualmente inesquecíveis, não haviam esmaecido. Não o suficiente. Ainda causavam uma nostalgia diáfana, algo que adoraria recuperar e restaurar. Impossível negar o quanto gostaria de poder apenas retornar àquela época anterior à doença e à morte do pai, à traição de Cláudia, ao fim do casamento e milhares de outras coisas que nem saberia nomear ou definir.

Por outro lado, existia a promessa de um futuro com Liv. O desconhecido que amaria desvendar e descobrir, oportunidade e expectativa cuja recusa era, no mínimo, difícilima.

Milhares de incertezas ergueram-se, acenando ironicamente para Maurícia. Logo ela, que nunca havia arriscado, que sempre tinha apenas seguido os ventos da própria existência de forma inequívoca... Naquele momento, a responsabilidade era inteiramente dela. Não havia mais como nem para onde fugir. Precisava decidir e virar o volante, mesmo sem ter como prever as consequências da

escolha que faria.

Sacudiu a cabeça de um lado para o outro, numa tentativa de afastar a angústia que esse tipo de reflexão atraía.

– Preciso de um café.

Pensou alto. Riu por estar falando sozinha e parou no primeiro posto de gasolina que surgiu no caminho.

Depois de deixar Maurícia em frente ao portão de embarque, Liv saiu do aeroporto sem nem despedir-se de Miguel e Leandro. Caminhou rapidamente pelo estacionamento com as lágrimas escorrendo, sentou-se dentro do carro, encostou a testa no volante e chorou até que a dor perdesse o sentido.

Ainda permaneceu parada, incapaz de mover-se por alguns minutos. Então, respirou fundo, levantou a cabeça e enxugou o rosto. Assustou-se quando viu o próprio reflexo no espelho retrovisor interno. Depois de virá-lo para si, fitou-se profundamente, demorando-se nos olhos, tentando encontrar-se neles, mas continuaram irreconhecíveis, como se pertencessem a uma desconhecida. Uma sensação

PERIGOSAS NACIONAIS

de total irreabilidade a atingiu. Estremeceu, sentiu as mãos geladas, as pontas dos dedos frias. Sacudiu a cabeça para afastar a impressão de uma quase ausência de vida, repetindo:

– Respira, Liv, respira!

Inspirou fundo umas três vezes e então... Riu alto, gargalhando de si mesma, da situação, dos próprios sentimentos. Passou a mão nos cabelos, puxando-os para trás antes de voltar a falar sozinha:

– Deixa de ser ridícula, guria!

A última palavra trouxe recordações que absolutamente não queria. Voltou a sacudir a cabeça exasperada e foi então que decidiu. Não iria ao escritório. Seria pior, muito pior, ficar entregue aos próprios pensamentos tortuosos cujos caminhos levariam infalivelmente a Maurícia. Não pensou duas vezes, pegou o celular na bolsa e ligou para Fábio. Ele atendeu com a voz engrolada de tão sonolenta:

– Liv? Que horas são?

– É cedo, mas preciso muito de você. Posso ir praí?

A resposta foi simples:

– Já deveria estar tocando a campainha!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Antes que Liv conseguisse estacionar o carro, Hugo apareceu sinalizando com a mão:

– Não, não. Entra. É pra estacionar lá dentro, na garagem.

Liv não discutiu. Obedeceu, apesar de sua primeira reação ser um suspiro. Assim que desceu do carro, Marcus surgiu:

– Por favor, por aqui.

Começou a achar tão bizarro que chegava a ser divertido. Seguiu o segurança até a porta principal, que ele abriu para que ela passasse. Deu de cara com Fábio que, de roupão entreaberto, com a cueca Box aparecendo e o cabelo todo despenteado, cumprimentou-a curvando-se de forma exagerada:

– Seja muito bem vinda, minha querida senhorita.

Não conseguiu dizer nem fazer nada. Com uma rapidez incrível, ele a levantou do chão e carregou no colo, a despeito do frágil protesto, mera tentativa:

– Não, Fá... Para com isso...

Só a colocou de volta no chão em frente a mesa da sala de jantar onde uma enorme variedade de frutas, pães, bolos, frios e outras coisas que num primeiro olhar, Liv não conseguiu distinguir:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Seu café está servido!

Não deu tempo de resposta:

– Nem adianta dizer que está sem fome nem nada desse tipo! Vai comer alguma coisa, nem que eu tenha que te dar na boquinha!

Puxou a cadeira para que ela sentasse e ficou parado ao lado, esperando, só se sentou depois que Liv se serviu.

– Muito bem. Quero você muito bem alimentada antes de prosseguirmos.

Ela não conseguiu deixar de rir:

– Prosseguirmos com o quê, bicha?

Ele engoliu o pedaço de torrada com *cream cheese* que estava mastigando antes de responder:

– Quero estar na estrada antes das dez.

Liv quase engasgou:

– Quê?

Como se não tivesse dito nada de mais, com a maior serenidade possível, Fábio proferiu:

– Vamos pra Búzios, minha linda. Passamos na sua casa pra arrumar as suas malas assim que acabarmos aqui.

Com o pedaço de pão com gergelim e peito de peru que segurava parado no ar, Liv inquiriu:

– Malas? Pra passar o dia?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele riu:

– Óbvio que não! Pra ficar até domingo!

O pão não foi depositado no prato, nem comido.
Foi sacudido nervosamente por Liv:

– Até domingo?

Ela riu antes de completar:

– Você só esqueceu um pequeno detalhezinho.
Eu tenho que trabalhar, sabia?

Fábio levantou uma das sobrancelhas, com uma superioridade absolutamente pedante, antes de puxar um papel que estendeu para a amiga:

– Funcionárias doentes, com atestado médico de cinco dias não trabalham, sabia? Cortesia de um certo vizinho gato que ficou me devendo um favorzinho.

Riram juntos. Até que, aparentemente do nada, a expressão de Liv transformou-se. Fábio seguiu o olhar da amiga, parado no pote de Nutella, absolutamente triste.

– Ei! Esquece esse creme de avelã do demônio!
Exorciza!

Liv o fitou. Fábio sorriu:

– Isso! Aqui, comigo. Vamos mudar o foco?

O sorriso que recebeu de volta foi meio triste, mas o suficiente para que ele continuasse:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Fecha os olhos. Respira.

Sorriu mais ainda quando Liv fez tudo que ele pediu:

– Agora mentaliza comigo: Búzios... Praia... Mar... Mergulho... Natureza... Paisagens incríveis... Fotografia... A minha esplendorosa companhia... Ok. Já pode abrir os olhinhos. E... Tchanan! Palmas para o grande ilusionista!

O pote de Nutella havia sumido, ou melhor, tinha sido transportado, de cima da mesa para dentro da cueca Box dele, onde o volume cilíndrico inconfundível estava visível. Impossível para Liv deixar de rir.

Quando Maurícia chegou em casa já havia anoitecido. Cumprimentou Valdo e Musquito de longe mesmo, com um aceno e um “boa noite” gritado, assim como a ordem de que deixassem as bagagens no porta malas do carro até o dia seguinte. Subiu correndo os cinco degraus da entrada, foi direto para a cozinha. Não deu tempo para que Neiva pudesse enxugar as mãos no pano de prato que trazia pendurado no ombro antes de abraçá-la. A velha senhora não disse nada. Esperou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pacientemente, até que Maurícia se soltou e disse:

– Vou tomar um banho e já desço pra jantar.

A empregada continuou calada, observando-a atentamente. Maurícia conteve a vontade de voltar a abraçá-la. Isso só deixaria a velha senhora mais preocupada.

– O Miguelzinho pediu pra ti ligar pra ele assim que chegasse.

Concordou rápido demais:

– Tá.

A empregada continuou sem se mover, fitando-a, desconfiada.

– Ligo assim que tirar a poeira da estrada.

Sem esperar mais, saiu da cozinha e caminhou com passos largos em direção ao próprio quarto.

Ficou muito tempo debaixo do chuveiro, deixando a água lavar os últimos resquícios de sujeira – interna e externa – que ainda pudesse ter.

Quando afinal desceu as escadas, vestida numa roupa confortável, Neiva ainda estava aguardando. Ao ouvir os passos dela, apareceu na porta da cozinha:

– Teu irmão ligou de novo. Eu disse que tu tava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

no banho.

Terminou de servir-se de uma dose de cachaça do barrilzinho de carvalho antes de responder:

– Vou ligar pra ele agora. Não precisa me esperar, Neiva, vai descansar.

O primeiro trago desceu queimando, numa sensação de prazer inegável, em total contraponto ao tom de voz da velha empregada:

– E o jantar?

Virou o resto da bebida de uma só vez antes de tentar tranquilizá-la:

– Pode deixar, sabe que eu me viro muito bem sozinha, não sabe?

Depositou o copo na mesinha e atravessou a sala rapidamente, num segundo já estava na porta do escritório. Antes de fechá-la, desejou num tom carinhoso e suave:

– Boa noite, véia.

Não ouviu o que Neiva sussurrou tristemente para si mesma do outro lado:

– Quem dera fosse verdade.

Pela voz do irmão, Maurícia sabia que Miguel estava preocupadíssimo:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Fez boa viagem?

Foi sincera:

– Pior impossível.

Suspiraram juntinhos.

– Tão ruim assim?

A resposta foi imediata:

– Pensei que fosse explodir.

Ele foi absolutamente compreensivo:

– Imagino.

Fez uma pausa antes de perguntar, de um jeito terno, calmo, cuidadoso:

– Chegou a alguma conclusão?

Maurícia deixou escapar como se pensasse alto ou falasse sozinha:

– Se fosse tão fácil assim...

Riu de si mesma, depois ficou um tempo com o olhar parado, pensativa... Só então pareceu lembrar que Miguel estava aguardando uma resposta do outro lado da linha:

– Mas estou bem mais tranquila. No fundo no fundo eu acho que...

Voltou a emudecer, obrigando Miguel a inquirir:

– Que...?

– Depois conversamos.

Assim que desligou, voltou a pegar o telefone.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não hesitou, apertou as teclas de forma tensa, mas absolutamente decidida. Deixou tocar até cair. Voltou a insistir. Dessa vez foi atendida. A voz do outro lado continha uma surpresa inegável:

– Alô?

A de Maurícia totalmente firme:

– Cláudia?

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO QUARENTA E UM

– Preciso conversar contigo.

A voz de Cláudia soou irônica:

– Agora tu pode?

Maurícia compreendeu perfeitamente, mas preferiu ignorar:

– Estou em casa.

O tom foi ansioso, como quem teme uma notícia desagradável:

– Estou ouvindo. Pode falar.

A resposta de Maurícia foi imediata:

– Tem que ser pessoalmente.

Houve uma pausa, repleta de perguntas e respostas que não foram formuladas, antes de Cláudia finalmente dizer:

– Estou na casa dos meus pais, só volto pra Santa Maria na sexta.

Foi de um jeito ainda mais suave que ela
PERIGOSAS ACHERON

explicou:

– Não tenho como antecipar o meu retorno...

Não era, absolutamente, o que Maurícia desejava. Imaginou mentalmente a longa semana de espera que teria, mas não havia nada a fazer além de concordar:

– Tudo bem. Sexta então.

Impossível não notar. O fio de esperança presente na forma com que Cláudia formulou a frase:

– Te ligo assim que chegar.

Demorou um tempo, pelo menos meia hora de viagem, antes de Liv desabafar:

– Puta merda! Por que é que eu sou tão estúpida, Fá?

Ele não respondeu. Sabia perfeitamente que era apenas a introdução. Liv suspirou antes de completar:

– Eu sei, eu sei... Fui eu que mandei ela procurar a ex. Mas até o último momento eu esperava, na verdade eu queria que ela me dissesse que não precisava, que tinha certeza do que sentia por mim.

As lágrimas escorreram livremente, sem que Liv

tentasse contê-las:

– Se a Maurícia me amasse de verdade, não teria dúvidas, você não acha?

Virou-se para o amigo esperando uma resposta. Fábio custou a falar. Quando o fez, foi com cautela:

– Eu não sei, Liv.

Não conseguiu terminar o próprio pensamento. Liv o cortou:

– Se nem ela sabe...! Acredita que até agora não me ligou, não me mandou sequer uma mensagem?

Ele não teve como deixar de retrucar:

– Mas foi você mesma quem disse pra gêmea não te ligar!

Liv recusou-se a ser racional:

– Sim, eu disse. E daí? Isso não quer dizer nada! Na verdade eu...

Foi a vez de Fábio interrompê-la:

– Na verdade o que você queria era que ela te ligasse.

Liv esbravejou, sacudindo os punhos no ar:

– Óbvio! Isso é claro! Era o mínimo que poderia fazer... Aquela... Aquela miserável!

O primeiro xingamento soou ferido, mas apaixonado. A voz foi diminuindo a cada palavra, a ponto da última quase não ser audível:

– Filha da puta! Idiota! Safada... Miserável... Ah, que merda, Fá!

Voltou a chorar. Sem uma palavra, Fábio abriu o porta luvas, de onde tirou uma caixa de lenços de papel descartáveis. Liv usou vários para tentar enxugar inutilmente o próprio rosto, que não parava de ser molhado. Assoou o nariz ruidosamente, mas, ainda assim, a voz saiu anasalada:

– Tá, tudo bem. Estou sendo ridícula, eu sei. Mas não consigo evitar.

Voltou a assoar o nariz. Fábio a esperou terminar, pacientemente.

– Será que agora eu posso falar? Ou prefere ficar aí imersa neste dramalhão mexicano pelo resto da viagem?

Liv olhou para o amigo de um jeito absolutamente indignado:

– Eu não...

Mas Fábio prosseguiu como se ela não tivesse se manifestado:

– Quer ou não quer saber o que eu acho?

– Fala logo, viado!

Ele foi direto:

– Se você ama mesmo a gêmea, deveria lutar por ela. Ou será que, no fundo no fundo, é você que

não sabe?

– Eu?

– Pensa comigo: você sempre foi super impulsiva. Pelo menos nas vezes em que estava realmente apaixonada. Mas com a gêmea você consegue ser bastante racional.

O questionamento fez Liv calar-se. Ficou pensativa durante alguns minutos, buscando uma resposta. Quando voltou a falar, o fez como se pensasse alto:

– Quando eu conheci a Maurícia eu estava destruída. Ela meio que me levantou, me tirou do limbo. Talvez por isso eu tenha ficado com uma imagem dela que eu já não sei se é real. A minha decepção maior não foi o maldito beijo na ex, mas perceber que a Maurícia não é aquela fortaleza, aquela mulher perfeita que eu pensava. Isso tudo me fez ver que eu não a conheço, não sei quem ela é de verdade. Talvez... Talvez eu tenha me apaixonado por uma Maurícia que só existe na minha cabeça, uma Maurícia imaginária.

Fábio não escondeu a própria perplexidade:

– Peraí... Você achava a Maurícia perfeita?

Muito menos Liv, absolutamente surpresa pela palavra “gêmea” não ter sido usada:

PERIGOSAS NACIONAIS

– Você disse “Maurícia”?

Ele a cortou de imediato:

– Não se faça de desentendida, Liv. Responda!

Se puder...

Liv não hesitou:

– Sim, achava.

Fazendo o amigo rir às gargalhadas:

– Há! Então, minha amiga, você está é muito apaixonada!

Liv não disse nada, só fuzilou o amigo com o olhar. Foi o bastante para Fábio recuperar um pouco da seriedade:

– Sinceramente? Acho que você tá tentando se convencer.

A interrogação nos olhos dela o fez explicar:

– De que não quer a gêmea. Pra sofrer menos. É... Pensando bem, pode funcionar.

Ela sacudiu a cabeça negativamente, com uma fatalidade conformada:

– Sinceramente? É inevitável. Já tô sofrendo, e ainda nem sei se...

Foi incapaz de terminar a frase. Mordeu o lábio inferior, numa tentativa inútil de não voltar a chorar.

– Ai, ai... Desse jeito vou ter que pegar os lenços

PERIGOSAS ACHERON

de papel extras que deixei no porta malas.

Os dois se entreolharam. Liv começou a gargalhar. Da cara dele, de si mesma, da própria desgraça... E não voltou a falar sobre Maurícia durante o resto da viagem de carro.

Quando chegaram na casa de praia de Fábio, Hugo e Margarete – a secretária do lar, como Fábio gostava de chamar – já estavam lá. Natural, pois tinham saído na frente, bem antes de Fábio ter levado Liv em casa para fazer as malas.

– O almoço tá pronto.

Margarete foi logo anunciando. Fábio olhou interrogativamente para Liv, muito mais para constatar, pois já sabia, nem precisava a amiga falar:

– Vou dar um mergulho primeiro.

– Claro. Vai lá.

Liv já estava de biquíni por baixo. Tirou o short e a camiseta e saiu pelos fundos da casa, atravessou o jardim e o portão que dava na areia da praia.

Como sempre, entrou em direção a uma onda, mergulhou para atravessá-la e nadou para o fundo. Deixou-se ficar boiando naquela imensidão líquida, os olhos fitando o céu muito azul e límpido. Não

PERIGOSAS NACIONAIS

soube dizer por quanto tempo. Muito para a contagem de quem tem um objetivo preciso, mas absolutamente ínfimo para tudo que precisava expurgar, refletir e transformar. Tomou fôlego e submergiu. Segurou a respiração o tempo que pôde, voltou à tona cansada, em verdade, exasperada com tudo aquilo. Precisava encontrar algum sentido mínimo. Voltou a submergir. Subiu, respirou, e repetiu o processo de imersão de forma integralmente impulsiva. Assustou-se quando foi puxada para cima. Desvencilhou-se das mãos que a seguravam, sem conseguir desviar-se dos olhos cor de mel mais brilhantes que já tinha visto, e que a fitavam, profundamente incisivos:

– Me desculpe... Eu vi você afundar duas vezes e pensei que tinha tido uma câimbra, ou algo do tipo...

Liv devolveu o olhar dela com um semi sorriso:

– Eu estou bem.

A mulher, que flutuava com uma naturalidade invejável na frente dela, antes de se afastar repetiu:

– Desculpe.

Impulsionada por algo que não conseguiu definir, Liv nadou de volta para a margem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A noite chegou rápida. Para surpresa de Fábio, Liv perguntou:

– Quer sair?

A resposta dele foi clara:

– Você que sabe.

Ela replicou de forma rápida:

– É muito pior ficar trancada em casa. Vamos, eu preciso me distrair.

Assim que terminou de falar com Cláudia, Maurícia ligou de novo para o irmão. Ele atendeu imediatamente, como se estivesse esperando. Ouviu o cunhado dizer:

– É a Mau?

Antes de arrancar o telefone da mão dele.

– Cunhadinha, preciso falar com você.

Maurícia permaneceu calada, sem saber o que dizer.

– Tá sabendo que a Liv tá com o Fábio em Búzios?

Ela quase gaguejou:

– Não. Eu...

E Leandro quase gritou:

– Não me diga que não falou com a Liv depois

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que embarcou...

A resposta foi dada timidamente:

– Ela me pediu pra não ligar antes de me resolver...

Aí sim o cunhado berrou:

– E você acreditou? Mau, liga pra ela agora, pelo amor de deus!

Fez uma breve pausa antes de dizer devagar, sílaba por sílaba, criando todo um suspense:

– A não ser que...

Maurícia foi incapaz de esperar:

– Que o quê?

Leandro falou baixinho, como se fosse algo inaceitável de se dizer:

– Tenha desistido da Liv de vez.

– O que tu quer dizer?

Ele inspirou profundamente primeiro. Depois explicou bem devagar, como quem fala a uma criança ou a alguém com pouco discernimento:

– Mau, me escuta. Se a Liv disse pra você não ligar é porque é pra você ligar. Se não ligar é porque não ama ela de verdade. Entendeu? Ah, não responde, nem pensa, só acredita no que eu tô te dizendo.

Ela continuou muda do outro lado da linha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Leandro foi obrigado a interromper o silêncio:

– Mau?

– Ah?

– Tá esperando o quê?

Maurícia desligou, mas não fez o que o cunhado mandou. Pesou os prós e os contras e, a despeito de tudo, a saudade e a vontade de falar com Liv venceram. Ligou com os dedos trêmulos, de antecipação, ansiedade, insegurança. Continuou sem saber como seria recebida porque o celular estava fora da área de cobertura ou desligado. “Ela não quer falar comigo. Eu sabia, eu tinha certeza!”. Foi com esse pensamento que ligou novamente para o irmão:

– Miguel...

Pelo tom da irmã, Miguel intuiu:

– Ela não atendeu?

Havia na voz dela um profundo desespero:

– O celular tá desligado.

Ele tentou consolá-la:

– Deve ter acabado a bateria.

Inutilmente:

– Não. Ela desligou pra não me atender.

– Mau... Eu não acho que...

Ele parou subitamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Só um momento.

Houve uma falação do outro lado da linha antes de Miguel voltar e dizer:

– O Le quer falar contigo.

Não deu a ela tempo de responder. Passou o aparelho para o companheiro, que não perdeu tempo:

– Olha só, cunhada. O celular da Liv tá assim desde que ela derramou água nele. Fica tranquila e tenta de novo até chamar, ok?

Maurícia fingiu concordar. Mas não tentou ligar novamente.

– Se quiser ir embora é só me dizer.

Fábio repetiu pela milionésima vez desde que tinham chegado.

– Fá, eu tô bem.

E estava mesmo. Naquele momento, tomar cerveja com ele em um dos restaurantes da Rua das Pedras parecia a melhor coisa de todos os tempos. Acompanhou o olhar do amigo e descobriu o motivo de tanta insistência. Um moreno belíssimo, sentado a alguns metros, não tirava os olhos dele.

– Não vai lá falar com o deus grego?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fábio quase se engasgou:

– Quê?

Liv riu da surpresa dele:

– Eu posso estar tudo, menos cega, não é mesmo?

Incentivou:

– Vai lá. Eu sei que ele é o seu número.

Mas Fábio protestou de forma veemente:

– Não, senhora! Eu não vou te deixar sozinha num momento desses. Nem mesmo por aquele...

Suspirou:

– Monumento.

– Se você não for, serei obrigada a chamar o pedaço de mau caminho aqui na mesa...

Virou-se para concretizar a ameaça e parou. Ficou absolutamente em suspenso. Ao deparar-se com a dona dos inconfundíveis olhos cor de mel sentada ao lado do moreno, fitando-a intensamente.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

A mulher dos olhos de mel sorriu e acenou efusivamente para Liv, que acenou de volta com muito menos entusiasmo. Desistiu de falar com o moreno na mesma hora. Virou-se novamente para Fábio, que perguntou:

– Vocês se conhecem?

– Mais ou menos.

Teria parado as explicações por aí, se Fábio não a fitasse de um jeito que deixava claro que estava longe de estar com a curiosidade satisfeita. Tentou ser o mais sucinta possível:

– Ela pensou que eu estava me afogando e tentou me salvar.

Ele quase gargalhou:

– Você, se afogando? Que divertido!

Fez uma pausa significativa antes de proferir:

– Sabe que coincidências não existem, né? O
PERIGOSAS ACHERON

destino bate à sua porta, queridinha... Ou melhor... Bate em suas nadadeiras?

Riu um pouco mais. Liv se manteve seriíssima. Virou o copo de cerveja de uma só vez antes de finalmente dizer:

– Vamos indo?

O dia seguinte amanheceu magnificamente ensolarado. A primeira coisa que Liv fez ao acordar foi ir até o mar dar um mergulho. Quando voltou, encontrou Fábio sentado na sala bebendo sua xícara de café matinal.

– Seu celular estava tocando sem parar, mas parece que agora “a pessoa” desistiu.

Não só porque conhecia muito bem o amigo, mas pelo tom que ele usou, era claro que ele sabia:

– Quem era?

A resposta veio exatamente como Liv calculou, sem hesitação nenhuma:

– A gêmea.

Passou pelo amigo devagar, posando de quem não estava dando a mínima, mas assim que ficou fora do alcance dos olhos dele quase correu escada acima. Sorriu ao conferir o visor do aparelho: cinco

chamadas não atendidas. Todas de Maurícia.

Não ficou mais de um segundo decidindo, seguiu impulsivamente o que sentiu vontade de fazer. Infelizmente, foi impossível. Estava sem créditos para ligar.

– Merda!

Xingou baixinho antes de digitar: “Tava sem o celular. To sem créditos. Me liga de novo”. Suspirou alto e ficou esperando, com a ansiedade a consumindo.

Maurícia tinha esperado horas antes de ligar para Liv. Aguardando até que ficasse mais tarde, o suficiente para que ela já não estivesse dormindo. Ligou, ligou e ligou várias vezes sem ser atendida. A cada vez que ouvia:

– Sua chamada está sendo encaminhada para a caixa postal...

Oscilava entre “ela não quer falar comigo” e “talvez o celular esteja no silencioso”, mas acabava insistindo.

Só desistiu depois da quinta tentativa. Jogou o celular em cima da mesa do escritório e ficou sentada com a cabeça entre as mãos, tentando

conter um sentimento que sequer conseguia definir. Não soube quanto tempo permaneceu ali assim, afundada numa espécie de vácuo absolutamente opressivo e desconhecido. Foi o aviso de SMS recebido pelo celular que a fez desvencilhar-se daquilo. Pegou o aparelho entre as mãos com uma ansiedade que não se esvaiu quando por fim viu que era uma mensagem de Liv. Ligou absolutamente ciente do grotesco da situação e, estranhamente, desejando sentir-se ainda mais ridícula:

– Alô? Liv?

A voz de Liv soou doce, mas contida:

– Oi, Mau.

Maurícia nem pensou em tentar esconder a própria inquietação:

– Desde ontem estou tentando falar contigo.

Teria explicado que o celular de Liv estava fora de área na noite anterior, talvez até revelasse a saudade que estava sentindo, se Liv não a cortasse, de um jeito que Maurícia não conseguiu interpretar como positivo ou negativo:

– Bom, agora conseguiu.

Liv se arrependeu assim que proferiu a frase. Mas não tentou corrigi-la, pelo simples fato de não

encontrar mais nada que pudesse ser dito. Incapaz de confessar o que estava passando e como estava se sentindo. Jamais iria pressioná-la, muito menos forçá-la. Queria que partisse dela, de outra forma não serviria.

Foi Maurícia quem finalmente quebrou o silêncio que sobreveio:

– Como tu tá?

Liv não pensou, simplesmente saiu:

– Indo.

Perguntou de forma mais impetuosa ainda:

– E você?

Não houve resposta e sim uma evasiva:

– O Leandro me disse que tu não tá no Rio.

Foi como um balde de água fria: “Então foi por isso que ela me ligou”. Não disse, apenas pensou. Também não foi capaz de proferir o que tinha cogitado. Muito menos o que tinha desejado que aquela ligação significasse. Simplesmente engoliu:

– Estou em Búzios.

Completo, apesar de ser completamente desnecessário:

– Com o Fábio.

Maurícia perguntou com um tom propositalmente descontraído, não querendo dar a

impressão errônea de estar cobrando algo:

– Quando vocês voltam?

Liv tentou, sem resultado, lutar contra a sensação agradavelmente suave que o questionamento dela trouxe. Prazer que conhecia bem até demais: o de estar sendo cuidada, no melhor sentido da palavra.

– Domingo.

Seguiu novamente o impulso irreprimível de justificar:

– Estou de licença médica no trabalho.

A preocupação de Maurícia foi evidente:

– Licença médica? O que tu tem?

– O Fábio conseguiu um atestado com um amigo.

Assim que Liv a tranquilizou, tornou-se impossível para Maurícia deixar de pensar: “Pra vir pra cá ela nunca cogitou isso”. Mas guardou a reflexão para si, ou melhor, afastou-a, pois não era o momento para conflitos. Certificou-se:

– Mas tu tá bem?

Liv não parou para pensar. Deixou escapar de forma absolutamente impulsiva:

– Fisicamente, sim.

Detiveram-se sob o efeito do que foi falado. Uma pausa desconfortável se estabeleceu antes de

PERIGOSAS NACIONAIS

Maurícia finalmente murmurar:

– Liv... Eu...

A culpa explícita na voz dela fez Liv perceber que, naquele instante, poderia jogar, manipular, se aproveitar, usar o sentimento de Maurícia a seu favor. Mas não o fez:

– Não precisa se preocupar. Eu estou bem.

E Maurícia soube. Perfeitamente. O quanto Liv estava sendo... Generosa ao extremo por liberá-la de toda e qualquer angústia. Mais do que poderia desejar, muito além do que Maurícia poderia retribuir naquele momento. Ficou muda, sem saber o que dizer. Foi Liv quem quebrou o silêncio:

– Preciso desligar.

À Maurícia só restou aquiescer:

– Tá bem.

Liv foi incapaz de conter o grito de fúria que lhe subiu garganta acima assim que desligou:

– Ah!!!

Repetiu mais duas vezes antes de Fábio surgir na porta esbaforido e apavorado, era óbvio que tinha subido escada acima correndo:

– O que foi que aconteceu?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O desabafo de Liv foi irrestrito:

– Puta que o pariu! Como eu sou babaca! Estúpida! Imbecil! Uma idiota total!

Atirou-se de costas na cama e ficou ali deitada, as mãos no topo da cabeça e os braços na frente do rosto. Mantendo uma distância segura, ele perguntou baixinho, com todo o cuidado:

– A gêmea... Ela... Ela voltou... Com a ex?

Suspirou aliviado quando Liv respondeu, sem fitá-lo:

– Acho que não.

Deitou-se ao lado dela na cama e sugeriu carinhosamente:

– Não quer me contar?

Liv abaixou os braços, suspirou, mordeu o lábio inferior e só então olhou para ele:

– Ela me ligou. Pra saber como eu estava, onde eu estava, quando eu voltava...

Foi com um entusiasmo evidente que ele virou-se para ela:

– Ah, mas isso é um ótimo sinal, não é mesmo?

Mas Liv não se deixou contagiar pela empolgação do amigo:

– Eu não sei.

Fábio sentou-se com as mãos nas cadeiras:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Liv, menos! A gêmea tá lá, toda preocupada, provavelmente morrendo de medo de te perder...

Lentamente, ela sentou-se também. Ele aproveitou a pequena chama que viu nos olhos dela para completar:

– Pensa bem. Não acha que isso quer dizer que ela se importa e muito com você?

Liv levantou, ficou de costas para ele durante um bom tempo. Tinha um ar diferente quando, afinal, voltou a fitá-lo:

– Eu sei que a sua intenção é a melhor possível, mas não quero mais me encher de esperanças, expectativas e ilusões, entende?

O olhar dela... O fez concordar imediatamente:

– Ok, ok.

Pôs-se de pé, retomou o tom leve e divertido de sempre:

– Concordo em número, grau e gênero! E tenho a solução perfeita: que tal sair pra pegar uma cor, tirar umas fotos e beber?

Não esperou a resposta. Puxou-a pela mão, intimando:

– Vem!

PERIGOSAS ACHERON

Maurícia ainda ficou com o celular na mão durante um longo tempo. Absolutamente insatisfeita. Sentiu um impulso quase irresistível de ligar de novo para Liv e dizer... O quê? Foi este o questionamento que a fez desistir.

Ligar para o irmão também pareceu inútil e sem sentido. O problema era só dela. Teria que resolvê-lo sozinha.

Suspirou antes de sair do escritório e atravessar a sala rapidamente, com passos largos. Foi interceptada por Neiva ao passar pela porta da cozinha:

– Não vai almoçar?

– Depois.

Abstendo-se de mais explicações, desceu quase correndo os cinco degraus da entrada e caminhou diretamente para o estábulo. Assim que entrou e os cheiros familiares reconfortantes a atingiram, deixou escapar um suspiro.

Afagou Ventania, encilhou-a devagar, cada gesto uma tentativa vã de trazer de volta o próprio equilíbrio. Quando montou, ainda levava todas as dúvidas que tinha consigo. Cavalgou para longe da casa, com plena consciência de que, independente da velocidade que imprimisse, não fugiria do que

PERIGOSAS NACIONAIS

estava sentindo.

Liv tirou o excesso de água dos cabelos, os prendeu com uma piranha para o alto, colocou os óculos escuros e voltou a sentar na cadeira ao lado da de Fábio.

– Cerveja?

Ele perguntou estendendo uma latinha ainda fechada. Liv não recusou, muito pelo contrário:

– Claro!

Tinha perdido a conta de quantas já haviam tomado, mas pouco importava. Beberam devagar, enquanto falavam bobagem. Quando terminou, Fábio colocou a lata dele no lixo que tinham feito de um saco plástico.

– Partiu?

A primeira reação de Liv foi protestar:

– Já?

Com uma carinha de pobre coitado ele pediu:

– Tô morrendo de fome, Liv! Vamos almoçar, *please?*

Funcionou, porque fez ela se levantar:

– Você come e eu bebo, tá?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Tem certeza que não quer comer nada?

Fábio perguntou, com o cardápio na mão.

– Por enquanto não. Mas pede uma cerveja.

– Tá.

Ele até obedeceu, mas pediu uma porção de batatas fritas na esperança de que pelo menos ela ingerisse um pouco de sal. Quando Liv viu o petisco, falou, bem mais alto que o normal:

– Eu nem tô tão mal, viado.

A resposta de Fábio foi rir enquanto empurrava o prato na direção dela:

– Cala a boca e come batata, sapa!

Liv não respondeu. Sequer prestou atenção. Os olhos acompanharam algo que fez questão de informar:

– Não olhe agora, mas...

Foi a mesma coisa que dizer: “Olhe para lá”. Fábio voltou a fitá-la com um nervosismo irritado. O diálogo foi rápido e quase sussurrado:

– Pelos deuses, Liv! Isso é coisa que se faça?

– Bicha, eu avisei. Não era pra você olhar.

– Dei de cara com ele, afe! Que mico! E logo na frente do meu moreno monumental! Que aliás... Tá sempre acompanhado da sua amiguinha *Baywatch*.

Com a falta de autocensura natural que o excesso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de bebida lhe conferia, Liv deu uma boa e olhada antes de comentar, de forma absolutamente despidorada:

– É... Realmente, “*airbag*” ali é o que não falta.

Riram juntos, na verdade gargalharam. Tanto que Fábio levantou e saiu quase correndo:

– Tô me mijando! Já volto!

Liv ainda deu algumas risadas sozinha, depois voltou a beber e chegou a comer algumas batatas. Estava tomando mais um gole de cerveja quando a mulher dos olhos cor de mel parou na frente dela:

– Oi.

Sem saber como, conseguiu não engasgar:

– Olá.

A mulher sorriu antes de perguntar:

– Posso me sentar?

Sem acreditar nem conseguir desviar os olhos dos “*airbags*” mais do que respeitáveis, Liv sorriu de volta e respondeu com total receptividade:

– Mas é claro.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

– Vou ser direta.

A mulher disse assim que se acomodou na cadeira onde Fábio estava sentado antes, na frente de Liv.

– Meu amigo tá muito interessado no seu. Só que não quer me deixar sozinha, tá me dando uma força.

Falou baixinho, como se fosse um segredo:

– Acabei de me separar.

A resposta foi dada no mesmo tom:

– Compreendo.

Os olhares se encontraram, num profundo entendimento. Ficaram se fitando, com uma empatia evidente, até a mulher dos olhos cor de mel rir, um pouco sem jeito:

– Nossa! Onde eu tô com a cabeça? Me desculpe, esqueci de me apresentar...

PERIGOSAS ACHERON

Levantou-se, contornou a mesa, parou ao lado de Liv e estendeu a mão para ela:

– Sabrina.

Liv também ficou de pé e apertou a mão que a outra ofereceu:

– Liv. Muito prazer.

Com um sorriso enorme, sem soltar a mão de Liv, Sabrina correspondeu:

– O prazer é todo meu...

– Interrompo?

As duas olharam juntas para Fábio, parado na frente delas com um sorrisinho malicioso. Só então desprenderam as mãos. Liv passou a dela pelo cabelo, jogando-o para trás, antes de dizer:

– Sabrina, Fábio. Fábio, Sabrina.

Fábio não perdeu tempo. Deu dois beijinhos em Sabrina e sugeriu:

– Seu amigo não quer vir sentar aqui com a gente?

Fábio e Daniel – era o nome do moreno – rapidamente se entrosaram, estabelecendo um flerte nem um pouco velado. Acabaram conversando à parte, como se estivessem sozinhos em um

mundinho só deles. Liv virou-se para Sabrina tentando puxar assunto, com a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

– Você disse que acabou de se separar?

A resposta só veio depois que Sabrina tomou dois grandes goles de cerveja:

– Faz duas semanas. Por quê?

A bebida impulsionou Liv:

– Estou numa situação parecida. Na verdade, estamos meio que “dando um tempo”.

Sabrina sacudiu a cabeça afirmativamente:

– Sei bem como é. Nós também tentamos, tentamos e tentamos prorrogar ao máximo o fim do casamento. Mas não adiantou. A relação já tava muito desgastada, os objetivos nunca foram os mesmos... Sei lá... Era como se fossem dois universos diferentes.

A identificação de Liv foi inevitável. Suspirou:

– É, sei bem o que você quer dizer. Às vezes eu tenho essa impressão também.

Sabrina a olhou interrogativamente, o que incentivou Liv a confessar:

– Seis meses de namoro com uma distância de três estados entre nós, falando assim parece louco, eu sei. Só que... O sentimento não é mensurável,

PERIGOSAS NACIONAIS

não é mesmo? O amor não é menor por morarmos longe ou por termos nos encontrado pessoalmente tão poucas vezes.

Tomou metade do copo de cerveja enquanto Sabrina a observava atentamente:

– Não, claro que não.

Ficaram um instante se fitando, até Liv interromper o silêncio:

– Mas racionalmente não faz sentido mesmo, pensa: nós mal nos conhecemos. Nem tem razão pra eu estar sofrendo desse jeito.

Algumas lágrimas surgiram, Liv deixou que escorressem. Sabrina levantou o copo sorrindo, como que brindando o infortúnio compartilhado:

– *Quem um dia irá dizer que existe razão nas coisas feitas pelo coração?*

Liv ergueu o próprio copo em resposta:

– *E quem irá dizer que não existe razão?*

Riram juntas antes de beberem. Liv pegou a garrafa, voltou a encher os dois copos de cerveja:

– Vocês ficaram juntas muito tempo?

Sabrina quase engasgou. Franziu as sobancelhas:

– Juntas?

Liv não poderia ficar mais surpresa:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Eu pensei que...

Sabrina riu:

– Que eu era casada com uma mulher?

Implicou:

– Só porque o meu amigo é gay?

Levou o copo aos lábios sensualmente:

– Ou será que eu pareço?

Liv devolveu a provocação no mesmo tom:

– E o que isso quer dizer?

A outra ficou visivelmente sem jeito:

– Sei lá... Se eu tenho jeito de...

Não completou, deixou no ar, em aberto. Liv não deixou por menos:

– Você acha que eu tenho?

Foi a vez de Liv se divertir com o espanto da outra:

– Você? Não!

Liv confirmou com um aceno de cabeça. Sabrina ainda pareceu não acreditar:

– Mesmo?

Tapou a boca com a mão antes de completar:

– Nossa! Se você não falasse eu nunca ia perceber!

Foram interrompidas por Daniel, já de pé, chamando Sabrina:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Vamos?

Despediram-se e saíram. Liv estava curiosa:

– Que aconteceu?

Fábio melancólico:

– Tudo e nada. Acho que estou apaixonado, afe!

Suspirou profundamente. Liv sorriu, divertida:

– E ele?

O amigo voltou a suspirar antes de responder:

– Disse que gostou muito de mim, mas... A “*baywatch*” tá maus, acabou de se separar e ele não quer deixar a amiga sozinha. Que fofo, né? Tão gracinha!

Voltou a suspirar antes de completar:

– Amanhã vou ligar pra combinarmos algo. Daí é que você entra, consolando a coitadinha.

A risada que Fábio deixou escapar foi maliciosa, no mínimo. Ela tentou cortá-lo:

– Fá, não viaja. Nada a ver.

Em vão:

– Ela é hétero, eu sei. O Dani me contou. – Ele provocou: – E desde quando isso é impedimento?

Impossível para Liv não rir também:

– Ai, Fá... Só você mesmo! Agora sério: nada a ver! Ela é muito legal, mas definitivamente não rola, ok?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele riu mais uma vez:

– Sei... Você disse a mesma coisa da gêmea e olha só no que deu.

Quando Maurícia voltou para casa já havia escurecido. Passou por Neiva sem dizer nada. A empregada ficou parada na porta da cozinha, observando-a subir para o quarto.

Trancou-se lá dentro, ficou muito tempo debaixo do chuveiro, desejando estar sozinha quando finalmente descesse as escadas. Mas não estava. Neiva a esperava, visivelmente aflita, apesar de não dar uma palavra.

Maurícia pegou um prato e serviu-se muito mais para agradá-la. Não conseguiu comer muito. Despejou as sobras no lixo, ia lavar a louça que tinha usado, mas Neiva a impediu:

– Me dá isso aqui.

Suspirou e, sabendo que não adiantava tentar protestar, fez o que a velha senhora pediu.

Foi para a sala, acendeu a lareira, serviu-se de uma dose de cachaça e ligou o CD *player* sem verificar primeiro o que estava lá dentro. Suspirou profundamente quando ouviu a música que invadiu

PERIGOSAS ACHERON

o ambiente. Gloria Stefan cantando “*Hoy*”.

Virou a cachaça de uma só vez, e serviu-se de outra dose antes de atirar-se no sofá.

Logo depois, Neiva surgiu na sala, despediu-se e saiu. Chamas que aos poucos cresciam, a música aumentando ainda mais o vazio que sentia...

Tomou o que restava do líquido amarelado de um gole só e voltou a servir-se, totalmente ciente do quanto a noite seria longa, solitária e difícil.

Fábio e Liv só saíram do bar quando fechou. Hugo foi dirigindo, enquanto os dois, absolutamente bêbados, se atiraram no banco de trás. Chegaram a muito custo no segundo andar da casa. Fábio desejou boa noite e, antes de fechar a porta do próprio quarto atrás de si, ainda disse:

– Qualquer coisa me acorda, tô aqui pra isso.

Apesar de bastante trôpega, Liv conseguiu tomar banho, enrolar-se na toalha e chegar até a cama. Ficou sentada com os cabelos escorrendo e molhando os lençóis, sem dar-se conta disso. Os olhos perderam-se no pensamento inevitável: Maurícia. A saudade chegou, se instaurou, se exaltou... Até Liv não aguentar mais. O celular já

PERIGOSAS NACIONAIS

estava chamando quando percebeu. Não teve tempo de racionalizar, Maurícia já havia atendido:

– Liv?

Havia surpresa na voz dela. Muito mais do que isso: alegria e... Expectativa.

– Oi, Mau...

Assim que ouviu as sílabas engroladas, Maurícia soube que Liv tinha bebido. Mas era o que menos importava. Aquela ligação, independente do motivo, não poderia ser mais bem vinda:

– Oi, minha linda.

Liv deixou escapar um suspiro. A voz saiu frágil, suplicante, mas completamente sedutora:

– Queria você aqui comigo...

A sinceridade alcoolizada rendeu Maurícia:

– Também estou com saudade de ti.

Quase podia vê-la sorrindo:

– Mesmo?

Impossível resistir:

– Tu sabe que sim.

O tom de Liv mudou. Tornou-se assumidamente rouco e provocativo:

– Então me encontra no MSN.

Intuindo o que aconteceria, Maurícia hesitou:

– Liv...

PERIGOSAS ACHERON

Mas Liv não quis ouvir. Desligou assim que proferiu:

– Faz o que eu tô te pedindo.

Maurícia acordou com o galo cantando, o dia mal havia amanhecido. Tomou banho e vestiu-se rapidamente, desceu para a cozinha ainda com os cabelos molhados. Neiva já a esperava para tomarem mate juntas, com “*Querência amada*” tocando em seu inseparável radinho de pilha. Valdo e Musquito entraram na cozinha logo depois. Sentou-se com os três à mesa, esforçando-se em participar da conversa. Vez por outra o olhar se perdia, acompanhando os pensamentos que iam longe, nas lembranças da noite anterior absolutamente vívidas.

Num desses momentos foi trazida de volta por Neiva:

– Tá aqui a lista. – Demorou um pouco para conseguir voltar a fixar os olhos e ouvir o que ela dizia. – Do que tá acabando, que tu tinha me pedido.

Só então pegou o papel que a velha empregada lhe estendia. Deu uma olhada na relação de itens

rabiscados antes de dobrá-lo e guardá-lo no bolso. Depois de um último gole no café, levantou e disse:

– De tarde vou a São Pedro e compro.

Saiu com Valdo e Musquito para o campo tentando concentrar-se na realidade, mas a imagem de Liv nua, repetindo “Eu te amo” não permitia.

Liv se deixou ficar um bom tempo deitada, completamente entregue às recordações da véspera. Com um sorriso nos lábios, suspirou e espreguiçou-se antes de olhar para o notebook desligado, mas ainda aberto na mesinha de cabeceira estrategicamente posicionada na frente da cama.

Lembrou-se dos olhos de Maurícia no momento em que havia deixado a toalha cair, em todo o resto que se seguiu, e sorriu mais ainda...

Maurícia estava voltando para casa quando o celular tocou. Puxou as rédeas e fez Ventania parar. Decepcionou-se ao ver que não era quem esperava, mas atendeu mesmo assim. A voz de Cláudia parecia assustadoramente feliz:

– Oi, Mauri. Tudo bem? Tô ligando pra te avisar

PERIGOSAS NACIONAIS

que consegui resolver tudo mais rápido e chego hoje à tarde. Quer que eu vá até aí?

Maurícia protestou de forma instintiva:

– Não, eu tenho mesmo que comprar umas coisas. Te encontro em Santa Maria.

Cláudia não insistiu:

– Se tu prefere assim... Te ligo quando chegar.

Desligaram, Maurícia guardou o celular e tocou Ventania para casa, com um único pensamento a acompanhando: Liv.

Liv tomou um banho demorado, se vestiu e, quando finalmente desceu, encontrou Fábio na mesa do café. Ele a fitou entre surpreso e divertido:

– Pelo visto sua noite foi muito melhor do que a minha...

Ela se sentou, sorrindo, com um brilho nos olhos inequívoco:

– Com certeza.

Serviu-se de suco de laranja, passou manteiga em uma torrada, mordeu... Tudo com uma lentidão proposital. Sabia perfeitamente que Fábio não daria o assunto por encerrado:

– Quer que eu adivinhe?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um gole no suco antecedeu o instante em que Liv disse:

– Ontem eu falei com a Mau...

A voz mudou, deu às palavras outro sentido:

– No MSN.

Não precisou dizer mais nada. Ele compreendeu. E riu:

– Sei... Isso quer dizer que tá tudo resolvido?

O copo de suco de laranja que ela estava segurando foi depositado na mesa. E a expressão de Liv fez Fábio arrepender-se imediatamente do que tinha dito.

– Olha só... Eu acho que está, mesmo que vocês ainda não saibam. Digo mais: finalmente você resolveu lutar pelo que quer e tenho certeza que a noite de ontem vai ser decisiva, minha amiga!

Liv suspirou, ficou com o olhar perdido em lembranças... A expressão no rosto de Maurícia, as coisas que ela havia sussurrado e dito... E voltou a sorrir:

– Eu acho que sim.

Mas no fundo, ainda não tinha certeza disso.

A primeira coisa que Maurícia fez ao chegar em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

casa foi se trancar no escritório e ligar para Liv:

– Bom dia!

Uma alegria idêntica estava explícita do outro lado da linha:

– Bom dia...

Maurícia recostou-se na cadeira:

– Dormiu bem?

O tom que usou trouxe milhares de lembranças e sensações da noite anterior. Felizmente, Liv estava sozinha no quarto, porque se arrepiou inteira. Deixou escapar uma risada antes de responder:

– Melhor impossível! E você?

– Maravilhosamente.

Riram juntas. E depois, Maurícia hesitou, lamentando ter que quebrar a cumplicidade deliciosa que tinha se estabelecido. Mas, infelizmente, era preciso:

– Depois do almoço vou a Santa Maria.

Fez uma pausa. O silêncio de Liv confirmou o que Maurícia já esperava: que ela entendesse sem que precisasse realmente ser dito.

O tempo pareceu parar antes de Maurícia finalmente dizer:

– Te ligo assim que voltar.

A tentativa de amenizar teve o efeito contrário. A

PERIGOSAS ACHERON

voz de Liv se tornou quase ríspida:

– Eu preferia que você não me promettesse isso.

– Por que não?

– Não quero passar a tarde ansiosa, na expectativa, pensando besteira se você demorar ou não me ligar. É melhor...

Maurícia não a deixou concluir:

– Eu vou te ligar. Tu pode ter certeza disso.

Foi perceptível, no suspiro que Liv deixou escapar, uma terrível mistura de sentimentos: exasperação, angústia, receio, desespero:

– Sinceramente? Certeza é tudo que eu não tenho nesse exato momento.

A firmeza de Maurícia a surpreendeu:

– Então me deixa ter por nós duas.

A frase pairou, se estabeleceu, criou uma estranha e inesperada distância entre elas. Maurícia permaneceu em suspenso, inteiramente à espera que a mudez de Liv se transformasse em algo que sequer sabia o que era.

Por outro lado, os pensamentos de Liv a levaram direto às palavras de Fábio: “Será que, no fundo no fundo, é você que não sabe?”

Sabia que ele estava certo. Mas era repentino demais para que conseguisse se desarmar:

PERIGOSAS NACIONAIS

– Uma noite de sexo virtual fez toda essa diferença?

Maurícia compreendeu perfeitamente. A insegurança, o medo, a desconfiança por trás da agressividade irônica. Foi absolutamente honesta:

– Fez. Mas não como tu pensa.

Parou para respirar durante um instante que pareceu infinito. Sem saber como, Liv conseguiu esperar pacientemente até que ela afinal proferisse:

– Temos muita coisa pra conversar, Liv. Mas tem que ser pessoalmente.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Antes das duas horas da tarde, Maurícia já havia terminado tudo o que tinha para fazer. Ligou para Cláudia, que prontamente atendeu:

– Oi, Mauri. Já tô em casa. Tá vindo pra cá?

A resposta foi rápida:

– Estou na tua porta. Acabei de estacionar.

Suspirou com pesar assim que desligou. Sabia que não seria agradável, mas era inevitável. Algo pelo qual havia desejado e esperado por muito tempo, no qual tinha acreditado sem que sequer estivesse lá. Não passava de uma miragem. Um último suspiro do passado antes de deixar-se enterrar.

Desceu lentamente do carro. Fechou a porta, ativou a trava eletrônica, venceu a distância com os passos largos habituais. Não precisou tocar a campainha, assim que chegou em frente à porta ela

PERIGOSAS ACHERON

se abriu, revelando uma Cláudia visivelmente ansiosa.

Ainda parada do lado de fora, Maurícia a fitou de forma profunda. Cláudia a conhecia o suficiente. Compreendeu de imediato o que aquele olhar queria dizer. Sorriu de um jeito absolutamente triste:

– Entra.

E na maneira com que aquela única palavra foi pronunciada ficou claro que Maurícia não precisava dizer nada. Cláudia sabia que a tinha perdido.

Assim que saiu da casa de Cláudia, Maurícia pegou o celular e ligou para Liv.

“Fora da área de cobertura ou desligado”.

Ao contrário das últimas vezes em que isso havia acontecido, Maurícia não se deixou abalar. Muito pelo contrário. Deixou escapar um suspiro audível, riu e pensou:

“Acho que alguém vai ganhar um celular novo...”

Liv desligou o celular assim que entrou no avião.

PERIGOSAS NACIONAIS

Passou as mãos pelos cabelos, jogando-os para trás, depois as torceu nervosamente. Respirou fundo, tentando conter a ansiedade, sem muito resultado. Só então parou para pensar na sucessão de atos e decisões que a levaram até ali...

Assim que desligou o celular, colocou a mala em cima da cama. Estava terminando de atirar as últimas peças de roupa dentro dela quando Fábio surgiu:

– Posso saber o que tá acontecendo aqui?

A resposta era simples, resumia-se em uma única frase:

– Tô indo pra Santa Maria.

A surpresa dele foi tão grande que a voz saiu esganiçada:

– Quê?

Pigarreou, tentando recompor-se, falou em um tom bem mais grave:

– Santa Maria, no Rio Grande do Sul?

Liv fechou o zíper da mala de forma absolutamente apressada:

– Uhum.

Se fosse qualquer outra pessoa, provavelmente

PERIGOSAS ACHERON

teria discursado sobre a impulsividade irracional contida no que Liv estava fazendo, mas felizmente tratava-se de Fábio:

– Deixa só eu trocar de roupa e vamos.

Antes de sair correndo em direção ao próprio quarto, parou na porta para acrescentar:

– Não até Santa Maria, claro. Pro aeroporto mais próximo, no caminho checamos qual é o melhor voo, tá? Faço questão de te embarcar!

Desceu em São Paulo e imediatamente ligou o celular. O visor acendeu por um instante e depois apagou do nada. Liv suspirou profundamente, arrependida de ainda estar com aquela coisa funcionando de forma precária. Sentou no primeiro banco que encontrou vago, abriu o aparelho, tirou o chip e a bateria, esperou um pouco, recolocou tudo no lugar e o religou mentalizando para que funcionasse como todas as outras vezes em que fizera todo esse processo de reinicialização, mas obviamente, seguindo à risca a lei de Murphy – “Se algo pode dar errado, dará” – o infeliz continuou completamente apagado.

– Merda!

PERIGOSAS NACIONAIS

Deixou escapar alto o bastante para que as pessoas sentadas mais próximas a olhassem.

Enfiou o maldito celular no bolso de trás da calça jeans e caminhou puxando a mala em direção ao portão aonde, dali a intermináveis 80 minutos, iria embarcar.

Maurícia ainda tentou falar com Liv antes de pegar a estrada, mas como o celular dela continuava “fora da área de cobertura ou desligado”, resolveu só voltar a ligar quando chegasse. Estava com pressa, muita pressa. Tanta que decidiu fazer a viagem toda sem parar.

Liv até pensou em ligar para Maurícia de um orelhão, mas desistiu. Preferia surpreendê-la, só avisaria que estava indo ao encontro dela quando chegasse em Santa Maria.

Entrou na fila de embarque escutando a voz de Fábio, era como se ele estivesse de novo ao lado dela dizendo, como tinha feito no Galeão: “Vai lá, pega o que é seu e não larga mais!”

Riu, sem nem perceber. E entrou no avião

PERIGOSAS ACHERON

absolutamente determinada.

O voo foi lento e rápido ao mesmo tempo. Ou talvez Liv tivesse perdido a noção a ponto de não ser mais capaz de mensurar, a espera ao mesmo tempo maldição e benção, pois a fez repassar e lembrar tudo, desde o começo.

A primeira vez que a tinha visto, na frente do castelinho, na festa de Fábio, parecendo incrivelmente confortável naquele canto escuro e vazio. O olhar desconcertante que recebeu antes de ser capaz de parar de observá-la para tentar seguir o próprio caminho.

Caminho que parecia fadado a sempre cruzar com o dela de forma inexorável, inevitável, por mais que tivesse tentado se desviar.

Sorriu e segurou o colar que estava usando, num gesto quase inconsciente. Presente que Maurícia tornara irrecusável com o azul imperativo dos olhos afetuosamente suave ao afirmar: “Eu não vou me sentir bem se tu não aceitar”.

Na noite daquele mesmo dia tinham se beijado, na sala de Liv, ao som do vinil do Pearl Jam que tocava na vitrola, embora não houvesse

racionalidade alguma naquilo. De forma que só ela escutasse, Liv cantarolou “*I can’t help, falling in love with you*” baixinho, para si mesma. Perfeitamente consciente do quanto o ritmo lânguido, arfante, profundamente entregue havia conduzido não só aquele primeiro toque de lábios, mas a relação inteira. Desde o sexo virtual assustadoramente intenso ao amor que fizeram, real e pessoalmente afinal, em frente à lareira. As chamas estalando, o cheiro da madeira, o gosto do vinho e da necessidade mútua tornando a atmosfera perfeita e inesquecível em tudo. Depois, o sofrimento impresso pela distância, amenizado pela urgência faminta de cada reencontro e o medo irracional e inexplicável que a fez recuar, a despeito de tudo que sentia, diante do pedido de casamento totalmente inesperado de Maurícia.

Se tivesse aceitado, mudaria algo? Ou seria pior ainda? Poderia de alguma forma evitar que Maurícia ficasse dividida?

Na verdade, sequer sabia o que ela tinha decidido. E se a conversa com Cláudia levasse a mais do que palavras? As duas poderiam estar juntas naquele exato momento...

Sacudiu a cabeça, como se assim pudesse negar e

afastar o pensamento. Imediatamente, outro veio: a lembrança de Maurícia dizendo: “Seria muito mais fácil voltar com a Cláudia, eu não teria que implorar pra ela vir morar comigo”.

Antes de segurá-la pelo pulso, obrigando Liv a ouvi-la até o fim: “Mas eu estou aqui”.

Aquilo, por si só, bastaria. Mesmo se não tivesse visto nos olhos dela, no tom de voz, nos gestos, no jeito, no tratamento, nas palavras... O tempo todo, desde o início, e mais especificamente na noite anterior, tinha certeza de que Maurícia a amava. Se ela ainda não soubesse, a faria perceber, compreender e sentir.

Enquanto esperava que a mala surgisse na esteira de bagagens, Liv tentou mais uma vez reanimar o celular. Ele ligou e permaneceu aceso até o momento em que atravessou a porta do desembarque, os dedos já acionando o *touch screen*, tão concentrada à procura do nome que buscava que só percebeu que alguém havia se postado em seu caminho quando ouviu:

– Liv...

Ergueu a cabeça e fitou-a, absolutamente

surpresa:

– Maurícia?

Como resposta, Maurícia abriu um enorme sorriso. O que viu nos olhos azuis disse tudo, sem a necessidade de palavras e acelerou a pulsação de Liv. Sorriu antes de abraçar Maurícia, os braços ao redor dos ombros, os lábios roçando no ouvido dela ao sussurrar a única dúvida que restava:

– Como?

Maurícia enlaçou Liv pela cintura e puxou-a ainda mais para si, apertando-a entre os braços com força:

– Teu celular tava desligado, então liguei pro mano e peguei o número do Fábio.

Afastaram-se o suficiente para voltarem a se olhar. Falaram ao mesmo tempo:

– Que bom que tu veio!

– Que bom que você tá aqui!

Riram juntas antes de se separarem. Maurícia puxou a mala de Liv com uma mão e estendeu a outra, de forma irrecusável:

– Vamos?

Com as mãos e os dedos entrelaçados, caminharam juntas até onde Maurícia havia estacionado. Antes que Liv pudesse pensar em

protestar, Maurícia colocou a mala no bagageiro e abriu a porta do carro para que ela entrasse. Liv caminhou até Maurícia sorrindo e segredou baixinho:

– Sempre adorei isso. O cuidado com que você me trata.

Beijou-a rapidamente – não passou de um roçar de lábios – antes de sentar-se no banco do carona. Maurícia não fechou a porta, muito pelo contrário. Foi atrás de Liv, inclinou-se, segurou o rosto dela entre as mãos e beijou-a com vontade. Liv retribuiu com a mesma intensidade. Puxou Maurícia pela cintura, a fez sentar-se no colo dela. Sem oferecer resistência, Maurícia deslizou uma das mãos pelo pescoço de Liv, suspirou e entreabriu os lábios. A língua de Liv entrou, exigente, voraz, e ainda assim, suave. Teriam continuado, se um barulho de vozes vindo do lado de fora não as trouxesse de volta à realidade: o veículo aberto em pleno estacionamento. Separaram-se num susto, Maurícia saltando impensadamente e batendo a cabeça no teto do carro:

– Ai!

Um casal passou por elas sem notá-las. Enquanto dava a volta pela frente da S10, Maurícia esfregou

o couro cabeludo, tentando amenizar a dorzinha desconfortável. Assim que se sentou no banco do motorista, Liv puxou-a, preocupada:

– Deixa eu ver.

Abriu os cachos loiros e a examinou, apesar de Maurícia protestar. Quando afinal concordou em soltá-la, deu seu parecer penalizada:

– Vai ficar com um galo...

Maurícia fitou-a profundamente. A tonalidade peculiar dos olhos se tornando ainda mais azul quando acariciou o rosto de Liv. As bocas se aproximaram, se buscaram, se tomaram e todo o resto deixou de existir enquanto os lábios se mesclavam.

Com as portas fechadas e o *insulfilme* dos vidros as protegendo dos olhares de fora, Maurícia se permitiu realizar aquilo que o vestidinho de Liv a levava a imaginar. Subiu as mãos pelas coxas dela, desnudando-as, enquanto percorria o pescoço com os lábios. Liv deixou-se puxar para o colo de Maurícia, mas protestou, muito mais para provocar do que para realmente resistir:

– Mau...

Como se não estivesse ouvindo, Maurícia desceu as alças do vestido de Liv e pegou os seios dela nas

PERIGOSAS NACIONAIS

mãos. Falar se tornou difícil:

– Você... Sempre teve essa... Tara por...

Deixou escapar um gemido antes de conseguir completar:

– Lugares públicos?

Um sorriso malicioso surgiu nos lábios de Maurícia quando ela respondeu, com a boca em um dos mamilos:

– Não, só contigo.

A partir dali, todo e qualquer tipo de racionalidade ficou extinta. Liv moveu os quadris contra Maurícia, deixando claro o que queria, na verdade, exigindo. Maurícia a acariciou, primeiro por cima da calcinha. Não demorou muito para invadir bem mais do que a peça íntima. Com a cabeça jogada para trás, tentando inutilmente abafar os sons que deixava escapar sem nem sentir, Liv só conseguiu acompanhar o ritmo que Maurícia imprimia no início. Perdeu o controle dos movimentos com uma rapidez incrível. Pulsando, ofegando, gemendo, deixou-se conduzir com os braços enlaçados no pescoço dela, completamente rendida. Maurícia soprou no ouvido de Liv, num tom de voz enrouquecido:

– Isso, meu amor... Dá pra mim... Assim...

PERIGOSAS ACHERON

Aquilo a descontrolou em definitivo. Explodiu de forma irrefreável. Intensa, longa, absolutamente derradeira. Relaxou o corpo num último gemido e Maurícia a recebeu, apertando-a fortemente entre os braços. Liv deixou escapar sem nem sentir:

– O que foi isso?

A risada de Maurícia soou absolutamente feliz:

– Não era o que tu esperava, vestida assim?

Foi a vez de Liv rir. A escolha do vestido, o mesmo que estava usando na primeira vez em que tinham feito sexo virtual não era, nem de longe, desproposital:

– Eu não ia perder você sem lutar.

Maurícia respondeu dentro do ouvido dela, fazendo Liv arrepiar-se:

– Veio com as armas certas.

Recuou lentamente, para olhar nos olhos de Liv ao declarar:

– Mas nem precisava. O que eu tinha pra resolver com a Cláudia era passado. O meu presente e o meu futuro são teus, Liv.

Uma breve pausa antecedeu a última e mais importante frase:

– Eu te amo.

Os olhares permaneceram unidos, sem se

desviarem um milímetro. Liv respondeu com a gravidade que o assunto merecia:

– Casa comigo.

Não foi uma pergunta. Ela afirmou, e ambas sabiam disso. Maurícia poderia – e até pensou em – ignorar todo o resto. Mas fingir que os problemas inexistiam não resolveria a questão que as mantivera separadas até ali:

– Tu vai sair do Rio?

Sem hesitar, Liv sacudiu a cabeça assentindo. Mesmo assim, Maurícia continuou apreensiva:

– Meu amor, tem certeza? Não tá dizendo isso num impulso, ou pelas razões e motivos errados, ou porque tá te sentindo pressionada, ou obrigada, ou acha que eu não...?

Liv calou Maurícia com um beijo antes de voltar a se vestir e a se sentar no banco ao lado. O receio que viu surgir nos olhos dela a fez explicar:

– Não vou conseguir ter essa conversa seminua e montada em você.

O tamanho da inquietação de Maurícia ficou evidente quando ela disse tensa, sem dar um único sorriso:

– Tudo bem. Fala. Eu tô ouvindo.

Liv deixou escapar um suspiro:

PERIGOSAS NACIONAIS

– Amor, relaxa!

Segurou as mãos dela da forma mais carinhosa possível, tentando passar através do contato pelo menos um pouco da segurança que sentia:

– Fica tranquila. Eu não estou sendo impulsiva, muito pelo contrário. Pensei exaustivamente sobre o assunto e já tinha me decidido, antes de tudo isso.

Parou para respirar, um instante ínfimo, que para Maurícia pareceu infinito.

– A possibilidade de te perder só me fez ter mais certeza ainda.

A expressão de Maurícia se tornou serena. Liv sorriu:

– Mau... Pensar em viver sem você faz todo o resto ficar sem sentido.

Segurou o rosto dela entre as mãos e a fitou profundamente ao proferir:

– Eu te amo. Quero passar o resto da minha vida com você. Preciso de mais alguma justificativa?

Liv nunca tinha visto um sorriso mais lindo do que o de Maurícia naquele momento:

– Acho que não, mas... Qualquer coisa te aviso...

O riso que se seguiu foi compartilhado. Maurícia ergueu a mão direita, acariciou o pescoço de Liv de leve, assustou-se com a temperatura da pele:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Tu tá gelada!

Liv deu de ombros:

– Começando a congelar, mas tudo bem. Vou ter que me acostumar, né?

Inclinando-se para o banco de trás, Maurícia tateou até encontrar o que procurava. Liv suspirou aliviada quando foi envolvida pelo calor aconchegante do casaco dela. Aspirar o perfume que exalava do tecido, assim como suspirar, foi inevitável.

– Amor... Nem tá frio... Quando foi a última vez que tu comeu?

Sequer tinha almoçado, mas sabia que Maurícia enlouqueceria se soubesse a verdade:

– O lanchinho da Neiva aí atrás segura a minha fome tranquilamente durante a viagem.

– Mesmo? Não quer jantar?

O bocejo saiu sem que Maurícia pudesse controlar. Liv a observou atentamente, os olhos azuis pareciam absolutamente fatigados. Afagou o rosto dela com suavidade:

– Amor... Você dirigiu o dia inteiro. Não tá cansada?

Ela abaixou a cabeça para esfregar a face contra a palma que a tocava:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Tô acostumada a dirigir na estrada.

Liv aproximou-se, disse com a boca tão próxima que Maurícia sentiu a respiração misturar-se à dela:

– Eu sei, mas... Não acha melhor passar a noite aqui?

Para surpresa de Liv, Maurícia concordou sem protestar:

– Tá.

O olhar permaneceu fixo nos lábios de Liv, como se nada mais importasse.

As bocas se encontraram com uma voracidade doce, narcotizante, sedutora, que arrancou um gemido rouco da garganta de Maurícia e fez com que o corpo inteiro de Liv estremecesse, eletrizado. Foi Liv quem interrompeu o contato, assim que ele se tornou mais ousado:

– Foi ótimo o que fizemos aqui no carro, mas... Não acha melhor continuar num lugar mais confortável?

A risada de Maurícia foi espontânea, divertida e inteiramente apaixonada. Só então percebeu o quanto os vidros estavam embaçados. Com um sorrisinho maroto, girou a chave na ignição e ligou o ar para melhorar a visibilidade:

– Tá. Antes que eu não enxergue mais nada...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Vou tentar segurar a minha “tara”...

Colocou o cinto e, só depois que Liv fez o mesmo, passou a marcha:

– Mas só até chegarmos no quarto.

Liv riu, deliciada com a pressa evidente com que Maurícia saiu com o carro.

Segundo o recepcionista que as atendeu, o quarto oferecia uma incrível vista do Guaíba. Liv teve que acreditar nas palavras dele, porque Maurícia não lhe deu tempo de conferir se era mesmo verdade. Assim que a porta se fechou atrás delas, colou a boca na de Liv, fez o vestido cair no chão e passeou as mãos por todo o corpo dela como se há meses não a tocasse. Arrancou as próprias roupas no caminho da cama, onde caíram juntas, com uma urgência desenfreada.

Provocou, instigou, saboreou o gosto dela lentamente. Liv correspondeu debaixo de Maurícia oferecendo-se integralmente entre suspiros, mordidas, beijos e palavras arfadas.

Evidente nas peles que se arrepiavam, no arquear das costas, na rigidez dos seios, nos murmúrios e suspiros roufenhos que, se continuassem daquele

PERIGOSAS ACHERON

jeito, seria rápido, e não era o que Maurícia desejava. Encostou a boca no ouvido de Liv, e sussurrou bem lá dentro, num tom irresistivelmente roufenho:

– Fica de quatro...

Sem hesitar, Liv obedeceu. Olhou para trás, bem a tempo de ver Maurícia levando o indicador e o dedo médio da mão esquerda à boca. Lenta, explícita e sensualmente, lubrificou-os, antes de entrar, preenchendo-a. Com a direita, acariciou Liv, acompanhando o compasso da outra mão com a percepção exata do instante certo de avançar e retroceder. Perfeição que se distendeu em forma de ritmo, pressão, andamento... Como se pressentisse o pulsar interno dela. Sem pressa, ciente de que o gozo viria, era apenas questão de tempo, como realmente foi.

Liv deixou de lado qualquer tipo de pudor, restrição ou reticência. Ofegou, gemeu, gritou... Coisas inconfessáveis, impossíveis de serem repetidas fora da coerência daquele momento. Estremeceu violentamente, em uma entrega primitiva, definitiva, plena. Após o último e derradeiro espasmo deixou-se cair de bruços no colchão.

PERIGOSAS NACIONAIS

Maurícia se deitou por cima dela, beijando-a e mordendo-a na nuca, arrepiando Liv inteira. Comprimiu, insinuou, roçou o corpo contra o dela devagar, saboreando mesmo. Assim que se recuperou, Liv sugeriu, de um jeito muito mais que convincente:

– Deixa eu virar...

Maurícia afastou-se o suficiente para que ela rolasse sobre o próprio corpo. Assim que ficaram frente a frente, recomeçou o movimento cadenciado. Mas o que Liv realmente queria era bem diferente:

– Vem cá, vem...

Segurou Maurícia pelas coxas e, puxando-a para cima, encaixou-a com as pernas abertas sobre o próprio rosto. Antes de mergulhar a boca e a língua no que lhe era oferecido, fez questão de dizer, com uma antecipação absolutamente arrebatada, faminta e rouca:

– Minha vez.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Maurícia soltou a cabeceira da cama e foi descendo o corpo pelo de Liv. Deixou-se ficar em cima dela, exausta, mas absolutamente feliz. Sorriu quando Liv sussurrou:

– Eu te amo.

Escorregou para o lado, virou-se para ela e beijou-a nos lábios antes de responder:

– Também te amo.

Sorriram uma para a outra. Beijaram-se de novo, preguiçosamente. Então, Maurícia deitou-se de costas e suspirou. Liv acompanhou o movimento, repousando a cabeça no ombro de Maurícia e uma das pernas por cima das dela.

Ficaram assim, abraçadas, até o estômago de Liv roncar, tão alto que Maurícia ouviu e riu:

– Melhor eu te alimentar... E rápido!

Beijou-a rapidamente nos lábios antes de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

levantar-se, pegar o telefone e ligar para o serviço de quarto:

– Oi, boa noite. Queria algo rápido e com...

Olhou para Liv para confirmar:

– Frango?

Liv assentiu com um sorriso. Maurícia ficou em silêncio por um instante, só escutando, depois pediu para a pessoa do outro lado da linha:

– Só um instante.

Tirou o telefone do ouvido e virou-se para Liv:

– Peito de frango grelhado com fettuccine ou spaghetti, tem três tipos de molho mas... Eu esqueci quais.

Riram juntas antes de Liv responder:

– Tanto faz, amor. O que for mais rápido.

– Ok.

Voltou para o telefone:

– O que sai mais rápido?

Liv não resistiu, levantou e abraçou Maurícia por trás, beijando-a no pescoço e tornando muito difícil para ela manter a voz normal:

– É... Esse. Então, obrigada.

Girou nos braços dela assim que desligou:

– Meia hora. Dá pra aguentar?

Liv suspirou:

PERIGOSAS ACHERON

– Tenho outra opção?

Olharam juntas para a caixa térmica vermelha ao lado da mala, mas foi Maurícia que sugeriu:

– Quer ver o que tem ali dentro?

A resposta veio sem a menor hesitação:

– Estamos esperando o quê?

Depois de saciar um pouco a fome atacando alguns pastéis de carne e um pedaço de bolo da Neiva, Liv entrou no chuveiro. Deixou a água quente escorrer pelo corpo antes de lavar os cabelos, com uma felicidade tão grande que chegava a dar medo. Tirou todo o shampoo, passou o condicionador e esperou, totalmente imersa nos próprios pensamentos e sentimentos. Seria uma mudança drástica, com certeza. Mas sentia segurança suficiente em Maurícia e na relação que tinham.

Voltou a enxaguar a cabeça. Quando abriu os olhos, Maurícia estava parada, observando-a do outro lado da porta de vidro entreaberta, com um sorriso que fez Liv derreter.

– A comida chegou.

Só entendeu o duplo sentido do que tinha dito

PERIGOSAS NACIONAIS

depois que Liv começou a rir:

– Ah, é?

Despiu-se, entrou no Box, fechou a porta atrás dela e beijou-a, mas de um jeito bem diferente do que Liv esperava. O toque dos lábios foi carinhoso, terno, delicado, sem nada de sexual. Da mesma forma, ensaboou todo o corpo de Liv, com um cuidado apaixonado e gentil. Contato que fez Liv suspirar e depois enlaçar o pescoço dela com os lábios:

– Eu te amo.

Com o rosto colado no dela e os braços ao redor da cintura de Liv, Maurícia retribuiu:

– Também te amo.

Não soou repetitivo, apesar das milhares vezes em que, naquele último par de horas, as mesmas frases haviam sido ditas.

Os lábios se reencontraram antes de Liv sair do chuveiro enrolada em uma das toalhas. Enquanto usava o secador de cabelos, Maurícia lavou os dela. Quando Maurícia desligou o chuveiro e saiu do box, fitaram-se e sorriram juntas, plenamente conscientes do que enxergavam e percebiam: a beleza daquele momento, marco e promessa de um começo de vida a duas.

PERIGOSAS ACHERON

Maurícia aproximou-se, ergueu a mão direita e acariciou o rosto de Liv com delicadeza. Apesar de suave, a carícia teve uma intensidade que causou nas duas um estremecimento ténue. Depois escorregou uma das mãos pelo pescoço dela, até encaixá-la na nuca:

– Cheguei a pensar que isso não aconteceria. Mas, felizmente, tu te embriagou ontem...

Liv aproximou o rosto, deixando os lábios próximos a ponto de antecipar – e desejar – o gosto da respiração dela na boca, mas não a beijou. Enlaçou Maurícia pela cintura e, fitando-a profundamente, puxou-a para si:

– Isso fez toda a diferença. Você já disse, só não me contou por quê...

Segurando o rosto de Liv entre as mãos, Maurícia sorriu:

– O teu jeito, as coisas que falou... Tu me deu certeza do que quer.

A voz saiu rouca, sussurrada, tremida:

– E de que é minha.

Procurou a boca de Liv com um ardor suave, doce, perfeito. Suspiraram juntas quando concretizaram o beijo. Absolutamente intenso, foi o sabor daquele momento, livre de toda e qualquer

dúvida, insegurança ou impedimento.

O toque do celular de Liv as interrompeu. Ela riu e correu em direção ao aparelho, sem precisar conferir para saber quem estava ligando com tanta insistência:

– Esqueci completamente do Fábio!

Maurícia riu, enquanto Liv atendia:

– Oi Fá! Melhor impossível!

E só então lembrou que precisava ligar para o irmão também. Até tentou, mas não conseguiu falar com ele. Vestiu uma camiseta de Liv – já que não tinha trazido outra roupa além da do corpo – deitou-se e ligou a TV. A atenção se dividiu entre o noticiário e Liv e seu hábito estranho – que, aos olhos apaixonados de Maurícia parecia fofo, uma graça e até instigante – de andar de um lado para o outro enquanto falava no celular:

– Ah, que bom! Manda um beijo pro Daniel e outro pra Sabrina!

Ela parou para escutar o que o amigo dizia do outro lado antes de voltar a caminhar:

– Olha, eu acho que ele tá sim, muito interessado. Vai com calma, investe porque acho que vale.

Os conselhos e incentivos continuaram durante

algum tempo. Maurícia esperou pacientemente até que Liv desligasse:

– Então tá, amanhã a gente se fala.

Piscou para Maurícia, respondeu o que ela provavelmente diria:

– Tá, ela também tá te mandando um beijo, Fá. Beijo... Tchau...

Liv desligou, colocou o aparelho em cima da mesa de cabeceira e parou na frente de Maurícia. Uma seriedade estranha surgiu nos olhos azuis:

– Quem é essa Sabrina?

O tom não foi agressivo, mas não era, nem de longe o normal. Continha uma ansiedade velada, que exigia uma resposta imediata:

– A amiga do cara por quem o Fábio tá profundamente interessado.

Fez questão de frisar:

– Ela é hétero.

A frase fez Maurícia franzir o cenho:

– Como tu sabe?

Com um sorriso divertido nos lábios, Liv transpôs a distância que as separava, e sentou-se no colchão na frente dela:

– Mau... Você não está com ciúmes, está?

Maurícia suspirou e mordeu de leve o lábio

inferior:

– Eu poderia dizer que estou com uma pontinha de ciúmes, mas estaria mentindo. Estou é com um ciúme do tamanho do universo!

Desviou os olhos, numa tentativa inútil de esconder de Liv que eles se encheram de lágrimas. Contendo a vontade de rir, envolveu Maurícia com os braços:

– Meu amor, que bobagem... Passei a noite falando sobre você e a primeira coisa que fiz quando cheguei na casa do Fábio foi te ligar.

Uma breve pausa antecedeu a mudança brusca e inesperada:

– E você e a Cláudia?

Não foi só a voz, o corpo todo de Liv pareceu endurecer. Maurícia afastou o rosto, apenas o suficiente para fitá-la:

– O que tu quer saber?

Havia firmeza no olhar dela, mas ainda assim, Liv precisava perguntar:

– Vocês só conversaram?

De um jeito quase masoquista, porque na mente dela imagens totalmente indesejadas ilustraram as palavras, voltou a indagar:

– Não teve nenhum... Beijo de despedida ou...

Sei lá.

Foi a vez de Liv desviar o olhar.

– Amor... Olha pra mim.

Segurando o rosto de Liv carinhosamente entre as mãos, Maurícia a fez fitá-la antes de completar:

– Não houve nada.

De uma forma inexplicável, Liv soube, sentiu, teve certeza que era verdade. Tomou os lábios de Maurícia nos dela, a intensidade do beijo deixando as duas sem ar. Maurícia mergulhou o rosto nos cabelos de Liv e ficaram ali abraçadas, os rostos colados, respirando juntas aquele instante de puro carinho, absolutamente meigo, doce, suave. Foi Maurícia quem o interrompeu. Ainda sem mover-se, balbuciou baixinho, perto do ouvido de Liv:

– Tu ainda não me disse.

A surpresa dela foi verdadeira, realmente não entendeu:

– O quê?

O esclarecimento veio rápido, como se Maurícia estivesse esperando ansiosa para proferi-lo:

– Como tu sabe que essa tal de Sabrina é hétero?

Impossível para Liv deixar de rir:

– Vou te contar com detalhes e você vai rir! Podemos jantar enquanto isso? A comida já deve

PERIGOSAS NACIONAIS

estar gelada, mas estou faminta!

Sem esperar a resposta, puxou-a em direção a mesa:

– Vem comigo.

Quando terminaram de comer, escovaram os dentes juntas. Na verdade Maurícia chegou na pia primeiro e foi a última a bochechar e fechar a torneira porque, com um sorriso impicante, Liv se meteu no meio de um jeito muito mais rápido e eficiente. Enxugou o rosto e as mãos e foi atrás dela, que já estava deitada na cama com um olhar absolutamente convidativo. Suspirou quando o celular começou a tocar, olhou só para confirmar quem era o inconveniente:

– É o mano.

Hesitou, tentada a ignorar a ligação. Como se adivinhasse ou lesse seus pensamentos, Liv interveio:

– Coitado, Mau.

Maurícia acabou dizendo:

– Amanhã falo com ele.

Desligou o celular e ficou alguns minutos parada, contemplando Liv.

PERIGOSAS ACHERON

– Quê?

A sensualidade involuntária com que foi formulada a pergunta fez Maurícia caminhar na direção dela devagar, sorrindo. Sentou ao lado de Liv na cama, inclinou-se, beijou-a de leve nos lábios e só depois disse:

– Gosto de te olhar... Também.

As bocas voltaram a se encontrar sem pressa. Maurícia deitou-se sobre Liv e, pressionando-a com o corpo, escorregou as mãos por debaixo da camiseta dela, de um jeito suave, preguiçoso, lânguido, que arrancou suspiros de ambas. Liv correspondeu enlaçando Maurícia pelo pescoço, passando as pernas ao redor da cintura dela e puxando-a mais para si.

Despiram-se entre palavras sussurradas e gemidos roucos, com a lentidão proposital de quem deseja saborear minuciosamente, até que, pouco a pouco, todo e qualquer vagar cedesse, dando lugar à uma rendição ofegante, trêmula e extrema, que as acompanhou noite adentro.

No dia seguinte, Maurícia acordou cedo, mas não se levantou. Permaneceu imóvel, admirando a

mulher que – de bruços, com um dos braços debaixo do travesseiro – dormia ao lado dela serenamente. Sabia que aquele momento de idílio era especial e único. A realidade viria, e resolvê-la não seria tão simples. Tinha pensado muito, de forma exaustiva, nos últimos dias. Estava disposta a fazer qualquer concessão, o que fosse preciso, até mesmo morar uma parte do tempo no Rio. A única coisa inconcebível era ficar sem Liv.

Com cuidado para não despertá-la, enfiou o rosto no pescoço dela e aspirou. De olhos fechados, sem estar realmente acordada, Liv soltou um grunhido de satisfação bem baixinho e virou-se:

– Mau? Já acordou?

Estreitando-a nos braços, Maurícia sussurrou:

– Ainda é cedo...

Acariciou o rosto dela:

– Dorme, meu amor.

Com um suspiro de concordância, Liv aconchegou-se. Maurícia beijou-a e ficou ali, velando o sono dela com um prazer inteiramente feliz e tolo.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Liv gemeu preguiçosamente contra os lábios de Maurícia. Beijou-a de volta ainda de olhos fechados. Só os abriu quando percebeu que ela estava sentada na cama, inteiramente vestida e de cabelos molhados:

– Que horas são, amor?

Maurícia resvalou a boca pelo rosto de Liv para sussurrar perto do ouvido dela:

– Quase dez.

Beijou-a novamente, antes de percorrer o pescoço de Liv com os lábios, gerando arrepios incontroláveis. Liv enlaçou Maurícia pelo pescoço e puxou-a mais para si:

– Já? Por que não me acordou antes?

Maurícia sorriu:

– Tu parecia cansada, achei melhor te deixar dormir.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Perdemos o café...

A constatação, seguida de um suspiro desconsolado, fez Maurícia deixar escapar uma risada divertida:

– Tenho certeza que podemos encontrar uma padaria no caminho.

Liv sorriu antes de dar a resposta: um beijo na boca, com um sabor absolutamente feliz, apaixonado e... Faminto.

O celular de Maurícia tocou no meio do caminho. Ela pediu para Liv com um sorriso:

– Atende, amor?

Fazendo com que o receio que ameaçou surgir se dissipasse de todo. Liv pegou o aparelho entre elas e atendeu sem nem preocupar-se em ver primeiro quem era:

– Alô?

– Tão vivas?

Falou só para Maurícia saber:

– Oi, Miguel!

Depois informou:

– A Mau tá dirigindo. Ela tentou te ligar ontem.

Ele retrucou fingindo indignação:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Tentei retornar, mas tava fora de área ou desligado a noite toda.

– Um minuto.

Liv afastou o celular do ouvido e virou-se para Maurícia:

– Você desligou o telefone ontem?

Com um aceno de cabeça e um olhar malicioso, Maurícia confirmou:

– Mas hoje cedo liguei de novo.

Sem estar aborrecida de fato, Liv voltou a falar com o cunhado:

– É, ela desligou.

Antes que pudesse pensar em uma desculpa ou justificativa plausível, ele exclamou:

– Tá, nem precisa dizer mais nada!

Riram juntos, antes de Liv replicar:

– Obrigada pela descrição.

Verdadeiramente aliviada, porque se fosse Fábio ou Leandro, seria forçada a entrar em detalhes.

– De nada, amore. Mas me fala: já posso te chamar de cunhada?

Liv riu e olhou para Maurícia de forma enigmática:

– O que você acha?

Ela não conseguiu conter a curiosidade:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Posso saber o que tu e o mano tanto fofocam?

Ao mesmo tempo, Miguel falou:

– Eu? Não sei mais de nada...

O sussurro que ouviu ao fundo seria impossível de identificar, se Liv não soubesse exatamente do que se tratava, mesmo se Miguel não explicasse:

– Vou passar pro Le antes que ele quebre o meu braço.

De um jeito absolutamente rápido, que fez Liv ter certeza de que o aparelho havia sido arrancado das mãos do cunhado, a voz de Leandro se fez presente:

– Liv, conte-me tudo, não me esconda nada!

Liv pousou a mão esquerda na perna de Maurícia e enfatizou, em parte para mantê-la informada:

– Oi pra você também, Le.

Ele prosseguiu como se não tivesse escutado:

– Posso saber onde vocês estão?

Maurícia pegou a mão de Liv e passou a marcha com os dedos entrelaçados nos dela, fazendo com que a resposta soasse absolutamente desatenta:

– Na estrada, indo pra casa.

Leandro riu de um jeitinho implicante:

– Então tá, meu amor...

A gargalhada que se seguiu foi interrompida,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como se subitamente ele se tocasse:

– Peraí, peraí... Vocês tão vindo pro Rio de Janeiro de carro?

– Pro Rio de carro? Não, é claro que não, nós...

O corte foi gritado:

– Por todos os deuses do Olimpo, Liv! Não me diz que você vai se enfiar aí nesse mato!

Uma breve discussão se estabeleceu do outro lado, enquanto Liv e Maurícia se entreolhavam e Maurícia perguntava:

– Que foi?

Antes que Liv pudesse responder, a voz de Miguel surgiu, perceptivelmente exaltada:

– Liv, passa o telefone pra Mau?

Estendeu o celular para Maurícia sem discutir:

– Seu irmão quer falar com você.

Ela franziu o cenho e recusou, num tom incontestável, alto o bastante para que Miguel escutasse e não insistisse:

– Diz que ligo pra ele quando chegarmos.

Liv nem precisou repetir.

– Miguel, ela...

Foi só o que conseguiu dizer antes do cunhado interrompê-la:

– Tudo bem, Liv, eu ouvi.

PERIGOSAS ACHERON

De uma forma inteiramente cúmplice, antes de despedir-se, pediu:

– Faz ela me ligar, ok?

Depois que desligou, Liv não disse nada. Sorriu para Maurícia, voltou a pousar a mão esquerda na perna dela, passou a direita pelos cabelos, jogando-os para trás, recostou-se no banco e ficou com o olhar perdido... Imersa nos próprios pensamentos, como se estivesse num universo distinto. Tentou afastar a insegurança e o medo que surgiu. As palavras de Leandro ecoaram, como se uma parte dela as repetisse:

– Vai se enfiar aí nesse mato?

Por outro lado, havia outra voz que, na contramão de tudo o que racionalmente pensava ou achava que sabia insistia:

– Não importa o lugar, o que importa é estar com ela.

Procurou as respostas dentro de si, apenas para descobrir que não as tinha.

O silêncio que se instaurou não incomodou Maurícia a princípio. Mas quando a mudez de Liv pareceu erguer uma espécie de barreira invisível entre elas, não perguntou, apenas constatou o que via e sentia:

– A reação deles mexeu contigo.

Liv olhou para ela profundamente. E sorriu:

– Se eu te dissesse que não estou com medo estaria mentindo.

– Acha que estamos nos precipitando?

– Não é isso. É só... Esse sentimento de que estou me lançando no desconhecido.

Não era a melhor forma de conversarem algo tão importante. Maurícia preferia não estar dirigindo. Felizmente, avistou um posto de gasolina a poucos metros.

– Espera um pouco. Vou parar ali.

Assim que desligou o carro virou-se para Liv:

– Tu não precisa vir, meu amor. Eu posso morar no Rio.

Se não fosse a seriedade nos olhos azuis, Liv teria rido:

– Amor... É lindo você me propor isso, só que não faz sentido.

Maurícia abriu a boca para contestar, mas Liv encostou os dedos nos lábios dela, impedindo-a:

– Sinceramente? Eu não te vejo morando no Rio. É muito mais fácil eu me adaptar a um novo estilo de vida.

Não era, nem de longe, o suficiente para deixar

Maurícia tranquila:

– Tu tem certeza?

– Não. Mas estou disposta a tentar.

– Eu também, mas... Acho que ainda temos muitos detalhes pra resolver e eu preferia ter essa conversa mais tarde, com calma.

Liv assentiu com a cabeça. Concordava em gênero, número e grau. Maurícia estalou o pescoço, movendo-o de um lado para o outro. Liv ficou observando antes de sugerir:

– Quer tomar um café?

Sem hesitar, Maurícia recusou:

– Não. Mas se tu quiser, vamos.

Liv não insistiu:

– Por mim não precisa. Mas...

Foi com um cuidado delicado, quase sutil que inquiriu:

– Você não tá cansada?

Os olhos se encontraram e nos de Maurícia, algo mudou. Liv não saberia explicar como, o quê, nem o porquê, mas estava ali. Visível e palpável, na forma indefesa com que ela confessou:

– Um pouco.

Mais ainda quando propôs:

– Tu não quer dirigir?

PERIGOSAS NACIONAIS

A chegada foi absolutamente diferente da vez anterior. Não por Liv estar dirigindo, mas pela expectativa que pairava sobre as duas. Para Liv, a mudança e o fato de estar entrando não mais como visita, nem somente de passagem, já era, por si só, um pensamento que gerava uma sensação no mínimo estranha. Maurícia, por outro lado, queria que ela se sentisse confortável. Suficientemente à vontade para alterar o que fosse preciso para que realmente se sentisse em casa. Ao mesmo tempo, sabia que não seria fácil nem imediato. Todo um processo de adaptação seria necessário.

Liv desligou o carro e ficou parada. Maurícia chamou-a de um jeito absolutamente suave:

– Vem...

Puxou-a pela mão. E foi assim, com os dedos enlaçados, que entraram juntas na casa.

Foi só depois, muito depois, quando Neiva as deixou sozinhas na sala com um:

– Boa noite!

Muito mais reservado que o habitual, que Maurícia propôs:

– Vamos conversar?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Segurando o rosto de Maurícia entre as mãos, Liv sussurrou:

– Vamos.

Antes de beijá-la nos lábios, com um ardor suave, doce, mas nem por isso menos intenso. Assim que as bocas se separaram, Liv perguntou:

– Como vai ser com a Neiva?

Era apenas uma das questões que a preocupavam. Maurícia foi sincera:

– Amor, a Neiva não é problema.

Da mesma forma, Liv falou abertamente:

– Como não? Não quero ter que ficar me escondendo, nem fingindo que somos apenas amigas e...

Maurícia riu:

– Se tem uma coisa que ela não pensa é que somos apenas amigas. Isso tu pode ter certeza!

Liv insistiu:

– Tá, Mau. Saber é uma coisa. Outra coisa é só poder te beijar depois que ela sair, como aconteceu hoje.

– Mas tu realmente quer me beijar na frente da vóia?

Nem o tom de brincadeira fez Liv relaxar:

– Não sei se vou. Mas quero poder.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A apreensão dela era visível. Maurícia apertou-a entre os braços, beijou-a nos lábios e só então voltou a falar:

– Amor, tu pode. E deve. Mas vamos com calma, a Neiva precisa se acostumar com a tua presença primeiro. Na verdade, com a Neiva o problema vai ser outro.

Liv afastou-se para fitá-la:

– O que você quer dizer?

Segurou as mãos de Liv entre as dela para responder:

– Digamos que o difícil pra ela vai ser tu interferir na rotina da casa, entrar na cozinha, etc.

Um suspiro acompanhou a réplica:

– Coisas que, com certeza, eu vou querer fazer.

– É.

– E?

– Vai fazer e deve. Amor, a Neiva tá aqui desde antes de eu nascer, mas é a nossa casa, vai ser do nosso jeito. Ela vai espernear e reclamar no começo, mas logo se acostuma. Sem estresse, tá? A casa é tua. Ok?

– Ok.

Com uma implicância sugestiva, Maurícia piscou para Liv:

PERIGOSAS ACHERON

– Fica tranquila, a minha mulherzinha vai poder cozinhar pra mim.

Gemeu com o tapa que levou no braço:

– Ai!

Esfregou o local atingido fazendo careta, tornando impossível para Liv resistir. Escorregou uma das mãos por baixo dos cachos loiros, até encaixá-la na nuca e, atraindo-a para si, procurou a boca de Maurícia com a dela. Obteve imediato retorno. Sem interromper o beijo, Maurícia puxou-a, trazendo-a para o próprio colo. Não saberiam dizer quanto tempo ficaram ali, daquele jeito, inteiramente entregues. Foi Maurícia quem interrompeu o beijo. Segurou o rosto de Liv entre as mãos e a fitou profundamente:

– Tu tá mesmo decidida?

Liv viu, sentiu, compreendeu toda a ansiedade e insegurança dela. Retribuiu o olhar com o mesmo calor intenso:

– Mau... Quantas vezes eu vou precisar dizer? Não foi uma decisão impulsiva, na verdade eu já pensei em tudo: como eu vou sair do emprego, vender o carro, devolver o apartamento, empacotar e trazer as minhas coisas...

Um sorriso esplendoroso de Maurícia pontuou o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

exato momento em que ela se convenceu em definitivo:

– Sabe que eu vou fazer tudo isso contigo, né?

Com os braços ao redor do pescoço de Maurícia, Liv provocou:

– Ah, é? Não sabia...

O riso que compartilharam levou-as a um beijo apaixonado, sôfrego, voraz. Separaram-se sem fôlego, com dificuldade de respirar. Riram de novo até Maurícia falar baixinho, bem perto da orelha de Liv, fazendo com que ela se arrepiasse:

– Acho bom tu te acostumar. Não pretendo ficar nem mais um dia sem ti.

Aquilo despertou uma reação incontrolável. Agarrou Maurícia pelos cabelos, beijou-a com vontade, enfiando a língua de um jeito absolutamente exigente, urgente, inadiável. Escorregou as mãos por baixo das roupas dela deliciando-se com os tremores que causava. Surpreendeu-se quando Maurícia a afastou, segurando-a pelos pulsos. O início de revolta que sentiu imediatamente se apagou com o que viu nos olhos azuis quando sugeriram:

– Vamos pro nosso quarto?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Um som que expressava mais, muito mais do que a mais profunda exasperação escapou involuntariamente da garganta de Liv quando ela atirou a mala em cima da cama e a abriu. Escancarou todas as portas do armário, começou esvaziando as gavetas, as mãos pegando as roupas com uma fúria capaz de desdobrá-las e amassá-las completamente enquanto enfiava o maior número de peças possível no insuficiente receptáculo. Só parou quando a montanha de tecido superou a altura das laterais em mais de dois palmos. Subiu em cima da mala, jogando todo o peso do próprio corpo e da própria raiva para conseguir fechá-la.

Empurrou a pesada bagagem para o chão, puxou-a para fora do quarto, só parou um instante ao deparar-se com a escada. Não se fez de rogada, arrastou-a para baixo sem tentar amenizar em nada

PERIGOSAS ACHERON

o barulho que o impacto contra cada degrau estrondosamente ecoava. Assim que pôs os pés no primeiro andar viu Neiva esgueirando-se para dentro da cozinha. Foi interceptada por Maurícia no meio da sala:

– Amor, o que é isso? Espera! Me escuta! Vamos conversar...

Desvencilhou-se dela com um safanão:

– Porra nenhuma! Sai da minha frente agora! Não temos mais nada pra conversar.

Maurícia não obedeceu. Postou-se na frente da mulher com as mãos em direção a ela, mas sem voltar a tocá-la, como quem, cuidadosamente, se aproxima de um animal selvagem:

– Liv... Liv... Te acalma, por favor! Tu tá nervosa demais pra dirigir e... E...

Buscou as palavras com desespero. Em vão. Não conseguiu encontrá-las.

– E o quê, Maurícia? Se você ainda não entendeu, eu te falo, com todas as palavras: Acabou. Chega. Ponto final. Isso é fato. Nada que você diga pode mudar.

Fitaram-se durante um segundo que para Liv pareceu se estender pela eternidade. Maurícia só conseguiu desejar que realmente durasse. Falou de

um jeito surpreendentemente delicado, num tom baixo, doce, suave:

– O que foi que eu fiz? Pra tu ficar assim, nesse estado?

Os olhos de Liv faiscaram:

– Vai me dizer que não sabe?

Por um breve minuto, Maurícia procurou em si mesma a resposta, sem resultado. Para Liv não passou despercebido que ela realmente ignorava:

– Pense no que você não fez. Vai ter mais resultado.

Passou por ela aproveitando a surpresa, pela qual Maurícia foi inteiramente tomada. Mas a catatonia de Maurícia não durou o tempo suficiente para que Liv chegasse ao carro. Maurícia não correu, voou atrás dela, alcançou-a na varanda e, antes que Liv pudesse descer os degraus da entrada virou-a, segurando-a com força pelo antebraço:

– Olha pra mim! Quero que tu diga me olhando nos olhos: vai mesmo jogar fora três anos de casamento sem nem me dizer o porquê?

Só teve consciência que torcia o braço dela quando Liv protestou, com os olhos marejados:

– Você tá me machucando...

Afrouxou a pressão dos dedos, mas não a soltou,

puxou-a contra si com uma rudeza apaixonada:

– Seja razoável.

Não só a proximidade física, mas a forma com que a frase foi dita, os olhos azuis suplicantes, as bocas próximas a ponto dos hálitos se mesclarem, o efeito foi imediato. Liv hesitou, precisou de um esforço imenso para conseguir sussurrar:

– Me larga...

Foi ignorada, ou melhor, atendida, porque Maurícia captou, de forma integral, que a frase significava exatamente o contrário.

– Não...

Soprou contra os lábios de Liv antes de apreendê-los com os dela. Estremeceram assim que se concretizou o contato. Liv foi incapaz de resistir, por mais que internamente tentasse. Com um gemido de satisfação indisfarçável, passou os braços ao redor do pescoço de Maurícia e correspondeu do mesmo jeito incondicional. Maurícia prolongou o beijo ao máximo, num anseio explícito de fugir do embate. Mas era inevitável. A hostilidade regressou aos olhos de Liv antes mesmo que as respirações se normalizassem:

– Se você acha que um beijo vai fazer diferença, tá muito enganada! Não vai mudar em nada o fato

de eu estar cansada, muito cansada de me sentir abandonada.

Enlaçou Liv pela cintura, encostou o rosto no dela, acariciou os cabelos castanhos com a mesma ternura com que disse:

– Amor... Meu amor... Tu sabe que não é assim...

Liv saltou, afastou-se como se tivesse sido esbofeteada:

– É assim sim! Você nunca tem tempo pra mim. Tenho que implorar a sua atenção. Não aguento mais competir com bezerros, bois, vacas e... E... E... Sabe-se lá mais o quê!

Maurícia compreendeu de imediato. Aquele era o ponto que importava de verdade:

– O que tu quer dizer?

Liv virou o rosto, recusando-se a fitá-la. Mordeu o lábio inferior numa tentativa inútil de conter as lágrimas. A delicadeza de Maurícia deu lugar a uma necessidade imperativa de arrancar a verdade. Segurando-a pelo queixo, obrigou Liv a encará-la:

– Fala!

Um leve estremecimento tomou conta do corpo de Liv antes que ela afinal confessasse:

– Você agora fica na internet até de madrugada...

Para Liv, mais do que o silêncio que seguiu a

insinuação, a forma com que Maurícia a soltou e recuou foi a comprovação final:

– Eu sabia! Sua filha da puta miserável!

A perplexidade de Maurícia perdurou até Liv avançar esbravejando, as mãos erguidas para estapeá-la. Não revidou, aparou os golpes com os braços antes de agarrá-la pelos pulsos, repetindo:

– Calma... Amor, calma.

Contorcendo-se como se estivesse possuída, Liv não parava de gritar:

– Amor é a puta que te pariu! É a vagabunda com quem você faz sexo virtual! Me deixa! Me larga!

Levou alguns chutes, de outros conseguiu se esquivar. Mas não a soltou, nem desistiu de pedir:

– Liv... Ui... Me escuta... Ai... Escuta... Liv... Me ouve, só um segundo... Aiê!...

Apesar de não obter o menor resultado. Uma ira insana a cegava, Liv só parou quando ficou completamente vencida pelo cansaço.

Maurícia então segurou o rosto dela entre as mãos. Com força, para que Liv não fugisse sem, no entanto, machucá-la. Fitou-a profundamente ao afirmar:

– Tu tá enganada.

PERIGOSAS NACIONAIS

A raiva de Liv era quase palpável. Proferiu entre os dentes, quase um rosnado:

– Você nega? Tem coragem?

A resposta foi enfática:

– Vai me deixar falar? Melhor ainda: vou te mostrar o que eu fiz durante as últimas noites na internet!

Pegou-a pela mão:

– Vem comigo!

Não deu tempo para que Liv contestasse, puxou-a em direção ao escritório:

– Vem! Agora! Sem me questionar!

Atravessou a sala com passos tão largos que Liv quase teve que correr para acompanhá-la. Abriu a porta do escritório e fez sinal para que ela entrasse, mas Liv só ingressou no cômodo depois de um breve instante de hesitação. Irritante devagar, como que num último e frágil esboço de rebeldia. Protestou quando Maurícia fechou e trancou a porta atrás de si e depois guardou a chave no bolso:

– Mas o que é que você...?

Maurícia nem a deixou completar:

– Só pra garantir que tu me escute até o fim.

PERIGOSAS ACHERON

Com um sorriso que Liv classificou para si mesma como perigosamente lindo, Maurícia caminhou em direção a ela. Instintivamente, deu dois passos para trás, até encostar-se e apoiar-se na própria mesa. Afastou a fraqueza que ameaçava tomá-la e preparou-se para lutar. No entanto, não foi preciso. Maurícia passou direto e parou em frente à mesa dela, onde abriu e ligou o notebook. Mexeu no mouse durante um tempo que pareceu infinito. Liv desviou o olhar com muito custo, vê-la ali na frente do computador sempre trazia lembranças que naquele exato momento preferia fingir que não existiam. Olhou para a estante que ocupava uma das paredes inteira, contou mentalmente os módulos, apesar de saber de cor quantos eram, já que os tinha projetado.

“Oito, nove... Que diabos ela tanto mexe nesse maldito notebook? Treze, quatorze... O que será que vai me mostrar? E-mails de alguma putinha? Dezenove, vinte... Quem sabe alguma conversinha? Vinte e quatro? Vinte e cinco? Perdi a conta. Merda! Mil vezes merda!”

– Amor?

– Uhm?

Virou-se para Maurícia meio perdida, o

sentimento de perda afinal tomando-a por completo. Sentiu-se fraca, incapaz de continuar na defensiva, menos ainda quando Maurícia estendeu a mão e disse num tom de voz que causou um leve estremecimento:

– Vem cá.

As pernas moveram-se sozinhas. Sem saber ao certo como, estava de mão dada com ela, os olhos fixos nos lábios a apenas alguns centímetros, tentando conter a vontade insana de... De... Abraçá-la, beijá-la... “Maldição! Que inferno!”

– Liv?

Piscou enquanto respondia sem pensar, de forma absolutamente irrefletida:

– Quê?

Maurícia apertou os olhos, franziu o cenho. Gesto que não passou despercebido a Liv.

– Tu tá bem?

“Por que essa filha da puta tem que ser assim tão... Tão! Ai, merda!”. Foi rude, beirando a grosseria:

– Foi pra saber se eu tava bem que você me chamou aqui?

A resposta foi dada por Maurícia sem recuar, mantendo a mão na dela, com a firmeza inabalável

que Liv tão bem conhecia:

– Eu sempre cuido como tu tá, ainda não sabe disso?

Foi a gota d'água. Liv amoleceu completamente. Atirou-se nos braços de Maurícia, enlaçou-a pelo pescoço, afundou o rosto no ombro dela e apertou-a com força, extravasando todo o medo de perdê-la:

– Mau... Eu te amo tanto... Sou louca por você... E você... Você... Você não sente mais tesão por mim.

Quase impossível para Maurícia conter o riso, mas mesmo sem saber como, ela conseguiu. Respondeu com uma serenidade e uma paciência que sequer sabia que tinha:

– Amorzinho, tu não vê como é absurdo o que tu tá dizendo?

Liv retrucou sem fitá-la, ainda agarrada no pescoço dela:

– Não, eu não sei. Quero ouvir de você.

Maurícia sussurrou no ouvido de Liv causando arrepios:

– Eu te amo. Morro de tesão por ti.

Mudou o tom completamente, para protestar com uma indignação muito mais que legítima:

– Como tu pode ter alguma dúvida sobre isso?

PERIGOSAS NACIONAIS

Liv ignorou a pergunta, imersa no que ainda a afligia:

– Como no início?

Na mesma hora, Maurícia discordou:

– Não, claro que não! É...

Liv não a deixou concluir. Desviou os olhos, mordendo o lábio inferior, tentando inutilmente conter as lágrimas que de imediato surgiram. Maurícia não permitiu que se afastasse, segurou-a no abraço de maneira carinhosa, porém firme:

– Meu amor, olha pra mim.

Liv não a atendeu, foi necessário segurar o queixo dela com suavidade e guiá-lo para que os olhos voltassem a encontrar os de Maurícia.

– É muito maior, muito melhor do que no início.

Um sorriso inseguro ameaçou surgir nos lábios de Liv, mas logo se dissipou, bastou lembrar:

– Mas... Mas... Então... O que você tanto faz na internet?

A resposta de Maurícia foi mexer no mouse e mostrar um site que deixou Liv perplexa:

– Apartamentos pra alugar no Rio?

Maurícia explicou em seguida, evitando dar tempo para qualquer tipo de conclusão errônea por parte de Liv:

PERIGOSAS ACHERON

– Pensei que se dessa vez der tudo certo e tu engravidar, tu prefira passar os nove meses perto da tua família e dos teus amigos.

A primeira reação de Liv foi não acreditar. A segunda foi beijá-la, com todo o seu amor, com todo o seu carinho. Quando voltaram a se olhar, tinha os olhos marejados. Suspirou com a voz embargada, emocionadíssima:

– A minha família é você, meu amor.

Dessa vez, o beijo partiu de Maurícia. Liv correspondeu com a mesma intensidade, absolutamente receptiva. Por ela o assunto terminaria ali. Fez questão de deixar suas intenções claras na forma com que a puxou mais para si. Entretanto, Maurícia precisava levar aquilo até o fim:

– Mas, meu amor... Tu não gostaria de ter a tua mãe por perto?

Pela primeira vez, Liv parou para pensar. Se dissesse que não, estaria mentindo. Confessou baixinho:

– Sim.

Aproveitando a aceitação tão repentina, Maurícia prosseguiu:

– Então, amor, pensa comigo: vai ser muito

melhor. Se tu já tá assim por causa dos hormônios...

Maurícia teve consciência do próprio erro antes mesmo de Liv questionar:

– Assim como?

No breve instante que Maurícia demorou escolhendo as palavras, Liv insistiu:

– Assim como, Maurícia?

A resposta foi dada com o maior cuidado possível:

– Amor, calma. Tu anda nervosa, estressada, com os nervos à flor da pele e... Nós duas sabemos que ir na praia e entrar no mar te acalma de um jeito que seria ótimo pro bebê, não concorda comigo?

Abraçou e beijou Maurícia, concedeu a ela o melhor de seus sorrisos. Isso a fez pensar que havia convencido Liv. Mas não se tratava disso:

– Mau... Sei que sair daqui por meses pra você seria um enorme sacrifício. Acho a sua preocupação comigo tão...

A emoção transbordou, foi obrigada a parar de falar para enxugar os olhos. Maurícia afirmou com um arrebatamento que Liv achou a coisa mais linda:

– Quero que tu fique o melhor possível, por ti eu

seria capaz de...

Com uma suavidade incrível, pousou dois dedos sobre os lábios dela, impedindo-a de prosseguir:

– Eu sei.

Fitaram-se profundamente antes de Liv completar:

– Mas a minha casa é aqui. Nenhum outro lugar me faz sentir melhor ou mais feliz.

Liv pôde ver, no olhar de Maurícia, o momento em que aquele assunto foi encerrado em definitivo e outro surgiu, absolutamente imperativo. Deixou-se guiar com um sorriso de antecipação integralmente permissivo...

A paciência de Maurícia pareceu ter se esvaído quando ela afastou o notebook, sentou Liv em cima da mesa e enfiou-se entre as pernas dela...

Poderia ter sido mais uma trepada, como muitas outras naquela sala, naquela mesa... Mas para Liv foi uma certeza já há muito absoluta... Para Maurícia, a confirmação de que o mundo cabia naquela mesa.

Sem cautela, porém com paciência, as únicas peças de roupa que sobraram entre elas foram as

meias cor de rosa nos pés de Liv, que para Maurícia refletiam o mais lindo dos contrastes...

Cor e textura... Branco, rosa, pele, algodão... Submissão.

Liv entre abraços e pernas... Abria-se como se chamasse a presa para a armadilha. Buscando capturar o gosto, o cheiro, a textura e toda essência selvagem da mulher que ao mesmo tempo em que dominava se tornava sua... Inteira.

Palavrões entrecortados, frases de amor... A língua dominadora de Maurícia invadiu, possuiu... Com pressa, paciência... Liv a puxava, empurrava... Gemia... Gozava.

Quase sem fôlego, Liv colocou os olhos em Maurícia e sem perguntar ou qualquer outra consideração, pulou da mesa e empurrou-a em direção a cadeira, ajoelhou-se em sua frente e num suspiro informou... Ou Ordenou:

– Relaxa.

Maurícia apenas fechou os olhos e... Sentiu o cheiro do mar...

Saíram de mãos dadas do escritório. Liv olhou ao redor, para todas as mudanças que Maurícia havia

aprovado e apoiado de forma indistinta. O sorriso aumentou no rosto dela ao recordar aquilo que inúmeras vezes havia ouvido: “A casa é tua, faz o que achar melhor. A arquiteta é tu. Confio em ti”.

Não que Maurícia não participasse. Tinha escutado pacientemente e opinado sobre cada detalhe do projeto. O resultado final tinha sido, segundo Miguel na primeira vez em que tinha vindo depois do término de toda a reforma: “Um verdadeiro milagre, cunhadinha!”

Como se pudesse ler os pensamentos dela, Maurícia disse:

– Tu realmente teria ido embora se eu não te impedisse? Ia mesmo me deixar, depois de tudo que construímos juntas?

Liv puxou-a para si. Enlaçou Maurícia pela cintura, beijou-a de leve nos lábios antes de responder enfim:

– Eu estava com muita raiva. Mas, mesmo assim, não conseguiria.

Maurícia segurou o rosto de Liv entre as mãos. Fitou-a profundamente, sempre sorrindo:

– Não?

Liv sorriu de volta sem nem sentir:

– Nunca! Daria meia volta o mais rápido

possível.

A mão direita de Maurícia escorregou por baixo dos cabelos de Liv, segurou-os na altura da nuca, perto da raiz:

– Se eu não te alcançasse primeiro.

O som de prazer que arrancou foi espontâneo, misto de suspiro e gemido:

– Sim...

Subiu a boca em pequenas mordidas pelo pescoço antes de sussurrar dentro do ouvido de Liv:

– Minha cariúcha deliciosa... Toda bravinha...

Aproximou os lábios dos dela. De pura antecipação, os de Liv entreabriram-se. Chegou a prová-los. De leve, absolutamente provocativa, os teria tomado com os seus se Neiva não surgisse. Mantendo Liv nos braços, virou-se para a empregada, com a naturalidade de quem já havia se acostumado com aquilo:

– Que foi, véia?

Neiva respondeu com uma mágoa visível:

– Vão almoçar agora?

Maurícia fingiu não ter percebido:

– Já estamos indo.

A velha senhora voltou de forma propositalmente brusca para a cozinha. Maurícia

falou baixinho, para que só Liv ouvisse:

– Pelo visto a Neiva tá magoada contigo. Se eu fosse tu ia lá falar com ela. Vamos fazer o seguinte? Vou pegar tua mala na varanda, levo lá pra cima e enquanto isso tu vai atrás dela na cozinha?

Liv assentiu sem discutir.

Liv tinha optado em manter o estilo rústico da cozinha. Apesar da aquisição de eletrodomésticos mais modernos, tanto os móveis de madeira quanto os utensílios antigos e o fogão a lenha haviam sido conservados, para total alívio de Neiva. Mas Liv já tinha cativado a velha empregada muito antes disso. Quando contratou uma faxineira nova – mais eficiente, claro, mas que, principalmente, não olhava para Maurícia do jeito que Estela fazia.

Antes de atravessar a porta já escutou o som que vinha do radinho de pilha, sempre ligado, como de hábito.

A velha empregada ergueu os olhos para Liv assim que ela entrou na cozinha. Ao contrário do que normalmente faria, não sorriu. Tampouco fez rodeios, foi o mais direta possível:

PERIGOSAS NACIONAIS

– Não quero conversa contigo.

Liv não se deixou intimidar. Perguntou com o jeito carinhoso com que sempre a tratava:

– Ah... Por que, Neivinha?

Não foi preciso mais do que isso:

– Neivinha... Neivinha... Sei! Ia embora sem nem se despedir da véia aqui!

Vê-la enxugando as lágrimas com as costas da mão enrugada foi demais para Liv. Correu para abraçá-la:

– Mas eu não fui.

– Mas ia!

Neiva até tentou sair do abraço, mas Liv não permitiu:

– Sabe que eu nunca deixaria minha véinha, não sabe?

Deu um beijo estalado na bochecha da velha, que não conseguiu esconder um primeiro sorriso:

– Não sei de nada! Tu anda medonha, isso sim! Pobre da Maurícia!

Só a soltou depois de uma segunda bitoca, mais melosa ainda:

– Ah, Neivinha... Culpa dos remédios pra engravidar. Eu não mereço um desconto? Um pouquinho mais de paciência comigo? Uhm?

PERIGOSAS ACHERON

A empregada suspirou, enxugou as mãos no pano de prato que trazia pendurado no ombro e sacudiu a cabeça numa concordância resignada:

– Levando em conta que a Maurícia resolveu fazer contigo o que faz com as vacas...

Liv se desesperou, levando as mãos à própria barriga:

– Eu estou gorda, né? Eu sei, não precisa jogar na minha cara, viu?

Com uma risada sonora, Neiva corrigiu:

– Não, guria! Não tô falando de gordura, não começa com mais esse suplício! Eu tô falando desse troço de inseminação aí!

A reação de Liv foi de evidente alívio:

– Ah, tá!

Mas logo voltou a avaliar o próprio corpo, em busca de “pneuzinhos”. A velha senhora deixou escapar um novo suspiro antes de afirmar:

– Tu tá muito melhor! Era fraquinha, pele e osso quando chegou aqui! Agora sim tá bonitona! Garanto que a Maurícia concorda comigo!

Não era a primeira vez que a empregada dizia isso, mas nem a repetição eterna era capaz de fazer Liv se convencer:

– Mas eu ficaria bem melhor se perdesse uns

dois ou três quilinhos.

Neste exato momento, Maurícia entrou falando:

– Nem ouse! Tá perfeita assim!

Abraçou Liv por trás e sussurrou dentro do ouvido dela:

– Gostosa... Uhm...

Aproveitando que a velha senhora estrategicamente voltou a atenção para as panelas no fogão, colou a boca na nuca de Liv, enquanto passeava a mão livremente pela bunda dela. Liv se arrepiou inteira antes de protestar bem baixinho, sem se afastar um milímetro de Maurícia:

– Amor... Olha a Neiva aí...

A risada de Maurícia foi ao mesmo tempo maliciosa, surpresa e divertida. Nunca, nos primeiros meses de casamento, acreditaria se dissessem que algum dia seria Liv a ficar constrangida. Bastou um olhar para ver que Liv lhe acompanhava os pensamentos como se pudesse ouvi-los. A muito custo conteve a vontade de provocá-la mais ainda. Só o fez porque não ia arriscar uma nova reação imprevisível, já tinham tido comoção demais por um único dia e estava faminta:

– Vamos almoçar?

Controlando a vontade absolutamente inexplicável e sem motivos de bater em Maurícia, Liv apenas uniu a mão à que ela lhe estendia.

ALGUMAS HORAS DEPOIS...

Assim que terminou de responder seus e-mails, Liv se espreguiçou, deixando escapar um suspiro involuntário. Levantou os olhos e deparou-se com Maurícia fitando-a com um sorrisinho nos lábios.

Na mesma hora lembrou-se do comentário dela ao ver o projeto do escritório, com as duas mesas no meio, uma de frente para a outra:

– Vai ser impossível me concentrar desse jeito.

Liv tinha consciência que, daquele jeito, a dispersão acabava sendo inevitável. Geralmente sem querer, mas propositalmente em alguns casos. No entanto, toda e qualquer sugestão de inverter a disposição dos móveis havia sido convictamente rejeitada:

– Gosto de te ter ao alcance dos olhos.

Na verdade, tê-la por perto fazia Maurícia sentir-se preenchida por algo que poderia simplificar

PERIGOSAS ACHERON

denominando apenas de felicidade. Mas era mais, muito mais. A satisfação de uma necessidade quase física e, ao mesmo tempo... Sem nada de material.

Liv levantou-se e venceu a distância entre elas com uma rapidez inesperada. Abraçando-a por trás, inclinou-se e deslizou os lábios pela curva do pescoço, descendo em direção ao ombro. A reação de Maurícia foi deliciosamente imediata. Liv sorriu ao senti-la arrepiar-se toda com a carícia suave, antes de sussurrar a resposta ao que havia sido dito sem palavras:

– Também te amo.

Os lábios se tomaram sem pressa nenhuma. Um beijo delicado, tranquilamente saboreado, sem que nenhuma das duas exigisse nem esperasse por mais. Os olhos se encontraram assim que as bocas se separaram:

– Alguma novidade?

Liv respondeu um pouco ressabiada:

– As duas fotos já foram vendidas.

Sem parecer surpresa, Maurícia levantou-se e a tomou nos braços:

– Parabéns, meu amor!

Impossível para Liv não inquirir:

– Mau... Você não tem nada a ver com isso?

– Dessa vez não.

Era a quinta exposição coletiva da qual participava. Em todas as outras, Maurícia havia “adquirido as melhores obras” pela internet. Segundo ela, um ótimo investimento. Para Liv, a prova viva de que suas fotografias jamais serviriam para nada além de enfeitar a própria casa.

– Mesmo?

– Juro!

Ainda assim, Liv insistiu:

– Maurícia... Eu vou ficar sabendo mais cedo ou mais tarde.

– Amorzinho, já disse que não fui eu!

A forma com que a frase foi dita teve o poder de deixar Liv convencida afinal:

– Então... Quer dizer que... Minhas primeiras fotos foram vendidas, de verdade?

Achou a reação de Maurícia adorável: um misto de divertida, ofendida e indignada:

– Como assim, de verdade?

Liv enlaçou o pescoço dela rindo, sem querer dar relevância ao protesto:

– Eu nem consigo acreditar!

Segurando o rosto de Maurícia entre as mãos, beijou-a com intensidade. A queixa enfraqueceu no

toque dos lábios, soou quase suave:

– Liv...

Beijou-a de novo antes de finalmente responder:

– Ah, Mau... Você comprar as fotos não vale.

O tom de voz queixoso contrastou com o sorriso que Maurícia tinha nos lábios:

– Agora sim eu tô me sentindo insultada de verdade!

Liv riu. E esfregou o rosto no dela ao sussurrar:

– Está?

A mão direita de Maurícia subiu pelas costas de Liv, enquanto a outra a puxava pela cintura:

– Ahan.

Colando o corpo inteiramente no de Maurícia, Liv passeou os lábios pelo pescoço dela, causando de novo um estremecimento involuntário:

– Posso pensar em mais de mil maneiras de te compensar...

De uma maneira firme, mas delicada, Maurícia fez Liv fitá-la antes de falar:

– Só preciso de uma.

Fez uma pausa antes de completar:

– O que aconteceu hoje de manhã... Não vai se repetir?

Aquilo deixou Liv sem fala. Maurícia também

não esperou uma resposta, deixou sair num desabafo:

– Da próxima vez tu conversa comigo antes de tirar conclusões precipitadas?

Na voz, na expressão, no olhar de Maurícia, estava absolutamente explícito, não só o quanto ela tinha se magoado, mas como os últimos tempos andavam sendo... No mínimo difíceis. Imediatamente, Liv se arrependeu, se envergonhou, se desculpou já quase soluçando:

– Amor... Eu sinto muito, eu... Não quero te ver assim, eu te amo tanto... Quero te fazer a mulher mais feliz...

Antes que ela irrompesse em lágrimas, Maurícia a silenciou com um beijo carinhoso:

– Psiu... E tu faz. Só precisamos aprender a controlar essas tuas explosões hormonais.

Mais tarde, quando Maurícia finalmente encerrou o trabalho e fechou o notebook, saiu à procura de Liv. Foi Neiva que informou:

– Tá nadando. Onde mais?

Caminhou rapidamente, com os habituais passos largos. Chegou perto da piscina no exato momento

em que, no outro extremo, Liv dava a última braçada antes de virar e empurrar a parede com os pés. Completou o resto do trajeto num ritmo bem mais lento. Maurícia esperou, sem desviar os olhos de Liv voltando, debaixo d'água. Assim que emergiu, com as gotas escorrendo do corpo e dos cabelos, Liv passou uma das mãos no rosto, para secá-lo. Só então viu Maurícia parada de pé perto da borda. Com um sorriso convidativo, nadou até ela sem deixar de fitá-la:

– Não quer entrar?

Sorrindo de volta, Maurícia se abaixou para beijá-la de leve nos lábios:

– Vou tomar um mate.

Liv não insistiu, sabia perfeitamente que tinham formas bem distintas de relaxar:

– Tá.

Liv tinha acabado de sair do chuveiro. Identificou a música que vinha lá de baixo de imediato: “*Nas manhãs do Sul do mundo*”. Ainda estava secando os cabelos quando se aproximou da janela para olhar para o pomar. Sabia que Maurícia estaria sentada debaixo de um dos pés de laranjeira

tomando chimarrão com Neiva. Ficou algum tempo ali parada, apenas contemplando-a. Por mais incrível que pudesse parecer, era algo que adorava, mesmo depois de três anos. Naquele momento já não saberia explicar, parecia impensável o fato de ter hesitado tanto. Não que o começo tivesse sido fácil. Várias vezes durante os primeiros meses tinha tido certeza de que enlouqueceria. E teria, se Maurícia não tivesse sido e fosse tão absolutamente... Liv não saberia escolher uma palavra para definir aquilo, que tornava a ideia de retornar, se arrepender ou desistir inteiramente ridícula, que a tinha levado a se acostumar sem nenhum sacrifício a uma vida e a um ritmo totalmente antagônicos ao que antes conhecia e estava acostumada, que a fazia visualizar a própria realização com uma cara muito diferente da que sempre havia imaginado. Era surpresa? Ou somente o que sempre havia esperado? E, se soubesse que poderia ser assim, se houvesse cogitado a possibilidade, talvez tivesse sempre procurado exatamente o que tinha, ao invés de buscar o que nunca a satisfaria de verdade.

Lembrou-se da cena que tinha feito de manhã desejando poder voltar no tempo.

Nesse exato momento, Maurícia olhou para cima, como se sentisse que estava sendo observada. Ao ver Liv na janela sorriu. Os olhos azuis cintilaram, fazendo Liv sorrir de volta sem pensar em mais nada.

ALGUNS DIAS DEPOIS...

Liv acordou cedo, mas não se moveu. Ainda deitada, abriu os olhos com cuidado, sem querer perturbar o sono de Maurícia, que dormia totalmente relaxada em seus braços.

Normalmente não era assim. A rotina era acordar sozinha, com uma vaga lembrança de Maurícia sentada na beira da cama calçando as botas no escuro e depois beijando-a na boca antes de sair:

– É cedo, amor... Dorme mais um pouquinho.

Ela descia para tomar chimarrão com Neiva antes das cinco todo santo dia. Depois, saía para o campo com Valdo e Musquito, retornava por volta das nove, tomava banho e se deitava ao lado de Liv na cama para acordá-la com palavras carinhosas, beijos e carícias.

Permitiu-se divagar um pouco, repassando mentalmente tudo que já tinham vivido juntas. Suspirou baixinho... E sorriu. Achando incrível ainda sentir tanto prazer pelo simples fato de estar ali com ela, os corpos deliciosamente encaixados, a cabeça de Maurícia repousando em seu ombro, e foi impossível deixar de tocá-la. Apertou-a com mais força entre os braços, depois afastou alguns cachos caídos no rosto dela e beijou-a na boca de leve, tentando em vão não despertá-la.

Maurícia sorriu e beijou-a de volta. Só depois abriu os olhos e a fitou:

– Tu tá bem?

Nem precisava explicar o que era fato: estava cedo demais para Liv já estar acordada.

– Tirando a ansiedade...

O motivo também dispensava palavras, partiriam para o Rio em apenas algumas horas para mais uma tentativa de inseminação, depois de dois fracassos anteriores, o que só contribuía para aumentar o nervosismo.

Com a objetividade que lhe era peculiar, Maurícia propôs, já apoiada nos cotovelos e erguendo o corpo:

– Quer levantar, tomar café e pegar a estrada já?

O sorriso de Liv mudou, tornou-se sugestivo:

– Na verdade...

Pousou as mãos no peito de Maurícia e empurrou-a para trás, até fazê-la deitar-se de novo:

– Eu preferia...

Montou sobre ela:

– Dissipar um pouco a tensão antes da viagem...

Como resposta, Maurícia apenas sorriu e puxou Liv para si.

ALGUMAS SEMANAS DEPOIS...

– Dois!

Apesar de ser a milionésima vez que repetia desde que haviam recebido a notícia, a voz de Liv ainda soava tensa, surpresa e apavorada.

Tinha tentado se trabalhar para a possibilidade, bastante provável, mas a confirmação tinha servido para ter certeza do que já desconfiava: não se sentia preparada.

Maurícia sentou-se ao lado dela no sofá:

– Ou duas. Ou um menino e uma menina. Amor, não te preocupa. Vamos dar conta.

PERIGOSAS ACHERON

– Será?

Envolvendo Liv com os braços, puxou-a para si e beijou-a de leve nos lábios:

– Também somos duas, não somos?

O sorriso que surgiu pareceu quase aliviado:

– Verdade.

Encostou a cabeça no ombro de Maurícia e, ao som de “*Here comes the sun*” na voz dos Beatles tocando na vitrola entre a lareira e a mesinha com o barrilzinho de carvalho de cachaça, pousou as duas mãos sobre a própria barriga e deixou que a mente divagasse.

ALGUNS MESES DEPOIS...

– Tudo bem, meu amor?

Apesar do tom de voz baixo e controlado, o nervosismo de Maurícia estava claramente impresso nos olhos e na forma com que segurou a mão de Liv entre as dela. Liv rapidamente a tranquilizou:

– Tudo, amor.

Com o último estágio da gravidez se

PERIGOSAS ACHERON

aproximando e as gêmeas ficando cada vez mais pesadas, a resposta curta sussurrada entre lágrimas não foi suficiente – nem de longe – para realmente acalmá-la. Maurícia olhou em volta e, para evitar alarde, certificou-se que ninguém estava prestando atenção antes de sussurrar de volta:

– Tá sentindo o quê? Quer que eu te leve pro hospital?

Liv chamou Maurícia para mais perto, ao alcance da mão:

– Vem cá.

Maurícia deixou-se puxar, mas só pareceu mais sossegada depois que Liv sussurrou:

– Calma, eu estou ótima. Não estou sentindo nada.

Liv acariciou o rosto dela, beijou-a de leve nos lábios. Maurícia ainda precisou se certificar:

– Mesmo?

Liv sorriu, os olhos voltaram a ficar marejados:

– É só... Emoção.

Maurícia seguiu o olhar de Liv ao redor da mesa enorme. Miguel e Leandro conversando com a mãe e a avó de Liv, Neiva e Valdo bastante à vontade, Musquito sendo assediado discretamente por Fábio. Era o primeiro Natal que passavam assim, com

todos reunidos ali na fazenda.

– Elas já tão mudando as nossas vidas, antes mesmo de chegarem...

Para Liv não foi surpresa que as palavras de Maurícia refletissem o que estava pensando. Olhou para aquela mulher fantástica, com quem dividia coisas que já tinha achado impossíveis, inatingíveis, inacreditáveis. E as lágrimas finalmente transbordaram.

– Ei! Que choradeira é essa, será que eu posso saber?

Leandro gritou, fazendo com que todos olhassem para elas. Tentando em vão enxugar os olhos, Liv conseguiu balbuciar com muita dificuldade:

– Bobagem de grávida.

A voz de Maurícia também soou embargada:

– Na verdade... Nós duas estamos... Muito felizes e... Emocionadas.

Não foi capaz de dizer mais nada. Um silêncio absoluto se fez frente ao fato inédito que era Maurícia chorando e, ainda por cima, em público.

Naquele momento, Liv esqueceu-se de tudo, como se só Maurícia existisse ali na frente dela, com os olhos encharcados. Escorregou a mão direita por baixo dos cachos loiros, segurou-os na

altura da nuca, perto da raiz e sussurrou antes de beijá-la:

– Eu te amo.

E apesar de ser algo supostamente sem nada de excepcional, por ter sido tantas vezes antes dito, não soou banal, comum, muito menos repetitivo.

ALGUNS ANOS DEPOIS...

Assim que Liv estacionou o carro atrás do de Miguel, em frente à casa de Fábio, comentou com Maurícia:

– Seu irmão, o Le e o Chico já estão aí.

As gêmeas já tinham se soltado de suas cadeirinhas, estavam totalmente impacientes, prontas para saírem correndo em direção ao portão.

Maurícia as conteve com uma única palavra:

– Devagar!

A advertência velada fez as duas guriazinhas de cinco anos se acalmarem. Com Liv segurando a mão de Valentina e Maurícia a de Vitória, atravessaram o portão depois de Liv cumprimentar o segurança que o abriu para que entrassem:

PERIGOSAS ACHERON

– Olá, Marcus!

Aquilo trouxe milhares de lembranças. De uma época tão distante que parecia pertencer a uma outra vida. Mais engraçado ainda era pensar o quanto havia hesitado e temido as mudanças. Se soubesse antes... Não. Não faria nada diferente, pois precisava viver tudo que tinha vivido para poder ser quem era e chegar exatamente ali, no momento em que estava.

As meninas gritaram, se soltaram e correram, atravessando rapidamente o gramado e pulando em cima de Miguel.

– Cadê o Le?

Liv perguntou assim que Fábio a soltou do abraço longo, apertado e cheio de saudade que compartilharam. Foi Miguel quem respondeu:

– Trocando a fralda do Chico. Olha os meus lindinhos aí!

Leandro apareceu com Chico no colo. Deu um gritinho de prazer ao ver Liv, Maurícia e as meninas:

– Que saudade!

Liv quase correu em direção a eles. Beijou os dois, depois mexeu com Chico, que riu para ela de imediato. Estendeu os braços e ele se atirou, todo

PERIGOSAS NACIONAIS

dado.

– Como ele tá enorme!

– Também... Vocês demoram meses pra aparecer!

– Já tá andando?

– Quase. Segurando nas coisas vai.

– Daqui a pouco ele solta, só precisa criar coragem. As meninas só andaram depois de completarem um ano.

– Ele ainda tem um mês pra isso.

– Não precisa se preocupar, é assim mesmo.

Foram interrompidos por Fábio:

– Que tal tomar uma cervejinha e mudar de assunto? Algo em que eu me encaixe?

Os dois riram e concordaram. Tinham consciência de que sempre que possível, só falavam dos filhos. Para desgraça de Fábio, que continuava solteiro e não fazia ideia nem de como se trocava uma fralda.

Olharam juntos para Maurícia que, sentada ao lado do irmão em uma espreguiçadeira, tinha uma filha empoleirada em cada perna. Leandro comparou as três com uma perplexidade fascinada:

– Pelos deuses! A cada dia elas se parecem mais com a Mau!

PERIGOSAS ACHERON

Pura verdade. Impossível para Liv não concordar.

– Tá tudo muito bom, tá tudo muito bem, mas melações à parte, vamos começar os trabalhos?

Fábio sugeriu, já abrindo uma cerveja.

– É.

Maurícia confirmou, sem olhar para o irmão, algo que sequer ouviu, distraída em monitorar Liv e as filhas na parte mais funda piscina. Como se sentisse a apreensão dela, Liv virou-se e a fitou.

– Amor...

Não precisou dizer mais nada, Liv entendeu perfeitamente, só pela expressão dela. Preferindo não discutir, pegou as boias para recolocá-las nos braços das gêmeas que imediatamente protestaram:

– Ah não, mamãe...

Liv replicou com uma frase que já sabia que faria o bico das duas diminuir um pouquinho:

– Anão é um homem pequeno...

Em outra situação, as duas também teriam rido. Mas estavam visivelmente contrariadas e, para Liv, tinham toda razão para isso. Saiu da piscina e caminhou em direção a Maurícia. Parou na frente

dela no exato momento em que Vitória disse para Valentina:

– Boia é ridículo!

De costas para as filhas, permitiu-se rir. Falou baixinho, para que elas não ouvissem:

– Sou obrigada a concordar com isso. Elas sabem nadar perfeitamente bem e eu estou com elas, não tem o menor perigo.

Maurícia sabia, compreendia, mas não se preocupar era impossível. Tinha mandado cercar a piscina na fazenda, mantinha o portãozinho trancado e – apesar de já nadarem muito melhor que Maurícia – as gurias só entravam na água acompanhadas por ela ou Liv. “Mas e na praia?”, “Ou se um dia estivessem na casa de alguém ou sozinhas?”. Só de pensar tinha arrepios. Cochichou de um jeito absolutamente tenso, que expressava muito bem o tamanho do medo que sentia:

– Amor, ainda assim. Não quero elas tão confiantes, acabam abusando e tu sabe que é assim que...

Com um sorriso divertido, Liv a enlaçou pelo pescoço:

– Amor...

Puxando-a pela cintura, Maurícia encostou o

rosto na barriga molhada, suspirou fundo e tentou engolir todos os pensamentos sombrios. Funcionou. Porque o tom que usou quando levantou os olhos azuis ao encontro dos de Liv foi muito mais flexível:

– Tá. Eu sei que tu acha meu medo ridículo. Como eu acho o teu. Que mal tem elas desfilarem na semana Farroupilha, me diz?

Foi a vez de Liv suspirar. Na primeira vez que havia visto as duas, bebezinhas ainda, enganchadas em Ventania com Maurícia, quase tinha sofrido um ataque cardíaco. As gêmeas tinham aprendido a montar antes de andarem de bicicletas sem rodinhas e, obviamente, eram muito mais hábeis do que Liv quando se tratava de cavalos, mas... Eram ainda tão pequenininhas, Liv tinha medo, se apavorava, lembrava logo da filha da Scarlet O'Hara em "*E o vento levou...*".

– É muito diferente, Maurícia!

Miguel, que até então estava sentado ao lado delas assistindo a tudo bem quietinho, se levantou:

– Com licença que eu vou ver como tão os meus meninos.

Caminhou em direção a Leandro que, segurando Chico pela mão, o incentivava a andar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Maurícia segurou Liv pela cintura e, gentilmente, puxou-a para o colo:

– Vem cá.

Assim que se sentou nas pernas dela, Liv deu uma olhada para trás, em direção à piscina. Movimento que tanto ela quanto Maurícia haviam repetido diversas vezes durante o curto diálogo, alternando com uma precisão que parecia ensaiada.

– Talvez eu esteja sendo superprotetora demais.

Com os braços passados ao redor do ombro de Maurícia, Liv beijou-a de leve nos lábios antes de simplesmente constatar:

– Nós duas estamos sendo.

Mais tarde, muito mais tarde, Liv disse para Maurícia:

– Vamos?

Concordando com um aceno de cabeça, ela levantou:

– Vou chamar as gurias.

Assim que Maurícia se afastou em busca das filhas, Fábio virou-se para Liv:

– Nenhuma chance de vocês deixarem as gêmeas com a sua mãe e virem amanhã?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A resposta foi a mesma das inúmeras vezes em que ele já tinha insistido:

– Ah, Fá... Impossível. Quem sabe quando as meninas ficarem maiores.

Na verdade sabia que se dissesse a verdade o amigo não compreenderia. Preferia passar a virada do ano com Maurícia e as filhas, não tinha mais a menor paciência com o tipo de festa que Fábio fazia. Estava ficando velha? Provavelmente era o que ele diria, mas tinha se habituado a um tipo de felicidade tranquila, que nem sequer sabia que existia.

– Vou ver onde elas estão.

Levantou-se num rompante e foi atrás de Maurícia. Intuindo o porque da demora, dirigiu-se diretamente para onde tinha certeza que a encontraria.

Sorriu ao vê-la parada em frente ao castelinho em miniatura, olhando Vitória e Valentina brincando lá dentro pela pequena porta entreaberta.

Ao aproximar-se, foi recebida com um sorriso. Abraçando-a por trás, beijou o pescoço de Maurícia e falou baixinho:

– Você estava exatamente aqui na primeira vez que eu te vi.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um silêncio cúmplice se seguiu. Antes de Maurícia dizer enfim:

– Eu sempre tive uma atração inexplicável por esse lugar.

Deixou a frase no ar. Completá-la parecia quase tolice. Pousou os braços carinhosamente ao redor dos de Liv e olharam juntas para as filhas, unindo presente, passado e futuro de forma absolutamente indistinta.

PERIGOSAS ACHERON

OUTROS LIVROS DA AUTORA

- O SUAVE TOM DO ABISMO - Absorção (2015)
- O SUAVE TOM DO ABISMO - Reflexão (2016)
- O SUAVE TOM DO ABISMO - Transmissão (2018)
- O INFINITO EM OUTRAS VOLTAS (2019)
- O INFINITO EM DUAS VOLTAS (2018)
- SEMPRE EM MEU CORAÇÃO (2017)
- O LIVRO SECRETO DAS MENTIRAS e MEDOS (2009)
- LEGADO DE PAIXÃO (2014)
- AMOR ÀS AVESSAS (2015)
- AMOR A QUALQUER PREÇO (2016)
- SIMPLES COMO AMOR (2017)
- LUAS DE MARIAS (2016) em parceria com

Wind Rose

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- ASSIM FALOU BENEDITO (2017) - em parceria com Wind Rose
- COISAS QUE EU ODEIO EM VOCÊ (2019) em parceria com Karina Dias
- BOLEROS DE PAPEL (2011)
- AMA/DOR/A (2014)
- SOBRE COMO TENTAR AMAR UMA NERD ASSUMIDA SEM SER VIRTUALMENTE (2016)
- REGRA DE TRÊS (2018)
- DUAS MULHERES SOZINHAS E OUTROS PEQUENOS CONTOS PARA NÃO DORMIR NO PONTO (2019)

PERIGOSAS ACHERON

CRÉDITOS

© 2019 por Vira Letra

A reprodução de parte ou do todo do presente texto, em qualquer meio físico ou eletrônico, é expressamente proibida sem a autorização prévia por escrito da editora.

Participação especial, pag 332
cena escrita por Wind Rose

Capa: Imagem de pixelraw.com (ID: 119818)
editada por Manuela Neves

Editora responsável: Manuela Neves



www.editoraviralettra.com.br

Capa: Imagem de pixelraw.com (ID: 119818)
editada por Manuela Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Roiz, Diedra

Na distância em que eu te encontre / Diedra Roiz – Franca:
Editora Vira Letra, 2019

348 p.

ISBN: 978-85-68395-34-9

1. Ficção brasileira. I. Título.

CDD: 869.93

Table of Contents

[Apresentação | por Karina Dias](#)

[Agradecimento](#)

[PLAYLIST](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo quatorze](#)

[Capítulo quinze](#)

[Capítulo dezesseis](#)

[Capítulo dezessete](#)

[Capítulo dezoito](#)

[Capítulo dezenove](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo vinte](#)

[Capítulo vinte e um](#)

[Capítulo vinte e dois](#)

[Capítulo vinte e três](#)

[Capítulo vinte e quatro](#)

[Capítulo vinte e cinco](#)

[Capítulo vinte e seis](#)

[Capítulo vinte e sete](#)

[Capítulo vinte e oito](#)

[Capítulo vinte e nove](#)

[Capítulo trinta](#)

[Capítulo trinta e um](#)

[Capítulo trinta e dois](#)

[Capítulo trinta e três](#)

[Capítulo trinta e quatro](#)

[Capítulo trinta e cinco](#)

[Capítulo trinta e seis](#)

[Capítulo trinta e sete](#)

[Capítulo trinta e oito](#)

[Capítulo trinta e nove](#)

[Capítulo quarenta](#)

[Capítulo quarenta e um](#)

[Capítulo quarenta e dois](#)

[Capítulo quarenta e três](#)

[Capítulo quarenta e quatro](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo quarenta e cinco](#)

[Capítulo quarenta e seis](#)

[Capítulo quarenta e sete](#)

[Outros livros da autora](#)

[Créditos](#)

PERIGOSAS ACHERON